

unconditional

he'd give up everything
to love her *forever*

Q.B. TYLER



Aviso

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

unconditional

Q. B. TYLER

STAFF



Disponibilização: WAS

Tradução e Revisão: Bunny

Leitura Final: Elena

Formatação: Jewell Designs

Maio 2022

SINOPSE

Leva apenas um momento para mudar o curso da vida de alguém.

Um momento para ligar duas almas para sempre.

Esse momento veio quando eu a puxei para fora da sua hora mais sombria.

A tragédia que ameaçava engoli-la inteira e destruir sua inocência.

Jurei.

Salvá-la.

Protegê-la.

Amá-la.

Dez anos depois, meus votos são os mesmos.

Mas eu estou diferente.

Ela está diferente.

Estamos diferentes.

E os sentimentos que ameaçam se libertar têm o poder de destruir tudo.

Não pararei por nada para a manter segura, mas e se a única coisa da qual ela precisa de proteção...

...For eu mesmo?

Comentário de K. Webster, autora best-seller do USA Today

‘Eu fiquei viciada na história de amor escaldante, mas doce e emocional, de Cal e Maddie! Esta vai ficar como uma das minhas histórias favoritas’

PLAYLIST

Halo—Beyonce
A Drop in the Ocean—Ron Pope
Love on the Brain—Rihanna
Run To You—Whitney Houston
Xo—Beyonce
Body and Soul—Anita Baker
Floating—Alina Baraz
I Wanna Love You Forever—Jessica Simpson
Because You Loved Me—Celine Dion
If You Could Only See—Tonic
Make You Feel My Love—Adele
Dangerously in Love—Beyonce
(Everything I Do) I Do It For You—Bryan Adams
Helium—Sia
By Your Side—Sade
Can't Help Falling in Love—Haley Reinhart
Turning Page—Sleeping at Last
All of Me—John Legend
Blue Jeans—Lana Del Rey
Stand By Me—Ben E. King

PRÓLOGO

CAL

DEZ ANOS ANTES

Olhos azuis penetrantes, cheios de choque e terror se abrem no segundo em que abro o armário em seu quarto minúsculo. Caio de joelhos quando o ar sai dos meus pulmões e me vejo lutando para respirar. Ela está tremendo tanto, um coelhinho de bolinhas rosa enfiado em sua boca enquanto tenta mascarar seus gritos. Eu posso praticamente ouvir as batidas de seu coração batendo contra seu peito. Está vestindo um pijama rosa que eu sei que não está mantendo-a aquecida nesta noite fria de outubro e eu sei que se tocar suas mãos, elas estarão frias como gelo.

Ela se afasta ainda mais no armário, esbarrando em alguns brinquedos cor-de-rosa que parecem mais velhos do que eu, em seu esforço para colocar espaço entre nós. Empurra-os em minha direção na tentativa de me impedir de me aproximar, então prossigo com cautela.

Putá merda, ela estava aqui esse tempo todo?

Minha mente passa por um milhão de cenários, imaginando se essa jovem foi testemunha da devastação lá em abaixo.

— Não, ei, estou aqui para ajudar. Eu sou um policial. — Falo para ela enquanto estendo a mão para ela. Sua pele é pálida, mas você não pode dizer devido a quão vermelho e manchado seu rosto está. A única parte de seu rosto

que não está vermelho são seus lábios que parecem levemente azuis devido às temperaturas árticas de seu quarto. Seu cabelo cor de chocolate está preso em duas tranças francesas¹ que descem pelas costas e seus olhos azuis estão nadando em lágrimas. Ela pisca várias vezes enquanto deixa o coelho cair de sua boca.

— Mamãe? — Sua voz é suave e aguda e eu posso ouvir as lágrimas aumentando em sua garganta. Ela devia estar se escondendo porque sabia que algo ruim estava acontecendo.

Mas quanto ela sabe?

Ela viu a tragédia acontecer?

Testemunhou seu pai matar sua mãe?

Eu limpo minha garganta. — Mamãe não está... — Pisco meus olhos tentando descobrir como explicar a cena horrível no andar de baixo para uma criança aterrorizada.

Ouçó uma comoção no andar de baixo e sei que é o corpo de bombeiros, paramédicos e oficiais de todo o estado vasculhando as instalações em busca de pistas. Quando o *homicídio-suicídio* foi chamado pelo rádio, todos se apresentaram para o serviço.

Estou na polícia há pouco menos de um ano, depois de obter minha graduação logo após o ensino médio e passar um ano brincando, me perguntando



o que diabos eu queria fazer da minha vida. Aos 23 anos, sou um dos mais jovens da força policial no condado de Ferrell, dentro de uma pequena cidade no Oregon. A cidade tem pouco mais de três mil pessoas e definitivamente não é minha praia, tendo nascido e crescido em Portland, mas é aqui que eles precisam de mim.

— Há um monte de gente lá embaixo agora... mas nós vamos embora — Eu sussurro baixinho. — Eu te levarei para algum lugar seguro, ok? Onde ninguém pode te machucar.

Ela estica o pescoço para tentar olhar atrás de mim e balança a cabecinha mais uma vez. — Não.

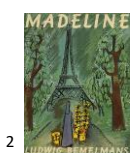
Não? Ela não pode pensar que pode ficar aqui. — Querida.

— Madeline. — Ela me corrige e sua voz angelical flutua ao meu redor novamente.

— Esse é o seu nome?

Ela balança a cabeça e empurra algo para mim. Um livro. Um pequeno sorriso se desenha no meu rosto quando reconheço a capa². A Torre Eiffel e as juvenzinhas em duas linhas retas, todas usando chapéus amarelos e roupas combinando.

— Como ela. — Ela aponta. — Mamãe adora. Ela lê para mim todas as noites. Mas você pode me chamar de Maddie.



Aceno novamente. — Maddie é um nome bonito... eu sou Cal.

— Cal. — Sua voz vacila um pouco, mas depois de um momento ela estende a mão. — Como vai? — Eu rio de sua polidez antes de pegar sua pequena mão fria como gelo e agitá-la. Sua mão aperta a minha e eu me pergunto se é porque ela não quer que eu solte ou se ela está apenas tentando aquecer suas mãos.

Ouçõ alguém subindo as escadas e fico em alerta máximo quando os ouçõ se anunciar. ‘Recue’ eu digo entredentes, por cima do ombro, sabendo que outro homem grande não era o que essa garota precisava ver. Eu era maior do que um grande número de caras na polícia. Com cerca de 1,90m, e no auge da juventude, eu era alguém que a maioria das pessoas não queria foder. A lista de pessoas que apareciam para treinar comigo no ringue da estação diminuiu para praticamente nada nos últimos meses. Eu sou intimidante o suficiente para uma criança pequena, tenho certeza.

— Existe uma criança? — Eu o ouçõ sussurrar. — Devemos enviar Daniels? — Reviro os olhos ao pensar na oficial Aria Daniels. Ela era a oficial que era chamada sempre que havia situações domésticas hostis envolvendo crianças. Ela odiava isso.

— Vocês são tão machistas! — Ela iria reclamar com as mãos firmemente plantadas em seus quadris. Mas as crianças a amavam. Elas se sentiam seguras com ela. E isso é tudo que nos importava. Que eles se sentissem seguros.

— Bom. — Eu falo antes de voltar para Madeline. — Uma senhora está chegando. Ok?

— Mamãe? — Seus olhos se iluminam quando ela se aproxima de mim e espreita sua cabecinha para fora do armário e tenta espiar ao redor do meu corpo. Seus olhos disparam para os meus *como se dissesse você está mentindo? Porque eu não estou me divertindo.*

Mesmo quando ela piscou a maioria das lágrimas de seus olhos, seu olhar perfura o meu. Eles são tão jovens e inocentes. Parece que há um aperto no meu coração quando penso nela entrando no sistema. Ela crescendo sem seus pais bem, uma mãe... *porque foda-se o pai dela.* Mas sua mãe. A mãe que ela tanto ama. — Mamãe! — Ela grita, seus olhos fechados e eu estremeço com o volume ensurdecedor de seu lamento.

— Maddie... querida... por favor, não chore. — Estendo a mão para ela lentamente e ela se encolhe, mas me deixa esfregar lentamente suas costas assim que Aria aparece na porta.

Objetivamente, Aria é um nocaute com olhos verdes, cabelo loiro e curvas que param os homens na rua na esperança de que ela esteja apenas comemorando o Halloween mais cedo, desfilando em um uniforme que é um pouco apertado demais. Aria é aquela fantasia policial gostosa que provavelmente todo homem e algumas mulheres tiveram quando entraram em contato com ela.

Exceto eu.

Não só Aria é uma verdadeira dor na minha bunda que consistentemente age como se fosse minha mãe, mas ela está namorando meu irmão nos últimos meses, e parece que eles estão muito interessados um no outro.

— Ah, você é tão doce. — Eu ouço sua voz suave flutuar na sala e então ela está ajoelhada ao meu lado na frente de Madeline. — Qual o seu nome?

Suas sobrancelhas franzem ligeiramente e voam para mim. Ela balança a cabeça antes de plantar os lábios firmemente juntos, um sinal de que *eu não estou falando com você*. — Nós vamos descer agora, ok? É hora de partir. Você quer andar em um carro da polícia? Vou ligar a sirene. — Sorrio para ela, sabendo que o suborno geralmente sempre funcionava para crianças.

— Isso é ruim — Ela sussurra. — A sirene ligada é ruim. E é alto — Ela diz enquanto seus olhos estão fixos em mim. Ela levanta as mãos e cobre os ouvidos.

— Não é tão ruim quando você está no carro — Digo a ela, e não sei por quê, sinto a necessidade de discutir com uma criança de sete anos traumatizada.

— Mamãe também vem? — Ela pergunta, e corre de volta para o armário para pegar seu livro e seu coelho.

— Não, querida — Aria responde e meu pescoço se move em direção a ela. Atiro-lhe um olhar como se dissesse *por que diabos você disse isso a ela?*

Ela me dá um tiro de volta como se dissesse *eu sei o que estou fazendo*.

Enquanto temos essa conversa com nossos olhos, um grito de quebrar os ouvidos enche a sala e minha cabeça se dirige para Maddie, enquanto ela cai de joelhos em um ataque de soluços, as mãos cobrindo o rosto.

— Veja o que você fez — Eu rosno para Aria.

— Ela é muito velha para eu mentir na cara dela. Preciso que ela confie em mim.

— Bem, ela odeia você — Eu digo, rangendo os dentes.

— Oh, pare — Ela grita comigo antes de ir pegar a pequena criança histérica cuja vida, sem que ela soubesse, estava mudando lentamente a cada segundo que passava.

Maddie, no entanto, Não está. Aceitando. Essa. Porra

— SAI FORA! — Ela oscila para Aria e se aproxima de mim. — Você não é minha mãe! — Grita e antes mesmo que eu tenha a chance de lançar um olhar para Aria *olha o que você fez*, Maddie se agarra a mim e se envolve em meu corpo da melhor maneira que pode. Seus braços e pernas estão em volta da minha perna direita como uma hera, com a bochecha pressionada contra minha canela. Eu a afasto de mim um pouco e me levanto para que possa pegá-la em meus braços corretamente.

— Eu preciso que você mantenha seus olhos fechados até que eu diga, ok?

Ela me olha com cautela, seus olhos estudando meu rosto para qualquer resposta sobre por que eu estaria pedindo isso.

— Por quê? — Ela pergunta.

— Por favor? E então, se você for uma garota crescida, pode tomar... sorvete? — Não tenho certeza com o que posso realmente seduzi-la, mas tenho a impressão de que a maioria das crianças poderia ser persuadida a fazer qualquer coisa pela promessa de sorvete.

— Eu não posso tomar sorvete antes do jantar — Ela diz enquanto brinca com meu distintivo, seus olhos azuis olhando paralisados pelo brilho.

— Nós podemos quebrar a regra só desta vez.

— Ok, combinado. Chocolate. — Ela me dá um sorriso antes de fechar os olhos, mas abre um olho o melhor que pode. — Não se esqueça do meu coelho e do meu livro... Por favor — Ela acrescenta antes de fechar os olhos novamente e colocar a cabeça no meu ombro.

— Claro — Eu aponto para os itens no chão e aceno para Aria antes de sair pela porta, um sorriso presunçoso encontrando meu rosto porque, pela primeira vez, Aria não sabia o que era melhor.

— Seus olhos estão fechados? — Eu pergunto a ela agora. Minha mão encontra a parte de trás de sua cabeça enquanto a carrego escada abaixo e pela sala de estar. Madeline Shaw não pode ter mais de sete anos; ela é tão pequena que quase tenho medo de esmagá-la em meus braços enquanto a carrego para fora de casa. Pressiono seu rosto contra meu peito, para que ela não veja a devastação. Seus pais deitados em poças de seu próprio sangue, os olhos de sua mãe arregalados de medo, sua boca aberta de choque. É algo saído de um filme de terror.

Homicídio-Suicídio.

A sala é pequena, os móveis mínimos estão espalhados por toda a parte. Um sofá velho que tenho certeza que tem algum tipo de percevejos se alinha em uma parede. Uma televisão que parece mais velha do que eu e uma espreguiçadeira coberta de sangue, enfileiram as outras. Sangue respinga na parede esquerda e há um tapete no centro da sala que parece que mais do que alguns pés passaram por ele todo. Eu esfrego suas costas levemente, meu coração se despedaçando por essa doce garota ter que suportar essa situação.

Ela está tão frágil porque não estava sendo alimentada?

Uma vez que eu a levo para fora, digo que já pode abrir os olhos e ela obedece ao comando, seus olhos correndo ao redor do jardim da frente. — Você não tem irmãos, não é? — Eu pergunto, imaginando se possivelmente havia outra criança escondida. — Um irmão ou irmã?

— Não, só eu. — Ela aponta para si mesma com orgulho. — Você é meu irmão mais velho!? — Seus olhos estão arregalados e cheios de emoção e eu gostaria de não ter que ser a razão pela qual o olhar deixa seu rosto.

— Não... — Eu rio do seu salto enorme para uma conclusão. — Não, eu só... — Olho de volta para a casa. Oficiais de todo o Oregon estão cercando e tirando fotos. Passo por cima da fita amarela brilhante da polícia da cena do crime assim que ouço alguém gritar — Há uma criança!

— Foda-se — Eu resmungo.

Sua boca se abre e aponta para mim. — Você disse um palavrão — Ela sussurra. — Tem que sentar no castigo.

— Estou um pouco velho para castigo — Argumento.

Ela franze as sobrancelhas e um sorriso encontra seu rosto. Eu me preparo para uma resposta atrevida como o inferno sobre nunca ser velho demais para castigos, quando um grupo de pessoas nos cerca. Seus olhos estão assustados, e ela me agarra com mais força, antes de empurrar o rosto no meu pescoço novamente. — Quem são eles!? — Maddie chora, suas unhas cravam no meu ombro e eu a seguro com mais força em meus braços.

— Ela está ilesa — Digo ao paramédico. — Estava se escondendo, mas está abalada. Deem a ela algum tempo — Digo a eles enquanto pressiono a mão em suas costas.

— Ainda precisamos... — Uma das paramédicas começa.

— Eu disse que ela está bem. Agora me dê um minuto — Eu vocifero para ela.

— Você precisa me deixar fazer o meu trabalho — Ela argumenta de volta e eu olho para a criança pequena que ainda está agarrada a mim para salvar sua vida.

Eu a puxo de volta para olhar para mim. — Maddie, querida, vá com a senhora simpática, ela só vai checar você, ok?

— Não! Não me deixe! — Ela geme contra o meu peito e envolve seus bracinhos em volta do meu pescoço. Levanta a cabeça, as lágrimas nadando em

seus olhos e ameaçando descer por seu rostinho. — Por favor, eu serei uma boa menina!

Já lidei com crianças antes e, mas nunca havia sentido a dor de uma delas. Nenhuma vez eu senti um baque no meu peito que eu não pudesse ignorar enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Eu me senti mal, é claro, mas os apelos de Maddie me fazem querer fazer *qualquer coisa*, qualquer coisa para fazê-los ir embora. — Só por um minuto, ok? Estarei bem aqui. — Um dos paramédicos consegue tirá-la do meu alcance e ela começa a chutá-los na tentativa de descer.

Ela estende os dois braços para mim. — Não... CAL!

CAPÍTULO 1

CAL

NOS DIAS DE HOJE

Meus olhos se abrem assim que a ouço gritar por mim e leva um segundo para meu coração desacelerar quando percebo que não é real. Esfrego a mão no meu rosto. Esses pesadelos estão de volta com força total. O pesadelo de que eu não cheguei a Maddie a tempo.

Que o pai dela a tirou de mim primeiro.

Sento-me na cama enquanto penso na criança de sete anos que está dormindo no corredor. A criança de sete anos que agora tem... *Dezessete*.

Quando chegamos à delegacia mais tarde naquele dia, Maddie grudou em mim como cola. Ela não largou minha mão por nada. Permaneceu envolta em mim durante a maior parte do dia, e quando eles tentaram separá-la para colocá-la com uma família durante a noite, enlouqueceu. Ela não tinha família; estava sozinha no mundo, o que significava que ficaria com estranhos. Ela tinha amigos da idade dela, mas os pais de seus amigos mais próximos não pareciam muito interessados em acolher a menina órfã com o histórico de pais morto, por um período de tempo alargado.

Antes que pudesse me impedir de falar as palavras, eu mencionei que ela poderia vir para casa comigo. Ainda me lembro daqueles enormes olhos azuis, da cor do oceano, olhando para mim. O medo era tão evidente neles que apertou

meu coração. — *Você vai cuidar de mim?* — Ela perguntou, e eu não tive coragem de dizer a ela que eu quis dizer apenas para aquela noite.

Só até os Serviços Sociais arranjam alguém.

Apenas até que ela chegasse a um acordo com a nova normalidade de sua vida.

Ela era a criança com os pais mortos. A garota que sobreviveu à tragédia mais horrível e terrível que esta cidade já viu.

Ela iria embora dentro de uma semana.

DEZ ANOS ATRÁS

Nós paramos na minha casa, que comprei com as economias que eu tive de trabalhar pra caramba mais uma ajudinha da minha mãe. Não era grande, mas era espaço suficiente para mim. Com dois quartos, dois banheiros e meio, com um porão acabado é muito espaço para mim e se acontecer de eu me estabelecer com uma esposa em breve. Olho para o pequeno ser que eu juro que está segurando minha mão desde que a conheci. Ela afasta alguns fios soltos de seu rosto e aperta seu coelho com mais força. — Sua casa é bonita. Eu gosto das flores.

Reviro os olhos enquanto penso em minha mãe plantando-as para dar um pouco de ‘vida’ à casa.

— Rosa é minha cor favorita — Ela acrescenta enquanto nos aproximamos da porta. Eu tenho uma pequena mala com as coisas dela na minha outra mão, e assim que entramos, minha casa de tamanho adequado de repente parece tão pequena com ela nela.

Ela engole e olha para mim como se dissesse e agora?

Eu não faço a menor ideia. — Está com fome?

Ela balança a cabeça negando,, mas eu sei que precisa comer alguma coisa. Foi uma longa noite e, embora a assistente social tenha trazido alguns lanches para criança, ela não comeu uma refeição adequada.

— Você deveria comer alguma coisa, Maddie.

Ela franze os lábios e olha para a minha cozinha. — Ok, o que você tem?

Eu faço uma verificação mental do que está na minha geladeira, que tenho certeza que é cerveja e condimentos e talvez um jantar congelado. Minha mãe geralmente vem de vez em quando para ter certeza de que eu não estou comendo fora em todas as refeições, mas acho que não veio esta semana.

— Podemos pedir alguma coisa.

Ela olha para mim, poças de azul se alargando e sorri. — Pizza! — Uma covinha aparece pela primeira vez, e estou feliz por tê-la colocado lá.

Depois que comeu, posso dizer que ela está cansada, já que a exaustão do dia provavelmente a está alcançando. — Você está pronta para dormir?

Ela limpa a boca com as costas da mão, espalhando o molho ainda mais em sua pele. — Eu deveria tomar um banho.

Merda. Eu não tinha pensado nisso. — Tem certeza de que não quer apenas ir para a cama?

— Preciso tomar um banho antes de dormir. Meus pijamas estão limpos.

Eu quero perguntar se ela tem certeza sobre isso, já que eu estava familiarizado com as condições de sua casa e o fato de que limpa não era uma palavra que eu usaria. — Tudo bem, banho. Apenas deixe-me ligar para Aria.

— A moça policial?

— Sim.

— Por quê? — Seus olhos, apesar do que ela passou hoje, estão cheios de inocência e curiosidade e isso me faz querer mantê-la assim para sempre. Intocada pela besteira do mundo. Intocada pelo mal, escuridão, ódio e malícia. Eu me pego esperando que ela encontre seu caminho de volta para a luz antes que a escuridão de perder seus pais na mesma noite a consuma.

Eu não tinha certeza de como dizer a ela que não me sentia confortável em dar-lhe banho. Que ela não deveria se sentir confortável comigo dando banho nela. Que ela não deveria ficar nua perto de nenhum garoto até aos trinta anos. Mas percebi que ela sofreu traumas suficientes por hoje, então escolhi o caminho mais fácil. — Aria tem o banho de espuma mais cheiroso.

Pego o telefone e saio da sala, me preparando para o show de merda de falar com Aria sobre minha decisão impulsiva de acolher uma vítima de violência doméstica. Já posso ouvi-la reclamando. — Ela vai se apegar, Cal! Inferno, você vai se apegar! — Mas é aí que ela está errada. Eu não vou me apegar. Isso é apenas temporário. Na próxima semana, serei uma memória distante para Madeline Shaw enquanto ela se instala em sua nova vida.

Estou certo disso.

NOS DIAS DE HOJE

Entro na cozinha para encontrar Maddie digitando furiosamente em seu laptop.

— O que você está fazendo acordada tão cedo? — Eu vesti uma calça de moletom por cima do meu short e um moletom por cima do meu torso quando a peguei me olhando muitas vezes. Eu não acho que ela pretende deixar seus olhos vagarem sobre mim apreciativamente, mas isso não impede meu pau de se contorcer em minhas calças.

Meu corpo é traidor sob seu olhar lascivo, e está ficando pior. É como se meu pau não soubesse a diferença. Não importa que ela tenha dezessete anos ou que esta seja Maddie. Meu pau só vê como ela se tornou possivelmente a mulher mais bonita que eu já vi.

— Você parece uma merda — Ela me diz. — Não está dormindo bem de novo? — Ela se levanta da mesa e pega uma caneca da prateleira. Ela a estende para mim e eu não posso deixar de ver seu traje. Está vestindo uma das minhas camisetas da Academia e shorts de dormir que são muito curtos, fazendo com que suas pernas tonificadas pareçam estender-se por quilômetros. Pernas tonificadas que ela formou no balé. *E agora estou pensando nela naqueles minúsculos collants que ela desfila de vez em quando.* Ela é baixa, muito mais baixa do que eu, mas suas pernas são de modelos altas que parecem ter quilômetros de extensão. Ela geralmente usa seu cabelo castanho chocolate longo e ondulado nas costas, mas agora está puxado para cima em um rabo de cavalo alto, revelando um lápis atrás da orelha.

Eu arranco a caneca dela. — Por que você está acordada? Eu geralmente tenho que tirar você da cama à força pela manhã. — Viro as costas para ela quando me lembro de ameaçá-la com todas as punições que pude pensar enquanto gritava para ela sair da cama para se preparar para a escola.

— Eu odiei meu trabalho de inglês. Acordei às três e decidi reescrever. — *Sempre a perfeccionista.* Maddie adora a escola e tem uma sede de conhecimento que você não vê em muitos alunos do ensino médio. Certamente, não da variedade popular.

— Você está acordada desde as três? Maddie, são seis horas, não é sono suficiente.

Ela bufa e quando me viro, vejo que seus olhos azuis estão fixos em seu computador. — Está tudo bem.

— Não está tudo bem — Eu resmungo, esperando que ela entenda a mensagem de que estou chateado. — Você tem treino esta noite, não tem? Você odeia ter aula quando está correndo sem dormir. Sua professora de balé vadia não vai largar suas costas se fizer um *rond de jambes*³ desleixado... suas palavras. — Eu aceno minha mão com desdém quando me lembro dela reclamando.

— A aula de competição foi cancelada, então eu voltarei para casa depois e tirarei uma soneca antes do treino da noite, feliz? — Ela olha para mim de seu computador, me testando. Provocando-me.

Certo, Madeline, vou acreditar.

— E o que vem depois? — Eu pergunto a ela. Maddie e eu jantamos juntos nas noites em que não tenho que trabalhar e a ‘borboleta social’ não tem planos. Ela se tornou bastante popular depois que seu terapeuta e eu a pressionamos para ir lá e começar a *gostar* do ensino médio em vez de apenas seguir o fluxo até à formatura. Até aos quinze anos, ela raramente saía de casa e passava todo o seu tempo livre comigo. *Algo que eu sinto falta se quiser honesto comigo mesmo.* Ela cresceu desde a garotinha que salvei naquela noite; fiquei satisfeito por ter estado no lugar da frente e talvez uma mão em sua transformação. Agora ela era uma jovem inteligente e charmosa que eu aprendi a amar mais do que ninguém.

— Eu te disse. Tenho um encontro.

³ O *rond de jambe* é um exercício do ballet no qual a perna faz um semicírculo e volta para a posição de forma graciosa e leve. Assim, de maneira mais popular, pode-se dizer que a perna faz a forma da letra D. O movimento pode ser executado de frente para trás, *rond de jambe en de hors*, ou de trás para frente, chamado de *rond de jambe en dedans*.

Cruzo os braços na frente do peito e olho para ela. Maddie namorou alguns caras aqui e ali, mas nunca foi sério. Eu me certifiquei de que Aria falasse com ela quando ela veio até mim com lágrimas nos olhos porque não sabia como usar um tampão. Tenho quase certeza de que meu olhar de choque e horror combinou com o dela antes de conseguir ligar para Aria.

Fui forçado a crescer muito mais rápido do que esperava, trazendo uma criança e criando-a, mas não tinha nenhuma intenção de fazer isso de novo tão cedo. *Pelo menos não até eu levar Maddie para a faculdade.* Então, Maddie sabia o negócio sobre namoro e meninos. *Todo mundo tinha que ser liberado por mim e de preferência enquanto eu estivesse segurando minha arma.*

— Você tem? É uma noite de escola. — Levanto uma sobrancelha para ela. Eu me pergunto se ela vai me alertar sobre o fato de que não é necessariamente uma regra. Maddie tira boas notas e faz mais do que eu peço a ela *não que eu peça muito*, então, basicamente eu a deixo fazer o que ela quer dentro do razoável. Não tenho certeza de onde está a linha do disciplinador, mas agradeço a todos os Deuses que Maddie me deu pouco ou nenhum problema. Fico esperando a fase rebelde dela. De ela perder o toque de recolher ou faltar à escola ou furtar, *mas nada*. O máximo que ela fez foi dirigir rápido demais e xingar como um marinheiro, coisas que tenho certeza que aprendeu comigo.

— Você parecia bem com isso no início desta semana quando eu mencionei o fato. E dificilmente é uma noite de escola quando as férias de Ação de Graças começam depois de amanhã. Me dê um tempo. Amanhã será uma piada.

— Não.

Ela olha ao redor da sala antes de encontrar meu olhar e um sorriso surge meus lábios, enquanto penso em como é raro eu dizer não a ela. — Não o quê? É uma quinta-feira. Você nunca me disse que eu não poderia sair com meus amigos na semana anterior.

— Você ouviu o que eu disse, Madeline. Não.

Ela bate na mesa. — Você está brincando comigo agora?! Isso não é justo!

— A vida não é justa, querida — Digo a ela enquanto tomo outro gole de café. — E, além disso, eu posso ter concordado em algum momento, mas isso foi antes de Turner me dizer que você estava voando pela cidade como se não tivesse sentido ontem. — Fiquei chateado quando um dos meus subordinados me disse que ele parou um Volkswagen vermelho cereja ontem porque estava indo a 80 em vez de 40⁴. Eu quase liguei para ela e a fiz vir direto para casa.

— Ugh, dedo-duro — Ela resmunga. — Delatores se ferram.

Reviro os olhos com o comentário dela. — Você tem sorte que ele só deixou você sair com um aviso.

— Certo, como se ele tivesse me dado uma multa. Ele não é um de seus mascotes? Isso teria sido apenas um desperdício, já que você o teria feito desaparecer. — Ela agita seus cílios para mim e eu estreito os meus. Nos últimos

⁴ Limite de velocidade km/hora.

dez anos, subi na hierarquia do trabalho e agora sou o chefe de polícia em três condados.

— Na próxima vez que você for parada, pegarei suas chaves.

Ela bufa. — Legal. — Ela pega uma caixa de ovos da geladeira e uma tigela para começar seu regime de café da manhã que geralmente é reservado apenas para os fins de semana. — Panquecas estão bem para você?

— Estou falando sério, Madeline. — Eu uso o nome completo dela para que saiba que eu não estou brincando. E a ouço murmurar baixinho em resposta como ela sempre faz. — O carro está em meu nome, portanto é meu. Acabei de lhe emprestar. Se você não pode cumprir a lei, eu o pego de volta.

— Você não pode levar meu carro, você o comprou para mim. — Ela faz beicinho, deixando seu lábio inferior sobressair.

Meu pau se contrai levemente e por um segundo, deixo minha guarda escorregar e me permito os pensamentos que tento evitar a todo custo. Os pensamentos que escapam pelas rachaduras. Os flashes que aparecem do nada e me tiram do controle. Os que eu reprimi e escondo nas profundidades sombrias da minha mente.

Porra. Porra. Porra. Abortar a missão.

Eu sinto meu pau subindo no meu short, enquanto minha mente começa a prosseguir com a fantasia dela de joelhos na minha frente.

Hora. De. Ir. Porra.

— Eu posso pegar as chaves se você estiver por aí sendo uma ameaça para a sociedade — Falo por cima do meu ombro enquanto saio da cozinha. Mesmo com meus shorts e calças de moletom, meu pau está longe de ser pequeno e com o jeito que está subindo, seria capaz de armar uma barraca embaixo em pouco tempo.

Eu não precisava que ela visse isso.

No momento em que estou de volta na privacidade do meu quarto, meu pau baixou. Ligo o chuveiro e entro nas temperaturas escaldantes, desejando ter a coragem de transformá-lo em congelamento para permitir que a água gelada deixasse meu pau flácido.

Minha mente passa por sua lista de racionalizações, o que faz toda vez que um pensamento perverso flutua por ela. Primeiro, Maddie não é minha filha. Ela não é. Não biologicamente; e embora eu seja seu tutor legal, não a adotei legalmente. Ela me chama de Cal. Nem velho, nem pai ou... *papai*.

Oh, droga. Olho para baixo quando sinto uma onda de sangue indo para o sul.

Fique para baixo, porra.

Segundo, Maddie não me vê como seu pai. Talvez seu irmão mais velho. Ou super-herói como ela tinha me listado em seu telefone. Mas eu não sou papai.

Então o que diabos você é? Você a alimenta, a veste, você a tem listada como dependente do seu maldito seguro de saúde. Não tente justificar sua perversão, Grayson.

Deixo minha cabeça cair para trás contra o azulejo enquanto a água escorre pelo meu peito, meu abdômen e pelo meu pau que ainda não está completamente mole novamente.

Eu vou para o inferno, filho da puta.

CAPÍTULO 2

Madeline

Estou puxando minhas botas de cano alto de camurça quando vislumbro o céu escuro e ameaçador. Parece que o céu está pronto para se abrir a qualquer minuto com a tempestade que eles estão prevendo há uma semana. O céu cinza normal parece quase preto e um arrepio percorre minha espinha enquanto penso na minha aversão por tempestades fortes.

— Vai ficar tudo bem, Mads. — Meus pensamentos são interrompidos por Cal encostado ao batente da porta, e solto um suspiro de alívio por ele não estar de uniforme hoje porque isso tem o poder de me transformar em uma bagunça trêmula à vista. Não que o terno casual que ele está usando esteja facilitando as coisas. Seu cabelo castanho claro está molhado, como se tivesse acabado de sair do banho, um pouco desgrehado, mas ostentando sua ondulação habitual. Uma mecha de seu cabelo cai levemente sobre o olho e ele a puxa para trás daquele jeito sexy que todos os homens aprendem na escola ou algo assim. — Mas essa é outra razão pela qual eu não quero que você saia hoje à noite. Eu não posso protegê-la quando você está Deus sabe onde. — Ele acena para a janela. Cal é o super protetor clássico e se preocupa sempre que eu saio; mais do que algumas vezes eu peguei um de seus lacaios me seguindo.

Viro minha cabeça para a janela e depois de volta para ele novamente. — Você sabe que eu odeio tempestades. Sempre odiei. — Eu engulo.

— Eu sei. E você sabe que eu não deixarei nada acontecer com você, certo? — Ele se move pelo meu quarto e fica bem na minha frente, ocupando totalmente o meu espaço. Sinto o cheiro da colônia amadeirada que ele usa e do enxaguante bucal de hortelã que usa, e de repente me vejo lutando para respirar. Sua mão alcança meu queixo e o levanta um pouco mais alto para encontrar seu olhar, olhos castanhos que conheço melhor do que conheço os meus. Em que eu confio mais do que ninguém. O calor de sua mão me inunda, me fazendo sentir que preciso tirar cada camada de roupa para que ele possa tocar cada centímetro da minha pele nua. *Particularmente a carne húmida entre minhas pernas.* — Você confia em mim, não é?

— Sim. — Eu sussurro, mas sai mais como um grunhido. Toda a convicção deixou minha voz em resposta às pulsações em meu sexo.

Eu me pego olhando para sua boca enquanto um lado se levanta em um sorriso sexy. Seus lábios se abrem e sua língua desliza pelo lábio inferior e eu nem tento esconder o gemido. — Cal... — Expiro.

Ele estreita o olhar ligeiramente, seus olhos castanhos quentes, mais escuros do que o normal e cheios de algo que não consigo detectar. — Você me quer, não é, Madeline? — Ele passa a mão pelo meu cabelo e segura meu queixo. Sua mão firme mas gentil, enquanto seu polegar acaricia meu lábio inferior.

Deixo escapar um suspiro, e minhas pernas quase cedem, mas ele me agarra para me manter de pé. — Adoro quando você usa meu nome completo.

Ele se inclina para a frente, enquanto eu ainda estou em seus braços. Sua respiração faz cócegas em meus lábios. — Madeline. — Solto um gemido. —

Maddie. — Seus lábios contornam os meus e traçam beijos na lateral do meu rosto. — Você é extraordinária. Mal posso esperar para entrar em você, baby.

— Oh meu Deus, eu também. — Eu gemo quando envolvo uma perna ao redor dele e começo a me esfregar nele. Assim que nossos lábios estão prestes a se tocar, um estrondo nos para.

— MADDIE!

Volto ao aqui e agora quando as coisas estavam prestes a ficar boas na minha fantasia mais recente. Uma que eu evoquei em minha mente enquanto estava a caminho da escola esta manhã. Olho para a pessoa que teve a audácia de interromper meus pensamentos, para ver minha melhor amiga, Sasha Parker, que tinha acabado de bater com a mão na mesa, e está me encarando com sua expressão irritada. — Você está mesmo ouvindo?

Pisco os olhos algumas vezes e olho em volta para a mesa de nossos amigos, todos olhando para mim depois da explosão de Sasha. Balanço minha cabeça. — Não, desculpe. O quê? — Afundo meus dentes na maçã que peguei e dou a ela um olhar entediado.

— Eu não estou sendo interessante o suficiente? — Ela acena para nossos amigos como se dissesse, cuide da sua vida, e eles voltam para suas conversas.

— Não particularmente, não. O que quer? — *Eu quero saber onde as coisas iriam comigo e Cal, e VOCÊ teve que interromper.* Mordo meu lábio inferior para não dizer essas palavras em voz alta, para que ninguém, e eu quero dizer *ninguém* saiba sobre meus sentimentos secretos por Cal. A última coisa que

preciso é de mais tempo com um psiquiatra. Ou pior, ser forçada a deixar Cal completamente. Eu luto contra as lágrimas nos olhos enquanto penso na sensação aterrorizante que sempre tive no fundo da minha mente de que a qualquer momento alguém viria e me levaria para longe dele.

Costumava ser tão ruim que tive pesadelos com isso por anos. Pesadelos que só poderiam ser acalmados por Cal me segurando em seus braços, me balançando para a frente e para trás.

Sonhei com a noite em que minha mãe morreu.

Sonhei que meu pai me encontrou antes de se matar.

Sonhei que o serviço social veio me buscar enquanto Cal estava no trabalho e eu não consegui me despedir.

Claro, isso foi tudo quando eu era mais jovem, há muito tempo que superei esse medo irracional depois que Cal me garantiu centenas de vezes que ninguém poderia me tirar dele. Eu sei que não era isso que ele queria dizer, mas segurei esses pensamentos. Particularmente enquanto minha mão estava entre minhas pernas.

Eu sou sua.

De alguma forma, pelo menos.

Você está bem? Ela murmura e eu aceno, piscando o resto das lágrimas de volta. Ela franze os lábios ligeiramente como se não acreditasse em mim, mas não insiste no assunto.

— Você vai ao Jeff hoje à noite? — Seu cabelo preto e encaracolado cai ao redor dela enquanto ela se inclina para a frente e move as sobrancelhas perfeitamente formadas para cima e para baixo.

— Hum, não. — Tomo um gole da minha água e vejo todos se virarem para mim.

— Por que não? — Melanie Andrews pergunta. Melanie está tão desesperada para ser a melhor amiga de Sasha que é meio triste. Eu a deixo ficar com ela porque, por mais que eu ame Sasha, ela às vezes exige muita manutenção para mim, e Melanie lida com isso muito melhor do que eu. Ela enfia uma mecha de cabelo ruivo atrás da orelha e se inclina para a frente com a mão sob o queixo como se eu tivesse uma história suculenta por não querer ir à festa.

— Papai Policial disse não? — Sasha inclina a cabeça para o lado e seus cachos escovam sobre o ombro.

Eu reviro os olhos. — Você sabe que eu odeio quando você o chama assim. — *Principalmente porque sigo uma centena de blogs do Tumblr sobre Papais que me tiram do sério.*

Eles são gostosos como o inferno.

— Não vejo qual o problema; a escola está fechada por uma semana a partir de amanhã e os pais de Jeff voltam no sábado! *Tradução: Nós ficaremos fodidos.*

— Apesar do quão fascinante soa ficar bêbada com cerveja barata no porão dele, deverá haver uma tempestade e você sabe que eu fico um pouco nervosa durante elas.

— Mas Mike estava trazendo seu amigo de sua equipe de recreação de lacrosse para conhecê-la. Vamos, Mads, você tem que conhecê-lo. Ele é lindo e inteligente e gosta de All-American⁵ ou algo assim. — Ela acena com a mão e seu namorado percebe.

— Hum, oi? — Mike, seu namorado dos últimos três anos, diz ao lado dela e ela vira a cabeça para olhá-lo, seus olhos brilhando e atirando nele aquele olhar que o faz massa de vidraceiro em suas mãos.

— Sim, oi, e aí? — Ela pisca os olhos várias vezes.

Ele estreita os olhos para ela e toca seu nariz bonitinho. — Estou de olho em você.

— Você está de olho na minha bunda, acalme-se. — Ela acena para ele e se vira para mim e eu rio do seu vai e vem. — Você tem que vir, por favor! — Ela junta as mãos e seu lábio inferior se projeta em um beicinho. — Vai ser tão divertido. Apenas diga a Cal que você está vindo para minha casa.

⁵ Seriado da Tv Americana.

All American - Quando um jogador de futebol americano do sul de Los Angeles é recrutado para jogar no Beverly Hills High, as vitórias, derrotas e lutas de duas famílias de mundos muito diferentes - Compton e Beverly Hills - começam a colidir.

— Isso não está exatamente ajudando. Cal não confia em você, Sash. —
Eu rio enquanto penso nas poucas vezes em que fiz travessuras. Sasha Parker
estava sempre um passo atrás de mim.

Sua mão encontra seu peito e ela zomba. — Bem, eu nunca! Estou
ofendida.

Levanto uma sobrancelha para ela. — Está?

O sinal toca, forçando todos nós a nos levantarmos e voltarmos para
nossas aulas. Sasha me acompanha enquanto nos dirigimos para nossa aula de
cálculo do quinto período. — Maddie, você realmente não vem?

— Estou falando que Cal disse que eu não podia sair.

— Uh, tudo bem. — Ela zomba e pega o telefone. — Isso é tão chato.
Vou ver se podemos mudar a festa para amanhã. Você pode vir então?

— Eu verei. Por que eu *tenho mesmo* de estar lá, Sash?

— Porque sim! Você é minha melhor amiga e não será tão divertido
sem você. — Ela pula de um pé para o outro e faz um pequeno movimento. —
Ouça, se você não vier, a festa vai morrer. — Ela põe a mão na testa e finge
desmaiar.

— Alguém já te disse que você é dramática?

— Alguém já te disse, vai te lixar?

Eu rio e envolvo um braço em volta do pescoço dela. — Vamos, doida,
vamos para a aula.

— Ou podemos faltar? — Ela me lança um olhar malicioso e eu apenas balanço minha cabeça para ela enquanto caminhamos pelo corredor.

Passo a maior parte da minha aula de cálculo da mesma maneira que faço quando fico entediada: tentando evitar que minha mente se desvie para Cal. Não ajuda que eu provavelmente pudesse dar essa aula de cálculo e, de acordo com meu professor, não estou sendo ‘desafiada’ o suficiente. Você sabe o que é um desafio? Tentar focar em derivados quando tudo que você consegue pensar é no homem com quem você vive malhando no porão sem camisa. Tenho quase certeza de que vi Deus na primeira vez que o vi fazer flexões.

Limpo minha garganta quando o gemido ameaça escapar dos meus lábios e a garota ao meu lado me dá um olhar questionador. Dou-lhe um polegar para cima, deixando-a saber, que estou bem, mas principalmente para cuidar de sua vida.

É com isso que todas as mulheres apaixonadas, ou na luxúria ou o que quer que seja, lidam?

Estou na porra do inferno.

Paro na frente da minha casa e solto um suspiro. Começou a chover enquanto eu estava a caminho de casa e, quando cheguei ao meu bairro, o céu estava no tom mais escuro de cinza e agora estou no meio de uma chuva

torrencial. Verifico meus bancos dianteiros e traseiros, procurando meu guarda-chuva amarelo brilhante. Não vejo em lugar nenhum. *Porra*, eu me encolho quando me lembro de deixá-lo na porta ontem. Bato a palma da mão na minha testa e gemo quando aceito ter que caminhar os doze metros até à casa, o tempo todo encharcada. Estou prestes a alcançar a maçaneta para correr quando minha porta se abre. Eu grito e envio meu pé voando em direção à pessoa por instinto quando ele agarra minha perna.

— Ei, calma aí! Nossa, quem você achou que era? — Eu olho para os olhos castanhos quentes e meu coração pula. *Deus, ele é lindo. Como é possível um homem ser tão bonito assim?*

Alto e construído como se tivesse passado a maior parte de seus vinte anos na academia, Cal Grayson é a fantasia de toda mulher. Eu sei disso porque vejo isso em seus olhos em cada mercearia, evento escolar ou inferno, até mesmo no posto de gasolina. Chegou ao ponto de eu odiar levá-lo ao redor de todas as mães maliciosas e com muito tesão, solteiras e *não tão solteiras* quando ele vem aos meus recitais de balé. Parecia quase pornográfico olhar para ele em um calção, e vê-lo malhar envia um arrepio na minha espinha e um rugido surdo entre as minhas pernas que eu não posso ignorar, mas finjo que sim.

Ele tem um sorriso que tem o poder de controlar meu humor e é tão letal que faz meus joelhos fraquejarem. É um daqueles sorrisos genuínos que alcançam seus olhos, e se você não tomar cuidado, seu coração. Muitas vezes é mascarado por uma camada de barba por fazer que às vezes transforma-se em uma barba que o faz parecer esse homem da montanha ou lenhador sexy ou o

que diabos faria os ovários de uma mulher implorar por seu filho. *Não posso ser a única mulher apaixonada por ele.*

— Merda. O que você está fazendo em casa? — *Ótimo, isso atrasa meus planos de terminar o resto desta fantasia e pelo menos dois orgasmos.*

— Evitando que você fique encharcada, evidentemente. Você deixou seu guarda-chuva na porta. — Eu pisco para o homem parado ao lado da porta do meu carro, segurando seu guarda-chuva enorme e não posso nem tentar ignorar o pulsar no meu sexo pelo cavalheirismo. — Vamos. — Eu pego minha mochila e ele imediatamente a tira de mim enquanto pego minha bolsa.

— Obrigada — Digo enquanto caminhamos em direção a casa. A cada passo, minha calcinha umedece e sinto minhas bochechas esquentarem com a crescente necessidade de me aliviar. Assim que passamos pela porta, pergunto a ele novamente. — Mas por que está em casa? Você geralmente não está aqui às três. — Olho para o meu relógio e depois de volta para ele.

— Eu queria estar aqui quando você chegasse em casa. — Ele dá de ombros e passa a mão pelo cabelo castanho claro.

— Por quê? Você realmente achou que eu ia sair sem te dizer? — Eu zombo; a luxúria que eu estava sentindo de repente se foi, substituída pela irritação por ele não confiar em mim.

— Não, mas... — Ele coça a nuca — Eles estão prevendo uma tempestade muito forte.

— E então? — Eu sabia ao que ele estava se referindo, mas eu queria que ele dissesse. Eu queria que ele dissesse que está aqui por mim.

— Eu sei como você fica durante as tempestades. Só não queria que você surtasse, e Aria está trabalhando no turno da noite esta noite.

Aria é uma das poucas pessoas que Cal permite entrar em casa comigo sozinha. Ele confia nela de todo o coração, e enquanto ele confia em alguns de seus caras no mesmo sentido, ele não quer me deixar sozinha com homens em uma idade jovem, então Aria se tornou uma segunda mãe.

Ela me ensinou todas as coisas femininas que Cal não podia me ensinar e ela era a única pessoa com quem eu me sentia confortável falando sobre garotos. *Os poucos garotos que eu me forcei a tentar namorar para manter minha mente longe de alguém que eu não deveria querer.* Cal pode ter sido minha mãe e meu pai às vezes, mas Aria era minha mãe. O lado caloroso, o lado compassivo, o lado que me deu os melhores abraços e me ensinou a depilar as pernas e a assar os melhores biscoitos de chocolate.

Uma vez que eu fiquei mais velha, e não era um requisito para eu ter uma babá fisicamente em casa comigo, Cal conseguiria alguém da estação para estacionar do lado de fora da casa para monitorá-la. Mas isso não ajudou quando eu me assustava durante a tempestade. Um trovão me leva de volta à minha primeira tempestade nesta casa.

Atiro-me na cama quando o estrondo do trovão é tão alto que sacode minha cama. Meus olhos vão imediatamente para a minha luz noturna, uma fonte

de conforto que ilumina o quarto e o torna menos escuro. Mas não vejo nada. Todo o quarto está escuro como breu. Olho para as minhas mãos e não as vejo. Eu não vejo nada.

Eu estou morta? Estou como mamãe?

Mamãe!

Eu chego ao redor da cama, procurando pelo meu coelho. As lágrimas começam a cair dos meus olhos... acho que são lágrimas. Se você não pode vê-las, como pode ter certeza? Toco meu rosto e sinto a umidade. Pisco meus olhos tentando tanto ver, mas está tão escuro. Outro trovão seguido por um relâmpago ilumina meu quarto por um segundo e eu poderia jurar que vi todos os monstros ganharem vida.

— Irreal. Irreal. Cal diz que não são reais. Sua mente apenas prega peças em você. — Abro a boca para gritar por Aria. Ela está tomando conta enquanto Cal está no trabalho, mas uma voz sussurra em meu ouvido.

— Se você gritar, os monstros vão te pegar.

Não. Não. Eles não são reais!

— Tem certeza disso? — Ele sussurra novamente.

Eu coloco meu coelho na minha boca e grito assim que outro trovão se move pela casa e eu pulo da cama, sem perceber que estava enrolada nos lençóis. Eu bato no chão com um baque. — Owwww! — Eu choro, e me enrolo em uma bola.

O trovão soa novamente e eu aperto meus olhos com mais força. Agarro meu coelho e deslizo para longe da minha cama, esperando que nada saia debaixo dela para me agarrar. Eu consigo rastejar apesar da minha perna machucada antes de me enrolar em uma bola no meio do chão.

— Mamãe, você pode me ouvir? — Eu fungo assim que a porta se abre. Grito e cubro meus ouvidos porque decidi que ouvir os monstros é pior do que vê-los.

Sinto braços ao meu redor e começo a chutar e de repente minhas mãos estão longe dos meus ouvidos. — Ei, sou eu. Desculpe-me, desculpe-me. — Acho que ele está sentado agora porque estou sentada também enquanto ele me balança para a frente e para trás. Solto um suspiro.

Cal está aqui. Nenhum monstro pode me pegar.

— Sinto muito. — Ele beija o lado da minha cabeça. — Eu durmo durante as tempestades normalmente... eu deveria ter imaginado que você ficaria com medo. E então a energia acabou... você caiu? Ouvi alguma coisa.

— Eu caí da cama.

— Merda, você está bem?

— Você disse merda — Eu sussurro.

— Sim, mas você sabe que não deveria dizer isso. — Ele bate no meu nariz. Como ele sabe onde está meu nariz? Está tão escuro aqui.

— Você também não deveria.

— Tudo bem, mas você está bem?

— *Minha perna dói.*

— *Qual delas?*

Eu sacudo a que dói e sinto sua mão nela enquanto ele acende a lanterna. — Está tudo bem, eu não acho que está quebrada. Não teremos que cortá-la.

— *Cortar!* — *Eu grito com uma risadinha. Ficamos em silêncio por um minuto quando me viro para olhar para ele o melhor que posso. — Está muito escuro aqui. Posso dormir no seu quarto com você? Por favor, estou com medo. Ou você fica aqui comigo?*

— *Sua cama de princesa é provavelmente um pouco pequena demais para mim. — Ele se levanta comigo ainda em seus braços e pega sua lanterna. — Você pode ficar no meu quarto. — Ele começa a sair do quarto quando eu o paro.*

— *Espere, meu coelho!*

Não que eu precisasse. Quando tenho Cal, me sento mais segura do que aquele coelho já me fez sentir.

— *Você está bem, Mads? — Cal olha para mim, sua mão no meu ombro e eu aceno. — Sim, eu só... pensando naquela primeira tempestade. Você acha que a energia vai acabar? — Estremeço ao pensar em quão escura esta casa fica com ela quase completamente cercada por bosques.*

— *Pode, mas você sabe que estou mais bem preparado do que há dez anos. — Ele havia tirado o terno e agora estava com shorts de basquete e uma*

das poucas camisetas da Academia que eu não tinha roubado que mostrava seus bíceps afiados.

Eu preciso de um orgasmo, *rápido*.

— Eu sei, ainda me assusta. — Pegue minha mochila da mão dele e suba as escadas.

Eu não sei exatamente quando meus sentimentos por Cal mudaram de super-herói para estrela de todas as minhas fantasias sexuais. Quando eu era mais jovem, eu dizia a ele que o amava, que ia me casar com ele, e atacava seu rosto com beijos diariamente. Era inocente, daquele jeito de colegial.

E então um dia, ele tocou meu ombro da mesma forma inocente que sempre fez e eu corei. *Muito*. Eu não poderia ter mais de treze anos. Por um ano, tentei entender meus sentimentos, imaginando como estava começando a sentir essas coisas por um homem que praticamente me criou.

Estou doente, pensei.

Tentei ignorar os pensamentos.

E então eu descobri o que poderia fazer com meu corpo depois de uma exploração um pouco minuciosa um dia no chuveiro. Sasha e eu havíamos roubado a revista Cosmopolitan da mãe dela um dia e decidimos que iríamos descobrir o motivo de toda aquela confusão. *Não juntas*, mas separadamente e relatar nossas descobertas.

Para encurtar a história, eu estava sozinha em casa, graças a Deus, porque o nome de Cal escorregou entre meus lábios no momento em que caí à beira do meu primeiro orgasmo.

Isso foi há três anos.

Estou ferrada desde então.

CAPÍTULO 3

Madeline

— *EU NÃO VOU FAZER ISSO. — Cruzo as mãos na frente do peito enquanto uma carranca se instala em meu rosto. Eu olho para a linda bicicleta rosa que Cal me comprou no meu aniversário e viro meu rosto de volta para ele enquanto ele se ajoelha ao meu lado. — Me recuso.*

Ele tira os óculos escuros do rosto e seus olhos castanhos chocolate encontram os meus azuis gelados. — Maddie, vamos. Você tem que aprender a andar de bicicleta sem rodinhas.

— Eu tentei. Falhei. — Eu bufo.

— Você caiu uma vez. — Ele coloca o dedo indicador na frente do meu rosto.

— Porque você deixou ir.

— Você estava indo tão bem, querida. Você não precisava de mim!

— Não. — Eu me afasto da bicicleta e começo a andar de volta para casa quando sinto sua mão envolvendo meu braço.

— Mads.

— NÃO! — Eu grito. — Você não pode me obrigar.

— Eu prometo que será...

— Não. — Olho para ele. — Caí. Olhe para o meu cotovelo E para o meu joelho! — Eu mostro a ele o arranhão no meu braço que é tão grande que tem que ser coberto com dois band-aids de Bob Esponja e um no meu joelho que dói toda vez que eu dobro minha perna. — Dói, Cal. — Meu lábio treme e meus olhos se enchem de lágrimas. — Você jurou que não me deixaria cair.

Seus olhos estão quentes e eu me pergunto se ele vai chorar também quando me envolve em um abraço. Eu sorrio e descanso minha cabeça em seu ombro porque mesmo que eu esteja brava com ele, ele dá os melhores abraços. Ele esfrega minhas costas e beija meu nariz, os pelos de sua barba fazendo cócegas na minha pele e me fazendo rir.

— Você não pode ficar com raiva de mim para sempre.

— Sim eu posso. — Volto a encará-lo para que ele pense que ainda estou brava. Ele sorri e toca minhas bochechas com os dedos indicadores como sempre faz quando quer que minhas covinhas apareçam.

— Vamos tentar mais uma vez, e então... eu deixarei você ficar acordada até tarde esta noite.

Meus ouvidos se animam e olho em volta enquanto penso em sua oferta. — Quão tarde?

— Passando do noticiário das nove horas.

Coloco as mãos em meus quadris e inclino a cabeça daquele jeito que Cal diz 'ele não pode dizer não' — Eu fico acordada até lá de qualquer maneira.

— *Você deveria estar dormindo, Madeline Elizabeth.* — *Ele estreita os olhos para mim e eu rio com um encolher de ombros.*

— *Pare de me comprar livros.*

Seus olhos reviram em um círculo completo, e eu me pego tentando imitá-lo. Como ele faz aquilo?

— *Tudo bem, noticiário das dez horas, oferta final.*

— *Você tem um acordo!* — *Eu aperto sua mão e vou para minha linda bicicleta rosa com as franjas e a cesta de vime presas na frente.*

Um trovão me desperta do sono e imediatamente estou em alerta máximo. O quarto está quase escuro como breu e antes que eu possa pensar estou pegando meu celular e ligando minha lanterna. *Porra, a energia acabou.*

Era raro que perdêssemos energia, com Cal instalando um gerador depois das primeiras vezes que me assustei. Para a energia ter acabado, provavelmente é uma grande tempestade e bem na hora, o trovão bate e confirma minha suspeita. A árvore lá fora está arranhando minha janela, e a chuva está batendo no telhado de forma tão agressiva que estou surpresa por ter dormido tanto tempo. Um relâmpago ilumina o quarto e eu fecho meus olhos como todas as vezes por medo de ver algo que me abalaria profundamente.

Estou fora da cama antes que eu possa me impedir e caminho pelo corredor em direção ao quarto de Cal. Mesmo sem minha luz, eu saberia como chegar lá. Eu tinha memorizado que havia dezesseis passos grandes e vinte e dois

passos menores entre o meu e o quarto de Cal. Um fato que era necessário quando eu estava correndo para ele no meio da noite. Faz anos desde que entrei no quarto de Cal, e não sei se é porque meus sentimentos estão ficando mais intensos e estou sendo guiada por meus hormônios, ou se as memórias daquela primeira tempestade ainda estão me assombrando, mas *eu me* encontro na frente de seu quarto.

Desde jovem, Cal me ensinou a sempre bater em portas fechadas e, embora na época eu não percebesse o porquê, sempre escutei sua regra. Claro que agora, aos dezessete anos, percebo por que ele me pediria para bater antes de invadir seu quarto. E porque tenho dezessete anos, com pensamentos lascivos girando em meu cérebro cerca de setenta por cento das minhas horas de vigília, decido prosseguir *sem* cautela. Empurro sua porta e caminho pelo seu quarto, o tapete macio sob meus pés, tomando cuidado para manter meu telefone apontado para baixo enquanto me aproximo de sua cama. Sento na beirada e sinto ele se mexer.

Viro o telefone para cima, com cuidado para não cegar nenhum de nós.

— O que... Mads?

— Acabou a energia.

Ele solta um suspiro e se senta, apoiando as costas na cabeceira da cama e pega o telefone para verificar a hora. — O que eu te disse sobre bater?

Reviro os olhos. — O quê, você está nu aí embaixo ou algo assim? — Espero que ele não possa ver o lampejo de esperança cruzar meu rosto ou meus olhos que vão direto para onde seu pau está escondido sob o cobertor de lã.

— Não, Madeline, mas você conhece a regra.

— Desculpe, mas você não veio ao meu quarto quando as luzes se apagaram. Você sempre vem... — Eu paro.

— Já faz um tempo desde que elas se foram. — Meus olhos estão finalmente se ajustando à escuridão do quarto e posso ver seus olhos agora. — Deve estar muito ruim lá fora.

— Sim... — Eu digo a ele suavemente. Mordo o lábio inferior suavemente e meus olhos voam ao redor do quarto. — Posso ficar?

Ele está em silêncio e eu rapidamente me pergunto se ele me dirá não. Que preciso voltar para o meu quarto e parar o que quer que esteja fazendo.

Pare de tentar me seduzir, Maddie. Juro que ouço seu corpo me dizendo.

— Sim, claro, quero dizer... sim. Deixe-me descer as escadas por um segundo, ok?

Eu não digo nada porque uma parte de mim está com um pouco de medo de ficar aqui sozinha. Eu sei que meu medo é irracional e um pouco infantil, mas chame como todo mundo que se refere a ele como meu ‘encontro com a morte’ quando eu era criança. Havia coisas que aconteciam durante a noite e isso me assustava. Exceto que esses solavancos foram ouvidos de *dentro*. As brutalidades da minha infância sussurravam em meu ouvido na calada da noite, me fazendo pensar se eu eventualmente encontraria o mesmo fim. Os pesadelos de monstros físicos pararam de assombrar meus sonhos anos atrás. Os pesadelos

se manifestam de maneiras diferentes agora. Não tenho mais medo dos monstros debaixo da cama, mas daqueles que espreitam no meu cérebro. Os que sussurram, *você é a próxima*. Aqueles que só são completamente silenciados quando estou perto de Cal.

Suas mãos encontram meu rosto e ele acaricia minha bochecha, como se pudesse ouvir meus pensamentos, como se ele estivesse à espreita lá também, sussurrando, *você não é a próxima, Mads*. — Dois minutos, ok? Apenas fique aqui. É a sua vez em *Words with Friends*⁶. Tomei minha vez depois que você adormeceu.

Meus olhos disparam para o meu telefone, abrindo o jogo que Cal e eu jogamos sem parar desde que ganhei um iPhone, três anos atrás. — Ok.

Ainda estou tentando descobrir como posso colocar essa palavra de cinco letras em uma partitura de três palavras quando Cal volta pela porta com algo na mão. Eu não consigo entender quando ele o coloca no chão. — O que você está fazendo?

— Eu tenho um saco de dormir.

— Por quê?

— Mads... — Ele para.

— Você nunca me fez dormir no chão antes. — franzo a testa.

— Não é para você, Maddie. Você acha que eu faria você dormir no chão?

⁶ Palavras com amigos, um popular jogo online de quebra-cabeça com palavras.

— Ah... por quê você está dormindo no chão?

— Eu só... não acho... quer dizer... você está mais velha agora e eu só...

— Eu ouço a implicação, e interrompo.

— Oh meu Deus, Cal. Pare. — Eu tento soar o mais desdenhosa possível para não alertar que estou buscando exatamente a coisa que ele está tentando evitar.

— Não, Madeline. Quando estou dormindo, meu corpo ainda pode reagir a... — O quarto está tão quieto que posso ouvi-lo engolir em seco enquanto estende o saco de dormir e pega um travesseiro de sua cama.

— Então, você não confia em mim, não? — Eu tento pegar as palavras antes que elas saiam da minha boca, mas é tarde demais e fecho meus lábios sabendo que ele vai reagir ao meu comentário.

— Isso não foi o que eu disse — Ele grita e eu solto um suspiro antes de cair de volta em seus travesseiros. Sua cama inteira cheira a ele e fala comigo no nível mais primitivo. Viro minha cabeça em seu travesseiro e inalo silenciosamente seu cheiro. Um perfume que está tão arraigado em meu corpo e alma, apesar de não estar no meu DNA.

— Você está sendo ridículo — Digo a ele enquanto deixo meus olhos se fecharem.

— Eu sei — É a última coisa que ouço antes que o sono me leve pela segunda vez.

Acordo na manhã seguinte com a sensação de calor mais deliciosa inundando todo o meu corpo e aquecendo meus ossos. Meus pés, que são notoriamente frios, mesmo com as meias fofas que Cal sempre me compra, estão quentinhos e sinto o calor me envolver como uma videira. Um formigamento sobe e desce pela minha espinha e parece que um aquecedor está soprando ar diretamente no meu pescoço. Meus olhos se abrem e a primeira coisa que sinto é uma dor no meu ombro. *Que porra?*

A sensação no meu ombro que percebo ser devido a adormecer no chão é imediatamente apagada quando olho para baixo e vejo braços ao meu redor. Estou basicamente presa ao corpo de Cal com o aperto que ele tem em mim, e me pergunto brevemente como diabos eu cheguei, não apenas no chão, mas dentro de seu saco de dormir com ele.

Putá merda. Ele vai surtar. Especialmente quando perceber que sua ereção matinal está cavando em minhas costas como uma lança morrendo de vontade de abrir caminho através de mim.

Tenho vagas lembranças de sair da cama e me aconchegar nele, mas podia jurar que era apenas um sonho.

Evidentemente que não.

Consigo espiar pela janela e vejo que a tempestade ainda está caindo. *Está prestes a ser uma tempestade aqui também.*

Estou tentando me soltar dos braços de Cal quando o universo decide que agora é a hora de foder comigo. O alarme de Cal ressoa no ar com um ruído estridente, servindo como um alerta de que *algo não está certo, Cal Grayson. Acorde e lide com isso.*

Seus olhos se abrem antes que eu tenha a chance de me desvencilhar dele. Sentei-me um pouco, mas nossas pernas ainda estão emaranhadas, seus braços ainda estão ao meu redor, e seu pau, eu me mexo um pouco e inadvertidamente esbarro nele, *sim, ainda duro.*

— Maddie? — Seus olhos estão arregalados e nervosos, mas principalmente confusos quando ele me solta como se eu o tivesse queimado. Como se ele estivesse segurando fogo à noite toda e seu corpo finalmente estivesse reagindo à chama abrasadora.

— Eu... eu não me lembro de me mudar para cá.

Ele olha ao redor, ainda um pouco confuso e desorientado antes de se concentrar em mim. — Que porra é essa, Madeline?

— Desculpe, eu...

— Foi exatamente por isso que eu peguei o saco de dormir. — Suas orelhas estão vermelhas, um sinal revelador de que está envergonhado. Suas bochechas não ficam rosadas como a maioria das pessoas. Em vez disso, suas orelhas são sua oferta. Ele se afasta de mim e balança a cabeça antes de desligar o alarme, que eu nem percebi que ainda está tocando com a forma como meu subconsciente está gritando comigo por minha estupidez.

— Sinto muito. — Lágrimas enchem meus olhos quando ouço sua decepção, seu arrependimento, seu... desgosto. — Por favor, não me odeie. Você sabe que eu fico um pouco... vulnerável durante as tempestades.

— Sim, eu estou mais do que ciente. E quando você era mais jovem, era bom que você se aconchegasse em mim. Agora... você não pode mais fazer essa merda e você sabe por quê. Então, não aja como se não soubesse — Ele retruca.

Sua postura é combativa, apesar do fato de que ele ainda está sentado e eu me encolho um pouco. Não digo nada, e tento olhar para qualquer lugar além dos olhos aquecidos me encarando.

— Vá se preparar para a escola, Madeline. — Pulo do chão e basicamente corro para fora da porta. Eu chego ao meu quarto e caio contra a porta, deixando escapar um suspiro que sinto como se estivesse segurando desde que deslizei em sua cama na noite passada.

Não é até meu coração começar a desacelerar que eu percebo que deixei meu telefone no quarto dele. Gemo, pensando em voltar e encarar Cal, e honestamente acho que prefiro passar o dia sem ele. Eu passo os trinta minutos seguintes tomando banho e me preparando para a escola, de repente animada que este é o último dia antes do feriado de Ação de Graças.

Estou colocando minhas botas quando ouço a porta se fechar e minha cabeça se vira para a janela. Saio imediatamente da minha cama e corro para a janela bem a tempo de ver Cal já em seu carro, saindo da garagem. *Que porra?*

Quando ele chega à rua, seu Jeep Patriot preto para e, por um momento, juro que encontro seu olhar pela janela. Eu só espero que ele não veja

as lágrimas se formando em meus olhos antes que eu me afaste. Desço as escadas correndo e vejo que ele deixou café suficiente para mim e meu telefone na mesa. Eu o pego, preparada para mandar uma mensagem para Sasha quando vejo que tenho uma esperando por mim.

Super-herói: Tenha um bom dia. Mantenha-se segura.

CAPÍTULO 4

Cal

Levou vinte minutos e um banho morno para meu pau descer depois que me obriguei a não tocá-lo. Eu tinha um medo paralisante de que o rosto de Maddie passasse pela minha mente no segundo em que eu colocasse minha mão em volta do meu pau e eu não queria arriscar. Então, eu deixo a água gelada cair no meu pau até amolecer o suficiente para lavar minhas bolas. Deixo minha cabeça bater no azulejo e a vergonha desliza sobre mim; eu gostaria que deslizesse pelo ralo como a água.

Eu estava duro. Segurando Maddie em meus braços. Seu corpo macio e quente esfregando contra o meu pau como ela tivesse o direito de o fazer.

Eu corro a mão pelo meu cabelo enquanto me pergunto como diabos vou enfrentá-la enquanto saio do chuveiro. Abro a porta do banheiro, colocando minha cabeça para fora esperando não encontrar Maddie sentada na minha cama para que pudéssemos conversar, e deixo escapar um suspiro de alívio quando não a vejo em nenhum lugar no meu quarto. Eu me movo em direção à minha porta e a tranco, de repente me sentindo como se uma adolescente de dezessete anos estivesse me atacando como se ela fosse a caçadora e eu a caça.

Você está sendo dramático, Cal. Ela estava com medo e você a faz se sentir segura. Protegida. Sempre foi assim. Nada mudou.

Meu pau endurecendo sob minha toalha refuta esse pensamento, confirmando minhas suspeitas de que, de fato, tudo mudou.

— Ei ei! — Aria se joga na minha cadeira do outro lado da minha mesa e apoia o pé na superfície de madeira enquanto dá uma mordida na barra de proteína que ela trata como um grupo alimentar importante. Seu cabelo que geralmente é puxado em um coque liso está selvagem e livre em torno de seus ombros com óculos de sol empoleirados em cima da cabeça.

Eu bato no pé dela com minha caneta e ela revira os olhos e cruza as pernas. — Ouça, o que você está fazendo esta noite?

— Por que seu cabelo não está preso?

— Acalme-se, chefe. Acabei de chegar.

— Você deveria chegar às oito. Por que está chegando aqui às nove e meia? — Eu olho para o meu relógio.

— Porque seu irmão não me deixou sair da cama. — Eu me preparo para dizer a ela que não quero saber, quando ela levanta a mão. — E me disse para lhe dizer para tirar o pau da sua bunda antes que eu o nocauteie, *maninho*. — Eu pisco meus olhos para ela várias vezes e ela ri. — Olha, eu não disse isso, ele disse.

— Não me faça colocá-la no serviço de estacionamento.

— Você não faria isso. — Ela franze a testa e eu lhe lanço um olhar querendo que ela me teste. — Não quando eu tenho uma notícia tão boa para você.

— É melhor ser uma pista sobre aquele incêndio misterioso no armazém do outro lado da cidade. — Eu estremeço, me perguntando se há jogo sujo envolvido e, portanto, não há suspeitos reais, pois todos haviam encoberto as evidências.

— Não. Bem... talvez, mas não é a isso que eu estava me referindo.

— Melhor? — Pergunto me questionando, qual é a pista.

— Foco, Cal.

— *Estou focado!*

— Não, ouça. Eu quero te colocar com alguém.

Eu gemo. — Aria, não. Já passamos por isso.

— Cal! Henry aprovou essa!

Dou a ela um olhar severo quando me lembro das últimas três mulheres com quem Aria tentou me arranjar encontro. Foram todos desastres. Uma era uma professora neurótica que me tratava como se eu fosse um de seus alunos. A outra era uma festeira de trinta anos que ficou tão bêbada no nosso encontro que passou a noite vomitando as doses de tequila que ela me garantiu que aguentaria. E a final, a filha de um pregador que estava passando por sua fase rebelde cerca de sete anos atrasada, e praticamente puxou a mama para fora no

jantar e me disse que ia chupar meu pau no banheiro antes mesmo de pedirmos aperitivos.

Não, não, e foda-se, não.

Noutros tempos, eu teria fodido todas as três e não pensaria duas vezes, *e sim, talvez eu tenha fodido essa última*. Mas eu nunca namorei tanto assim, e trouxe ainda menos mulheres ao redor de Maddie. Eu não quis que ela tivesse uma ideia errada sobre mim, ou que esse tipo de mulher que parecia descartável para mim fosse o tipo de mulher que ela deveria se esforçar para ser.

Eu queria algo melhor para Maddie.

Eu queria tudo para ela.

— Vamos, Cal. Ela é muito doce. Fazemos ioga juntas.

Desde quando flexível se tornou sinônimo de doce? — O que isso tem a ver com alguma coisa?

— Vamos lá, Henry disse que você não transa há séculos. — Ela aponta.

— Eu odeio vocês dois, e adoraria se você pudesse manter minha vida sexual fora de sua conversa de travesseiro. — Eu bato a caneta que estou segurando na pilha de papéis e olho para ela.

— Você não tem vida sexual, Cal. Eu odeio dizer isso a você, querido. E Margie quer netos em algum momento deste milênio.

— Então você e Henry dão a ela. — Sinto uma pontada de culpa pelo meu comentário e pelo passado de Aria e Henry, mas felizmente Aria não reage,

então continuo. — Além disso, eu já dei um a ela. — Mesmo quando eu digo as palavras, elas me incomodam. *Maddie não é sua filha.*

— Você e eu sabemos que ela não vê Maddie como uma neta. Ela é como a filha que Margie nunca teve.

— Ela certamente a trata como uma neta. — Lembro-me de todas as vezes que minha mãe deixou Maddie seguir seu caminho. Toda vez que Maddie atirava com *Margie me deixa fazer isso* na minha cara quando eu dizia não a ela. O jeito que elas falavam ao telefone por horas, o jeito que o rosto dela se iluminava quando vinha para fazer de babá. Ainda estou um pouco chateado com minha mãe por ensiná-la a jogar pôquer e depois dar-lhe o livro *‘Poker for Dummies’*⁷ que me tirou quarenta e cinco dólares e uma semana de sorvete para o jantar.

Ela tinha nove anos.

— O ponto éeee — Aria fala lentamente — Você precisa conhecer alguém. Você é um cara jovem e bonito, com um bom emprego e um bom crédito e você é dono da sua casa e está com tudo! Eu vejo como as mulheres caem aos seus pés. Por que está mantendo todas à distância?

— Por que você acha, Aria?

— Eu sei e esse é o ponto em que estou tentando chegar. Você não pode continuar deixando Maddie controlar sua vida. — Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e olha para mim com aquele olhar característico que me irrita. *Pare de me foder, Aria. Eu já tenho que chegue.*

⁷ Poker Para Iniciantes.

— Ela não controla minha vida, A, mas eu fiz uma promessa a ela. Eu fiz uma promessa de colocá-la em primeiro lugar.

— E isso é admirável, mas em algum momento, você tem que se colocar a você mesmo em primeiro lugar novamente. Ela tem quase dezoito anos e eventualmente seguirá sua vida. — Meu pau endurece e esvazia nessa frase. Endurece quando pensa sobre ela ter dezoito anos e depois amolece com a mesma rapidez ao pensar nela por conta própria. *Longe de mim.*

Minha mente flutua de volta a uma época em que ela me disse que a hora *nunca* chegaria.

— *Ei, Cal?*

Eu olho para onde Maddie está fazendo sua lição de casa para descobrir que ela largou o lápis e está olhando para mim com uma expressão preocupada.

— *E aí, Mads?*

— *Posso morar aqui para sempre?*

— *Para todo sempre?*

— *Sim, quero dizer... mesmo quando eu for para a faculdade e me casar e outras coisas?*

Eu rio para a criança de dez anos na minha mesa. — Você não quer se mudar? Obter sua própria casa? Ter independência e toda essa merda? — Estremeço. Eu tenho tentado melhorar sobre não xingar tanto, especialmente

perto de Maddie, mas não está exatamente funcionando e agora ela está xingando como um marinheiro também.

— Ainda posso ter independência no meu quarto.

— Vamos ver como você se sente em alguns anos, ok?

— Estou falando sério. Eu quero viver aqui para sempre. Eu não tenho que ir, tenho?

Olho nos olhos da minha humana favorita e mesmo sabendo que um dia ela vai cantarolar uma música muito diferente, balanço minha cabeça porque eu sei que aquele dia não é hoje, e ferir os sentimentos de Maddie nunca foi minha intenção. — Você pode ficar para sempre, garota.

— Perfeito.

Eu engulo o café quente. Queima minha língua e toda a minha garganta para tentar combater a queimação das palavras de Aria que um dia Maddie *me* deixará.

— Tudo bem, sim. Qual é o nome dela?

Maddie está sentada no sofá quando chego em casa, passando pelos canais enquanto seu computador se equilibra em seu joelho. São 18h, e vou me

encontrar com Henry, Aria e minha acompanhante, Penelope, do outro lado da cidade às sete. Eu franzo a testa enquanto pego a correspondência que está sobre a mesa. — Eu não estava esperando você em casa?

— Você não estava? Você sabe que eu costumo dizer se não venho para casa. — Ela não levanta os olhos do computador.

— Certo. Bem, acho que quero dizer, eu estava esperando que você tivesse planos. Não me lembro de muitas noites de sexta-feira em que não cheguei em casa para encontrar Maddie correndo como uma galinha com a cabeça cortada porque ela não conseguia descobrir o que vestir, ou seu cabelo não enrolava ou Sasha estava muito atrasada.

— Oh. Bem, Sasha quer que eu vá a essa festa com ela, mas não estou muito interessada.

— Por que não? — Não que eu não esteja satisfeito. Sasha Parker é um problema e ela e Maddie juntas são um problema duplo. Mesmo que Maddie raramente faça travessuras, eu sei que ela está em uma fase em que ela está experimentando muito álcool e isso me irrita.

— Você está bem comigo indo a uma festa? Normalmente, você me faz levar um acompanhante.

— Que você abandona em dois vírgula cinco segundos.

— Como se eles não pudessem me encontrar. — Ela revira os olhos. — Mas não... eu só pensei que deveríamos falar sobre... esta manhã.

— Nada para falar, Mads.

— Oh? Foi por isso que você foi embora sem dizer adeus?

— Eu disse adeus.

— Você sabe que não foi isso que eu quis dizer.

— Maddie, não há nada para falar. Além disso, sairei com Aria e Henry.

— Subo as escadas e em um instante, ela está atrás de mim, me seguindo. Seu perfume me envolve instantaneamente. Um perfume que tem o poder de me excitar se eu não me concentrar. Eu ando mais rápido para tentar colocar algum espaço entre nós.

— Eu posso ir?

— Não.

— O quê? Por que não? Eu sempre posso ir quando vocês saem. — Faço uma pausa e me viro para encará-la depois de acender a luz do corredor. Ela morde o lábio inferior e, por um segundo, vejo um lampejo de dor, mas talvez seja apenas minha imaginação, porque desaparece instantaneamente. — Não são só vocês três?

— Não, não somos.

— Um encontro?

Eu aceno, me perguntando por que me sinto culpado por ter um encontro. *Por que ela deveria se importar? Por que eu deveria me importar que ela se importa?*

— Então, você não vai sair? — Eu pergunto a ela. — Vou colocar Peters na frente.

Ela balança a cabeça e me segue até ao meu quarto e de repente parece três vezes menor conosco aqui juntos. Flashes desta manhã, meu corpo envolto em torno de sua pequena estatura vêm rastejando de volta à minha mente e acordam o demônio adormecido dentro. O fogo acende em mim, e sinto meus ouvidos esquentando. *Livre-se de Madeline antes que eu apareça, policial Grayson*, posso praticamente ouvir meu pau gritando comigo.

— Ela é bonita? — Ela cruza os braços na frente do peito e eu sou grato que ela está vestindo uma camiseta e não acentuando seus seios com aquelas blusas finas que ela usa de vez em quando.

— Não sei. — Esta não é a primeira vez que ela me pergunta sobre um possível encontro, mas é a primeira vez que parece estranho falar com ela sobre isso. Como se eu a estivesse traindo. *Eu tenho que pegar a porra de um controle.*

— Encontro às cegas? — Ela bufa. — Bem, isso é estúpido. Aria e Henry nem sabem o seu tipo.

Eu viro minha cabeça para ela, confuso. — O quê?

— Não sabem! Margie até concorda. — Ela se senta na minha cama.

— Você e minha mãe se juntam a mim para tudo, eu juro.

— É porque ela gosta mais de mim.

— Estou ciente. — Eu a encaro antes de cruzar os braços e inclinar a cabeça para o lado. — Mas voltando ao primeiro assunto, o que faz de você um especialista no meu tipo?

Ela dá de ombros e brinca com as mãos no colo. — Eu tenho olhos.

— Ok, e o que eles veem?

Ela franze os lábios e balança a cabeça, um sorriso triste encontrando seus lábios. — Você precisa descobrir isso sozinho, eu acho.

— Tão sinistro. — Eu deixo minhas mãos caírem. — Eu tenho que tomar um banho. Você se importa? — Aponto para a minha porta e ela suspira e se levanta.

— Divirta-se no seu encontro ou qualquer outra coisa. — Eu não tenho tempo para questionar sua atitude porque meu telefone começa a tocar no meu bolso. Coloco o telefone no ouvido assim que ouço o aviso estridente de *Aria para não se atrasar, filha da puta*.

Desço os degraus, puxando o paletó por cima do botão e olho para a jovem sentada no meu sofá vestindo o pijama. — Você realmente não vai sair? — pergunto a ela.

— Eu realmente não vou. — Ela afirma.

— Tudo bem, estou ligando para Peters. — Ela nem sequer discute comigo, sabendo que não é uma discussão que ela possa ganhar.

— Ou você poderia simplesmente... não ir. — Ela dá de ombros e eu estreito meu olhar para ela, me perguntando de onde isso está vindo.

— Por quê?

Ela morde o lábio inferior e leva um momento para olhar para a televisão antes de se virar para mim. — Porque eu não quero que você vá?

Em circunstâncias normais, eu levaria um tempo para descompactar essa declaração. Tentar cavar a raiz do problema dela comigo saindo, mas esta manhã, juntamente com o conselho de Aria de que eu preciso começar a sair, me faz ignorar aquele sentimento em meu peito que me diz para falar com Maddie.

— Maddie...

Ela torce o nariz e, se eu não soubesse, diria que ela está tentando se impedir de chorar. — Você está lindo — Ela diz suavemente antes de sair do sofá e subir as escadas sem outra palavra.

Eu paro no restaurante do outro lado da cidade, tendo acabado de fazer check-in com Peters pela segunda vez desde que saí para saber se está tudo bem. Ele prontamente me disse para relaxar, me divertir e me foder antes de desligar o telefone.

A sala de espera é grande e mal iluminada por lanternas que revestem o teto. Os garçons estão andando por aí anotando pedidos de coquetéis quando imediatamente localizo Aria e Henry, o principal ponto focal da sala, enquanto a atenção de todos é atraída para eles, *como sempre*. Aria e Henry parecem um casal superstar quando vão a qualquer lugar. As cabeças se voltam quando eles

passam como se pertencessem a um catálogo da Ralph Lauren em ‘casal perfeitamente vestido’.

Claro, o relacionamento deles parece muito diferente por dentro.

Aria pula, seu champanhe quase derramando para o lado, e acena para mim. — Yay! Você está aqui! E na hora! — Ela gira o dedo em um círculo. — Vire para mim.

Henry acena para mim e revira os olhos, como se dissesse, *ela faz essa merda comigo também*. — Maninho — Diz ele com um empurrão de seu queixo. Eu aceno de volta, mesmo que uma parte de mim esteja um pouco irritado por ele ter assinado essa farsa. Meu irmão mais velho é alguns centímetros mais alto que eu, mas com muito menos músculos. Seu cabelo é mais escuro e seus olhos lembram mais os do nosso pai, um azul escuro, diferente do meu castanho e do da minha mãe.

Eu me viro e olho para Aria. — Você aprova?

Seus lábios vermelhos brilhantes se curvam em um sorriso brilhante. — Você parece bem. Orgulhosa de você, campeão.

— Você age como se eu não soubesse me vestir.

— Você não sabe. Maddie aprovou isso?

Um nó se forma na minha garganta ao ouvir seu nome e eu imediatamente viro minha cabeça para um garçom com qualquer tipo de álcool para soltar o nó. — Nah, ela não estava realmente por perto quando eu saí.

— Ela não estava em casa? Onde ela está? — Eu imediatamente ouço a mãe em sua voz.

— Não, ela estava, mas eu só a vi brevemente.

As sobrancelhas de Aria franzem, mas ela não pressiona mais quando uma lufada de perfume muito forte inunda minhas narinas. Dou um passo para trás, esperando colocar algum espaço entre eu e o cheiro opressivo quando ele se aproxima. Viro a cabeça para ver uma mulher com cabelos loiros avermelhados, olhos azuis reluzentes e lábios cor-de-rosa brilhantes vindo para mim. Um sorriso desenhado em sua boca e seus olhos quando ela estende a mão. — Oi, eu sou Penélope.

— Cal. — Eu sei me apresentar mesmo quando não estou com vontade, então ligo o charme. — É um prazer conhecê-la, Penélope. — Eu sorrio e inclino minha cabeça para o lado, meu movimento óbvio que me permite verificar descaradamente uma mulher que então pensaria que eu estava interessado.

Isso infla o ego delas e as faz se sentirem mais confortáveis. Mesmo que eu estivesse longe de estar interessado neste momento. Não consigo parar o pensamento irritante que continua surgindo de que Maddie está chateada por eu ter saído, mas tento tirar isso da minha cabeça. Nós caminhamos para a mesa, minha mão descansando nas costas de Penélope enquanto ela reclama sobre estar tão animada para experimentar este restaurante. Para ser honesto, a voz dela está irritando meus malditos nervos. Estamos sentados em uma mesa perto de uma janela, o que nos permite olhar para a floresta atrás do restaurante, iluminada por luzes penduradas.

— Estou tão feliz que fizemos isso. — Aria sorri enquanto toma outro gole de champanhe. Henry amamenta seu uísque e gengibre e eu luto contra a vontade de mandar uma mensagem para Madeline para ter certeza de que ela está bem. Como se ela pudesse me ouvir, meu telefone vibra no bolso. Aria e Henry não estranham o fato de eu ter que responder às mensagens, então não penso em nada quando pego meu telefone. — Desculpe-me um segundo.

Franzo a testa quando percebo que não é Madeline e realmente está relacionado ao trabalho. *Seja como for, isso realmente poderia esperar.*

— Tudo bem, chefe? — Aria pergunta com uma sobrancelha levantada, e eu aceno.

— Então, Aria disse que você é o Chefe de Polícia. Você gosta disso? — A voz de Penélope gorjeia ao meu lado.

— Sim, é ótimo. Adoro. Eu sempre quis ser policial, sempre quis ajudar as pessoas, e o poder de fazer a diferença é uma responsabilidade que não encaro de ânimo leve.

— Uau — Ela enfia a mão sob o queixo e sorri para mim — Isso é realmente admirável.

Eu concordo. Maddie me admira. Ela me disse uma e outra vez que eu sou seu herói. Que ela acredita que eu fui colocado nesta Terra apenas para mudar sua vida e a vida de tantas outras pessoas. Ela está imensamente orgulhosa de mim, e eu uso esse orgulho com honra que brilha mais do que qualquer distintivo que eu tenha. — Obrigado.

— Ela também disse que você tem um... um... tipo de filha?

Eu rio e meu coração dispara como sempre faz enquanto me preparo para explicar a um potencial interesse romântico sobre Maddie. Não explico para todo mundo, mas algumas pessoas conhecem a história do que aconteceu naquele barraco do outro lado da cidade há tantos anos e estão curiosas. Eu praticamente podia ouvir os ovários estourando toda vez que eu contava a história, mas normalmente ignoro, já que a história de Madeline não fez muito além de me esventrar.

Seu corpo tremendo em meus braços. Seu medo de abandono. A maneira como ela gritou por mim quando tentaram nos separar. Levou-me a um lugar escuro que às vezes me leva um segundo para romper. Eu coço minha barba enquanto meus olhos examinam o restaurante, procurando por alguém que possa me trazer uma bebida. — Sim, Madeline. Ela não é minha filha.

— Mas ela mora com você? — Acho que não ouço malícia ou julgamento, mas é limítrofe, então já sinto a defesa chegando enquanto preparo minha declaração.

Aria e Henry trocam um olhar, como se soubessem que é muito cedo para seguir esse caminho e que estou a segundos de lê-la por dar sua opinião não solicitada. — Sim. — Dou-lhe um olhar, avisando-a para observar seu próximo passo, que ela deve entender porque seus olhos se arregalam e balança a cabeça.

— Eu não quis dizer... eu só estava curiosa, só isso.

— Curiosa sobre o quê? Você costuma perguntar às pessoas que adotam crianças que passam por experiências traumáticas por que sentiram a

necessidade de cuidar delas? — Mesmo quando ouço as palavras, sei por que estou na defensiva, mas ignoro a luz estridente que me diz que não tenho mais esses sentimentos por Maddie. Que ela está mudando lentamente de categoria na minha vida e não há nada que eu possa fazer sobre isso. Eu nunca adotei Maddie tecnicamente, então nem sei por que sinto a necessidade de fazer essa analogia, e Aria e Henry também devem se perguntar, por que me olham com curiosidade.

— Desculpe. — Ela solta um suspiro e olha para Aria. — Hum, eu vou ao banheiro feminino.

Ela e Aria saem da mesa e Henry me lança um olhar. — Acalme-se, Cal. O que há de errado com você?

— Você sabe como me sinto sobre as pessoas dando sua opinião sobre Maddie.

Ele aperta a ponte do nariz e fecha os olhos. — Ela estava apenas perguntando, e você arrancou a cabeça dela, pregando de algum palanque sobre adoção, quando você nunca adotou Maddie. — Ele me olha por cima do copo enquanto toma um gole.

— Desculpe — Eu resmungo, percebendo que talvez eu tenha sido rápido demais para explodir com ela. Não foi culpa dela que eu tenha ficado apertado pra caralho depois desta manhã. *Inferno, mais como o último ano de merda.*

Ele se inclina para a frente e seus olhos se estreitam preocupados. — O que há com você, cara?

— Nada.

— Há algo acontecendo com Maddie? Essa é a única vez que você está realmente de mau humor. A menos que seja algo relacionado ao trabalho, mas Aria disse que as coisas andam calmas ultimamente.

Reviro os olhos pensando em como meu irmão e sua esposa acham que meu humor pode ser controlado por uma garota de dezessete anos.

Quase dezoito anos, minha mente decide me lembrar disso e bem na hora, meu pau pula nas minhas calças.

— Preciso de uma bebida — Eu digo, olhando ao redor do restaurante. Meu rosto cai um pouco quando vejo Aria e Penélope se aproximando da mesa. Eu estava esperando conseguir uma bebida antes que eles voltassem. Acho que agora é a hora de suavizar as coisas se não quero que Aria corte meu pau amanhã, então me viro para ela e sorrio.

— Desculpe por isso... acho que tive muitas opiniões jogadas em mim pelas minhas decisões nos últimos dez anos.

— Oh — Seus olhos se arregalam e ela sorri como se não estivesse esperando meu pedido de desculpas, mas emocionada por ela estar recebendo — Não se preocupe, eu entendo. Eu não quis ser intrusiva.

— Tudo certo. Devemos pegar algumas bebidas?

Nós estamos saindo mais tarde naquela noite, depois do jantar, e Aria e Henry estão indo em direção ao Uber depois que ambos beberam demais. Eu, por outro lado, fiquei por um e depois mudei para água, apesar de Penélope me incitar a tirar algumas fotos com eles. — Espero que você não esteja dirigindo.

— Não, humm... Eu posso chamar um Uber. — Ela diz.

Estou instantaneamente irritado com meu instinto de cavalheiro quando eu só quero ir para casa e verificar Maddie depois de seu silêncio de noite toda. Quando ela era mais nova e eu tinha encontros, ela me mandava uma mensagem rápida, me perguntando como estava indo e para tirar uma foto do menu de sobremesas para que ela pudesse escolher algo para eu levar para ela.

As coisas eram tão simples naquela época.

Não me impediu de lhe pedir um pedaço de bolo de cenoura.

— Vou levá-la para casa.

— Ah, você tem certeza? — Ela olha para mim através de seus cílios e me dá um sorriso tímido que eu vejo instantaneamente.

— Sim, vamos lá.

Vinte minutos depois, estou estacionando em seu prédio e ela hesita com a maçaneta da porta enquanto eu desafivel o cinto de segurança para sair e acompanhá-la até à porta. — Você quer subir?

— Talvez outra hora, Penélope. — Eu sorrio para ela, tentando decepcioná-la suavemente. — Eu tenho que acordar cedo e...

— Entendo. — Ela me corta, e uma parte de mim se sente como um idiota, mas outra parte ‘uma parte ainda maior’ me oprime, e essa parte só se importa em ser um idiota para Maddie.

Eu dou a volta no meu carro para ajudá-la e a acompanho até à porta da frente. — Eu me diverti.

— Eu também, Cal. — Ela me abraça, e quando se afasta, eu pressiono meus lábios nos dela, tentando acalmar a rejeição que ela pode estar sentindo o melhor que posso. Mesmo quando faço isso, parece errado. Eu não sinto nada e isso me irrita pra caralho. Ela beija bem e eu nem consigo apreciá-la. Seus braços imediatamente envolvem meu pescoço enquanto ela se aproxima de mim, deslizando sua língua pelos meus lábios e persuadindo a minha nos dela. Deixo isso continuar por um bom tempo, antes de me afastar, deixando um enorme sorriso em seu rosto. Ela me dá um pequeno aceno e noto que seu perfume permanece mesmo depois que ela desaparece lá dentro.

Dirijo na velocidade de um piloto de corrida para chegar em casa, e quando estaciono na minha garagem, aceno para Peters no caminho. Não estou surpreso ao ver uma luz acesa, sabendo que Maddie sempre a deixa acesa para mim, para que não fique escuro como breu quando chego em casa. Não espero que ela acorde a 1 da manhã, então fico chocado quando a vejo sentada na escada assim que entro em casa.

— Mads? Por que você está acordada? E sentada aqui?

Ela pisca para mim como se não tivesse certeza de ter me ouvido ou não tivesse certeza de como responder. A vergonha e a culpa invadem meus sentidos, e tento afastá-los com a crença de que não tenho motivos para me sentir culpado. — Eu trouxe bolo. — Eu seguro a sacola e novamente ela não responde.

— Maddie, o que há de errado? — Eu me aproximo para me sentar ao lado dela no degrau, mas deve ter sido a coisa errada a fazer porque ela recua e balança a cabeça.

— Eu sinto o cheiro dela em cima de você. — Ela torce o nariz como se fosse ofensivo.

— Desculpe, ela estava usando muito.

— Eu... eu posso levar para a lavagem a seco... seu paletó. Porque é... forte. — Eu não consigo ler o humor dela, então apenas aceno graciosamente. — Você gostou dela?

— Era legal.

— Não foi isso que perguntei.

— Maddie, o que está acontecendo com você, hein? Eu sinto que você está com tanta raiva de mim e...

— Porque você está com raiva de mim! — Ela se levanta na minha frente e franze as sobrancelhas para mim.

Eu franzo minhas sobrancelhas, confuso. *Quando estou com raiva de você?* — O quê? Não, eu não estou. Por que eu ficaria bravo?

— Esta manhã? — Ela pergunta fracamente.

Oh. Certo. Toda a razão pela qual eu concordei com essa porra de encontro. Para enfatizar ainda mais a linha que Maddie e eu não precisávamos cruzar. *Nunca.*

— Eu não sou louco. Foi um acidente. Estamos bem, Maddie. Sempre.

— Eu sorrio para ela, esperando que isso *a deixe* um pouco menos brava *comigo*. Exceto que seus olhos mostram que ela está *chateada*.

— Você a beijou?

— O quê?

— Tem batom... — Ela aponta para o meu rosto e eu posso ver a dor tão clara quanto o dia em seu rosto.

Porra. Porra. PORRA. Eu nem pensei em checar o espelho entre deixá-la e chegar em casa.

— Maddie, você está fora da porra da linha. — Eu me levanto, encerrando oficialmente essa conversa. Mas não exatamente pelo motivo que eu esperava. Eu superei isso porque ela está com ciúmes e eu odeio que ela esteja. Eu odeio que ela não me conheça bem o suficiente para saber que ela é a única mulher que importa para mim.

Minha mente tenta ignorar que eu só pensava nela como uma mulher. Mas meu pau ouve alto e claro.

Minha mente continua a correr enquanto coloco o bolo na geladeira.

— Desculpe? — Ela gruda em mim.

— Você me ouviu, Madeline. Então, o quê, eu a beijei? Por que essa porra importa? — Espero que ela possa ouvir a tradução em minhas palavras. *Não importa. Não importa. Você. Fodendo. Importa. Não nos obrigue a fazer isso esta noite.*

Ela pisca os olhos algumas vezes e balança a cabeça. — Você tem razão. Merda. É... seu negócio.

Foda-se isso. — Maddie... — Eu estico um braço para ela, de repente chateado comigo mesmo pelo tom que eu usei com ela quando eu a testemunhei desligando diante dos meus olhos.

— Obrigada pelo bolo. Vou para a cama. — Ela sai da cozinha lentamente, como se eu pudesse atacá-la se ela fizer algum movimento brusco antes que eu a ouça correndo pelas escadas e fechando a porta.

CAPÍTULO 5

Madeline

Eu posso sentir a dor física atrás das pálpebras na manhã seguinte, quando a luz do sol espia pelas persianas. Passei a noite inteira em lágrimas depois do que aconteceu entre mim e Cal e não apenas porque estava chateada e sentindo o que acredito ser algum tipo de desgosto, mas porque fui humilhada. Eu agi como uma namorada ciumenta e ele me repreendeu por isso.

Como diabos eu deveria enfrentá-lo novamente?

Admito, eu estava com ciúmes. Ver o rosa em seus lábios misturado com o cheiro dela sobre ele me fez sentir territorial pra caralho. Me irritou que alguma mulher tivesse tentado reivindicar seu direito sobre ele. Uma alegação que eu de alguma forma me torci para acreditar que tenho direito.

Você não pode tê-lo, Maddie! Eu estava tão cego de ciúmes que as palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse detê-las.

Cal não quer você, Maddie. Por que diabos ele quereria um garota idiota?! Uma criança cujos lençóis ele teve que trocar quando ela fez xixi na cama.

Mesmo que tenha sido apenas uma vez, aconteceu, e o que te faz pensar que ele te veria de outra forma que não como aquela garota? Talvez um dia como adulta, mas certamente nunca como parceira.

Eu abro meus olhos e gemo quando a dureza da luz do dia atinge meu rosto. Eu mergulho meu rosto no meu travesseiro e gemo novamente. Meus

olhos estão inchados e cansados e eu já posso apostar que eles estão vermelhos junto com a minha pele manchada que vem com o meu choro. A casa está quieta, e presumo que Cal já tenha saído para o trabalho, então saio do meu quarto e desço as escadas para procurar um café sem sequer olhar no espelho. Quando desço, fico surpresa ao vê-lo sentado na cozinha, lendo o jornal e, por um breve momento, penso em voltar correndo para o andar de cima para me esconder.

Excelente.

Eu passo por ele, murmurando um *bom dia* e pego uma caneca para me servir de uma xícara de café.

— Ei. — Sua voz é suave. Como mel quente derramando sobre mim e afundando em meus ossos.

Eu me viro e coloco a xícara fumegante em meus lábios. — Ei.

Ele franze a testa e se levanta, caminhando até mim. — Seus olhos estão tão vermelhos. — Ele toca a pele sob eles e poderia muito bem ter sido uma linha direta para o meu sexo, porque pulsa sob seu toque inocente.

— Eu uh...eu fiquei até tarde lendo no meu telefone.

Ele balança a cabeça como se não acreditasse em mim e dá um passo para trás. — Eu disse para você parar com isso. Você vai arruinar seus olhos.

Sua bronca não faz nada além de acelerar o meu pulso. *Deus, o que há de errado comigo?*

— Certo. Desculpe.

— Ei, escute, sobre a noite passada... — Ele começa e eu balanço minha cabeça, não querendo ir por esse caminho novamente e já sentindo o formigamento familiar que faz minhas lágrimas se formarem.

— Cal... — Eu interrompo — Podemos não...?

Ele para e eu tomo um minuto para admirar sua aparência. Jeans escuros que o abraçam em todos os lugares certos e um moletom da Academia de Polícia o fazem parecer um jovem estudante universitário e não um homem de trinta e três anos. Seus olhos parecem estar fazendo o mesmo comigo porque quando os meus encontram os dele, eles estão colados no meu peito. Eu me sinto ficando quente sob seu olhar e apenas quando pensei que não poderia ficar mais excitada, ele dá um passo à frente. — O que está acontecendo com a gente, hein?

Quer dizer, além do fato de que estou tão desesperadamente apaixonada por você que não consigo enxergar direito? Nada.

Eu penso em derrubá-lo. Fazendo com que ele se sentisse louco e que nada havia mudado entre nós. Penso em evitar a pergunta com uma piada. Mas, inevitavelmente, eu vou com a verdade.

— Não sei. — Mordo meu lábio inferior e olho em seus olhos tempestuosos. Olhos que pela primeira vez parecem não ter todas as respostas. Sua mão se estende e puxa meu lábio inferior entre meus dentes e eu suspiro. Olho para sua mão enquanto ele a abaixa lentamente e sinto seus olhos no meu rosto, mas não encontro seu olhar. Ele dá mais um passo em minha direção e meu coração começa a acelerar. Uma batida forte no meu peito que combina com a que está entre as minhas pernas. Ele está bem na minha frente neste momento e

levanta meu queixo lentamente para encontrar seu olhar. Seu polegar encontra meu lábio inferior novamente, e ele traça a pele tão levemente que mal a sinto. *Mas vejo isso.*

— Cal. — Minha voz sai como um gemido. Ele deve ter estado em algum tipo de transe até agora, sem perceber quão perigosamente perto está de nos levar por uma linha da qual não poderemos voltar porque um gemido sai de seus lábios e ele dá um passo para trás.

Balança a cabeça. — Preciso sair um pouco. Você estará aqui?

— Eu... eu ia ao supermercado com Margie... já que o Dia de Ação de Graças é semana que vem? — Eu digo fracamente, meu corpo totalmente se preparando para quebrar assim que Cal não estiver na cozinha. Sinto que estou tão tensa que estou a segundos de me quebrar em mil pedaços confusos que não tenho esperança de juntar novamente.

— Certo. — Seus olhos disparam para o meu colar, como sempre fazem quando ele sabe que estarei longe dele. O pingente de coração em volta do meu pescoço é na verdade um rastreador que Cal me deu quando eu tinha uns nove anos. Houve um surto de gangues em algumas cidades que estavam cruzando para nosso pequeno e pacífico condado. Cal não tinha jurisdição lá, mas ele estava subindo na hierarquia rapidamente, e havia rumores de que um homem que ele havia colocado na prisão era irmão de um dos membros da gangue. Poucas horas depois da primeira ameaça, eu tinha proteção 24 horas por dia, e me disseram que eu nunca poderia tirar esse colar.

— Cal, estou com medo. E se os bandidos me pegarem?

Ele se ajoelha na minha frente e tira os óculos escuros, permitindo que eu veja seus olhos preocupados. Como sempre, meus olhos se movem para seu distintivo brilhante e eu toco o metal. — Você sabe que eu nunca deixaria ninguém chegar até você. Eu morreria antes de deixar qualquer coisa acontecer com você.

Meus olhos se arregalam e eu jogo meus braços ao redor de seu pescoço e deixo as lágrimas fluírem com o pensamento de sua morte. — Você não pode morrer. Se você morrer, quem vai cuidar de mim?

— Ei ei. Já conversamos sobre isso. — Ele me puxa e me dá um beijo na testa. — Aria e Henry sempre cuidarão de você. Ou Margie. Ok? Você tem uma família agora, Maddie. Uma que nunca viraria as costas para você ou te machucaria. — Até Cal, as únicas experiências que eu realmente tinha com a família terminavam em morte, então eu não gostava muito do termo 'família'. Mas eu gostava do homem doce que me acolheu e me deixou virar sua vida de cabeça para baixo nos últimos dois anos, então se ele disse que éramos uma família, eu estava dentro.

— Você é minha família.

Ele sorri e bate no colar que acabou de colocar no meu pescoço. — Isso fica, Maddie. Sem desculpas.

— Ok.

— *Estou falando sério. Dormindo. Tomando banho. Não sai, nunca. Entendeu?*

— *Tudo bem, mas por quê?*

— *Tem um rastreador nele, então se alguma coisa acontecer... — Ele para e balança a cabeça. — Se algum dia nos separarmos, isso me dirá onde você está, ok?*

Eu seguro o colar mágico na minha mão e o aperto. — Oooh. Você também tem?

Ele ri. — Não.

— *Mas como vou saber onde você está?*

— *Por enquanto, acho que só você precisa do rastreador, certo? — Ele levanta uma sobrancelha e eu franzo a minha.*

— *Isso é treta.*

— *Olhe a linguagem, Madeline! — Seus olhos se arregalam, mas eu posso ver o humor neles, e coloco minha mão sobre a boca e dou uma risadinha.*

— *Bem, é!*

Eu toco o colar e ele balança a cabeça em resposta, como uma linguagem que só nós podemos entender. — *Diga oi para a mamãe por mim.*

Eu concordo. Ele se vira e sai da sala, e quando estou prestes a soltar um suspiro de alívio, ele para. Está de costas para mim e, mesmo sob o moletom,

posso ver a tensão subindo por suas costas. — Para que conste, não pretendo vê-la novamente. — Minha boca cai aberta com sua declaração. — É da sua conta, Maddie, e por você ficar chateada... não me agradou.

Ele não espera pela minha resposta antes de sair da cozinha e subir as escadas. Uma parte de mim, uma parte muito grande, me incita a segui-lo. Para confessar a ele o que os últimos três anos significaram para mim. O que eu poderia potencialmente querer no futuro. Dei dois passos antes de congelar, percebendo que um movimento impulsivo como esse poderia ter resultados catastróficos. Cal vai mudar de um jeito ou de outro.

De um jeito bom ou ruim.

Estou pronta para tudo o que eu já conheci nos últimos dez anos pegar fogo?

A porta da frente se abre com tanta força que acho que se soltou das dobradiças. Eu pulo o que parece ser um metro quando ouço passos subindo as escadas. Que diabos? Eu me pergunto se ele está procurando por mim, mas não percebe que estou deitada no sofá, lendo. — MADDIE! — O grito me abala profundamente, um grito tão torturado que fala com a jovem que se escondeu em um armário enquanto seu pai assassinava sua mãe. Estou fora do sofá em um segundo e voando pelas escadas, apenas para ver Cal sentado contra a parede na

frente da minha porta. Seus cotovelos estão apoiados em seus joelhos e sua cabeça está em suas mãos.

— Cal... o que...? — Eu começo quando seus olhos disparam para encontrar os meus. Tudo acontece tão rápido, mas em segundos, estou contra a parede, seu corpo alto se elevando sobre o meu pequeno.

— Maddie... — Ele solta um suspiro. — Porra. Você está aqui.

— Claro, estou aqui. Eu mandei uma mensagem para você quando cheguei em casa da loja...

— Não, quero dizer... — Ele se afasta da parede, agarrando seu cabelo e virando as costas para mim. — DROGA! — Ele grita novamente.

— O que há de errado, o que aconteceu?

— Eu literalmente morreria se algo acontecesse com você. — Ele vira a cabeça ligeiramente para que eu possa ver seu perfil. — Você entende isso?

— Ei, eu estou bem, ok? Estou aqui. — Envolver meus braços ao redor dele e pressiono minha bochecha em suas costas. Suas mãos encontram meus braços e começam a esfregá-los suavemente.

— Esta garota era tão jovem. Sua idade quando nos conhecemos. — Meu sangue gela, pensando no que poderia fazê-lo reagir dessa maneira. Sem chance. Ele sempre os encontra a tempo. Ele é um super-herói. — Ele a pegou também. — Eu me sinto sendo arrastada para o chão e antes que eu perceba o que está acontecendo, estou no colo dele. — Eu não pude salvá-la, Mads. — Sua

voz está quebrada e misturada com raiva, tristeza, confusão. — Por que... por que não consegui chegar lá?

— Não é sua culpa, Cal. — Eu pressiono minha mão em sua bochecha e acaricio a barba espetada. — Você não pode salvar todos nós.

— E se eu não pudesse chegar até você? E se...

— Você não pode pensar assim, Cal. Você chegou até mim. Você me salvou... de muitas maneiras. Quem sabe o que teria acontecido comigo se eu entrasse no sistema? Se eu não tivesse alguém cuidando de mim... — As lágrimas brotam dos meus olhos, como sempre acontece quando penso no que *poderia ter acontecido*.

— Não consigo parar de pensar no que teria acontecido se eu chegasse tarde demais. Se ele chegasse até você antes de se matar...

— Ele não o fez. — Eu pego sua mão e entrelace nossos dedos. — Estou aqui, viu? — Estou ciente do fato de que estou sentada em seu colo e acho que ele está começando a perceber isso também porque ele se move um pouco e limpa a garganta.

— Eu tenho você — Ele sussurra e eu aceno em concordância.

Você sempre me teve.

— Certo. Bem... — Ele começa enquanto tenta me mover, mas eu o paro, pressionando minhas mãos em seus ombros para interromper seus movimentos.

— Cal — Eu sussurro. Meus lábios estão tão perto dos dele que posso sentir o gosto do café e da hortelã do chiclete que ele sempre mastiga. Estou olhando para seus lábios, querendo tanto um gosto que mordo meu lábio para parar de agir no desejo primitivo. — Eu tenho você também.

— Maddie... — Seu coração bate debaixo da minha mão e quando ele tenta se mover, eu me seguro no chão e o empurro para que ele fique deitado de costas, comigo pairando sobre ele. — Madeline — Ele resmunga. Sua voz está rouca e eu me pergunto se é porque ele está literalmente se esforçando para evitar que seu pau suba debaixo de mim. Não tenho certeza de como acabei nessa posição, montando no homem que me criou desde que eu tinha sete anos, mas sabia que não tinha intenção de me levantar até me esfregar nele apenas uma vez.

Esta tinha sido minha fantasia nos últimos três anos e eu estava muito dominada pela luxúria para me importar que fazer isso mudaria tudo com um toque suave sobre sua dureza entre nós. Eu me pergunto se ele podia sentir o calor irradiando entre minhas pernas. Eu sabia que minha calcinha estava encharcada e eu tinha certeza de que o short minúsculo que eu estava usando não estava fazendo muito para controlar o dilúvio.

Ele tosse, mas já assisti pornô o suficiente para saber que ele está tentando abafar um gemido. Não tenho certeza do que está acontecendo em sua mente, mas tenho quase certeza pelo brilho em seus olhos que é tão depravado quanto o que estou pensando. *Ele não é seu pai, Madeline.*

Ele tem sido mais um pai para você do que o seu verdadeiro.

Eu engulo quando as palavras passam por mim e se espalham como fogo por todo o meu corpo e se reúnem entre as minhas pernas. Mordo meu lábio inferior, fazendo um esforço para não mover um músculo. — Sim, Cal? — Meus olhos perfuram os dele enquanto ele se deita de costas embaixo de mim.

— Você deveria se levantar — Ele me diz, e apesar do metro e meio e de quarenta quilos de músculo que ele tem de mim, não me tira de seu colo.

Empurre-o, Maddie.

Eu pressiono minhas mãos em seu peito suavemente e balanço minha cabeça para a frente e para trás. — Mas... isso não é o que você quer.

— Madeline, para cima — Ele vocifera e eu enrolo meus dedos em sua camisa e cavo em seu peito enquanto me afasto um pouco para que meu sexo fique bem contra seu pau.

Tento ignorar a corrida em meu coração quando meu clitóris pulsante assume totalmente o controle, e antes que eu possa me impedir, eu esfrego contra seu pau.

— Maddie, por favor... — Sua voz é dolorida e eu estava planejando parar totalmente ‘talvez’, mas quando abro os olhos, os de Cal estão fechados e posso dizer que ele está cerrando os dentes.

— Apenas... faça isso por mim. Por favor. — Eu imploro enquanto o fogo entre minhas pernas se torna maior a cada golpe. Seu pau está totalmente duro neste momento e sinto meu clitóris espreitar entre os lábios do meu sexo.

Escorregadio e inchado e desesperado para ser tocado sem duas camadas de roupas.

— Maddie, não podemos... — Seu rosto está vermelho sob a barba, trazendo um traço de ruivo em seus pelos faciais. — Por favor... levante-se.

— Você pode me obrigar. — É uma aposta, sim, mas uma que estou disposta a aceitar. Suas mãos apertam minhas coxas e eu sei que é hora de aumentar a aposta. Esfrego novamente, acariciando seu pau com minha boceta para cima e para trás lentamente, provocando. — Mas acho que posso fazer você gostar.

— Madeline...

— Talvez você devesse parar de dizer meu nome. Está fodendo com a sua cabeça.

— Você me beijar a seco está fodendo com a minha cabeça. Dizer seu nome está me impedindo de nos levar a algum lugar de onde não podemos voltar.

Eu congelo. — Como o quê?

— Você sabe o quê. — Sua voz é baixa e vibra pelo meu corpo.

— Como me foder?

A palavra mágica com *F* deve fazê-lo voltar a si porque ele está se sentando em um instante e agarrando meus antebraços. Um cheiro familiar flutua ao nosso redor e eu me pergunto se ele pode sentir isso também. Sexo. Meu sexo. Excitação. Meu orgasmo se formando na minha boceta e pingando na

minha calcinha. Ele lambe os lábios e seus olhos escurecem do castanho habitual para quase preto.

— Cal. — Meus olhos caem para sua boca e sinto seu olhar procurando meu rosto.

— Maddie. — Seu tom quase soa como uma pergunta, mas não tenho certeza da resposta. *Ele está me pedindo para parar? Ou me pedindo para continuar?*

— Eu queria isso... por tanto tempo.

— Eu não sei o que é isso , mas isso está errado.

— Eu não contarei a ninguém. Nem mesmo Sasha, juro.

— Esse não é o ponto, Mads... eu sou...

— Não é meu pai. — *Talvez esse aspecto proibido do nosso relacionamento me excite pra caralho, mas pode matar Cal.*

— Eu deveria proteger você.

— Quem disse que você faz?

— Eu não posso... gostar disso .

— Você prefere que eu deixe outro garoto fazer isso? — Eu estou pressionando ele e sei disso. Eu sei que Cal é super protetor quando se trata de mim. Ele quer me manter em uma gaiola até que eu me case.

— Você deixa outro garoto te tocar e eu vou arruinar o futuro dele — Ele retruca.

— Por quê?

— Você sabe por quê, Madeline. Ninguém é bom o suficiente para você.

— E você?

— Eu não sou uma opção.

— Eu acho que tenho uma palavra... — Eu me movo em seu colo. — Seu pau certamente tem uma.

Ele geme e cai de costas, fechando os olhos e colocando a mão sobre o rosto e noto que ele ainda não me moveu. — Você não pode dizer coisas assim.

— Cal, eu sei que você gosta de ter controle sobre todas as situações, mas por uma vez, eu preciso que você apenas... relaxe. — Seu peito está subindo e descendo tão rapidamente, e eu juro que posso ouvir seu coração batendo sob minhas mãos.

— Mantenha a porra da sua roupa. — Ele vocifera e eu aceno. Feito. Eu fecho meus olhos e começo a balançar para a frente e para trás contra ele novamente. — Abra-os. — Presumo que ele se refira aos meus olhos e quando o faço, seu olhar trava com o meu instantaneamente. Suas mãos se movem para meus quadris, agarrando-os enquanto eu me movo para a frente e para trás.

— Porra. Isso é bom.

— É... isso? — Ele engasga, e eu aceno.

— Vou gozar.

Ele limpa a garganta, e quando encontro seus olhos, eles estão cheios de luxúria. — Diga-me quando.

Concordo com a cabeça e suas mãos sobem pelos meus quadris e descansam sob a camiseta que estou vestindo. Ele acaricia a pele logo acima do meu umbigo enquanto meus quadris começam a se mover mais erraticamente enquanto eu persigo o orgasmo que estava fora de alcance. — Eu vou gozar, oh porra! — Ele envolve as mãos em volta da minha cintura novamente, movendo meu corpo mais rápido contra seu pau. — Quero esperar por você. — Eu choramingo quando meus dedos dos pés começam a enrolar.

— Não. Goze, Madeline. Goze para mim, agora mesmo.

Goze para mim. Essas três palavras são muito mais altas que o resto e têm uma linha direta com meu clitóris que parece que está prestes a se quebrar em um milhão de pedaços. — Oh, Deus, Cal! — Eu grito enquanto me contorço em cima de seu pau. Meu corpo parece como se eu tivesse enfiado um dedo em uma caixa de luz e dei um curto-circuito em todos os nervos do meu corpo. Eu caio em seu peito, minha cabeça descansando sobre seu batimento cardíaco. Meus membros parecem pesar cem quilos, desossados e inúteis, e tenho quase certeza de que perdi o sentido da visão porque, quando abro os olhos, tudo está embaçado e desfocado. Não é até que uma lágrima escorre pelo meu rosto que eu percebo que estou chorando enquanto meu corpo procura o equilíbrio após o orgasmo mais intenso da minha vida. — Oh meu Deus, isso foi incrível — Eu gemo.

— Puta merda — Eu ouço antes de ser virada de costas e ele está se esfregando contra mim entre minhas pernas abertas. Eu envolvo minhas pernas em torno dele esperando que ele entenda a mensagem e se aproxime de mim, e

ele deve ser conduzido por seu pau, neste momento, porque ele se inclina e paira sobre mim. Seus lábios a uma polegada dos meus. — Eu te beijo e acabou.

— O quê?

— Tudo o que já conhecemos.

— Estou disposta a arriscar.

— Você não pode dizer uma palavra disso para ninguém. Ninguém pode saber que eu te toquei assim... assim.

— Eu sei.

— Eu perderia tudo. Eu perderia... você.

— Eu também sei disso. — Meu coração bate mais rápido com o pensamento de estar longe de Cal. Ele tem sido meu herói, meu cavaleiro de armadura brilhante e o amor da minha vida por tanto tempo e as linhas estão embaçadas há algum tempo. *Mas pelo que parece, ele está se recuperando.* — Eu não contarei a ninguém. Nosso segredo.

Eu vejo o menor indício de um aceno de cabeça, e então suas mãos estão subindo pelo meu corpo e segurando meu rosto. — Você é linda pra caralho.

— Quando você percebeu? — Eu pergunto, morrendo de vontade de saber quando as coisas mudaram para ele. Quando eu não era mais a garota que ele salvou da tragédia mais horrível de sua vida.

— Você não quer saber.

— Sim eu quero.

— Um ano atrás...

Eu suspiro. — O quê...?

— No seu aniversário de dezessete anos. Você correu até mim e pulou em meus braços para me agradecer pelo carro... eu... eu quase te deixei cair. — Meu coração salta no meu peito e mil borboletas derramam seus casulos no meu estômago. Ele se esfrega contra mim novamente e eu sinto meu corpo começar a cantarolar de prazer enquanto ele se constrói novamente.

— Você pensa em mim quando se toca?

— Sim, mas eu nunca me deixei gozar... pensando em você. Nunca sobre você. — Ele abaixa a cabeça quase envergonhado e pressiono a mão em sua bochecha.

— Por que isso é uma coisa ruim?

— Eu sou um monstro, Maddie. Não acredito que estou fazendo isso com você. Prometo que um dia pagarei por um terapeuta realmente bom.

Eu rio. — Não faça piadas enquanto seu pau está pressionado contra mim.

— Eu faço piadas quando estou nervoso. Você sabe disso.

— Por que você está nervoso?

— Porque esta é... você, e eu tenho lutado contra o desejo de gozar desde que você montou em mim dez minutos atrás.

— Pare de lutar contra isso, Cal. Solte. — Eu o agarro pela nuca e o puxo para mais perto de mim e me inclino um pouco, deixando-o saber o que pretendo fazer e então nossos lábios se tocam.

Não de um jeito estranho como a maioria dos primeiros beijos são. Não de uma forma lenta e apaixonada como quando você beija seu amante depois de não beijá-lo por tanto tempo. Mas de uma forma apressada, frenética, agressiva, dura e áspera. Ele morde e eu mordo de volta. Sua língua varre entre meus lábios, e eu o encontro com uma urgência raivosa. Estou tão desesperada por seu gosto na minha língua que exploro cada centímetro de sua boca. É desleixado e molhado e alto e, francamente, o beijo mais quente da minha vida.

Ele pressiona meus braços acima da minha cabeça, segurando-os lá, e entrelaça nossos dedos enquanto sua língua penetra na minha boca de uma forma que eu gostaria que seu pau estivesse fazendo com a minha boceta. Ele luta contra mim com abandono selvagem e imprudente, lutando pelo orgasmo que ele passou sabe Deus quanto tempo lutando e então ele goza. Longo e forte. Eu sei assim que ele goza porque geme na minha boca e seus beijos ficam ainda mais frenéticos, se isso é possível. Nosso beijo não para quando seu orgasmo diminui. De alguma forma, fica ainda mais selvagem e descontrolado. Somos um emaranhado de braços e pernas, entrelaçados no mais delicioso quebra-cabeça, nossas pélvis pressionadas juntas enquanto anseiam por serem conectadas. Eu empurro minhas mãos através de seu exuberante cabelo castanho ondulado e me pego fantasiando sobre agarrá-lo enquanto sua cabeça desaparece entre minhas coxas. *Talvez minha fantasia favorita de todos os tempos e eu me pergunto se poderia fazer isso se tornar realidade.*

— Cal — Eu gemo quando ele se afasta para chupar um lugar no meu pescoço — Por favor.

— Por favor, o quê?

— Por favor, podemos tirar as roupas.

— Não — Ele retruca e assim, é como se um balde de água gelada tivesse despejado em cima de nós, nos tirando da névoa do sexo. Ele está fora de mim, colocando espaço entre nós pela primeira vez desde que começamos e ele se afasta de mim. — Puta merda, eu não posso acreditar que deixei isso acontecer...

— Cal... — Eu me aproximo dele e ele estende a mão para me impedir de chegar mais perto.

— Não, Madeline. Pare.

Lágrimas correm para meus olhos e meu lábio inferior treme. — Mas...?

— Eu não sou seu namorado. Eu sou... porra, eu não sei mais o que eu sou. Mas isso não pode acontecer de novo.

— Por quê?

— Você sabe muito bem por quê. — Ele se levanta, e eu posso ver a evidência de nossos dois orgasmos em todo o seu moletom cinza. Sua ereção caiu, depois do orgasmo estrondoso, mas a mancha cinza escura conta a história do nosso encontro.

— Eu... sinto muito — Digo a ele, porque sinto. Eu o amo e me odeio por estragar tudo. Por deixar minha fantasia proibida controlar tudo. Arruinar

tudo. Espero que ele me diga que não tenho nada do que me desculpar. Que era culpa dele. Que ele poderia ter me movido. Nada.

O que eu não esperava era que ele fosse embora sem dizer mais nada.

CAPÍTULO 6

Madeline

Não vejo Cal pelo resto do dia.

Não foi por falta de tentar.

Eu passei pelo quarto dele pelo menos vinte vezes, esperando que ele abrisse a porta e falasse comigo. Eu sei que ele estava escondido lá com raiva de si mesmo, e de mim, e provavelmente do mundo.

Minha mão paira sobre a porta esperando para bater quando eu a deixo cair.

Ele não quer ver você, Maddie.

Eu me afasto da porta e me arrasto de volta para o meu quarto passando uma série de fotos de Cal e eu e sua família... *minha família*. Paro em uma foto em particular. Cal e eu na minha primeira viagem à Disneylândia. Eu estava tão animada e não pude acreditar quando Cal me surpreendeu.

A gravidade do que Cal e eu fizemos me atinge com força total e o medo de que as coisas nunca mais sejam as mesmas entre nós vem rastejando em meu cérebro. *Ou pior, que ele vai me odiar para sempre.*

Não sei se é o estresse e a intensidade do dia ou o fato de estar realmente exausta, mas caio em um sono agitado.

O som da porta da frente se fechando me acorda do sono e percebo que meu quarto está escuro como breu. Eu me viro de lado e procuro cegamente pelo meu telefone, esfregando minha mão nos lençóis. Eu o encontro e o trago para o meu rosto. Eu toco no botão ligar iluminando o espaço ao meu redor.

Oito e meia de um sábado? Cal não costuma sair tão tarde, mas talvez algo tenha acontecido? Eu franzo a testa quando não vejo uma mensagem dele, pois é raro ele sair sem se despedir de mim. Desde que eu era jovem, ele fazia questão de me dizer que voltaria. Ainda me lembro da primeira vez que ele me deixou com Aria enquanto ia trabalhar.

Cal se ajoelha na minha frente e puxa meu coelho de entre os dentes. — Eu tenho que ir trabalhar um pouco, ok?

Meus dentes batem levemente, não porque estou com frio, mas porque estou com muito medo dele me deixar sozinha. — Você voltará?

— Sim, claro, eu estarei de volta. Não gosto de ter que deixá-la à noite, mas é muito importante.

— Coisas de super-heróis?

Ele sorri e acena com a cabeça, aquele brilho nos olhos que me faz pensar que ele é realmente feito de magia. Ele é o garoto mais bonito que eu já vi.

— Coisas de super-heróis.

— Posso ir também? — A prata brilhante de seu distintivo chama minha atenção e eu estendo a mão e corro meu dedo sobre o metal.

— Não, muito perigoso para você. Mas você ficará com Aria, ok?

— Você vai me acordar quando voltar?

— Vai ser muito tarde.

*Meu lábio treme e as lágrimas se formam em meus olhos. — Por favor?
Eu quero saber que você voltou.*

— Eu sempre voltarei, Maddie. Eu prometo.

— Se você não fizer isso, eu ficarei sozinha. Quem vai cuidar de mim? —
Eu abaixo meu queixo tristemente enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Você nunca estará sozinha. — *Ele balança a cabeça para mim e
levanta meu queixo, enxugando as lágrimas dos meus olhos. — Eu vou te acordar
quando eu chegar, tudo bem?*

— Você promete?

— Prometo. — *Ele bate no meu nariz e empurra os dedos indicadores
nas minhas bochechas tentando me fazer sorrir, e eu faço depois de alguns
momentos, abrindo um sorriso completo e depois uma risada quando ele se
levanta. Ele acena para mim antes de sair pela porta da frente. Eu corro para a
janela e vejo quando ele sai, acenando para ele o tempo todo enquanto ele
desaparece na noite.*

Eu coloco minha cabeça pela janela e vejo a viatura usual parada logo na entrada da garagem. Pego meu telefone e disco o número que sei de cor e fico instantaneamente irritada quando ele não atende ao telefone. Ele sabe que eu me preocupo quando ele não responde, e eu sei que às vezes ele fisicamente não pode, mas eu tenho certeza que essa não é uma dessas vezes, já que ele acabou de sair de casa. Então não só sou a garota preocupada que sempre fui quando não consigo falar com Cal, mas agora sou a garota preocupada que pensa que é porque ele a está ignorando depois do que aconteceu mais cedo. Meu telefone ganha vida em minhas mãos e eu atendo ansiosamente. — Você saiu sem dizer adeus? Você está brincando? — Eu estalo assim que atendo.

Ele suspira e eu posso ouvir o zumbido do motor, me fazendo pensar que estamos no viva-voz. *Merda, eu não tenho ideia se alguém está no carro com ele.*

— Sinto muito, Maddie. Era uma emergência e eu sabia que você estava dormindo. — Ele faz uma pausa e depois continua. — Estou sozinho no carro.

Eu aceno como se ele pudesse me ver. — Você voltará? — Eu sussurro, minhas memórias pesando em mim como uma tonelada de tijolos.

— Sempre. — A única palavra penetra em meus ossos e me aquece depois de toda a sua frieza hoje.

— Você vai me acordar quando entrar?

— Vai ser tarde.

— Você sabe que eu não me importo.

— Maddie...

— O quê, Cal? Então, você vai para o seu trabalho de alto risco sem se despedir e agora não vai me acordar quando chegar em casa em segurança? Eu não concordei com esses termos — Eu atiro.

— Bastante certo que os termos mudaram hoje — Ele resmunga e parece um soco no estômago.

— É disso que se trata?

— O que mais poderia ser, Madeline? Não acredito que deixei isso acontecer. Não pode acontecer. Nunca mais.

Minha mão aperta em torno do meu telefone e meu pulso acelera em resposta à raiva correndo por mim. — E você teve que fazer isso por telefone? O quê, você não conseguiu me encarar?

— Não no momento, não. — Eu não digo nada e o silêncio entre nós se estende pelo que parece um minuto inteiro. As coisas ficaram estranhas entre nós depois do que aconteceu? — Eu não quero que você saia.

— Por quê?

— Porque já é tarde.

— São oito e meia. — E eu sinto que estou sendo essencialmente, não sei, despejada? Rejeitada? Seja qual for esse sentimento, é uma droga e eu preciso de Sasha ou inferno, Aria.

— E se você tivesse planos, eu saberia sobre eles. Fique em casa, Madeline.

— Posso ir para a casa de Aria e Henry?

— Aria foi chamada.

Soltei um suspiro. — Sasha pode vir?

— Não.

— Por quê?

— Porque a última vez que ela veio quando eu não estava lá, vocês duas ficaram bêbadas pra caramba.

Estávamos entediadas! — Tranque seu armário de bebidas.

— Você arrombou a fechadura! — ele discute.

Eu bufo. — Isto é ridículo. Bom.

— Obrigado. Vejo você quando chegar em casa.

— Tchau. — Arrependimento se desenrola em meu peito no segundo em que termino a ligação enquanto penso no fato de que não disse a ele para ficar seguro. Eu digito uma mensagem para ele, meu dedo pairando sobre a tecla enviar, antes de fechar os olhos e enviar.

Eu: Fique seguro. Eu te amo.

Super-herói: De volta para você, Mads.

Não foi a primeira vez que eu disse a Cal que o amava, e ele não hesitava em dizer isso de volta, mas é a primeira vez que eu digo isso desde que sua língua esteve na minha garganta.

O estrondo na cozinha me desperta do sono. Fiz questão de assistir a um filme na sala ao invés do meu quarto, sabendo que adormeceria no sofá e faria com que Cal tivesse que me acordar quando chegasse em casa. *Ele nunca me deixaria dormir lá a noite toda.*

— Merda — Eu ouço da cozinha seguida pelo barulho do microondas. Eu preparei um pouco de fritura enquanto ele estava fora, sabendo que ele estaria com fome quando voltasse, e presumo que é isso que ele está tentando fazer. Sento-me, tirando o cobertor de cima de mim e vou até à cozinha, onde o vejo sentado à mesa com a cabeça entre as mãos e um copo de um líquido marrom, provavelmente uísque na frente dele.

— Noite difícil? — Eu pergunto.

Sua cabeça se levanta e você pensaria que eu estava nua pela maneira como ele olha para o meu corpo. Estou vestindo um moletom e leggings, então não é como se ele tivesse carne para deleitar os olhos. Olho para baixo para ver, me sentindo um pouco subconsciente, mas quando encontro seus olhos, eles estão cheios de algo que não reconheço.

Desejo, talvez?

— Não tão difícil como esta tarde — Ele resmunga.

— Sinto muito que tenha sido tão difícil para você. Não te darei a árdua tarefa de ter que me beijar de novo, juro. — Eu estava cansada de sua atitude de adolescente mal-humorado.

Esse é o meu papel.

Em vez disso, estou lidando com isso com muito mais maturidade, me fazendo imaginar quem exatamente é o adulto aqui. Vou em direção ao microondas e abro a porta, sabendo que ele sempre o deixa lá por muito tempo e com certeza sua comida está praticamente fumegando. O prato está quente e eu puxo minha mão para trás, o calor queimando minha pele e subindo pelo meu braço. — Foda-se — Eu gemo enquanto aceno minha mão para tentar esfriar meus dedos. Ele está ao meu lado instantaneamente, puxando minha mão para a pia e deixando-a correr sob a água fria que não faz nada pela minha pele aquecida que está respondendo ao seu toque. — Você sempre o deixa lá por muito tempo.

— Desculpe. — Ele puxa meus dedos debaixo da água e os segura em sua mão antes de puxar a mão molhada para seus lábios, sugando o excesso de água da minha pele. Ele pressiona beijos em cada um dos meus dedos queimados antes de deixá-lo cair suavemente. — Melhorou?

Não, isso certamente não melhorou. Que tal se você chupar meus dedos para melhorar? — Você está me dando uma chicotada séria.

Seus olhos se arregalam e ele dá um passo para trás, provavelmente lembrando que me tocar é o que nos colocou em problemas mais cedo. — Não consigo pensar quando estou tão perto de você. Eu tomo decisões ruins.

— Estar me tocando é tão ruim?

— Não... sim... você é inteligente o suficiente para saber que não tem nada a ver com você. Beijar você foi... incrível. Tocar você, sentir você... eu não consigo tirar isso da minha cabeça — Ele me diz enquanto se senta e pega sua bebida.

— Mas...?

Trazendo sua bebida aos lábios, ele me lança um olhar. — Mas... isso não pode acontecer de novo, Maddie.

— Por quê? É só beijar...

Ele ergue uma sobrancelha para mim e me olha de cima a baixo como se estivesse tentando mostrar sua atração por mim e *como é difícil apenas me beijar*. — Você e eu sabemos que o que aconteceu aqui esta tarde é uma ladeira escorregadia.

— E se eu prometer não pressionar por mais?

Ele bufa enquanto pega seu prato que esfriou e se senta à mesa. — Sim, tudo bem, eventualmente você vai querer mais. — Ele empurra sua comida ao redor de seu prato e olha para mim. — Eventualmente, vou querer mais.

— Então é isso?

— É isso. Eu sou seu tutor legal. Eu não posso... nós não podemos... Não. — Ele balança a cabeça.

— Você não me adotou. Eu não sou sua filha.

— Além disso, você tem *dezessete*. Eu sou um oficial da lei. Eu sei disso. Eu nem deveria ter tocado em você do jeito que toquei. — Ele deixa cair a cabeça em suas mãos e puxa o cabelo.

— Então não faça sexo comigo até que eu tenha *dezoito anos*. Além disso, metade dos estados dos EUA dizem que posso dar consentimento aos dezessete anos ou menos! Eu posso me casar ainda mais cedo com o consentimento dos pais. — *Então, você basicamente*. Ele me lança um olhar e eu reviro os olhos. — Acalme-se! Deus, você ainda é tão fácil de irritar. Você age como se eu não fosse ter dezoito anos em menos de um mês.

— Isso não é engraçado, Madeline — Ele retruca.

Sento-me ao lado dele e deslizo minhas pernas sobre seu joelho e apoio um cotovelo na mesa. — Desculpe, eu entendo toda essa coisa de fazer piadas quando estou nervosa com você, eu acho. — Sorrio antes de pegar sua bebida e tomar um pequeno gole.

Ele ri e sua mão encontra meus lábios, passando o polegar sobre a pele. Ele não diz nada por um tempo antes de murmurar: — Você é tão linda. — Ele acaricia minha bochecha, segurando-a suavemente e eu descanso minha mão sobre a dele.

— Você também é.

Seus olhos descansam em meus lábios, traçando sobre a plenitude e minha língua sai para molhá-los.

— Porra. — Seus olhos se fecham e quando ele os abre, posso ver a guerra em seus olhos sobre o que fazer.

Ele solta um suspiro e se ajusta, e eu engulo o nó na minha garganta ao vê-lo crescer sob a calça. Eu olho para cima e seu olhar encapuzado está me penetrando, me vendo, me *conhecendo*. Eu não posso olhar para qualquer lugar, exceto seus olhos e quão perto ele está chegando de mim. Não tenho certeza de quem começou a se mover primeiro, mas em pouco tempo nos encontramos no meio, nossas línguas em uma batalha que nenhum de nós se importa em vencer. Ele tem gosto de uísque e tempero do refogado e uma pitada da virilidade crua que provei antes. Sua língua é experiente, exigente e áspera contra a minha tímida que não fez isso, tantas vezes. Ainda estamos longe o suficiente de nossas posições na mesa e estou nervosa demais para me aproximar por medo de quebrar a neblina e assustá-lo novamente. Mas ele faz o movimento, levantando-se e nos separando por um segundo antes de me puxar em seus braços. Eu envolvo minhas pernas ao redor de sua cintura por instinto antes de subirmos as escadas nossos lábios nunca se separando. — Eu preciso de você no meu quarto. Vai me assustar muito estar no seu.

— Sim, por favor. Leve-me para o seu quarto — Eu gemo quando cruzamos a soleira e caímos em sua cama. Estou de pijama, mas ele ainda está de camisa e calça. Eu quero dizer a ele para se trocar antes de sujarmos isso, assim como fizemos com seu moletom mais cedo, mas eu me preocupo que ele entre

em pânico com o pensamento de ficar nu na minha frente. — Cal — Eu gemo quando seus lábios encontram meu pescoço, sugando a pele e eu aprecio a ideia de ter um chupão. Minha pele normalmente impecável roxa e azul com recortes de seus dentes na carne.

— Eu não marcerei você aqui. — Sua voz está baixa em sua garganta e faz todo o meu corpo formigar. — Talvez em algum lugar menos visível.

— Tipo... entre minhas pernas? — Eu posso sentir minhas bochechas esquentando com vergonha ou *talvez excitação?*

— Merda, exatamente lá.

Eu respiro fundo, tentando desacelerar minha respiração enquanto penso nele deixando um chupão. Na porra da minha boceta.

Eu morri e fui para o céu...

Ou talvez o inferno.

— Aposto que seu clitóris é bem rosa e bonito. Aposto que você tem um gosto doce pra caralho.— Ele morde meu pescoço novamente e eu grito.

— Você quer tentar? Eu não acho que seja tão doce. — *Tanto para não pressioná-lo, Mads.*

Ele se afasta para olhar para mim. — Você já tentou?

— Certo. — Eu dou de ombros. — Eu estava curioso.

— Porra. — Ele geme antes de se sentar nos calcanhares e esfregar a palma da mão na testa. — *Eu não posso comer você.* — A grosseria de suas palavras desliza pela minha espinha da maneira mais deliciosamente pecaminosa.

Não acredito que ele disse isso! — Isso vai destruir o resto da minha determinação.

Sento-me nos cotovelos e pisco várias vezes. — Ok — Eu sussurro baixinho. — Podemos voltar a nos beijar?

— Não.

Droga, Maddie, você tinha que ser gananciosa!

— Toque sua boceta — Ele exige, seus olhos são escuros e ferozes, como se ele estivesse se preparando para me rasgar com os dentes.

— O quê?

— Deslize seus dedos sob sua calça. Não os tire e não me mostre sua boceta. Mas apenas se dedilhe para mim... e eu provarei você de seus dedos.

Meus olhos se arregalam e meu coração salta uma batida no meu peito antes de retornar ao ritmo constante entre as minhas pernas. — Você está falando sério?

Ele balança a cabeça e se move para se sentar contra a cabeceira da cama. — Venha aqui.

Eu faço o que me mandam e ele me puxa para que minhas costas fiquem encostadas em seu peito, meu traseiro pressionado contra seu pau. Suas pernas estão abertas e eu estou entre elas sentindo seu pau pular a cada poucos minutos. Seus lábios encontram meu ouvido antes que ele morda suavemente. — Finja que sou eu.

— Eu sempre finjo que é você. — Eu viro minha cabeça ligeiramente e ele pressiona um beijo no canto da minha boca. Eu já me esfreguei em dois orgasmos estrondosos duas vezes hoje em resposta ao que aconteceu mais cedo, mas eu sei que eu poderia gozar provavelmente em dois minutos após os últimos minutos. Eu deslizo meus dedos sob o cócs da minha leggings e pressiono meus dedos dentro da minha boceta.

— Como é?

— Molhada. Escorregadia.

— Porra. Você provavelmente está encharcada, não é? Sua calcinha está encharcada.

— Eu não estou usando calcinha.

— Oh Deus. — Ele range os dentes. — Não me mostre sua boceta, Madeline Shaw, estou falando sério.

Eu choramingo com o uso do meu nome completo. Eu belisco meu clitóris e estremeço em seus braços quando meu corpo começa a subir. — Puta merda, Cal. Oh Deus, me toque. Por favor.

— Por favor, não me peça para fazer isso. — Sua voz é rouca e tão suplicante quanto a minha.

Minha boca se abre quando eu jogo minha cabeça para trás, um gemido gutural escapa dos meus lábios enquanto eu subo cada vez mais alto em direção ao clímax. Eu adiciono outro dedo me fodendo com dois enquanto meu polegar continua a acariciar meu clitóris. — Caaaal. — Meus olhos se contorcem atrás das

minhas pálpebras, como sempre acontece quando o orgasmo é particularmente poderoso e, por um segundo, sinto que estou paralisada. Nada funciona, exceto os três dedos dentro da minha boceta. Não consigo pensar, não consigo falar, não tenho 100% de certeza de que estou respirando. Estou vagamente ciente de que minha mão esquerda está cavando em sua coxa e meus quadris estão se movendo por conta própria contra a minha mão. — Eu vou gozar.

— Sim, você está fodendo — Ele geme no meu ouvido, e por um breve momento, eu me pergunto se ele estava falando esse tempo todo e eu simplesmente perdi. — São meus dedos dentro de você? Minha língua? Ou meu pau? Diga-me, Maddie. O que você imagina?

— Sua... l...língua. Oh Deus! Sim!! — Eu grito quando visões da língua de Cal sacudindo meu clitóris me empurram para o limite. Seus lábios estão na minha têmpora, descendo pela minha bochecha e eu vagamente o ouço-me dizer que sou uma boa menina. Que eu sou perfeita. E nada no mundo é mais bonito do que eu. Eu me sinto exausta por ser meu terceiro orgasmo naquele dia quando o sinto puxando minha mão de entre as minhas pernas. Eu mal consigo um vislumbre disso, brilhando com meus sucos quando seus lábios os envolvem.

— Eu sabia que não deveria provar você. Mas não posso evitar. Eu tenho que saber. — Eu o ouço ainda chupando meus dedos e aquele feixe de nervos entre minhas pernas que ainda está pulsando de repente se intensifica. *Putá merda, eu não terminei?*

— Cal... por favor, me toque.

— Não, Maddie. Se eu te tocar, eu vou querer te provar e se eu te provar, eu vou querer te foder. Eu não posso te tocar. Não posso foder você.

— Mas...

— Não, Madeline. — Ele fica tenso embaixo de mim e eu brevemente me pergunto se ele está voltando a si e está prestes a me fazer sair de seu colo. Eu me viro para encará-lo e me sento entre suas pernas.

— Posso tocar em você?

Ele engole e balança a cabeça. — Por favor, não.

— E se... como antes? — Eu pergunto enquanto coloco minhas mãos em suas coxas. Eu lentamente as movo para cima até que elas estejam presos ao redor de seu pau. Aperto e vejo seu pau pular. — E se eu apenas sentasse nele agora... e esfregasse nele por um tempo. Estaria tudo bem? — Ele engole e eu não tomo isso como um não, então eu faço o meu movimento, subindo em seu colo e montando nele. — Isso não está errado.

Ele revira os olhos e coloca as mãos sobre eles antes de coçar a barba.

— Isso é todo tipo de errado, Maddie.

— Nós não estamos fazendo sexo. — No entanto, minha mente acrescenta e rezo por tudo o que é sagrado para que meu subconsciente esteja correto. Que eventualmente chegaremos lá.

— Você se esfregando no meu pau até que gozemos está no topo da lista de coisas que não deveríamos estar fazendo. — Posso ouvir a hesitação em sua voz, mas também ouço a luxúria.

O querer.

Eu posso ver a guerra por trás de seus olhos sobre o que fazer, então eu o pressiono um pouco mais.

— Shhh. — Eu começo a me esfregar contra ele e posso sentir os sucos do meu orgasmo se espalhando por dentro da minha legging. A costura do tecido roça meu clitóris com cada golpe e me pergunto se vou gozar novamente. — Você está tão duro. Deus, Cal. É tudo para mim? — Eu envolvo meus braços ao redor de seu pescoço enquanto começo a me mover mais rápido contra ele. Suas mãos encontram meus quadris e começam a controlar a velocidade, me empurrando e me puxando com mais força para ele.

— Sim. — Ele assobia. — É para você. — Seu rosto se dobra em meu pescoço e sinto meus mamilos endurecendo quando roço contra ele. — Por favor, não me odeie um dia por isso — Ele sussurra tão baixo que eu quase perco.

Mas eu não perco.

Eu o puxo para longe do meu pescoço e balanço a cabeça. — O quê? — Eu paro de me mover e olho diretamente nos olhos dele. — Eu nunca poderia te odiar. Jesus, Cal, eu te amo. Isso não é uma paixão ou algum complexo de herói bizarro. Estou completamente apaixonada por você. Você não entende isso? — Seus olhos seguem meu rosto, meu palpite é, procurando um sinal de que estou falando sério ou que não tenho certeza. Eu agarro seu rosto em minhas mãos. — Eu sei que você pode não estar sentindo o que estou sentindo, mas...

Seus lábios cortam os meus com um beijo tão ardente que quero arrancar minhas roupas. Eu começo a me mover novamente, para combinar com

os movimentos de nossas bocas. — Estou bem aí com você — Ele sussurra contra meus lábios.

CAPÍTULO SETE

CAL

Eu oficialmente perdi a minha mente.

Essa é a única coisa que daria uma razão plausível para meu comportamento nos últimos três dias.

Tocando Maddie.

Beijando Maddie.

Degustando Maddie.

Porra. Porra. Porra.

Não foi o suficiente eu tocá-la ou beijá-la ou deixá-la se esfregar contra mim até que gozei em minhas calças como um adolescente excitado, mas eu tive que chupar seu orgasmo de seus dedos. Eu tive que correr minha língua sobre cada uma de suas pontas, meu cérebro memorizando o doce sabor de sua excitação.

Isso foi há três dias, e não consigo tirar esse gosto da cabeça. Ela tinha um gosto salgado, mas doce e eu juro que continuo correndo minha língua por cada centímetro da minha boca em busca de qualquer indício de seu sabor que possa ter permanecido.

Eu sabia que seria um erro prová-la, mesmo que não fosse da fonte, porque tudo o que fez foi liberar essa besta à espreita dentro de mim. Uma que

quer devorá-la. Prendê-la no colchão e fodê-la até que ela não saiba seu próprio nome.

Até que ela não saiba o meu.

Até que ela me chame de *papai*.

Eu queria aquele presente precioso que ela colocou entre as pernas e queria reivindicá-lo como meu. Eu sei por Aria e porque nenhum cara tem coragem de tocar na 'garotinha' do chefe de polícia, que ela ainda é virgem... e eu quero ser aquele homem que tem o primeiro gosto.

Eu quero dirigir meu pau tão longe em sua boceta doce que ela nunca vai querer mais ninguém além de mim.

Esse é o homem perigoso que tenho tentado manter afastado. Aquele que tem o poder de estragar tudo.

De arruiná-la.

Maddie, no entanto, parece estar mais do que disposta a treinar com a fera e está fazendo o possível para tirá-la do esconderijo, e é por isso que seu corpo quente está pressionado contra mim e se mexendo contra minha ereção matinal.

Seus suspiros suaves não estão fazendo nada além de me deixar mais duro e apenas quando estou pronto para chutá-la para fora da cama para que eu possa me controlar, ela gira em meus braços e me encara com aqueles olhos azuis suaves.

Ela pisca várias vezes, como se estivesse tentando se convencer de que está tudo bem estar na cama comigo às 6 da manhã. — Bom dia.

Eu tento sair de seu alcance, mas ela segura mais forte e se aconchega mais perto de mim, deslizando sua perna pela minha e batendo meu pau em sua coxa. Seus lábios encontram meu pescoço e ela deixa beijos leves como penas desde a parte de trás da minha orelha até ao topo do meu ombro e depois de volta.

Eu a seguro pela cintura e a puxo para mais perto, apesar das vozes na minha cabeça me dizendo para colocar espaço entre nós. — Porque você está acordada tão cedo? — Eu viro meu nariz em seu cabelo e respiro seu cheiro. O xampu dela cheira a coco e limão e eu me acostumei a sentir o cheiro dele em todo o meu travesseiro.

— Sua mãe estará aqui em breve... — Ela para — Para começar a cozinhar.

— Por que concordamos em tê-la aqui este ano? — Eu gemo.

Ela se senta e metade de mim está grata por ela não se sentar no meu colo. *A metade superior.* Ela puxa o cabelo para um lado, expondo seu pescoço esbelto e impecável para mim e tudo o que posso pensar é afundar meus dentes na pele e deixar uma marca. Então a faça usar o cabelo para cima para que o mundo possa ver que alguém a reivindicou. Ela pertence a alguém que é possessivo o suficiente para deixar sua marca nela como um aviso para se foder.

Eu sinto a fera arranhando minha garganta e me empurrando para ela. Estou vagamente ciente de que ela está falando algo sobre o Dia de Ação de

Graças e como todos nós pensamos que seria divertido tê-los aqui quando eu a puxo em meu colo e meus lábios em seu pescoço. — Cal — Ela choraminga, e sim, estou duro como uma fodida rocha.

Maddie disse meu nome provavelmente um milhão de vezes ao longo dos últimos dez anos e agora, de repente, meu nome caindo daqueles lábios carnudos me deixa mais duro do que granito. — Diga meu nome novamente. — Minha voz é tão rouca que nem a reconheço, mas o arrepio que percorre Maddie me alerta que ela reconhece.

— Cal — Ela grita enquanto eu mordo sua carne. Corro minha língua sobre a pele, fazendo o possível para aliviar a dor dos meus dentes. Suas mãos encontram a parte de trás da minha cabeça e ela puxa o cabelo enquanto inclina a cabeça mais, permitindo-me mais acesso. Eu amo como ela se abre para mim; tudo o que eu quero dela ela me dá tão cegamente. Ela alimenta a besta, e se eu fosse um homem melhor, diria a ela para parar. Diga a ela para correr. Mas eu não vou. Porque a besta em mim está apenas respondendo à que há nela.

O que já foi desencadeado e não parece querer me deixar ir sem lutar.

— Cal, por mais que eu queira continuar com isso, sua mãe disse... Ah!
— Eu mordo e ela engasga.

— Não fale sobre minha mãe enquanto você está sentada no meu pau.
— Eu ainda estou chupando seu pescoço quando ela finalmente remove meus lábios dela. Ela coloca as mãos no meu peito e me encara com um olhar de repreensão, mas eu posso ver a luxúria à espreita. Seus olhos estão dilatados, mas não consigo tirar os olhos da marca roxa que se forma em seu pescoço. Eu

pressiono meus dedos no espaço, admirando meu trabalho e lanço a ela um olhar malicioso.

— E como explicarei um chupão? — Ela morde o lábio inferior porque eu sei que uma parte dela está ligada que eu deixei uma marca. *Minha marca*.

— Faça alguma coisa. Eu não me importo com o quê.

— Eu terei que dizer que foi um cara.

— Eu não falaria. — É um aviso que espero que ela preste atenção. — Encontre um cachecol — Eu rosno para ela. Se ela acha que estou disposto a ir junto com alguma farsa onde algum outro homem pode tocá-la, é melhor ela pensar novamente.

— Eu não sei de onde veio esse seu lado homem das cavernas. — Ela se inclina para a frente e pressiona seus lábios nos meus. — Mas acho que adoro. — Ela pula da cama antes de me atirar uma piscadela conspiratória. — Ele será muito mais fácil de quebrar.

Quando desço, minha mãe já está na cozinha, para minha decepção e do *meu pau*. Eu tinha planos de me esgueirar atrás de Maddie e beijá-la até que alguém chegasse. Mas provavelmente foi o melhor. Maddie ainda tinha mais três dias de folga da escola e com a forma como as coisas estavam progredindo entre nós, muito tempo a sós provavelmente terminaria com meu pau dentro dela.

Sentimentos de vergonha inundam meu cérebro. *Não*. Eu desenhei aquela linha na areia. Sob nenhuma circunstância eu poderia fodê-la.

Esta é apenas uma fase. Uma fase estranha em que ela está descobrindo como fazer a transição para a próxima fase de sua vida.

E o que você está fazendo? Minha voz da razão, que estava muito quieta até agora, finalmente fala.

Estou... tentando navegar em um relacionamento com uma garota prestes a completar dezoito anos que não me lembra mais da garota que salvei quando ela tinha sete anos.

Sou policial e conheço as regras de brincar com uma garota menor de idade. Eu me encolho com as racionalizações que já estão rastejando em meu cérebro: que eu não a toquei, eu não a vi nua, eu não transei com ela. Sim, nós nos beijamos muito, eu a fiz gozar... e ela me fez gozar...

— Mamãe. — Eu sorrio, enquanto entro na cozinha, tentando me livrar dos meus pensamentos anteriores. Olhos castanhos quentes que eu juro que têm a capacidade de trazer o sorriso da paz mundial para mim por trás de seus óculos. Seu cabelo está começando a ficar grisalho, mas ela estava pintando nos últimos anos para combater isso, então ainda é a cor âmbar mel que eu vi toda a minha vida. Ela já tirou os sapatos e está usando os chinelos que guarda aqui e se serviu de um copo de suco de laranja, que eu não tinha cem por cento de certeza que não tinha champanhe nele... *ou vodka*.

Minha mãe teve um relacionamento contínuo com o álcool desde que meu pai se separou, e embora não fosse suficiente para Henry e eu admitirmos

que ela tivesse um problema, ele espreitava nas sombras de todos os nossos jantares e interações familiares. — Cal! Oi, querido, feliz Dia de Ação de Graças! — Ela gorjeia enquanto me puxa para um abraço e aperta. — Meu querido menino, você parece bem. — Ela coloca as mãos nas minhas bochechas e as aperta para franzir meus lábios. — Nas últimas vezes que te vi, você parecia cansado. Você parece bem descansado. Sem olheiras. — Ela aponta sob meus olhos.

Eu mantenho meus olhos longe de Maddie que está no canto descascando batatas, tentando ignorar o fato de que a razão de eu estar dormindo tão bem foi porque ela está dividindo a cama comigo. *E o que estávamos fazendo antes de sucumbir ao sono.*

— Obrigado, mãe, você parece bem também. Onde está Grant? — Eu pergunto sobre o meu padrasto. Grant Donovan é namorado da minha mãe desde que eu tinha uns sete anos, então para todos os efeitos, ele é meu padrasto.

— Oh, eu o mandei para a loja. Esqueci o leite, e você não tinha nenhum! Mads, eu poderia jurar que você me disse que tinha leite?

— Nós temos leite, Margie. — Ela não se vira para olhar para nós, mas já posso ver o olhar atrevido em seu rosto.

— Não, isso é água, querida.

Maddie se vira e coloca as mãos nos quadris e franze a testa. Percebo que seu cabelo está solto, embora ela esteja usando uma faixa para manter o cabelo fora do rosto e um lenço para cobrir o pescoço sobre uma camiseta e calça de moletom.

— Eu te disse — Digo a ela porque, francamente, essa merda de leite desnatado é água.

É quase meio-dia. Grant e eu estamos sentados na sala assistindo ao jogo do Lions quando ouço barulho no corredor.

— Esse é provavelmente o seu irmão — Diz Grant e eu imediatamente me preparo para o pior. Grant é o gerente do maior banco da cidade, não tem filhos, nunca se casou e deu à minha mãe o amor e a atenção que ela não recebeu em seu primeiro casamento. Eles estão morando juntos desde que saí de casa, e estou feliz que minha mãe tenha alguém com quem compartilhar sua vida. Henry não é tão receptivo quanto eu, e os dois brigaram em mais de uma ocasião.

— Vocês dois podem controlar suas merdas hoje? — Eu grito enquanto tomo um gole de cerveja, me entregando ao álcool já que não tenho planos de sair de casa hoje. Eu trabalho no Natal e Ano Novo, então o Dia de Ação de Graças é o dia em que folgo, a menos que haja uma emergência.

Grant esfrega a mão na testa. — Eu não tenho paciência para o drama do seu irmão hoje.

— Cuidado — Eu aviso.

— Por que ele não pode ser tão legal quanto você, hein? — Ele passa a mão pela cabeça cheia de cabelos grisalhos e solta um gemido.

Henry entra na sala e imediatamente se senta na poltrona adjacente sem nem mesmo olhar na direção de Grant. — Os Lions estavam ganhando quando saímos, eles ainda estão?

— Sim, mas Philly está na linha de três jardas.

— Fodidos — Henry resmunga.

— Ei, Henry. — Grant acena para ele e Henry olha para mim antes de lhe dar um sorriso torto.

— Grant. — Ele concorda.

Reviro os olhos para sua petulância. — Onde está Aria? — Eu não a ouvi rir uma vez, então é seguro assumir que ela ainda não está aqui.

— Ah, ela vai estar aqui mais tarde, queria ir para a academia primeiro. — Ele acena para mim enquanto continua a olhar para a tela, seus olhos não olhando para mim enquanto ele fala, permitindo que os meus se desviem para a cozinha na esperança de pegar um vislumbre de Maddie.

Quando Maddie e eu estamos no mesmo lugar, sempre fui hiperconsciente de onde ela está o tempo todo. No começo, era porque eu estava tão paranoico que algo aconteceria com ela. O Serviço de Proteção à Criança exigiam bastante no início. Não porque eles achavam que eu era uma má escolha, mas eles queriam ter certeza de que eu era a melhor escolha para Maddie. Com eu sendo um policial, assim como a presença constante de Aria, para não mencionar o fato de que era óbvio que Maddie tinha formado uma conexão

comigo, eventualmente eles recuaram, mas eu ainda estava com medo de criar uma criança.

Conforme ela ficou mais velha, essa paranoia se transformou em uma sensação de proteção. E agora sinto essa proteção se transformando novamente em outra coisa.

Possessividade.

Eu a quero perto de mim. Eu quero sentir sua pele sob meus dedos. Eu a quero sentada no meu colo, debaixo do meu queixo enquanto eu esfrego suas costas. Eu quero sentir seus lábios traçando meu pescoço e suas mãos brincando com meu cabelo.

Eu olho para Henry e Grant que estão olhando para a tela, e de repente minha necessidade de ter os olhos em Maddie me domina e eu saio do sofá. — Quer alguma coisa enquanto estou na cozinha?

Grant me lança um olhar que diz que *você está me deixando sozinho com ele?* Henry me lança um olhar semelhante, mas mais na linha de: *eu foderei com ele enquanto você estiver fora.* Suspiro e balanço a cabeça antes de ir para a cozinha.

Felizmente, minha mãe está de costas para mim enquanto prepara a torta que está fazendo, então meus olhos estão livres para percorrer Maddie. Eu arrasto meus olhos até à parte de trás de suas pernas e sua bunda perfeita e redonda que faz minhas mãos flexionarem por vontade própria quando me lembro de agarrá-la na noite passada. Eu gostaria de poder ver seu rosto doce, seus lábios, aquela covinha que aparece, seu nariz de botão e aqueles olhos azuis,

mas ela está de costas para mim também. Ela deve sentir meu olhar porque ela se vira e encontra meus olhos instantaneamente.

— Nada está pronto ainda. — Ela inclina a cabeça para o lado e coloca as mãos nos quadris. Eu posso ver o sorriso em seus olhos e o que puxa seus lábios, mas felizmente, sua voz me quebra do meu transe de olhar abertamente para ela enquanto minha mãe se vira.

— Estaremos prontas para virar o peru em alguns momentos, então espere. — Ela me diz enquanto levanta um dedo.

Eu consegui manter isso controlado na maior parte até Maddie subir para se trocar, e é preciso cada grama de autocontrole para não segui-la. Eu não me mexo do lugar e realmente respiro de alívio quando ela desce as escadas saltitando de volta com jeans que parecem pintados nela e uma gola alta preta. Um sorriso encontra meu rosto quando percebo por que ela tem que cobrir o pescoço, e eu juro que ela me lança um olhar malicioso quando nossos olhos se encontram brevemente.

O som da minha porta da frente se abrindo me lembra de que Aria não está aqui, e eu sorrio sabendo que Maddie ficará emocionada em vê-la. *E preciso de outro motivo para não ser imprudente.* Aria iria farejar isso em um segundo.

Talvez eu pudesse colocar a mão sobre os olhos de todos os outros, mas Aria é perspicaz e ela pode ler Maddie como um livro como só uma mãe pode.

— Feliz Dia de Ação de Graças! — Eu ouço gritos da cozinha.

Eu ouço minha mãe cumprimentá-la com igual entusiasmo, lembrando-me de começar a contar quantos drinques ela está servindo, mas meus ouvidos imediatamente se animam quando a ouço perguntar — Quem é esta?

Aria trouxe alguém? Meus olhos imediatamente vão para Henry, mas ele não deve ter ouvido porque seus olhos estão grudados na televisão como se ele não tivesse apenas ouvido a voz de sua esposa.

— Esta é Penélope... — Eu estou fora do sofá em um instante.

De jeito nenhum. Eu vou matá-la.

Imediatamente entro na cozinha para ver Aria e a garota com quem saí na semana passada. Meus olhos passam por ambas e imediatamente encontram Maddie que está olhando para Penélope como se ela pudesse enfiar uma faca nela.

— Oi, Cal. Olha quem eu trouxe! — Aria sorri, embora isso desapareça quando ela vê o olhar que estou dando a ela.

De repente, lembrando que eu tenho boas maneiras, e não posso imediatamente puxar Maddie para fora da sala para dizer a ela que eu não participei disso, eu falo, deixando um sorriso se desenhar nos meus lábios para cumprimentar a mulher que eu realmente gostaria que não estivesse aqui. — Penélope... ei.

— Ei, desculpe me intrometer totalmente...

— É exatamente isso que você está fazendo. — As palavras de Maddie perfuram o ar e a sala fica em silêncio antes de Margie bater em seu braço.

— Não seja rude, Madeline. Ela é amiga de Aria — Ela repreende.

— Sim, Mads, relaxe. Ela é nova na área e não tem família aqui. Eu não queria que ela ficasse sozinha no Dia de Ação de Graças. Além disso, todos nos divertimos quando saímos, certo Cal? — Aria me lança um olhar que diz, *não deixe Maddie pular em cima dela*.

A sala de repente parece muito pequena, e a raiva de Maddie está ocupando a maior parte do espaço. *Mantenha-se junto, Maddie*.

Não. Eu quase posso ouvi-la.

— Então, Penélope, esse é um nome bonito — Minha mãe interrompe enquanto ela tenta suavizar a tensão óbvia, embora eu tenha certeza que ela não tem ideia de por que o ar está gelado em primeiro lugar. — De onde você é?

— Los Angeles — Penélope diz com um aceno de cabeça. Estou apenas ouvindo pela metade enquanto ela conta uma história sobre crescer lá quando, para minha relutância, puxo Aria para fora da sala. Espero que estar na presença da minha mãe mantenha Maddie um pouco sob controle, embora provavelmente ela esteja prestes a explodir tudo isso.

— Que porra é essa? — Eu rosno para Aria e cruzo os braços sobre o peito. — Sua vida está prestes a ser um inferno na próxima semana. — Eu aponto meu dedo para ela e ela o afasta.

— O quê! — Ela pressiona os punhos firmemente em seus quadris. — Você ficou com ela, ela me disse!

— Uma pena, porque ela me convidou e eu disse que não. Por que você a trouxe aqui? — Não escondo a exasperação ou a irritação em meu tom. Meus nervos estão tão tensos que você poderia esquecê-los, e isso é depois que Maddie passou os últimos três dias sugando todo o estresse de mim através de seus beijos.

— Por que não?

— Porque vai dar a ela a porra da ideia errada. Apresentá-la à minha mãe? Para a porra da Maddie? Você sabe que eu não levo essa merda de ânimo leve — Eu vocifero.

— Olha, ela sabe que está aqui como minha amiga... não como sua *namorada*. Mas pensei que talvez vocês pudessem se conhecer um pouco melhor.

— Não.

Ela me encara confusa. — O que você quer dizer com não?

— Significa que não, e se você tivesse se dado ao trabalho de perguntar, eu teria dito que não estava interessado.

— Eca. — Ela zomba e revira os olhos. — Eu esqueci que você ainda tem algum filho da puta em você.

— Cuidado — Eu a repreendo como eu faço quando estamos no trabalho e ela esquece que eu sou seu chefe.

— Nós não estamos de uniforme, então você pode beijar minha bunda.

— Aria, você sempre faz essa merda. Você sempre acha que sabe o que é melhor e pode controlar minha vida como se tivesse algo a dizer. Afaste-se, Daniels, estou falando sério. — Eu grito seu nome de solteira como sempre faço quando ela me irrita.

A dor passa por seu rosto brevemente antes que eu a veja endurecer.
— Você está sendo um idiota.

— E você está enganando aquela pobre garota — Eu resmungo. Não que eu me importe particularmente, mas não posso explicar muito bem a raiz da minha irritação, então esta é a única carta que tenho para jogar.

— Não fui eu quem ficou com ela! Você não me disse que não estava a fim dela.

— Henry sabia que eu a beijei? Não. Porque não significava nada.

Ela revira os olhos e balança a cabeça. — Tudo bem, eu não pedirei para ela ir embora. E Margie vai chutar sua bunda se você fizer isso.

— Maddie provavelmente vai lidar com isso.

Ela cruza os braços sobre o peito. — E o que é isso? Eu nunca a vi ser malcriada assim.

— Ela não está sendo malcriada — Eu respondo sem pensar. Estou sempre na defensiva quando se trata de Maddie e raramente deixo alguém discipliná-la. Aria é a exceção muito pequena e até isso precisa ser esclarecido por mim. — Ela não gosta de ser pega de surpresa. Você sabe disso.

Aria estreita os olhos para mim, e imediatamente tento limpar meu cérebro dos últimos dias como se ela pudesse ler os pensamentos crus que tenho tido sobre Maddie. Eu deveria relaxar, porém, nunca em um milhão de anos Aria chegaria a essa conclusão. — Você deixa aquela garota ter muito poder.

Verdadeiro. — Não é disso que se trata.

— Oh? Você está perdendo o controle por causa da reação de Maddie. Você a mima.

— E você não?

Ela passa a mão pelo cabelo antes de prendê-lo. — Essa não é a questão. O ponto é que você a deixa ter muito a dizer em sua vida. Você sempre deixa.

— Isso é o que significa criar uma criança, Aria. Você os coloca em primeiro lugar. — No instante em que as palavras saem da minha boca, eu me arrependo. Não porque eu não quis dizer elas. E Deus sabe que sim. Eu coloco Maddie em primeiro lugar. Mas pensar nela como uma criança faz meu estômago revirar. Eu tenho tentado racionalizar minhas escolhas desde o momento em que pressionei meus lábios nos dela, e agora a voz da razão é alta e abrasiva e desliza pela minha espinha e agarrando meus sentidos. Eu me afasto dela e subo as escadas para o meu quarto, nem mesmo me incomodando em ir até à cozinha para me desculpar.

Você está doente, Cal. Você está machucando Maddie para seu próprio ganho egoísta. Aonde isso vai? Você vai se casar com ela? Fodê-la? Engravidá-la? Isso vai acabar muito bem com sua família e todos na cidade que o consideram

um herói pelo que você fez pela pobre órfã quebrada. Todo o meu trabalho duro, reconhecimento e elogios serão manchados. Eles vão pensar que eu a toquei quando ela era muito jovem para saber o que era certo.

Eles vão pensar que *eu a estuprei*.

E digamos apenas para argumentar que ninguém nunca descobre. Consigo esconder isso de todos até que esse relacionamento ou o que quer que seja, siga seu curso. Então o que acontece? Voltamos ao modo como as coisas eram?

Não. A relação que eu tinha com Maddie antes de começarmos tudo isso acabou. Não podemos voltar a isso. Não depois de beijá-la e tocá-la e... saboreá-la.

Porra.

Sons de fungadas me tiram dos meus pensamentos e antes que eu possa dizer a mim mesmo que essa é a pior ideia, estou fechando a porta do quarto de Maddie atrás de mim. — Vá embora, Cal. Não posso fazer isso com todo mundo lá embaixo. Não com sua namorada lá embaixo.

— Ela não é minha namorada e você sabe disso — Digo a ela enquanto me sento em sua cama ao lado dela. — Eu nunca soube que você era insegura. Você sabe que é minha garota número um. — Estou tentando manter minhas mãos longe dela, mas seu choro me faz sentir como se alguém tivesse enrolado arame farpado em volta do meu coração e toda vez que ela funga meu coração se contrai e o arame aperta.

Ela enxuga os olhos e evita o meu olhar. — Agora é diferente.

— Então, deixe-me ver se entendi, agora que estamos... aqui, você acha que significa menos para mim do que antes? — Eu levanto uma sobrancelha para ela e seus olhos azuis lacrimejantes encontram os meus.

— Ela é linda.

— Ela não é... você.

Ela engasga levemente, o ar se move através de seus lábios entreabertos e suas bochechas ficam rosadas. Sua língua sai para molhar sua boca e eu balanço minha cabeça ligeiramente. — Mais tarde — Eu sussurro.

— Por favor — Ela choraminga — Só por um segundo.

Eu engulo e, naquele momento, amaldiçoo minha alma às profundezas do inferno. Eu liberto a fera dos limites de sua jaula, deixando-a correr solta e livre para pegar o que precisa. Eu não me importo com o que minha família diria, o que meu trabalho diria, o que qualquer um diria. Tenho certeza de que Maddie é minha. Que apesar da tragédia em seu passado que nos uniu muito mais cedo do que eu gostaria, ela foi feita para mim. E ela vai ter que descer e ver outra mulher flertar comigo.

Eu daria a ela isso e tudo o que ela precisasse mais tarde.

Eu coloco seu rosto em minhas mãos, segurando suas bochechas suavemente. — Ei, olhe para mim. — Ela o faz instantaneamente, como se seu corpo tivesse sido treinado para obedecer a todos os meus comandos. Eu esfrego meu nariz suavemente contra o dela, inalando seu doce perfume. Eu deixo minha

língua sair e traçar seu lábio inferior, então seu lábio superior antes de pressionar o meu no dela, engolindo um gemido delicioso que faz meu pau se contorcer. Eu me afasto depois de não mais do que um segundo, não querendo me deixar levar. — Espere cinco minutos antes de descer. — Eu me levanto e abro a porta antes de espiar minha cabeça no corredor, grato que ninguém está lá em cima. Posso ouvir barulhos na cozinha e Henry e Aria conversando e tenho certeza de que Grant ainda está colado no meu sofá.

Ela balança a cabeça antes de se levantar e envolver seus braços ao meu redor. — Eu te amo. — Ela olha para mim e me dá aquele sorriso que faz meu coração parar. O sorriso alcança seus olhos e sua doce covinha aparece. Eu não disse explicitamente a ela que a amava desde que cruzamos essas linhas, mas espero que ela saiba. Espero que ela saiba com cada beijo, cada toque, cada momento que arrisco minha vida inteira apenas para segurá-la em meus braços de uma maneira que eu sabia que não deveria, espero que ela saiba que eu desistiria de tudo para amá-la para sempre.

CAPÍTULO 8

Madeline

A tensão é tão grande que nos sufoca como um cobertor pesado. As coisas estão sempre muito tensas sempre que Grant e Henry estão na mesma sala, mas geralmente a quantidade certa de álcool pode aliviar essa situação. *Infelizmente* para todos nós, Henry ainda não atingiu esse ponto ideal, então ele ainda está meditando na ponta da mesa. Eu nunca entendi porque Henry odeia tanto Grant. Pelo que posso ver, ele é um bom homem que tratou Margie como uma rainha depois que seu pai a deixou com o coração partido. Eu sempre gostei dele, e desde o início, ele sempre foi doce comigo. Ele ajudou Cal a escolher meu primeiro carro e sempre que eu o via ele estava praticamente enfiando dinheiro no meu bolso.

Além da tensão usual ‘você não é meu papai e eu nunca vou gostar de você’ entre Henry e Grant, estou lutando com meus próprios problemas de ter essa estranha no jantar. Estou tentando não parecer a namorada ciumenta, mas tenho certeza de que estou falhando miseravelmente.

Mas realmente, por que ela está aqui? Eu olho para ela do outro lado da mesa e inclino minha cabeça para o lado. Ela é muito bonita, mas parece completamente exagerada para um jantar de Ação de Graças, me fazendo acreditar que ela está aqui por mais do que apenas ‘amiga de Aria sem ter para onde ir.’

Ela quer Cal.

Seu cabelo loiro morango está preso em um coque com alguns fios pendurados. Ela está usando um rosto cheio de maquiagem completa com um batom de ameixa profundo e olhos excessivamente esfumados. Está vestindo um suéter longo sobre um par de legging e botas de salto alto que fazem suas pernas durarem dias, e ela se eleva sobre mim.

Eu mal disse nada desde que nos sentamos para jantar, ao contrário do meu comportamento normal, que sou eu falando muito sobre tudo e qualquer coisa. A mesa está praticamente em silêncio até que Aria, cujos olhares eu tenho evitado desde o segundo em que respondi pra Penélope, se levanta com sua taça de vinho. — Vou pegar mais vinho. Mads, você pode me ajudar?

— Pegar mais vinho? Desculpe, acho que você esqueceu a parte em que ainda não tenho vinte e um anos. — Eu levanto uma sobrancelha para ela e tomo um gole óbvio da água na minha frente.

Ela bate um dedo na lateral do copo, irritada, e estreita o olhar. — Como se isso tivesse parado você, ajuda, por favor! — Eu não perco o rosnado que escapa dos lábios de Cal sobre seu comentário e isso imediatamente deixa meu corpo em chamas. Visões dele rosnando enquanto ele bate em mim por trás enchem meu cérebro e eu mordo meu lábio inferior. *Não olhe para ele, Maddie.*

Reviro os olhos antes de me levantar. — Alguém gostaria de alguma coisa enquanto estamos de pé?

— Coloque mais pãezinhos no forno. — Margie aponta para a cesta vazia de seu infame pão amanteigado que tinha a capacidade de incitar um tumulto quando estávamos nos últimos poucos.

Mal estou no corredor quando Aria está me puxando para longe da cozinha e subindo as escadas para o meu quarto. Já posso ouvir o sermão sobre dominar minha atitude quando ela fecha a porta atrás de nós. — Ok, qual é o seu problema? — Ela sussurra e coloca as mãos nos quadris.

— Nada!

— Você está fazendo beicinho como uma adolescente mal-humorada.

— Sou uma adolescente mal-humorada.

— Você nunca age assim. Algo está acontecendo. Ela cruza os braços e eu me pergunto se ela pode ler minha mente porque imediatamente seu rosto se suaviza. — Mads, eu conheço você... melhor do que você mesma.

— Você acha que sim. — *Não tem como você ter alguma ideia sobre o que está acontecendo comigo e Cal... você iria surtar.*

— Não, eu sei, e entendo que você odeia a ideia de ter que compartilhar Cal, mas você não quer que ele seja feliz? — Eu quase engasgo com suas palavras. *Que diabos isso significa?*

— O que você está falando?

Ela suspira e se senta na minha cama. — Eu sei que você é um pouco... possessiva com Cal, e isso é totalmente normal. Meninas e seus pais... especialmente quando não houve um interesse amoroso da figura materna por

seu pai... — Ela acena com a mão. — É *Psych 101*⁸, querida, e você é a definição tirada do livro.

— Ok, em primeiro lugar, não me estude psicologicamente. Em segundo lugar, Cal *não é meu pai*.

— Talvez não tecnicamente, mas ele é uma figura paterna, e eu gostaria que você parasse de negar isso. Ele fez muito por você, Madeline.

— Eu não estou negando nada, e Cal sabe que eu sou muito grata por tudo que ele fez por mim, então eu não sei por que você está insinuando que ele não sabe disso.

— Ok, não fique tão sensível, e que tal corrigirmos a atitude? — Ela me lança seu olhar característico de *mãe*, e é em momentos como esse que eu sei que Aria gostaria de ter seus próprios filhos.

Eu tento suprimir a fantasia que se forma em minha mente, mas um flash acontece antes que eu possa pará-lo, e não consigo impedir o sorriso de puxar meus lábios. Eu. Um teste de gravidez positivo. Cal beijando-me e à *minha barriga* quando lhe conto a notícia.

— O que é tão engraçado? — Aria pergunta e eu balanço minha cabeça ao lembrar que eu deveria estar irritada com ela.

— Nada, Aria. Só não acho que Penélope seja a garota certa para Cal.

⁸ *Psych 101* é um livro que corta os detalhes chatos e estatísticas e, em vez disso, fornece aos leitores uma lição de psicologia. Apresentando elementos estimulantes e apenas os fatos de psicologia mais importantes que os leitores desfrutarão de desvendar os mistérios do comportamento humano com as atividades.

— E você provavelmente está certa, mas você não acha que cabe a ele decidir? Ele tem sua opinião em alta conta, Maddie, mas dê a ele uma chance de descobrir como ele se sente antes de forçar sua opinião sobre ele.

— Eu não forcei nada.

— Oh, por favor — Ela bufa e se levanta para colocar uma mão em volta do meu ombro. — Você tem dezessete anos e já não vê o poder que tem sobre um homem. Senhor, abençoe a alma com a qual você acabará.

— Eu me ressinto disso. — Eu olho para ela, embora eu não possa impedir o sorriso de rastejar em meu rosto.

— Falando nisso, o que estamos fazendo pelo seu décimo oitavo aniversário, além de colocá-la em uma mesa de pôquer legítima? Eu estava pensando em um bom jantar? — Eu estou tão animada para ir a um cassino pela primeira vez; Eu tenho praticado meu jogo de pôquer por semanas.

— O jantar parece bom também. — Um suspiro sai dos meus lábios quando eu tenho outra ideia e eu bato palmas e pulo nas pontas dos meus pés. — Oh! Podemos ir a uma sex shop também?

Aria para em seu caminho e se vira, fechando a porta que ela acabou de abrir. — Sexo? Espere como, quando, o quê, QUEM?! — Ela grita.

— Não não não. Eu só quero dizer porque eu posso... — Eu balanço minha cabeça. — Virgem ainda! Juro! — Eu pego o dedo mindinho de Aria e os ligo como sempre fazemos.

— Oh ufa. — Ela coloca a mão sobre o coração e bebe o último gole de seu vinho. — Você quase... — Ela solta um suspiro. — Ok, sim, você e eu podemos ir se você precisar. Eu nem sei onde há um, para ser honesta. Talvez tenhamos que ir para Portland.

— Viagem! — Eu faço uma pequena dança e ela revira os olhos.

— Atitude. Em cheque. — Ela aponta para mim. — Estou falando sério, Mads. Você é uma garota doce, só estou pedindo que você dê uma chance a ela.

— Tudo bem, posso pelo menos tomar um pouco de vinho?

— Um copo. — Ela levanta o dedo indicador e aponta para mim.

— Um? Bem, dane-se, posso ter algo mais difícil se estiver limitado a um?

— Sim, isso provavelmente é melhor de qualquer maneira, pelo menos você pode fingir que não há álcool nele. Misture com algo escuro.

— Cal sabe que eu bebo, Aria.

— Não significa que nenhum de nós está muito feliz com isso. Você não dá a mínima para viver com um policial?

— O que ele fará, me prender? — Eu inclino minha cabeça, ignorando os pensamentos dele usando suas algemas em mim para me prender em sua cama como se eu estivesse em um daqueles romances de BDSM sexy que Sasha e eu lemos.

Descemos as escadas assim que Margie tira os pãezinhos do forno. — Eu estava me perguntando para onde vocês duas foram.

— Apenas uma conversa de garotas. — Aria agarra minha mandíbula e aperta antes de dar um beijo na minha bochecha.

— E eu não fui convidada? — Margie empurra os óculos para a cabeça e estreita os olhos para nós.

— Eu estava levando bronca — Eu sussurro antes de pegar uma garrafa de vodka do armário de bebidas de Cal.

— Ah, perfeito, faça-me um, sim? — Margie me entrega seu copo e Aria coloca sua mão sobre a minha me parando. — E por que você estava dando bronca na minha garota? — Ela olha para Aria do jeito que os avós olham para os pais por repreenderem seus próprios filhos.

— Mãe... Maddie não está fazendo uma bebida para você.

— Por que não? Da última vez que verifiquei, na verdade já tenho idade suficiente para beber. — Ela aponta para mim enquanto eu misturo a cerveja de gengibre na dose generosa de vodka com uma colher.

Aria revira os olhos e dá um tapinha no meu traseiro para me mandar para fora da cozinha com a bebida que eu mesma fiz. — Eu farei um para ela, você volta lá — Ela nos diz. Eu podia ouvir a implicação. *Esta bebida será fraca pra caralho.*

Volto pelo corredor e entro na sala de jantar para ver Penélope rindo com Cal sobre alguma coisa. Ela reclamou o assento ao lado dele e eu sentei na frente deles, forçada a vê-la olhar para ele com estrelas nos olhos.

— Tudo certo? — Henry pergunta quando eu sento de volta no meu lugar.

— Sim. — Tomo um longo gole da minha bebida e já posso sentir o olhar penetrante de Cal em mim.

— Madeline. — Ele resmunga e meus olhos piscam para os dele.

— Mmmmm? — *Sim Papai?* Minha mente pensa automaticamente e eu não consigo nem impedir o rubor de subir pelo meu corpo.

Eu me pergunto se ele pode ler minha mente porque algo cruza seu rosto que poderia ser interpretado como luxúria do meu ponto de vista. — O que há nisso?

Eu dou de ombros. — Nada.

— Não minta para mim.

— É refrigerante de gengibre, acalme-se.

Ele estende a mão sobre a mesa em minha direção. — Deixe-me cheirar.

— Não, acho que estou bem.

— Desculpe? — Ele me dá aquele olhar que ele me deu em algumas ocasiões quando eu o estou testando, e eu estremeço de prazer ao pensar no que ele pode fazer comigo mais tarde. Ele nunca colocou a mão em mim, mas de repente a ideia de estar em seu colo enquanto ele bate na minha bunda nua me faz apertar minhas coxas sob a mesa.

— Oh Cal, relaxe. Ela está em casa — Aria interrompe enquanto caminha de volta pela sala e passa a mão pelo cabelo.

— Você aprovou isso? — Ele a encara.

Ela lança um olhar para ele como *eu sei o que estou fazendo, e você queria acalmar sua bunda atrevida ou não?*

Reviro os olhos para os dois e tomo outro longo gole.

Seus olhos de cacau perfuraram os meus. — Esse é o seu, Madeline, e eu quero dizer isso.

Pare de usar meu nome completo!

— Ah, acalme-se, Cal. — Margie se senta e sua bebida parece ainda mais clara que a minha, me fazendo pensar se o plano de Aria de fazer para ela uma bebida fraca rapidamente descarrilou quando saí da sala.

— Acalmar? Eu sou o único que esquece que ela não tem idade suficiente para beber? Muito menos nem dezoito?

Eu tento manter a pergunta fora do meu rosto enquanto ouço sua escolha de palavras, dado o que temos feito nos últimos dias, o que de certa forma pode ser mais prejudicial do que apenas alguns drinques. Eu não via dessa forma, mas sabia que outras pessoas se sentiriam de forma muito diferente.

— Ela está em casa com sua família. Você preferiria que ela estivesse na rua fazendo isso? — Aria pergunta.

— Eu não estou tolerando isso. — Ele aponta para mim. — Eu sou um policial para gritar em voz alta. Então é você. — Ele olha para Aria e ela revira os olhos.

— Não para Maddie, agora passe as batatas. — Ela estende a mão.

— Por mais que eu tenha gostado de ser falada enquanto estou aqui, podemos falar sobre outra coisa? — Eu entrego a ela as batatas na frente de Cal, que se recusou a passá-las, quando Grant fala.

— Sim, vamos. Vamos falar sobre o que estamos fazendo para o seu aniversário, docinho. — Grant pega minha mão e aperta. Ele está sentado na diagonal de mim na cabeceira da mesa, para grande aborrecimento de Henry.

— Nós? — Henry se anima e Margie, que está ao alcance do braço, dá um tapa no braço dele e o encara.

— Não comece — Ela avisa.

— Já temos alguns planos em andamento. — Aria aponta para mim antes de apontar ao redor da mesa.

— Sim, vamos derrubar o Meadowfield Casino. Eu tenho minha cara de pôquer, pronta! — Coloco minhas mãos para cima.

— Eu não acredito nisso. — Cal geme. — Alguém nesta família está planejando ser uma boa influência para Maddie?

— Você está — Eu tomo um gole da minha bebida e levanto uma sobrancelha para ele. — Alguém tem que me corromper um pouco.

Só ele sabe o verdadeiro significado das minhas palavras, e enquanto eu pensava que isso poderia derrubá-lo, ele não perde o ritmo. — Acho que Grant quis dizer talvez um bom jantar em família, seus pagãos. — Ele olha para todos nós e Margie dá de ombros.

— Vou com eles para Meadowfield. Eu fui convidada. — Ela pisca para mim.

Eu aponto para ela e faço uma dança na minha cadeira. — Preciso da minha treinadora.

— Tudo bem, exceto ir ao cassino... — Ele balança a cabeça. — Jantar?

Meus olhos voam para a única pessoa nesta mesa que é melhor não ser convidada antes de voltar meu olhar para Cal. — Podemos falar sobre isso outra hora. Ainda temos algumas semanas.

— Você fará dezoito anos, isso é realmente emocionante. — Penélope se anima. Ela sorri um sorriso que provavelmente é genuíno, e por um segundo, eu me sinto mal. Ela é a garota legal nesta situação e eu sou a vadia. Se isso fosse um livro ou um filme ou programa de TV, eu estaria torcendo para que ela pegasse o cara e não eu. Mas a vida não é um livro ou um filme ou programa de TV, e ela não tem uma oração para conseguir Cal.

— Obrigada. — Sorrio antes de me voltar para Grant sem outro olhar. — Manteremos contato. Apenas... seis, certo? — Eu olho ao redor da mesa óbvia de sete e ninguém diz nada, embora eu sinta o olhar de Aria em mim.

— Nunca um momento de tédio no Dia de Ação de Graças. — Margie bufa do outro lado e toma outro longo gole de sua bebida. — Ok, quem quer torta?

Nenhum feriado de Grayson está completo sem pôquer, que é como todos nós estamos presos a um jogo no final da noite. Penélope se foi há muito tempo, ainda sentindo a tensão residual de mim, e o fato de que, além de Aria, ninguém realmente parecia vir em seu socorro.

— Honestamente, Aria, Henry, vocês não sabem nada sobre o meu menino, não é? — Margie diz enquanto joga um cartão. — Ela estava toda errada para ele.

Eu rio para mim mesma por causa do comentário de Margie e da segunda bebida de vodka que eu consegui esgueirar enquanto Cal levava Penélope para fora. Eu posso ter olhado para eles da janela um pouco demais, mas foi o suficiente para saber que ele não a beijou. Tudo o que ele ofereceu a ela foi um abraço educado, e eu estava contente por ela não ter tentado começar a beijá-lo.

— Mamãe! Penélope é legal — Aria diz enquanto joga uma carta.

— Penélope é *chata* — Margie acrescentou sem tirar os olhos de suas cartas.

— Você é do tipo que fala sobre entediar outras pessoas importantes.
— Henry resmunga e eu faço beicinho. *Aqui vamos nós.* Eu vou começar a falar quando Cal me encara com um olhar, sabendo que é melhor eu ficar fora disso, mesmo que Margie seja uma das minhas pessoas favoritas e Grant não esteja muito longe nessa lista.

Eu escuto porque estou um pouco tonta... e Cal sempre estaria no topo dessa lista.

— Eu aumento — Grant responde em resposta e eu jogo minhas cartas.

— Sério? — Eu zombo.

— Eu sei que você sabe blefar — Margie fala.

— Não com essa mão de lixo. — Eu aceno.

— Ouça, tudo o que estou dizendo é que talvez você devesse deixar eu e Maddie cuidarmos da arrumação de agora em diante. — Margie aponta para Aria e Henry. — Porque vocês dois são ignorantes.

— Mãe... — O tom de Cal é exasperado e eu vejo ele e Grant trocarem um olhar. Seus olhos disparam para a bebida na frente de sua mãe e depois para a água na frente de Grant. Não é incomum Margie dormir aqui quando bebeu um pouco demais, ou apenas quando queria passar um tempo comigo. Mas eu tomo o olhar óbvio como um sinal de que ele não quer isso para esta noite e tudo de mim espera que seja porque ele quer ficar sozinho comigo.

Houve um latejar maçante no meu sexo desde que ele me beijou mais cedo, e agora é exacerbado pelo álcool que quer sua boca entre as minhas pernas.

— Eu dobro. — Margie joga suas cartas. — Maddie, vou montar minha árvore amanhã, você vem?

— Você sabe. — Concordo com a cabeça, sabendo que ajudar Margie a montar sua árvore se tornou uma tradição desde meu primeiro Natal com Cal.

— Perfeito, eu tenho uma coisa para você! — Com meu aniversário sendo em dezembro, de alguma forma o mês inteiro se tornou o *mês* de nascimento de Maddie, para que meu aniversário não fosse engolido pela temporada de festas. Ao longo do mês inteiro, recebo todos os tipos de presentes, pequenos e grandes, até ao dia 26, que é meu aniversário real.

Por mais que Cal odeie admitir, ele me mimou muito desde aquele primeiro Natal. Meus pais biológicos não tinham muito dinheiro, e eu tinha sorte se ganhasse comida no Natal e muito menos presentes. Cal parecia querer apagar isso da minha memória, o que significava que a cada ano eu estava cercada por montanhas literais de presentes. Eu nunca pedi muito, e chegou ao ponto que eles pararam de perguntar quando minha resposta era sempre, eu não preciso de nada, eu tenho tudo que eu poderia querer! Este ano, no entanto, eu quero algo que o dinheiro não pode comprar, e eu tinha toda a intenção de pedir por isso.

Aria e Henry, os últimos da festa mal saíram da garagem quando Cal me prende na porta da frente com seus lábios nos meus. Ele tem gosto da bebida de uísque que estava tomando na última hora e uma pitada de abóbora. *Droga, ele tem um gosto tão bom. Como amor, luxúria, conforto e lar, tudo em um.*

— Você vai me fazer perder a porra da cabeça. — Ele segura meu rosto em suas mãos e continua a fazer amor com a minha boca com a língua. Ele suga minha língua em sua boca e eu encontro seu beijo com a mesma agressividade. *Eu nunca quero que esse beijo acabe.* Cada beijo parece mais um passo em nosso relacionamento. Uma nova revelação. Cada beijo é mais apaixonado e urgente que o anterior e todos eles me dizem algo novo sobre o homem que tanto amo.

— Desculpe.

Ele esfrega o nariz contra o meu e dá um beijo casto na minha boca. — Eu odeio que você pense que tem uma razão para estar com ciúmes, mas foda-se se isso não me excita.

Eu suspiro e me afasto de sua boca. — Isso?

— Sim. — Ele resmunga e me levanta em seus braços e nos leva para a sala de estar. — Penélope não significa nada. Ela não é uma ameaça para você, Maddie. Eu não a quero.

— Não significa que eu gostei de vê-la flertar com você.

Ele me coloca no sofá e se ajoelha na minha frente, passando as mãos pelas minhas coxas e me agarrando com força quando atinge o ápice delas. Ele não me toca lá, mas ele abre o botão do meu jeans. — Tire.

— O quê? — Meus olhos se arregalam para o tamanho de pires. *Ele vai... agora?* Meu coração bate forte no peito e minha boca saliva com a ideia de cruzar essa linha com Cal.

Ele arremessa suas mãos para longe de mim como se eu o tivesse queimado. — Você não quer?

Minhas calças estão na metade das minhas pernas antes que ele possa mudar de ideia. — Não, quero. Eu quero! Eu simplesmente não...

Ele não diz nada, apenas cola seu olhar na minha boceta e me ajuda a tirar meu jeans. De repente estou muito grata pela calcinha de renda preta que cobre quase nada além da minha fenda e o fio muito fino que passou entre minhas bochechas. — Puta merda, isso é sexy. — Ele puxa a corda, deixando-a estalar contra a minha pele e a sensação me deixa tonta. A tensão sexual crepita ao nosso redor e parece que cada um dos meus nervos está em pé.

— Você... você vai tirá-los?

Seus olhos não deixam meu sexo coberto. — Ainda não.

— Hoje não...? Ou não neste segundo.

— Hoje não — Ele sussurra, e seus olhos flutuam pelo meu corpo. — Talvez nunca.

— Não, Cal. — Eu agarro seu rosto. — Eu quero falar sobre isso.

— Sobre o quê?

— Eu sei o que quero de aniversário.

Ele balança a cabeça e fecha os olhos. — Não me peça.

— Por favor? — Ele recua um pouco e eu posso vê-lo recuando, então estou fora do sofá e montando em seu colo antes que ele possa me parar. — Eu... eu não posso prometer que serei boa nisso, mas...

— Ei — Ele estala e agarra minha mandíbula. — Não é disso que se trata. Jesus Cristo, Maddie, olhe para você. — Eu franzo a testa, sem saber onde ele quer chegar com isso e ele balança a cabeça. — Você é a porra de uma deusa... você é a mulher mais linda que eu já vi. Não devo olhar para você do jeito que vejo outros homens olhando para você. Homens cujos olhos eu ameacei arrancar por deixar seus olhares lascivos caírem sobre você. Eu sou o único homem que não deveria olhar para você assim e... eu não posso evitar.

— Você é o único homem que eu quero me olhando assim. — Eu pressiono minhas mãos em seu peito e esfrego meu nariz em seu pescoço.

— Eu não posso te machucar assim, Maddie. — Sua voz é torturada, e eu gostaria de poder beijar a dor para longe.

— Por quê?

— Por que... eu te amo demais. — Sua mão corre pelas minhas costas e eu tremo sob seu toque.

Eu me afasto e olho para ele, as lágrimas se formando em meus olhos e deslizando pelo meu rosto antes que eu possa detê-las.

— Se você me ama, então faça amor comigo.

CAPÍTULO NOVE

CAL

Estou preso por um fio. Eu não sei como consegui me manter fora das calças de Maddie quando ela implora por isso todas as noites quando se aconchega ao meu lado, mas de alguma forma, eu a mantive à distância, para minha própria decepção. A necessidade de prová-la ficou tão fora de controle que é quase incontrolável. Deixá-la se esfregar contra mim até que nós dois gozemos não é mais suficiente. Eu preciso sentir sua pele com a minha pele. Eu preciso abrir sua boceta doce como uma flor e lambe as pétalas macias entre suas pernas. Eu quero adorar cada centímetro de sua pele, marcando-a com meus dentes e língua e dedos e então meu pau. Ela é uma tela em branco que eu quero pintar com minha porra. Eu quero chover minha semente sobre seus seios perfeitos, sua bunda lisa, seu lindo rosto. Eu quero adorá-la... mas também quero profaná-la.

Quero usar o corpo dela, foder cada um de seus buracos até que ela esteja tão cheia do meu esperma que escorra dela. Eu quero fodê-la como se ela fosse uma puta. Dobrando-a sobre todas as superfícies da nossa casa e pegando-a com tanta brutalidade que ela não conseguirá se sentar por uma semana. Eu quero odiar transar com ela por me fazer sentir assim. Por me transformar nesse bastardo doente que está tendo esses pensamentos sobre a garota que criei. E então, quando tudo isso estiver feito, quando eu terminar de foder a vida dela, eu quero trazê-la de volta. Correr meus lábios sobre cada centímetro de sua pele

marcada, sussurrando meu amor e devoção a ela entre cada beijo enquanto eu balanço suavemente nela. *Faça amor com ela, ensine-lhe a linguagem do amor que nossos corpos já sabem de cor.*

Ela vai pegar meu pau facilmente porque, apesar do meu tamanho, sou feito para caber dentro dela. Suas costas vão arquear, e suas unhas vão arranhar minhas costas toda vez que eu enfiar nela. Ela gritará que quer mais, e mais forte, mais profundo e mais rápido. Que ela me ama e que ela queria isso há tanto tempo e prometerei a ela que as coisas nunca vão mudar entre nós.

Mas elas mudaram.

E nunca mais será o mesmo.

Faz uma semana desde o Dia de Ação de Graças e, para minha surpresa, Maddie não mencionou seu desejo de aniversário. Estou em guerra comigo mesmo sobre o que devo fazer, e quase sete noites sem dormir depois, não estou mais perto de tomar uma decisão. Não ouço nada quando chego em casa do trabalho uma noite, o que é estranho porque o carro de Maddie está aqui.

— Maddie? — Eu chamo por ela enquanto jogo minhas chaves no balcão. Não é incomum que ela esteja cozinhando o jantar ou deitada no sofá em uma das minhas camisetas e shorts esperando que eu chegue em casa para que ela possa subir no meu colo e esfregar o dia fora de mim. Eu franzo a testa, me

perguntando onde ela poderia estar conforme subo as escadas. Eu espio em seu quarto me perguntando se talvez ela esteja tirando uma soneca quando vejo que sua cama ainda está feita da última vez que ela dormiu aqui.

Ela dormiu no meu quarto comigo na semana passada, e eu brevemente me pergunto se ela está apenas tirando uma soneca. Dou uma olhada ao redor de seu quarto perfeitamente organizado e entro. Troféus para várias competições de dança estão em três prateleiras igualmente espaçadas em sua parede. Logo abaixo há uma ampla estante com pelo menos cem livros, alinhados por tamanho, depois por cor e possivelmente em ordem alfabética. Uma televisão é montada na parede adjacente e logo abaixo há uma cômoda.

Dou um passo para mais perto e, sem pensar, abro a gaveta de cima, sabendo o que está lá e pego o primeiro par que vejo, uma tanga branca de seda com guarnição de renda. Agarro o tecido delicado na minha mão antes de enfiá-lo no bolso. Sentimentos de vergonha tomam conta de mim enquanto penso no que tenho feito com a calcinha dela desde a semana passada. Desde que a vi com aquela tanga minúscula, tenho roubado sua calcinha e a esfregado no meu pau todas as noites depois que Maddie adormece. Eu enrolo a seda em volta da minha mão e puxo meu pau antes de liberar minha semente nelas. Marcando-as. Eu quero pensar sobre ela usá-las depois de saber que meu esperma esteve lá. Um grunhido sai dos meus lábios enquanto ajusto meu pau e me movo em direção ao meu quarto.

— Maddie, onde você está? — Eu não a vejo no meu quarto, mas vejo a luz acesa no meu banheiro espreitando por baixo da porta. — Mads? — Bato e

franzo a testa quando não ouço nada. Abro a porta e todo o ar sai dos meus pulmões enquanto observo a visão diante de mim. Meu pau está duro como granito e estou tentando acalmá-lo de volta para que eu não a ataque. Engulo e dou um passo hesitante para a frente quando seus olhos encontram os meus. Olhos azuis e travessos que têm o poder de me quebrar. E acredito que eles estão prestes a exercer esse poder. *Agora.*

— Bem-vindo em casa, querido. — Ela se inclina sobre a borda da banheira e me dá uma piscadela. — Quer se juntar a mim? — As palavras ficam presas na minha garganta enquanto olho para a jovem nua de dezessete anos tomando um banho de espuma na minha banheira. Seu cabelo está preso em um coque no topo de sua cabeça, embora alguns fios tenham caído e estejam tocando as bolhas que estão até ao pescoço. Não consigo ver nada, mas não confio em Maddie para não se levantar e revelar *tudo* para mim. Encontro-me esperando que ela o faça. Eu estive pensando por uma semana como Maddie parece nua. A boceta dela está nua? Ela tem pista de pouso? Ela não faz paisagismo? Todos os três pensamentos me deixam duro pra caralho. E enquanto o cabelo em uma boceta geralmente não faz nada para mim, eu ainda me encontro duro com a ideia de provar os cachos macios entre suas pernas, caso haja algum.

Então, há seus peitos. Seu idiota. Esse espaço entre sua boceta e seu buraco traseiro. Porra. Eu queria ver tudo isso. *Agora.*

Eu limpo minha garganta. — Maddie, eu não acho...

— É uma boa ideia, blá blá blá. — Ela revira os olhos e se acomoda na grande banheira estilo jacuzzi que definitivamente é grande o suficiente para nós dois. — Tudo bem, você quer assistir?

Eu mordo meu lábio inferior, sabendo que eu preciso fugir deste banheiro e não me tentar ou me torturar por estar no mesmo ambiente que uma Maddie nua e molhada. Eu esfrego a mão no meu rosto e me aproximo da banheira e sento no chão ao lado dela. — Como foi seu dia?

— Bom. Senti a sua falta. — Ela se inclina para a frente e por um momento meu coração para, mas percebo que ela só quer me beijar. — Eu não vou... — Ela sussurra. — Até que você me diga que quer. — Eu aceno em compreensão e me inclino e encontro seus lábios. Eu seguro sua cabeça no lugar enquanto encontro sua língua, beijando-a como se eu não a tivesse visto em semanas e não nas sete horas que estivemos separados. Quando nos separamos, há um sorriso em seu rosto. — Eu amo beijar você.

Uma pontada de culpa surge do nada. Ele se inflama de vez em quando. Uma voz que me diz que estou fodido e, pior, que estou fodendo Maddie por isso. Que ela nunca será capaz de ter um relacionamento normal quando isso acabar. Ou pior, que esses problemas com o papai que ela está enfrentando nunca vão desaparecer completamente e ela vai acabar com um cara duas vezes mais velho que eu. Um beicinho encontra seu rosto e eu posso ver a rejeição rastejando em sua pele, então eu afasto meus pensamentos de culpa e sorrio para ela. — Beijar você foi o ponto alto do meu dia.

Não sei há quanto tempo estamos conversando, mas as bolhas que escondiam seu corpo de vista começam a se desintegrar na água morna. As bolhas estão clareando e estou começando a ver uma pele lisa sob a água limpa. — Maddie... — Eu me afasto quando a última das bolhas ao redor de seu peito desaparece.

— Você tem que ir? — Sua voz é calma e tímida e sexy pra caralho e eu sinto a fera na base da minha garganta morrendo de vontade de sair. Eu engulo, na tentativa de mantê-lo afastado, mas assim que abro a boca, as palavras voam antes que eu possa detê-las.

— Não — Eu respondo antes de me virar para encará-la. — Quero ver você.

Sua voz se ilumina. — Você... você quer?

— Sim. Tudo. Eu não posso te tocar. Mas posso olhar. Posso memorizar cada centímetro do seu corpo e, mais tarde, quando você esfregar esse corpo apertado contra mim, posso visualizá-lo nu. Posso imaginar aquele espaço entre suas coxas. Esses lindos mamilos rosados. As curvas de suas nádegas perfeitas.

Ela choraminga e se mexe levemente, empurrando as bolhas para longe dela e se colocando completamente em exibição. A água tem uma leve película das bolhas e do sabonete, mas ainda consigo distinguir suas curvas. Ela abre as pernas sob a água e tudo que posso ver é a fenda escura entre duas dobras cremosas. *Ela está completamente nua.* Eu gemo e deixo minha cabeça cair para trás, apertando meus olhos fechados para queimar o visual em meu cérebro.

Neste momento, eu provavelmente daria minha vida para dar uma lambida lenta entre suas pernas.

Cerro os dentes, para que as palavras não saiam da minha boca. Os sons da água espirrando fazem meus olhos se abrirem bem a tempo de vê-la de pé na minha banheira, a água escorrendo por seu corpo em riachos. Eu assisto fascinado, meus olhos incapazes de desviar o olhar da Deusa na minha frente. Eu queria pegar cada gota de água que cai em cascata em seu corpo esbelto com a minha língua. Queria ver se ela está molhada entre as pernas com algo que não seja água. Eu queria puxar seus mamilos entre meus dentes para ver se eles estavam duros. Eu queria correr meu dedo entre as bochechas de sua bunda e circular o botão de rosa lá. Eu quero tudo, e não posso ter nada disso. A saliva se acumula na minha boca e eu engulo.

Eu me levanto e pego a toalha na pia. Ela pega e eu dou um passo para trás. — Eu só... preciso de um segundo.

— Você pode ter todos os segundos. — Ela ronrona enquanto dá um passo para fora da banheira e para o chão. Ela dá um passo mais perto, a água caindo de sua pele e eu recuo novamente. — Você não quer me tocar? — Seu lábio inferior se projeta.

— Eu não deveria.

Ela olha para seu corpo e depois para mim, seus olhos querendo aprovação que só meu pau pode dar. — Eu pareço bem?

— Ok? Maddie seu corpo é insano. Você é tão linda que me dói olhar para você e não tocá-la. Meu pau está tão duro que poderia cortar vidro.

Ela morde o lábio e estende a mão para mim. Eu largo a toalha e seus olhos a observam cair no chão com um baque surdo. — Posso ver?

— Maddie...

— Só uma espiada. Eu não vou tocar, eu prometo.

Eu estive olhando para ela nos últimos cinco minutos, é justo, certo?

Suas mãos encontram a fivela do meu cinto e ela esfrega a mão ao longo do couro e do metal antes de puxá-lo suavemente. — Espere — Eu rosno para ela, minhas mãos encontram seus quadris e antes que eu possa me impedir, eu a sento no meu balcão e ela engasga quando o mármore frio atinge sua bunda. — Eu não posso tocar em você quando nós dois estamos nus... então me dê um segundo.

— Por que não?

— Você sabe por que não, Maddie. — Eu pressiono meus lábios em seu pescoço, minhas mãos ainda plantadas firmemente em seus quadris, e me recusando a mover uma polegada. Eu dou beijos em seu pescoço e peito esbeltos antes de me mover um pouco para baixo. Eu paro de beijar, sabendo que estou entrando em território perigoso.

Ela se contorce e choraminga quando eu alcanço seu mamilo e esfrego meu nariz contra ele. — O que está fazendo?

— Memorizando seu cheiro. — Eu me movo do mamilo direito para o esquerdo, cheirando a doce baunilha em sua pele. Eu praticamente podia provar seu sexo que cheirava a sabonete líquido, mas também sua umidade se formando em suas dobras. — Separe suas pernas, Maddie.

— Você vai me tocar?

— Ainda não.

— Então não por que... estou molhada. — Eu olho para ela assim que vejo o rosa inundando suas bochechas.

— Você diz isso como se fosse uma coisa ruim. Como se isso não me excitasse. Como se eu não quisesse lambar cada gota.

— Então por que você não o faz?

Eu digo a ela — Agora não.

— Quando?

— Porra. Maddie... não sei.

— Meu aniversário? — Ela chia.

Eu congelo e olho para ela. Eu separo suas pernas ligeiramente e desço o resto do meu corpo até que estou olhando diretamente para suas dobras molhadas. *Porra. Talvez apenas um gosto.*

Suas dobras estão afastadas, expondo seu clitóris inchado que está olhando para mim me implorando para lambar, chupar, *devorar*. A ponta do meu nariz sobe por sua coxa e eu o deixo pairar sobre sua boceta, respirando seu doce perfume. — Cal. — Ela está com os dedos brancos no balcão e eu sinto seu sexo

se aproximando de mim. Seu clitóris roça meu nariz levemente e ela geme que tem uma linha direta com meu pau e pulsa dolorosamente. — Puta merda. D...desculpe. Não quis dizer... i...isso. — Ela gagueja e eu me pergunto se apenas aquele pequeno roçar em mim está prestes a fazê-la gozar. — Eu... eu preciso colocar roupas. Ou... o que quer que possamos fazer que fará você me tocar. — Seus olhos encontram os meus e eu olho dela para sua boceta brilhante.

— Maddie... — Eu gemo quando fecho meus olhos e me afasto de seu sexo. — Apenas não posso ainda.

— Ainda? — A esperança atada em sua voz não fala apenas com meu pau, fala com meu cérebro e meu coração, e estou me perguntando se cada parte de mim está começando a ficar na mesma página que meus hormônios em fúria.

Deus, eu estou tão fodido.

— Você realmente quer isso?

— Eu realmente quero. — Ela pressiona as mãos no meu peito e se inclina para me beijar. Eu me afasto e balanço a cabeça e ela franze a testa.

— Precisamos conversar sobre algumas coisas primeiro.

— Como o quê?

— Como o quê? Como o que isso significa para você e para mim. Eu não posso... — Eu esfrego minha mão na minha testa e me afasto dela. Eu pego a toalha e entrego para ela. — O que acontece conosco quando vamos por esse caminho? Merda, mesmo isso? — Eu aponto para a frente e para trás entre nós. — Onde isso nos deixa *quando isso acabar?*

Seus olhos se enchem de lágrimas instantaneamente e antes que eu possa estender a mão para enxugá-las, ela sai do balcão e enrola a toalha em volta dela. — Eu espero que isto não acabe. — Ela morde o lábio inferior antes de sair do banheiro sem outro olhar.

Penso em dar-lhe espaço, deixá-la organizar seus pensamentos antes de entrar e forçá-la a falar comigo. Mas então me lembro de que ela não me concedeu exatamente a mesma cortesia. Ela abriu caminho para o meu coração dez anos atrás, e novamente na semana passada de uma maneira completamente diferente. Eu nunca tive a chance de organizar meus pensamentos antes de ter que enfrentá-la, e se ela está pedindo o que eu acho que ela está pedindo, então ela precisa saber como falar comigo. Eu a sigo e abro caminho pela porta fechada para encontrá-la puxando uma calcinha. Ela se vira para olhar para mim enquanto puxa a calcinha pelas pernas e a deixa encaixar contra seus quadris. Seu peito ainda está nu e tudo que eu quero fazer é cair de joelhos e festejar em seus seios. — Madeline, se você fugir de mim toda vez que eu te chateio, isso nunca funcionará.

— Bem, eu te amo, e eu quero estar com você e você está falando comigo sobre quando isso acabar... então me desculpe por estar um pouco aborrecida com isso.

— Desculpe por ter dito isso... acho que ainda estou tentando recuperar o atraso. Eu só acho que será muito mais difícil do que você pensa fazer a transição desse relacionamento. Eu criei você, Maddie, e agora... Isso é complicado. E o que acontece quando você vai embora no ano que vem? Você vai

querer ser livre para explorar e se encontrar. — *A última coisa que ela precisa é de um... namorado?... superprotetor? Seguindo-a por toda parte. E eu sei que faria isso, porra. Eu não deixaria nenhum daqueles fodidos de fraternidade a menos de um quilômetro dela.*

— Quem disse que eu vou embora? — Ela se senta na cama e olha para mim. — Eu pensei... quer dizer, eu ia perguntar se eu poderia ficar aqui com você enquanto eu fosse para a faculdade.

— Maddie... você é brilhante e Ivy já está batendo na nossa porta.

— As Universidades da Ivy League⁹ são caras.

— Você me deixará preocupar com isso? — Eu não queria dizer a ela que eu tenho reservado dinheiro para a escola para ela por anos, sem mencionar que Margie, Henry, Aria e Grant estão todos a bordo que nós a mandaríamos para onde ela quisesse.

— Desde que te conheço, você sempre me colocou em primeiro lugar. Você me deu tudo que eu sempre quis ou precisei em toda a minha vida. Eu não quero que você desista de mais nada por mim. Não quero que sacrifique mais nada por mim. Eu só quero... você. — Arrepios aparecem por todo o corpo dela, e meus olhos imediatamente vão para seus mamilos que estão se tornando pontos duros.

⁹ A Ivy League (Liga Ivy ou Liga da Hera) é uma conferência desportiva da NCAA de oito universidades privadas do nordeste dos Estados Unidos.

Antes de se converter na denominação oficial da conferência desportiva, em 1954, já se denominava assim de forma oficiosa este grupo de universidades, que têm em comum conotações acadêmicas de excelência, assim como de elitismo, devido à sua antiguidade e admissão seletiva.

Sento-me ao lado dela e puxo sua mão na minha e corro meus lábios sobre ela antes de colocar um cobertor em seus ombros. — Eu nunca tirarei você do primeiro lugar, Maddie. Não importa até onde as coisas vão entre nós.

CAPÍTULO 10

Madeline

Eu espreito por trás da cortina vermelha, olhando para o mar de pessoas no auditório. Dezenas de olhos me encaram e isso dá um nó no meu estômago. Eu não acho que eles podem me ver através da pequena fresta, mas eu me afasto lentamente, meu lábio tremendo a cada passo. — Eu não posso fazer isso.

Uma mão toca meu ombro e então seu perfume familiar me envolve. — Claro que você pode, querida. Eu prometo que não é assustador. — Aria se ajoelha na minha frente e alisa meu cabelo em um coque. Embora eu não saiba como um fio de cabelo pode estar fora do lugar, ela ficou espalhando spray de cabelo por vinte minutos inteiros.

— Cal não está aqui. — Lágrimas enchem meus olhos e uma ameaça escorrer pelo meu rosto, mas então eu me lembro do trabalho duro de Aria em meus olhos. Eu pareço bonita. Como um modelo em uma revista ou uma estrela de cinema. É meu primeiro recital e minha primeira vez na frente de uma plateia e toda a maquiagem no meu rosto me faz parecer uma boneca bem maquiada. Eu esfrego meu nariz distraidamente e olho para ela. A preocupação brilha em seus olhos verdes e ela coloca uma mecha de seu cabelo recém-cortado atrás da orelha.

— Eu sei, e você sabe que ele quer estar aqui, mas algo aconteceu no trabalho. — Ela me puxa para um abraço e aperta antes de beijar minha bochecha. — Ele prometeu nos encontrar assim que pudesse, lembra? E eu farei um vídeo. Você será tão boa, Maddie. A melhor bailarina que já existiu.

Em algum lugar distante, eles chamam por mim e Aria se levanta. — Eu tenho que ir para o meu lugar, mas eu prometo que tudo ficará bem.

Eu olho para ela e começo a esfregar meus olhos, mas deixo minha mão cair quando me lembro da minha maquiagem. — E se eu cair?

— Então você se levanta e segue em frente. — Meus olhos se arregalam. Eu esperava que ela me assegurasse que eu não faria isso. — Todo mundo cai às vezes... você simplesmente se levanta e continua. — Ela toca minha bochecha e acaricia suavemente. — Agora vá lá e nos mostre o que você pode fazer.

Eu sou conduzida a uma fila por uma mãe de palco e uma garota ao meu lado, com o mesmo tutu rosa brilhante olha para mim com olhos brilhantes. — Eu ouvi você falando com sua mãe... não fique triste, meu pai também não está aqui.

— Ah, essa não é minha mãe... e Cal não é meu pai... — Eu paro, ainda tentando encontrar as palavras de como explicar quem é Cal na minha vida. Eu franzo a testa quando penso no meu pai verdadeiro. — Ele é melhor do que qualquer pai que eu já conheci.

Sou trazida de volta ao presente pelo som da voz de Catrina. A mesma menina com o tutu rosa brilhante agora é uma menina mais velha com um tutu branco indicando que ela é uma das dançarinas russas no Balé O Quebra-Nozes que nosso estúdio coloca todos os anos. — Vamos Shaw, você está acordada. — Ela dá um tapinha no meu ombro e eu me levanto com um suspiro. — Você está mais mal-humorada do que o normal. Você é a Fada da Ameixa Açucarada, pelo amor de Deus, podemos colocar um sorriso? — Ela se inclina para a frente no espelho ao meu lado e franze os lábios recém-pintados no espelho. — Mal posso esperar para sair disso; Jacob acabou de chegar da faculdade esta tarde e eu estou fingindo ter uma boa trepada.

Você e eu, ambas. Eu faço beicinho. — Eu não acho que Cal vai conseguir.

— Ah, então é por isso que você está toda mal-humorada. — Ela se vira para mim antes de olhar ao redor. — Dez anos e você ainda fica tão impaciente quando ele não está aqui. — Ela estreita o olhar para mim e por um breve segundo, me pergunto se as respostas estão escritas em mim. Que eu quero Cal aqui por motivos diferentes de quando eu tinha dez anos. Antes eu estava com medo, e ele me fez sentir corajosa e como se eu pudesse enfrentar qualquer coisa. Agora, eu só o queria aqui porque eu sou a líder e quero que ele se orgulhe de mim. Quero que o homem que amo e que me ama esteja aqui. Ele me prometeu várias vezes esta manhã que iria tentar o seu melhor para fazê-lo, mas ele tinha que lidar com algo alguns condados adiante e não tinha certeza de que voltaria a tempo.

— Só me sinto melhor quando ele está na plateia.

— Hmmm. — Ela alisa seu tutu e puxa as alças de seu collant para cima.

— Você está dormindo com ele, não é?

— O quê? — Eu viro minha cabeça para ela, minha voz alta e penetrante e ela revira os olhos e pressiona um dedo no ouvido.

— Então, isso é um sim?

— Não, Catrina. Quê? O que faria você dizer isso?

— Bem, agora, sua reação, e o fato de você estar mais rosada do que as fantasias de dançarinas chinesas, e dois, porque nenhuma mulher poderia sobreviver vivendo em uma casa com um homem que parece o Oficial Sexy sem ter um gosto.

Eu zombo. — Eu odeio quando você o chama assim.

— Por quê? Sentindo-se territorial? — *Sim*. Ela se inclina para a frente e passa um dedo sobre meus cílios, empurrando-os para cima. — Diga-me que você o chama assim na cama, não é?

Reviro os olhos e afasto a mão dela antes de me levantar da cadeira. — Eu não o chamo de nada na cama porque não estamos dormindo juntos! Você precisa tirar sua mente da sarjeta e parar com os livros de romance. Está transformando você em um pesadelo excitante. — Eu amo Catrina e sua afinidade por literalmente todos os livros obscenos, mas isso a fez acreditar que todo mundo está se fodendo. *Ou quer*.

Ela encolhe os ombros. — Tudo bem, tanto faz. — Ela levanta as mãos antes de sair. Eu olho para o meu telefone assim que ele toca, o som fazendo meu coração afundar porque eu sei que é Cal me dizendo que ele não vai conseguir.

Super-herói: Ainda em Seattle. Eu farei as pazes com você, eu juro. Eu te amo.

As três palavras fazem meu coração disparar. Mordo meu lábio inferior enquanto eu aperto, meu sexo sente essas palavras quase tanto quanto meu coração.

Eu: E como você pretende fazer as pazes comigo?

Super-herói: Falo mais tarde, Madeline.

Posso ler nas entrelinhas. *Não comece.* Eu tentei mandar uma mensagem para ele uma vez, na semana passada, quando estava entediada na minha aula de química. Ele não gostou e começou a me dar um sermão muito severo quando chegou em casa sobre não colocar nada por escrito. Fazia sentido porque, embora os textos pudessem ser excluídos, nada nunca desapareceu permanentemente nos dias de hoje.

Eu: Tudo bem. Eu vou em breve, falo com você mais tarde.

Super-herói: Break a leg¹⁰.

— Você foi tão bem! — Aria salta para cima e para baixo enquanto eu saio do vestiário e me movo pelo mar de pessoas em direção à minha torcida muito alta. Aria, Margie, Grant e Sasha foram os mais barulhentos de longe. Mas embora eles sempre conseguissem me envergonhar, eu não os trocaria por nada.

— *Todo mundo precisa de um time da casa — Aria me disse uma vez. — Eles são as pessoas que mais torcem por você, mesmo quando está no final da nona e as bases estão carregadas e tudo parece perdido.*

Sasha salta para cima e para baixo e envolve seus braços ao meu redor. — Ainda não consigo acreditar que suas pernas podem fazer isso. O homem que te colocar na cama vai beijar o chão em que você pisar.

— Sash! — Eu a golpeio enquanto Grant geme.

— O que! Você faz dezoito anos em menos de uma semana. — Sasha trata minha família inteira como se fossem meus irmãos mais velhos e não os vê de forma alguma como pais. — Você não está levando ela para uma sex shop? — Ela aponta para Aria, que então me lança um olhar.

— O quê? Ela quer vir também! — Eu bato no braço da minha melhor amiga. — Você não tem nenhum maldito calafrio!

¹⁰ Expressão normalmente usada para desejar boa sorte. Tradução: Parta uma perna.

Ela envolve um braço em volta do meu pescoço e me arrasta para longe da minha família e para um canto. — Ok, me diga que você pode sair hoje à noite.

Visões de como Cal vai me compensar por ter perdido meu show hoje à noite vêm invadindo meu cérebro como uma luz de néon brilhante. Por mais que não esteja na ponta da minha língua, eu tenho que jogar com calma e não como se eu tivesse planos que não incluem sair da cama de Cal até de manhã. *Ou nunca*. — Fora onde?

— Vamos lá, você mal sai há semanas e hoje foi o último dia de aula até depois do Ano Novo! Diga-me que Papai policial deixará você sair. — Cal e eu não tínhamos passado muito tempo fora de casa nas últimas semanas porque aqui não podíamos ser nós. Cal não podia me tocar, ele não podia olhar para mim do jeito que ele não pode deixar de olhar para mim. Ele não podia passar a mão pelas minhas costas e segurar minha bunda. Ele não conseguia traçar meu pescoço com a língua. Ele não podia me beijar. Todas as coisas que nós dois gostávamos de fazer, *frequentemente*. Então, não, eu realmente não tinha saído de casa.

— Eu só... — Procuro no meu cérebro uma desculpa, mas chego bem vazia — Estou tão cansada, Sasha.

— Besteira, você pode dormir amanhã. Você está saindo. Sem perguntas. Estarei em sua casa em uma hora. Por favor, esteja pronta.

Eu suspiro em derrota. — Onde estamos indo?

— Só comer alguma coisa!

Conheço minha melhor amiga o suficiente para saber, há mais na história. — Com...

— Mike... — Ela olha em volta e me dá um sorriso e uma dança, — e o cara gostoso do lacrosse.

Eu aperto meus olhos fechados, sabendo que isso será complicado pra caralho para sair. Como explicarei para Sasha que não posso ir a um encontro?

Eu vejo o olhar que ela está me dando e solto um suspiro.

Certo, como explicarei a Cal *que vou a um encontro?*

Cal ainda não está em casa uma hora depois e estou começando a me sentir ansiosa por sair de casa sem vê-lo primeiro. Pego o telefone para ligar para ele e ele atende no primeiro toque.

— Ei, Maddie. — *Tradução: Estou perto de pessoas. Oi, baby.*

Eu engulo enquanto corro a loção pelas minhas pernas nuas, desejando que fossem suas mãos me tocando. — Ei... umm... Sasha quer sair.

— Agora? — *Tradução: Eu quero você em casa quando eu chegar lá. Não saia.*

— Sim, eu só... não sei como sair disso.

— Eu não sei se eu quero que você saia tão tarde. — Ouço alguém falando ao longe e então uma voz que reconheço chegando ao fone.

— Não deixe que esse velho te impeça de sair e viver sua melhor vida, pequena G. — A voz de Ryan Burns, o braço direito de Cal, vem ao telefone. Eles são melhores amigos desde o primeiro dia da Academia e genuinamente um dos melhores caras que conheço além de Cal. Ele começou a me chamar de pequena G, como em *Pequena Grayson*, porque para ele é isso que eu sou. *A filha de Cal*.

Eu fecho meus olhos, sabendo que nunca em um milhão de anos Ryan deixará isso pra lá e agora Cal tem que ter cuidado com o que ele diz em seguida, porque Ryan sempre sabe quando algo está errado. É por isso que ele foi promovido a Detetive aos 26 anos.

— Ei Ry, vocês estão ficando fora de problemas? — Pego minha calça jeans e a coloco sobre minhas pernas enquanto coloco meu telefone contra meu ombro.

— Pode apostar. Agora vá se divertir. Mas não muito, ok?

— Hum... sim, claro. Posso... posso falar com Cal bem rápido?

— Onde é que vocês vão? — Cal diz enquanto sua voz vem ao telefone.

— Eu não quero ir, mas você não está exatamente me dando uma saída — Digo a ele. — E eu sei que Ryan tornou isso dez vezes mais difícil. — Suspiro, sabendo que ele não pode responder a nada do que acabei de dizer. — Eu apenas quero ver você. — Eu suspiro, quando ele não diz nada. — Jantar. Vou mandar uma mensagem para onde vamos.

— Tudo bem, divirta-se, Mads. — Eu posso ouvir o sorriso em sua voz que ele provavelmente está colocando para Ryan, embora eu saiba que seu coração não está nisso.

— Eu te amo.

— Até logo. — *Tradução: Estou chateado para caralho.*

— Você pode pelo menos fingir que está animada? — Sasha diz enquanto eu entro em seu Toyota Camry. Era um presente de aniversário antecipado de seus pais, tanto por completar dezoito anos quanto por entrar na faculdade. Sasha é brilhante por natureza, não por estudar, e apesar do fato de ter faltado mais da metade de suas aulas toda semana, ela ainda mantém uma média boa o suficiente para ser aceita precocemente em algumas universidades.

— Eu não quero sair com o cara do lacrosse. Falando nisso, ele tem um nome?

— Hum... Bryan? Brock? Brent? — Ela encolhe os ombros enquanto sai da minha garagem. — Não saberei te dizer. Pergunte a ele. E porque não? — Ela aponta o dedo para mim. — Você tem agido estranho nas últimas semanas. O que há?

— Nada, estou apenas... exausta, e acho que um pouco ansiosa por fazer dezoito anos. E no ano que vem... não sei, coisas da faculdade. —Começo a

divagar sobre as coisas padrão que as pessoas da nossa idade precisam ficar estressadas para evitar que Sasha se aproxime demais da verdade.

— Eu sei garota, eu também. Mas é por isso que você tem que se soltar de vez em quando.

— Eu soltei bastante.

— Não recentemente! Eu sinto que mal te vi desde antes do Dia de Ação de Graças. É quase Natal. Falando nisso, o que faremos no seu aniversário?

Esperançosamente eu e Cal em nada mais do que nossos termos de aniversário. Reviro os olhos para o meu trocadilho brega e dou de ombros. — Tenho alguns planos com todo mundo, mas nada maluco.

— Isso é estúpido, é seu décimo oitavo! Tenho certeza de que Aria e Cal têm algo divertido planejado para você. Como uma festa surpresa!

— Você não saberia se houvesse uma festa surpresa? — Eu levanto uma sobrancelha para ela.

— Não necessariamente, eles sabem que não posso guardar segredos de você.

Sasha liga uma música e eu sou grata pelos sons de Lana Del Rey para parar a conversa e aquietar os pensamentos em meu cérebro. Deixo sua voz melancólica me acalmar um pouco quando sinto uma mensagem zumbindo na minha bolsa.

Super-herói: Só você e Sasha?

Eu: Não.

Super-herói: Quem mais?

Eu: O namorado dela e outro cara.

Super-herói: Então, como um encontro?

Este é um daqueles momentos em que eu gostaria de ser completamente transparente. Quero dizer a ele que me sinto encurralada e que não quero sair em primeiro lugar. Que eu queria estar em casa quando ele chegasse, enfiada na cama e esperando por ele. Que eu não queria nenhum outro cara. Só ele.

Mas não posso dizer isso.

Eu: Eu não chamaria assim.

Super-herói: Parece que sim... e você sabe que todos os caras têm que passar por mim.

Eu: Cal...

Ele não diz nada e um sentimento estranho toma conta de mim, sensação de que estou entrando em um desastre.

Brad Richards tem olhos azuis brilhantes que combinam quase completamente com o tom dos meus. Seu cabelo loiro é cortado curto, quase ondulado se não fosse pelo fato de que ele meio que cai em seu rosto na frente. Ele é alto, muito mais alto do que eu e Sasha, e até tem Mike por um centímetro, me fazendo pensar se ele tem mais de um metro e oitenta. Ele é forte pelo que eu posso ver sob sua jaqueta que tem seu nome orgulhosamente estampado nas costas. — Esta deve ser a famosa Maddie.

Eu puxo minha jaqueta de couro marrom mais perto de mim. — Eu não sabia que era famosa. — Um sorriso educado encontra meus lábios antes que ele me puxe para um abraço, para minha surpresa. Eu me afasto e coloco algum espaço entre nós e dou a ele minha mão. — Prazer em conhecê-lo.

— Tão formal. — Ele sorri, revelando um sorriso com um pequeno espaço entre os dois dentes da frente. Objetivamente, ele ainda é bonito. A pequena falha faz com que ele pareça mais real e não o garoto americano perfeito que ele parece ser. Ele aperta minha mão e a leva à boca, roçando os lábios sobre a pele. Eu deslizo minha mão para fora dela, me perguntando por que ele é tão prático quando nós literalmente acabamos de nos conhecer, e ele franze a testa.

Acho que ele vai dizer algo em resposta à minha indiferença quando algo por cima do meu ombro chama sua atenção. Suas sobrancelhas franzem e eu ouço Sasha gemer. — Ah, pelo amor de Deus.

Meu couro cabeludo formigando em preparação para a tempestade que eu sei que está vindo em minha direção. Não tenho ideia de como Cal vai

reivindicar seu direito sobre mim, mas sei, sem dúvida, que não ficarei neste restaurante por muito mais tempo.

— Senhoras. — Olhos castanhos famintos encontram os meus. *Bem, para mim eles estão com fome, para todos os outros eu tenho certeza que eles são os olhos de um policial que não aceita merda nenhuma.* Ele se vira para Brad e Mike, olhando carrancudo para o meu 'encontro'. — Cavalheiros.

— Há algum problema? — Brad o olha de cima a baixo, sem perceber quem ele é e, assim, obtendo uma vibração diferente dele. *Por favor, não comece um concurso de mijo com ele.* Estou prestes a explicar quem é Cal quando Brad continua — Porque elas estão conosco. — Ele aponta para mim e Sasha.

— É assim mesmo? — Cal olha para mim, um brilho maligno em seus olhos, e eu já não gosto de onde isso está indo. — Madeline.

Eu tento impedir meu corpo de reagir ao seu uso do meu nome completo, mas não adianta. Meu peito esvazia, meu coração começa a acelerar e um pulso começa a piscar entre minhas pernas. — Brad, este é o meu... hummm... bem... eu meio que moro com ele.

Ele levanta uma sobrancelha e cruza os braços sobre o peito, sua postura e olhar cheios de julgamento. — Parece um pouco jovem para ser seu pai.

— Ele não é.

— Irmão?

Eu balanço minha cabeça. — Não — Eu digo suavemente.

— Primo? Tio? Algum tipo de membro da família?

— Nós não somos... parentes. Eu não... tenho uma tonelada de família.

— Sim, você tem. — A voz de Cal é suave e ele me fixa com um olhar.

Você tem família. Como você chama Aria e Henry e Margie?

— Quero dizer... hummm meus pais morreram quando eu era mais jovem e Cal me acolheu.

— Apenas um cara aleatório? — Brad me encara e desvia o olhar para Cal de forma acusadora.

— Deus, Brad, cale a boca! — Sasha olha para ele. Ela olha para Mike, que está a par do meu passado, assim como a maioria das pessoas em nossa cidade, me fazendo acreditar que Brad não cresceu aqui porque todo mundo no estado de Oregon sabe sobre o homicídio-suicídio de Shaw. — Querido!

— Sim, calma, B. — Mike cutuca seu braço. — Ele é bom — Diz ele apontando para Cal.

— Tudo bem, bem, nós podemos ter nosso encontro agora? Eu realmente não sei por que você está aqui. — Sua mão me alcança, em uma tentativa de me puxar para longe de Cal, mas mantenho meus pés firmemente plantados no lugar e saio de seu aperto. Um lampejo de mágoa, mas também de raiva, se move em seus olhos e me vejo dando um passo para trás e mais perto de Cal.

Ele deve sentir minha apreensão porque dá um passo mais perto de Brad e um pouco na minha frente. — Estou aqui porque ninguém tira Madeline sem me conhecer primeiro. Ela conhece a regra e a senhorita Parker também, que

tenho certeza que esperava que pudesse tirá-la de casa enquanto eu estava fora.

— Ele lança um olhar para Sasha e ela revira os olhos.

— Vamos, CG, preciso que você relaxe. Nossa garota tem quase dezoito anos, você não pode cuidar dela para sempre.

— Me observe. — Ele olha para Sasha, e eu tenho que dar crédito a ela, ela não recua, segurando seu olhar por muito mais tempo do que a maioria. Ela revira os olhos e se vira para mim. — Você pode chamar seu guarda-costas, por favor? — Ela faz beicinho como se dissesse, *por favor, não estrague esse encontro duplo*.

— Posso falar com você por um segundo? — Eu tento soar irritada com ele, tentando fazer o papel da adolescente que está envergonhada, mas a verdade é que estou irritada com todos, menos com Cal. Ele veio para mim quando eu queria e está me oferecendo a saída que eu quero desesperadamente ter.

Ele não me toca enquanto caminhamos para fora e tudo que eu quero fazer é pular em seus braços e envolver minhas pernas em volta dele. — Oi.

— Ei. — Ele sorri e atinge seus olhos me fazendo pensar se ele realmente não está com raiva de mim.

— Você não está bravo comigo?

Ele balança a cabeça. — Não. — Ele dá um passo em minha direção e eu o sinto ao meu redor. — Me desculpe, eu perdi o seu show.

Eu balanço minha cabeça. — Eu entendo.

Ele toca meu queixo suavemente. — Odeio quando não posso estar lá.

— Você está sempre lá. Você está em todos os lugares. — Eu mordo meu lábio inferior. — Obrigada por ter vindo.

Seu polegar esfrega meu lábio e mergulha lentamente em minha boca.
— Você quer estar aqui?

Eu balanço minha cabeça lentamente e deixo minha língua correr sobre ele. — Eu acho que você sabe onde eu quero estar.

— Pensei em perguntar...

— No caso de eu estar mentindo sobre meus sentimentos por você?

— Ele tem a sua idade e não é tão complicado e... — O medo aperta meu coração, ouvindo suas palavras, e eu balanço minha cabeça.

— Não é você.

— Você quer que eu te leve para casa?

Eu aceno enfaticamente. — Sim.

— Você quer que eu volte com você? — Ele acena para o restaurante, mas acho que Brad e Cal não precisam de mais tempo na mesma vizinhança.

— Não... — Eu balanço minha cabeça assim que ouço meu nome sendo chamado. Cal tira a mão da minha boca em um instante e dá um passo para trás de mim, tentando esfriar o calor crepitante entre nós enquanto Sasha se aproxima de nós. Seus olhos cor de cinza se movem para a frente e para trás entre nós como se sua visão estivesse desfocada antes e agora ela estivesse vendo as coisas claramente.

Porra.

— Ei. — Seus olhos piscam para Cal, que está levantando uma sobrancelha para ela desafiando-a a questionar o que ela encontrou. Eles varrem de volta para mim porque, embora ela faça um grande jogo, eu sei que Cal a intimida. — Tudo bem?

Sorrio, tentando parecer menos culpada do que me sinto. Eu odeio mentir para Sasha e esconder coisas dela. — Sim, Sash, mas eu realmente não estou me sentindo bem, acho que vou embora. — Suas sobrancelhas franzem e atiram para Cal.

— Você está realmente *a fazendo* ir embora?

— Eu não estou fazendo Maddie fazer nada, Sasha. Ela pode tomar suas próprias decisões. Parece que você a pressionou em algo que ela não queria fazer em primeiro lugar.

— Cal... — Eu paro. Eu atiro-lhe um olhar dizendo-lhe para parar e ele revira os olhos. Eu tento minimizar a conversa que estamos tendo com nossos olhos, mas Sasha deve notar porque ela limpa a garganta.

— Posso falar com você por um segundo? — Sasha pergunta, antes de lançar um olhar para Cal. — *Sozinha?*

Cal bufa, a irritação fluindo dele em ondas enquanto ele acena em direção ao seu jipe. — Estarei no carro. — Volto-me para Sasha, com um plano para mostrar como estou cansada desde o dia, mas ela fala primeiro.

— Você está dormindo com Cal?! — Ela deixa escapar, seus olhos treinados no jipe estacionado vários carros abaixo.

— Não! — Olho em volta, preocupada que alguém possa ouvir quando percebo que, mesmo que ouvissem, não é como se eles necessariamente soubessem de quem estávamos falando.

— Madeline. — Ela olha para mim, seus olhos se estreitando e ela coloca as mãos nos quadris. — Eu sou sua melhor amiga, se você não pode ser honesta comigo, com quem você pode ser honesta?

Cal.

— Estou sendo honesta.

— Jure em suas sapatilhas.

Eu mordo meu lábio inferior. Quando eu era criança, sempre que eu tinha uma verdade suprema, eu jurava em minhas sapatilhas de balé. — Eu juro pelos minhas sapatilhas que não dormi com Cal.

Ela me olha como se não acreditasse em mim, o que é perigoso porque Sasha pode ser implacável em sua busca pela verdade. — Você sabe que pode me dizer qualquer coisa.

Meu coração aperta por não poder ser honesta com ela. Por ter que mentir para ela e manter esse segredo dela. Mas e se ela não entendesse? E se contasse para alguém? — Eu sei, Sash.

Ela dá um passo à frente e envolve seus braços ao meu redor. — Você realmente tem que ir?

— Sim. — Meus olhos estão fixos no chão, sem vontade de encontrar seu olhar penetrante e curioso. Ela beija minha bochecha e me aperta.

— Faça o que achar melhor. — Meu coração bate no peito quando eu juro que ouço o duplo sentido quando ela se afasta. — Apenas... — Ela para — Cuide-se. Eu sei que você espera que Cal faça isso, mas certifique-se de saber como fazer isso também... para quando ele não estiver lá.

CAPÍTULO ONZE

CAL

Lábios macios e quentes atacam meu rosto assim que a porta se fecha atrás de nós. Maddie ainda nem tirou o casaco quando joga os braços em volta do meu pescoço e me puxa para beijá-la. Congratulo-me com seus lábios avidamente, abrindo minha boca e encontrando sua língua com impulsos ansiosos urgentes. Ela tem gosto de canela e sexo e toda vez que ela passa a língua na minha, meu pau aperta na minha calça. Ela envolve uma perna ao meu redor, empurrando seu sexo contra mim e se abrindo para mim. Eu agarro seus quadris e a levanto em meus braços, permitindo que ela envolva suas pernas em volta da minha cintura. Ela arranca o casaco e empurra o meu no chão enquanto eu subo as escadas, nossos beijos ficando mais desesperados e frenéticos. — Sem encontros, Madeline — Eu vocifero para ela.

No segundo em que ela me disse que estava saindo com Sasha, eu sabia que havia mais na história e então ela me disse que um menino estava envolvido e eu vi *vermelho*. Graças a Deus Ryan estava fora do horário e sua mulher tocou o alarme ‘Eu preciso de pau’ então eu não precisava inventar uma desculpa para encontrar Maddie e exercer minha reivindicação. Eu quase quebrei o braço daquele filho da puta por pensar que ele poderia até respirar o ar de Maddie e muito mais tocá-la.

— Eu não queria ir. — Ela se afasta e olha para mim. Seus lábios estão inchados e vermelhos e brilhantes e seus olhos estão brilhando com lágrimas. — Você disse que não estava bravo.

Eu empurro suas bochechas juntas e corro meus lábios de sua testa até seu queixo, beijando suas bochechas e nariz no meio.

— Eu não estou bravo com você. O pensamento de alguém tocar em você me deixa louco pra caralho. — Eu agarro seus antebraços com mais força enquanto a raiva chicoteia através de mim e ela grita. Eu a deixo cair na cama e monto em sua cintura, esfregando meu pau ereto contra seu sexo. — Deus, eu quero foder você.

— Porque você está com ciúmes? — Ela se senta nos cotovelos e me empurra um pouco para fora dela para minha surpresa. — Você não pode estar falando sério. Você não tem nada para ter ciúmes.

— Você é *minha*, Maddie.

— Sempre fui sua. — Ela olha para mim através de seus cílios e morde o lábio inferior, como se ela fosse uma mestra na arte da sedução. — Desde que eu tenho idade suficiente para saber o que significa querer um homem. Sempre foi você, Cal. Achei que estava doente ou louca por querer você, mas não pude evitar. Eu não posso evitar. Eu quero você... eu quero isso. — Ela agarra meu pau através da minha calça e aperta me fazendo assobiar.

— Mads — gemo.

— *Papai*. — Um sorriso cruza seu rosto.

— Porra. Não me chame assim. — Eu abaixo minha cabeça na dela e pressiono minha testa contra a dela. Deus sabe que quero ouvir. Eu quero ouvi-la me chamar de *papai* enquanto estou dentro dela... Enquanto minha boca está em sua boceta. Eu quero ouvir a versão abafada que escapa de seus lábios carnudos quando eles estão em volta do meu pau.

— Tem certeza disso? — Ela sussurra, sua respiração fazendo cócegas no meu rosto.

Não.

Eu me afasto, me lembrando de mim mesmo e fico na frente dela.

— Chega muito perto de casa. — Sêmen escorre pelo meu eixo e pinga em minha cueca com o pensamento dessa palavra deslizando por seus lábios novamente.

— Eu sei. — Seus olhos estão cheios de fome. — Isso me deixa tão molhada. — Ela se levanta de joelhos e seus olhos azuis brilham com luxúria. Seus dedos correm ao longo do meu cinto e ela o desliza pelas presilhas. — Por favor, deixe-me ver.

— Porra. — Fecho os olhos e dou alguns passos para trás. Uma carranca encontra seu rosto doce. — Eu... eu deveria tomar um banho.

A decepção se espalha por suas feições e ela se senta novamente e acena com a cabeça. — Eu esperarei aqui.

— Ou... — Eu limpo minha garganta, as palavras ficam presas lá.

— Ou? — Seus olhos se iluminam e a esperança em sua voz deixa meu pau dolorosamente duro.

— Quer vir comigo? — Eu aceno em direção ao meu banheiro. Ela está fora da cama e no banheiro antes que eu possa dizer outra palavra.

Meus olhos percorrem a banheira que na semana passada eu assisti com a respiração suspensa enquanto Maddie tomava banho e me provocava impiedosamente. Estou brincando com fogo, entrando no chuveiro com ela, mas pelo menos tive uma solução para sair sem transar com ela. Eu sabia que se eu me sentasse em uma banheira cheia de bolhas, o cheiro de lavanda e o sexo de Maddie inundando minhas narinas, eu não duraria um minuto antes de deixá-la se enfiar no meu pau. Sem camisinha nisso.

— Querida, Aria já colocou você na pílula? — Eu pergunto, de repente me sentindo um pouco apreensivo sobre foder sua boceta virgem nua e desprotegida. Meu cérebro também notou que é a primeira vez que eu a chamo de querida e pelo olhar no rosto de Maddie, ela também notou.

— Sim. — Ela acena com a cabeça enquanto seus dentes encontram o caminho para o lábio inferior. — Ano passado. Você está perguntando porque... eu preciso disso?

Eu limpo minha garganta. — Você está prestes a ficar nua e molhada. Eu não sei o que acontecerá nos próximos trinta minutos... — Engulo. — Um olhar para você e eu perco toda a razão.

— Você fará amor comigo sem camisinha? — Sua voz guincha um pouco e eu noto os arrepios aparecendo em todos os lugares quando ela tira a camisa.

Eu esfrego minha mão em seu peito e abro o seu sutiã deixando-o deslizar pelos braços e para o chão com um baque retumbante. Eu deslizo meus dedos pelas presilhas de seu cinto e a puxo para mim por seu jeans e, em seguida, abro o botão. Eu esfrego círculos em seu estômago e me ajoelho na frente dela enquanto desço seu jeans pelas pernas. — Não quero nada entre nós. — Um grunhido ressoa no meu peito quando o desejo de esfregar em sua fenda toma conta.

— Nem eu. Eu quero sentir tudo. Eu quero sentir seu esperma escorrendo em mim. Eu acho que posso sentir isso, certo? — Seus olhos inocentes piscam para mim enquanto ela sai de seu jeans e seu cheiro me envolve. Eu olho para sua calcinha rosa transparente, sua fenda escura brilhando através do tecido. Eu lambo meus lábios e antes que eu possa me impedir, eu pressiono meus lábios em seu sexo através de sua calcinha. — Cal — Ela choraminga.

— Porra. Eu preciso te deixar nua. — Eu me levanto e puxo minha camisa sobre minha cabeça e desabotoo minha calça antes de deslizá-la pelas minhas pernas. Quando olho para cima, seus olhos estão grudados no meu pau e ela engole.

— Eu sabia que você seria grande. — Eu sigo seu olhar para encontrar meu pau de pé orgulhosamente e apontado diretamente para ela como se

soubesse que ela é sua casa. — Eu sonhei com você me esticando, reivindicando minha virgindade, fazendo minha boceta se ajustar ao seu pau, então nunca mais vai querer outro.

Foda-se.

Eu agarro sua calcinha e a rasgo de seus quadris, deixando-a flutuar no chão para que ela fique completamente nua. Eu dou um passo para trás; meus olhos varrendo seu corpo perfeito e ligo a água. — Entre.

Ela passa por mim e eu bato em sua bunda suavemente, encantado com a forma como ela treme sob o tapa. Ela ri e se vira, as costas pressionadas contra o azulejo e a água batendo em seu corpo nu. Eu engulo quando abaixo minha cueca no chão, me expondo a ela e me pergunto se ela pode ouvir meu coração batendo no meu peito sobre este momento íntimo. Seus olhos, olhando para o meu pau, com excitação e intriga. Sempre fui elogiado pelo meu físico. Músculos duros cobrem meus braços e pernas, com abdominais definidos, eu trabalho duro para manter no lugar. Maddie lambe os lábios e sou duro com sua resposta ao meu corpo.

— Cal — Ela estende os braços para mim — Venha aqui, deixe-me tocar em você. — Eu obedeco seu comando e entro no chuveiro, fechando a porta de vidro atrás de mim e então estamos nus na frente um do outro pela primeira vez.

Eu não envolvo meus braços imediatamente ao redor dela porque meu autocontrole está murchando e estou tentando manter alguma aparência disso. Nós nunca nos tocamos enquanto estávamos nus e eu não sei se serei capaz de me controlar quando o fizer.

A água escorre por seu corpo em riachos. Eu quero me ajoelhar na frente dela e pegar cada gota de água que escorre dela com a minha língua. Seus mamilos enrugam sob meu olhar, fazendo os pontos ficarem eretos e eu cerro os dentes para parar de puxá-los em minha boca. Meus olhos vagam sobre seu corpo perfeito e ela se mexe nervosamente.

Ela deve sentir minha apreensão porque ela deixa cair os braços. — Até onde podemos ir?

— Eu gostaria que tivéssemos estabelecido alguns limites primeiro, porque agora... olhando para você nua e molhada eu só quero prendê-la na parede e foder sua vida.

— Não sou contra.

O que você esperava, Cal? — Maddie...

— O quê? Isso é realmente tudo sobre o meu aniversário? Farei dezoito em menos de uma semana. Além disso, dezessete anos não é a idade de consentimento em metade dos estados e dezesseis em vários deles também? — Ela argumenta. *O que você fará quando ela for legal?*

— É sobre um monte de coisas.

Ela dá um passo à frente e eu congelo. — Não fique nervoso — Ela sussurra enquanto suas mãos encontram meu peito. Ela corre pelo meu peito e pelo meu ombro e fica na ponta dos pés, plantando um beijo gentil em meus lábios. — Você me ama?

Eu olho para ela e a sinceridade em seus olhos lava sobre mim como a água quente chovendo sobre nós. — Você sabe que eu amo.

— Então me toque. Por favor. Estou tão desesperada para saber como são seus dedos dentro de mim. O que sua língua fará lá. Talvez você não queira me foder ainda. Mas, por favor, por favor, Deus, toque na minha boceta.

Sinto suas palavras passando por mim como uma corrente elétrica. — Meu Deus, Maddie. Onde você aprendeu a dizer coisas assim?

— Pornô. — Ela sorri maliciosamente.

Meus dedos encontram seu mamilo e eu o esfrego entre o polegar e o dedo indicador. — Estou enjoado. Pensando em todas as coisas depravadas que quero fazer com você.

Pare de tocá-la.

— Você não está doente. — Ela engasga quando eu acaricio seu mamilo. — Mas essas coisas depravadas... diga-me.

— Esses peitos — Eu resmungo enquanto coloco minhas mãos em ambos e os empurro juntos. — Eu quero deslizar meu pau entre eles e empurrar mais e mais até que sua pele sedosa me masturbe e eu goze em cima deles. Eu vou gozar tão forte e tanto que um pouco ficará no seu rosto, cobrindo seus lábios carnudos e eu verei você lambar. Lamba meu esperma de seus seios porque cada gota dele pertence ao seu corpo de alguma forma. Sua boca, sua boceta, seu buraco. Eu quero esvaziar meu pau em cada um de seus buracos. — Eu a pressiono contra a parede, deixando meu pau esfregar contra seu estômago,

deixando-me mais duro que granito. — Você acha que eu não quero tocar em você? Acredite em mim, baby, assim que eu te tocar com minha língua ou meus dedos, eu nunca pararei de te tocar. Estou morrendo de vontade de provar sua boceta perfeita. Essa boceta que me pertenceu por mais tempo do que qualquer um consideraria apropriado. — Minhas mãos serpenteiam para baixo e espalham seus lábios inchados. — Uma vez que eu tenha um gosto, eu nunca vou querer desistir de você, Maddie. Então, espero que você não esteja planejando me deixar.

Eu esfrego os lábios de sua boceta, não empurrando para dentro e ela estremece ao meu toque. — Nunca. Quero você. *Para sempre.* — Ela engasga quando um dedo empurra entre suas dobras e esfrega seu clitóris suavemente. — Oh meu Deus — Ela soluça e eu realmente vejo as lágrimas se formando em seus olhos. — Você não tem ideia de quanto tempo eu esperei por isso. — Ela segura meu rosto em suas mãos. — Você me completa, Cal. — Suas bochechas ficam rosadas e ela olha para onde estamos conectados. — Por favor, nunca desista de mim.

Eu arrasto beijos por seu rosto, pescoço e ombro enquanto continuo a esfregar seu sexo. Eu sinto suas palavras em meu coração e minha cabeça e meu pau e isso me faz querer dar tudo a ela. Casamento, um bebê, tudo o que ela poderia querer.

É para onde isso está indo?

Uma perna me envolve, abrindo ainda mais seu sexo. — O que você quer? — Eu pergunto a ela quando começo a esfregar seu clitóris com mais força,

eu mergulho um dedo em seu sexo e ela está praticamente encharcada, o que faz minha boca salivar e esperma se acumular na ponta do meu pau.

Ela olha para mim, emoções nadando em suas piscinas azuis que são realçadas por cílios grossos que retêm gotas de água do chuveiro. — Tudo — Ela sussurra.

— Seja mais específica. — *Diga as palavras, Maddie.*

— Eu não sabia que eu poderia pedir isso?

Eu me afasto um pouco dela, meus dedos ainda em seu lugar mais íntimo e olho para ela com curiosidade. — Por quê?

— Quero dizer, não sei se é possível.

— Quando eu te neguei alguma coisa? O que você quiser é seu.

— Até... você? — Seus olhos encaram os meus e, por um momento, sinto que não consigo respirar com a inexperiência de sua pergunta. Meu coração aperta enquanto as palavras se formam e se movem pelo meu corpo para pausar na ponta da minha língua.

Eu limpo minha garganta. A água quente, o vapor, a mulher nua, tudo aumentando a intensidade do momento. — Até eu. — Minha voz está rouca e cheia de excitação. Eu estive com várias mulheres no meu passado, mas nunca me senti tão vulnerável ou íntimo de uma mulher na minha vida. Nunca uma mulher expressou tanta necessidade de mim que eu senti com cada fibra do meu ser. Cada parte dela chama cada parte minha e eu quero protegê-la e mantê-la longe de qualquer um que diga que o que temos é errado.

Sujo.

Doente.

— Eu quero tudo isso. — Seu lábio treme e eu me inclino para a frente e o capturo entre meus dentes.

Eu não respondo a princípio, minha mente tentando acalmar meu pau que está duro e pronto para reproduzir na mulher fértil na minha frente. — Você pode ter tudo isso.

— Eu... Eu consigo?

— Eu quero tudo também — Digo a ela honestamente, minha voz baixa sobre os sons da água corrente.

— Foda-me — Ela sussurra. — Coloque seu pau dentro de mim e nos dê o que nós dois queremos. Eu sei que seu coração pertence a mim.

— *Sempre* — Eu resmungo.

— Eu quero saber se seu pau é meu também.

— É seu, Maddie. — Eu olho para baixo e seguro sua boceta. — Isso é meu?

— Você sabe que é.

— Eu vou quebrar o pescoço de qualquer homem que achar que não é.

Eu esfrego meu pau contra os lábios de seu sexo e começo a balançar contra sua boceta escorregadia, sondando sua abertura com a ponta grossa. — Você nunca precisará se preocupar com isso.

Diga isso de novo. Eu nunca fui o tipo de homem que exigia qualquer tipo de validação, mas com Maddie, estou desesperado por isso. — Não?

— Não, papai.

Meu pau pula e ela geme enquanto faz cócegas em seu clitóris. — Eu tinha planos de te deitar e fazer amor com sua boceta com meus dedos e minha língua e fazer você gozar uma e outra vez até que você estivesse solta, lânguida e bêbada de mim e então eu tiraria sua virgindade lentamente, fazendo amor com você. Até que seu corpo não aguentasse. Mas agora... — Eu olho para onde estamos conectados, onde meu pau está a uma polegada dentro dela. — Eu quero levá-la como um maldito animal. Esmagar você como uma fera e rasgar seu precioso corpo em pedaços e colocar você de volta em uma nova porra de mulher. — Empurro um pouco mais forte e vejo como o ar a deixa em um jorro. — *Minha. Mulher. Porra.*

A palavra sai de seus lábios como uma oração e meu pau é a palavra sagrada. — Sim.

E então no chuveiro, suas pernas e braços ao meu redor como hera, eu pressiono meu pau totalmente em Madeline Shaw, a pessoa mais importante do meu mundo nos últimos dez anos, conforme um grito tão sexual e apaixonado sai de seus lábios. Eu quase tiro meu pau de dentro dela. Ela enterra o rosto no meu pescoço e crava os dentes na carne e choraminga enquanto eu a fodo impiedosamente contra o azulejo molhado. — Você está bem? — Eu pressiono meus lábios em seu ombro e a sinto acenar.

— Não pare — Ela sussurra.

— Nunca. Sua boceta está me agarrando com tanta força que está levando tudo para não gozar ainda.

— Eu quero que você... — Ela aperta e eu gemo, desejando que estivéssemos deitados porque tenho a sensação de que esse orgasmo pode matar minha capacidade de ficar de pé. *Porra, ela é apertada.* — Goze dentro de mim, Cal. Eu preciso tanto disso que não aguento. — Eu a fodo quase brutalmente, perfurando-a no azulejo com tanta força que eu não ficaria surpreso se o rompermos. Meus dedos agarram seus quadris enquanto eu a puxo e empurro com mais força no meu pau. Olho para baixo e vejo a evidência vermelha brilhante de sua virgindade no meu pau e me pergunto se realmente a machuquei. Mas a fera não se importa. Ela quer rasgá-la e se deliciar com suas entranhas. Afaste o medo e o terror que espreita dentro dela e engula qualquer dor que ela já sentiu.

— Vai melhorar. Eu vou beijar sua boceta até ela se sentir melhor. — Eu grito, enquanto o orgasmo toma conta do meu corpo.

— Não dói. Parece... tão... bom... — Ela gagueja entre as estocadas. Seus olhos estão bem fechados, suas unhas cravadas em meus ombros e sua boca ligeiramente aberta e eu sei, neste momento, que nunca vi nada mais bonito. Eu poderia pesquisar o mundo, explorar as sete maravilhas, conhecer o próprio Jesus Cristo e nunca testemunharia nada mais mágico ou poderoso do que esse olhar no rosto de Maddie enquanto estou dentro dela. — Puta merda, acho que vou gozar.

— Goze no meu pau, baby. Toque seu lindo clitóris até que sua boceta goze em cima de mim.

— Oh, Deus, continue falando. — Ela geme e eu sinto sua mão se movendo entre nós.

— Você sabe o que acontecerá no segundo em que sairmos deste chuveiro? Eu vou dobrar você e lambe-lo da sua boceta ao seu buraco e depois de volta. Vou me fartar em suas dobras doces até gozar com tanta força que desmaiaremos.

— Oh meu Deus!

— Eu posso sentir você tremendo. Jesus Maddie, você é tão sexy. — *Como eu tinha alguma chance no inferno em ficar longe dela? Quero sentir seu calor em meus ossos e suas palavras em minha alma. Eu quero adorar a seus pés a partir de agora até meu último suspiro.*

— Eu vou... vou... — Seus olhos se abrem, íris azuis olhando diretamente para mim enquanto ela chega ao limite. Lágrimas rolam por seu rosto assim que seus olhos reviram e se fecham. Ela crava suas unhas com mais força em mim, seus pés cavando em minha bunda e empurrando meu pau mais fundo nela, se isso fosse possível. — MEU DEUS! — Ela grita. Eu engulo seus gritos com os meus assim que me sinto sucumbindo ao meu clímax. Um orgasmo tão poderoso que troveja pelo meu peito e sai da minha boca com um rugido que soa mais animal do que humano. Eu bato meu punho contra a parede ao lado da cabeça de Maddie, enquanto meu orgasmo continua bombeando onda após onda de esperma grosso e quente em seu útero.

Sentimentos primitivos florescem em meu peito e de repente me sinto esperando que meu esperma seja mais poderoso do que as pílulas que ela toma que a impedem de engravidar. Eu sei que é a alta do orgasmo que causa esses sentimentos e em vinte segundos, quando a sensação de euforia diminuir, estarei contando os minutos até à próxima menstruação, mas por esses vinte segundos, saboreio os pensamentos de seus seios inchados e uma barriga redonda cheia do meu bebê.

— Mal posso esperar para engravidar você. — As palavras saem dos meus lábios no auge da alta. Palavras que me escapam antes que eu possa detê-las e ela engasga em resposta.

— Eu também. — Ela passa as mãos pelo meu cabelo molhado e puxa suavemente.

Eu engulo em seco quando meu pau cai entre os lábios de sua boceta e pressiono minha boca na dela. — Espero que você não esteja cansada — Murmuro contra sua boca. Eu faço amor com sua boca, esfregando minha língua contra a dela. Ela mordisca meu lábio inferior antes de morder mais forte e eu gemo.

— Planos para me manter acordada a noite toda? — Ela sorri enquanto eu a coloco em pernas trêmulas, mas eu envolvo minhas mãos em torno de seus quadris apenas no caso de eles desistirem dela.

— Tente pelo resto de sua vida — Digo a ela com um sorriso. Eu desligo a água quando ela começa a esfriar um pouco e a levo para fora do chuveiro.

Com a água desligada, estou hiper consciente de um barulho em algum outro lugar da casa e coloco minha mão sobre a boca de Maddie assim que ela começa a falar. — Você ouviu alguma coisa?

Seus olhos estão arregalados e ela os move de um lado para o outro antes de balançar a cabeça.

Abro a porta do corredor e ouço a televisão na sala de estar tocando. *Que porra?*

— Fique aqui. — Pego minha calça de moletom e camiseta e as visto enquanto corro pelas escadas me perguntando quem diabos entrou na minha casa sem avisar.

Eu dou dois passos para a sala de estar quando o punho de Henry vem voando na minha cara.

CAPÍTULO DOZE

CAL

Henry é mais alto do que eu em pelo menos cinco centímetros, mas eu sou muito maior. Anos de treinamento policial me deram reflexos musculares e felinos, ao contrário do meu irmão mais velho que passa seus dias atrás de uma mesa como contador. Eu me movo pouco antes que seu punho possa fazer contato com meu rosto e, em vez de atacá-lo como faria com qualquer outra pessoa que achasse que não havia problema em colocar as mãos no chefe de polícia *antes de colocar minhas algemas neles*, dou um passo para trás.

— Que porra é essa, Henry? O que... — Ele vem me atacando de novo, preparado para dar outro golpe, quando eu agarro seu braço e o prendo ao seu lado antes de jogá-lo contra a parede com meu antebraço pressionado contra sua garganta. O fogo arde em seus olhos. Olhos com linhas sob eles de olhar para uma tela de computador oitenta horas por semana.

— Que. Porra. É. Essa. — Eu grito para ele.

— O que diabos é certo!?! — Ele cospe e eu afrouxo meu aperto em sua garganta enquanto sua voz está tensa me alertando que ele está lutando para respirar. Eu desisto para não esmagar sua traqueia e dou um passo para trás.

— Você dá outro golpe em mim e eu vou te derrubar — Eu aviso e vejo como seus punhos se flexionam e se endireitam, sabendo que uma luta contra mim não é algo que ele possa vencer.

— Você fodendo... — Ele olha para mim com os olhos arregalados e duros. Exigente. Nervoso. — Ela *confiou* em você. Todos nós confiamos! Você é nojento, Cal. Como você pôde fazer isso com ela, seu fodido doente? — Ele olha para as escadas e meu coração dispara pensando em Maddie sentada nos degraus ouvindo cada segundo dessa conversa. — Você está *estuprando* ela.

— QUÊ? — Bile sobe na minha garganta ao ouvir sua acusação.

— Legalmente. E uso essa palavra porque você é um maldito policial. Eu acho que você forçou seu pau dentro dela? Não. Eu vi o jeito que ela olha para você com estrelas nos olhos, tenho certeza que ela se ajoelhou de boa vontade... — Eu cerro meu punho e dou um passo em direção a ele por seu comentário nojento. Ele me encara, desafiando-me a avançar. — Mas ela não tem dezoito anos e aos olhos da lei é estupro.

— Ela fará dezoito anos em menos de uma semana, Henry. — Eu gargalho. Um pensamento sombrio passa pela minha cabeça, pois conheço a lei melhor do que ninguém. Sentimentos de vergonha se movem através de mim enquanto penso no que fiz. Um nó se forma na minha garganta e um arrepio desliza pela minha espinha como uma cobra.

Você deveria ter esperado, Cal.

As leis estão em vigor por uma razão do caralho.

— Você espera que eu acredite... você espera que alguém acredite que você não está transando com ela por Deus sabe quanto tempo?

— É exatamente o que estou lhe dizendo.

— Besteira. Eu vi o jeito que vocês dois estavam agindo no Dia de Ação de Graças. Eu sabia que algo estava errado na maneira como você tratou Penélope em nosso encontro... E por que estamos discutindo a semântica de sua maldita idade? ISSO É MADDIE! — Ele grita, seu rosto cheio de raiva e fúria enquanto ele cospe o nome dela como se a estivesse condenando. — Como você pode se olhar na porra do espelho? Você a conheceu quando ela tinha sete anos. E você se infiltrou no coração dela como um maldito pedófilo. Deus, você a preparou para isso a vida toda?

— Não seja nojento, Henry — Eu rosno.

— Eu sou nojento? Isso é o que vão dizer sobre você, Cal. Vai ser uma caça às bruxas e eles queimarão você na fogueira.

A televisão que estava tocando desliga de repente e um soluço baixo corta a tensão. Meus olhos piscam em movimento na minha periferia para ver Maddie parada ali com lágrimas nos olhos, escorrendo por suas bochechas pálidas. Ela está completamente vestida, com calças de ioga e uma das minhas camisetas da Academia, o que realmente não ajuda muito no nosso caso. Seu cabelo molhado, preso em um coque no topo de sua cabeça, combinava com meu cabelo molhado. — Henry...

— Maddie... — Ele dá um passo em direção a ela, e eu aperto seu braço com força porque, neste momento, eu só o vejo como um homem, *uma ameaça*, que quer tocar minha garota.

— Não — Eu esbravejo. Ele olha para mim e, para minha surpresa, se abaixa. Suponho que mesmo neste momento, ele sabe melhor do que foder

comigo quando se trata de Maddie. — Madeline, suba as escadas — Digo a ela. Nossos olhos se encontram, e por um segundo eu acredito que ela vai obedecer, mas em vez disso ela dá um passo para mais perto de nós.

Ela enxuga os olhos e balança a cabeça antes de apontar para o meu irmão. — Henry, isso realmente não é da sua conta.

— Cal fez uma lavagem cerebral em você, querida. Você não pode ficar aqui. — Minhas narinas se dilatam enquanto a raiva percorre minhas veias, fazendo-me sentir como se pudesse rasgar meu irmão em pedaços. *Vou matá-lo antes de deixá-lo levá-la a qualquer lugar.*

— Não há outro lugar para mim — Ela sussurra.

— Maddie, você precisa vir comigo. Não está certo... você, aqui com ele. Isso não é saudável e ele está arruinando você.

— Não! — Ela chora e eu agarro seu braço com mais força, preocupado por um momento que eu puxarei seu braço de seu encaixe se ele tentar dar outro passo em direção a ela.

— O que Aria diria? O que *mamãe* diria? Ao saber que você está dormindo com a garota que você criou? — Ele me encara. O desgosto está aí. O julgamento. A raiva. Mas sinto algo mais escondido sob a raiva.

Preocupação.

Medo.

Talvez no fundo, ele sabia que isso era mais. *Mas ele sabia.* Ele sabia que o mundo não me deixaria tê-la.

Não sem luta.

Uma luta que eu estava mais do que disposto a ter.

Eu queimaria o mundo por Maddie e o olhar em seus olhos me diz que ele sabe disso.

— Eu espero que eles entendam que eu o amo... — Maddie interrompe, sua voz cheia de convicção. — Você está agindo como se ele fosse meu pai, Henry... e ele não é.

— É assim que todo mundo o vê, Madeline. Diga-me que você não é tão ingênua a ponto de achar que eles não vão pregar Cal na parede por isso. — Ele se vira para mim. — Você pode dar adeus ao seu trabalho, seus elogios, tudo isso. Acabou. Você terminou aqui, Cal.

— Então, você está planejando liderar essa caça às bruxas? Você está planejando torná-lo um vilão? — Maddie pergunta. — Que tipo de irmão mais velho faz isso?

Seus olhos brilham com uma raiva que eu nunca vi antes. — O tipo que está protegendo uma criança.

— Eu não sou uma criança, Henry. E ninguém me protegeu melhor do que Cal.

— Maddie... — Eu aceno para ela — Você pode, por favor, subir as escadas? — Não a quero por perto pelo resto desta conversa, pois não posso ter certeza sobre o que mais sairá da boca de Henry. Ela acena obedientemente antes de se virar para Henry.

— Eu entendo que você esteja chocada e confuso e talvez um pouco...
— Eu posso dizer que ela está lutando para encontrar a palavra certa —
Preocupado... mas Cal nunca fez algo errado comigo. Nesse sentido, nada mudou.

Assim que Maddie está fora de vista, eu solto seu braço e ele se vira para mim, sua postura ainda é combativa e o desgosto em seus olhos envia uma pontada de culpa para minha alma. Meu irmão e eu sempre fomos próximos, e eu podia sentir a fenda se formando e crescendo em nosso relacionamento a cada segundo. — Como você pôde fazer isso com ela?

— Henry não é assim.

— Oh? — Ele zomba. — Então como é?

Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço. Apesar da raiva do meu irmão, quero tentar fazê-lo entender. Se não o fizesse, seria o fim do nosso relacionamento. Eu sei disso. Eu nunca vou desistir de Maddie, e se ele não entender, duvido que ele queira fazer parte da narrativa que inclui ela e eu juntos. — As coisas mudaram.

— Sim, não brinca.

— Eu amo-a...

— Você sempre a amou... esse é o maldito problema — Ele retruca.

— Você está transformando isso em algo sujo quando não é. Esta noite, foi a primeira noite em que demos esse passo. Esta noite, foi à primeira noite que eu toquei nela... — Eu esfrego meu dedo indicador e polegar juntos. Era algo que eu sempre fazia quando sentia a necessidade de um cigarro. Eu havia parado de

fumar anos atrás, quando Maddie chegou em casa com lágrimas nos olhos por não querer que eu morresse depois de uma lição particularmente angustiante em sua aula de educação para a saúde. Levou cada adesivo, chiclete e força de vontade para desistir, mas eu desisti. Porque ela me pediu. Embora o desejo ainda me atinja no rosto durante os momentos de estresse. *Como agora.*

Maddie terá um ataque se você pegar um.

— Eu me apaixonei por ela — Continuo.

— Isso é treta. Você se apaixonou pela ideia de uma boceta jovem. Seu pau tem uma ereção pela adolescente que mora com você.

Meu sangue ferve e eu o empurro contra a parede, preparado para enfiar meu punho em sua garganta. — *Nunca* se refira a Maddie assim.

— Você vai arruiná-la. Inferno, você provavelmente já fez. Em cinco anos, ela estará no consultório de um terapeuta, explicando sobre como o único homem que deveria cuidar dela, o único homem em quem ela confiava, tirou sua virgindade porque ela estava tão confusa e achava que o amava. Você deveria ter sido o adulto que disse a ela que não era isso. *Isso* não estava certo.

— E o que diabos você sabe sobre o amor, hein? — Eu grito. — Você não sabe merda nenhuma sobre isso. É por isso que você é um idiota para Grant. Você acha que papai nos amava? Ainda acha que ele voltará? Cresça, Henry. Papai não nos amava. Ele não amava a mamãe! — Eu grito com ele. — Grant sempre se importou, sempre nos colocou em primeiro lugar, e você o odeia por algum ressentimento profundo e lealdade distorcida ao nosso pai, que nunca deu a mínima para você!

Seus olhos se arregalam e sua boca cai aberta, mas eu ainda não paro. — Você acha que eu não amo Maddie? Então você não está prestando atenção. Porque eu sempre amei aquela garota. Você me entende? Sempre. E sim, agora é diferente, e alguns não vão entender ou apoiá-lo, mas eu serei amaldiçoado se eles não respeitarem. Eu serei amaldiçoado se você não respeitar isso. Tenho quase trinta e quatro anos. Eu sei o que diabos é o amor e eu a amo. E se você não consegue entender isso, se você não consegue ver isso, então é porque você não sabe como é o amor. O que significa amar alguém... *incondicionalmente*.

Ele dá um passo à frente e eu vou para a jugular. Eu falo as palavras que todo mundo diz quando não está por perto. A preocupação que cobre o rosto da mamãe sempre que ela passa tempo com eles. A temida palavra de que Grant perguntou se eu acreditava que eles estavam indo. — Você não ama Aria. Você se casou com ela porque ela estava grávida, e então ela não estava mais e isso é uma merda e eu sinto muito, mas você deveria ter se divorciado porque você não a amava. Você estava com medo e estava tentando agradar a mamãe, e ser um bom modelo para mim, ou seja, lá que *porra for*, mas você não a ama. Então, não pule na minha garganta porque eu amo alguém e você está com ciúmes que eu sinto algo além de complacência e alguma obrigação de merda de quase uma década atrás.

Foi baixo, eu sei. Ele sabe disso. Maddie, que pode muito bem estar sentada no degrau, sabe disso. A dor está escrita em todo o seu rosto e posso dizer que ele está cerrando os dentes. — COM CIÚMES? Não estou com ciúmes do seu relacionamento delirante com Maddie, Cal. Controle-se, porra.

— Não é delirante e não estou trabalhando em uma fantasia de provar o fruto proibido. Eu morreria antes de fazer qualquer coisa para machucar Maddie. Eu nunca a usaria para cumprir algum desvio sexual. Eu amo-a. — gargalho. — Você sabe que não é disso que se trata.

Ele balança a cabeça. — Como você pode não ver que isso está errado? Ela é tão dependente e tem medo de perder você que está tentando tirá-lo de guardião para outro papel em sua vida. Não é assim que funciona. Você não pode ser os dois!

Eu me endireito, estufando meu peito um pouco porque minha agressividade começou depois que ele questionou minha capacidade de protegê-la. — Eu sou ambos. Maddie é minha. Dez anos atrás, ela sofreu a experiência mais trágica de sua vida, e eu estava lá. Eu segurei seu corpo minúsculo contra o meu coração enquanto eu a conduzia pelo inferno e naqueles vinte ou mais passos daquele armário até à porta da frente, ela se agarrou a mim e não me soltou. Eu nunca a decepcionei antes, tenho certeza de que não começarei agora.

— Que tipo de vida você pode dar a ela aqui?

— Eu não pensei muito nisso apenas descobrindo que eu a queria... a longo prazo, cerca de vinte minutos atrás.

— Aria vai perder a cabeça. Assim como a mamãe. E Grant... já que você se importa tanto com os sentimentos dele.

— E eu sei que preciso contar a eles. Só espero que você me dê uma chance de fazer isso.

Ele olha para os degraus e, em seguida, varre os olhos ao longo da sala.

— Sempre tive muito orgulho de você. Meu irmãozinho altruísta que colocou sua vida em espera para ajudar uma garotinha que perdeu tudo. Que estava sozinha no mundo. Era óbvio desde o início que ela te amava tanto e você a fazia se sentir segura. Você não vê como isso será difícil para ela se as coisas terminarem entre vocês dois?

— Elas não vão acabar — Digo a ele. Minha voz é firme e definitiva e não sinto nem uma ponta de dúvida em minhas palavras.

Talvez Henry esteja certo. Talvez o tempo todo eu estivesse me apaixonando por ela. Não de uma forma sexual, mas de uma forma que me fez amar sua mente, sua alma e seu coração. O jeito que me fez acreditar em almas gêmeas. Que no segundo em que levantei seu corpo minúsculo em meus braços todos aqueles anos atrás, todo o peso saiu de cima de mim. Toda a dor de ver meu pai sair da minha vida sem pensar em mim ou em Henry diminuiu um pouco. Mas se fosse esse o caso, se eu realmente estivesse me preparando para o dia em que ela completasse dezoito anos para que eu pudesse amar seu corpo da mesma maneira que amava todas as outras partes dela, então agora eu sei que é isso.

Que ela é isso.

— Você não tem certeza disso, Cal.

— Sim, eu tenho.

As fungadas vindas de seu quarto me engolem enquanto subo as escadas. Abro a porta e vejo enquanto ela chora em seu travesseiro, seus ombros tremendo sob a força de seus soluços. — Baby — Murmuro e então estou atrás dela, enrolando meu corpo em torno de seu pequeno na tentativa de protegê-la de toda a dor externa. — Estou aqui. Ele se foi.

Ela se vira em meus braços, permitindo-me um olhar para seu rosto que está vermelho e manchado. Seus olhos estão brilhando de suas lágrimas, transformando-os no tom mais brilhante de azul, e seus lábios inchados parecem tão macios e doces. Eu me inclino para a frente e passo minha língua em seu lábio inferior, sentindo o gosto do sal de suas lágrimas. — As coisas que ele disse...

— Não significam merda nenhuma para mim.

— Ele é seu irmão.

— E você é *tudo*. — Eu não quero dizer as palavras. Que, embora estejamos lutando contra os termos convencionais anteriores de nosso relacionamento, sinto algo de paternal por ela. E isso supera *tudo*. — Não há ninguém neste mundo que eu me impediria de assumir você.

Ela morde o lábio inferior e fecha os olhos. — É tão injusto. Seu relacionamento nunca mais será o mesmo. Eu sei que você o ama. Você olha por ele. Ele é seu irmão mais velho.

— Ele vai aparecer. Ou talvez ele não vá. Eu não me importo.

— Faz anos, e ele ainda não veio para Grant.

— E isso deve lhe dizer algo. É ele... não nós. — Eu seguro suas bochechas e esfrego meus polegares sobre o espaço sob seus olhos, enxugando as lágrimas.

Ela pisca os olhos algumas vezes e vejo as lágrimas claras de seus orbes azuis. — É sobre o seu pai?

Eu dou de ombros porque, para ser honesto, não tenho certeza. Eu tinha seis anos quando meu pai foi embora, durante um período em que eu sabia que algo estava errado, mas não conseguia entender as ramificações que isso teria sobre mim mais tarde na vida. Henry tinha dez anos e perguntou à nossa mãe quando ele voltaria por meses e quando minha mãe finalmente olhou para ele com lágrimas nos olhos e um copo de Chardonnay cheio até à borda e disse que não voltaria, observei meu grande irmão quebrar e soluçar.

Ele não parou por seis longos meses.

Ele se lembrava de coisas que eu não lembrava. Ele se lembrava de nosso pai melhor do que eu. Lembrei-me da simpática vizinha que me ensinou a pescar e fez minha mãe se sentir especial. Aquele que nos levou para jantar e veio aos meus jogos de beisebol. Aquele que consertou as coisas na casa e ensinou Henry a dirigir porque mamãe não pode dirigir por nada. Lembrei-me de Grant. Eu vi o jeito que ele olhou para minha mãe. O jeito que ele a amava. Mostrou-me como um homem deveria amar uma mulher. Henry estava se afogando em sentimentos de raiva e ressentimento, muito preso na dor para perceber que mamãe estava feliz. Esse Grant deixou mamãe feliz. Ele não viu os sinais e,

portanto, agora está em um casamento sem amor, porque ele estava mais irritado por mais tempo do que feliz.

Esse não seria eu.

— Para o inferno com ele. — Ela limpa a garganta. — Seu pai, quero dizer.

Eu sorrio para ela porque ela conhece meu coração e meus pensamentos antes que eu possa inspirá-los à existência. — Para o inferno com o seu também.

Ela estremece em meus braços e se enterra ainda mais em meu peito, seus lábios esfregando contra meu pescoço enquanto ela fala. Quero terminar o que começamos, descobrir o corpo dela de novo, mas os últimos trinta minutos foram exaustivos e sei que ela está exausta. — Você não está doente, Cal. Prometa-me, você nunca pensará que o que somos é outra coisa senão amor. O amor em sua forma mais pura. Nada sujo, ruim ou errado... apenas um homem e uma mulher que foram colocados na vida um do outro para ajudar o outro a se curar, crescer e ser feliz.

Eu aceno com a cabeça, mas então lembro que ela não pode me ver enquanto meu queixo descansa em cima de sua cabeça. — Eu prometo. Você e eu contra o mundo.

CAPÍTULO 13

Madeline

Certa vez quando eu era mais nova, testemunhei um cachorro atacar outro cachorro. Ele agarrou o pescoço do outro e não o soltou até que os dois donos os separassem.

Agora, eu me sinto como aquele cachorro menor com o jeito que Cal está preso no espaço entre minhas pernas. Não sei quantas vezes gozei na sua língua na última hora, mas acho que seria necessária uma intervenção divina para fazê-lo desistir de seu ataque tortuoso. Ele lambe e morde e chupa meu clitóris, mostrando os dentes a cada poucos segundos e mordiscando a carne sensível. Um brilho escorregadio de suor cobre meu corpo e meu coração dispara no meu peito enquanto me sinto construindo para outro orgasmo. — Cal, eu não aguento muito mais.

Ele se afasta um pouco, sua boca pairando uma polegada acima do meu sexo e eu quase gozo ao vê-lo. A metade inferior de seu rosto está brilhando, e seus olhos estão escuros de desejo e fome. — Sua boceta pensa o contrário. — Ele olha para mim e eu sigo seu olhar. Meu sexo está vermelho e inchado por causa de sua barba e meu clitóris está exposto por ele espalhando meus lábios pela maior parte da última hora. — Apenas me dê mais um.

Eu mordo meu lábio e aceno com a cabeça, *porque quem sou eu para negar a esse Deus do sexo outra chance de me fazer gozar?* — E então é a minha vez?

Suas sobrancelhas quase saltam de seu rosto e ele lambe os lábios. — Sua vez de...

— Fazer você gozar? — Eu limpo minha garganta e olho para ele através de fendas encapuzadas. — Com a minha boca.

— Palavras tão sujas para uma garota tão inocente. — Ele vocifera antes de abaixar o rosto para esfregar a língua no meu sexo molhado. — Você quer colocar sua boca no meu pau, pequena?

Diga!

Soltei um suspiro e deixei meus olhos flutuarem para cima. — Sim... *papai.*

Ele geme e então ele está de volta na minha boceta, me lambendo para outro orgasmo de quebrar a alma enquanto seus dedos apertam minhas coxas com tanta força que eu tenho certeza que ele deixará marcas. Luzes brilhantes piscam atrás das minhas pálpebras enquanto gozo com força sob a provocação de sua boca. É uma coisa boa que Cal tenha minhas pernas presas ou então eu provavelmente o teria sufocado agora. Meus olhos se abrem lentamente, combinando com os movimentos letárgicos do resto do meu corpo. Minha visão ficou um pouco turva, mas quando Cal aparece, ele está passando a mão pelo rosto e passando a língua pelos lábios. Deixo escapar um suspiro e me sento levemente observando seu corpo sexy e o olhar que ele está me dando. Ele não

diz nada, apenas me encara, nossos olhos tendo uma conversa que acho que não compreendo totalmente. — Cal... — Eu começo, me perguntando se ele está se fechando em mim.

— Eu não posso acreditar... — Ele se senta sobre os calcanhares e passa a mão pelo cabelo. — Você é *você*. Como explicarei isso para... todo mundo?

Limpo a garganta, preparando-me para lhe dar uma resposta, embora tenha certeza de que sua pergunta foi meio retórica. — Eu pensei que você não se importava com o que os outros pensavam? — Ele me dá um olhar que eu leio instantaneamente. *Eu menti. Eu me importo*. Respiro fundo e me preparo para falar meu maior medo. — Então o quê, e isso já acabou? Isso era tudo que você queria? Um tempo?

Seus olhos estão duros e estou rezando para obter a reação que estou esperando. *Raiva*. Ele corre as pontas dos dedos pelas minhas pernas, batendo na minha coxa em batidas iguais. As batidas estão em ritmo perfeito com o zumbido entre minhas pernas. — Você sabe que eu te conheço melhor do que você mesma, certo?

— O que isso significa?

— Isso significa que você não pode me manipular, porra. — Ele passa a língua pelos dentes. Sua língua que se familiarizou muito com minha boceta na última hora.

Estreito meus olhos e saio da cama quando Cal me prende nela, me mantendo no lugar. — Saia, Cal.

— Sabe, eu nunca bati em você, mas estou tentado a mudar isso. Nunca mais me insulte assim. — Ele vocifera. — Eu não me importo se você estava dizendo isso apenas para me irritar.

Eu engulo no calor de suas palavras. — Me bater?

— Sim, por cima do meu joelho, bunda nua.

— *Tão Cinquenta Tons* — Eu sorrio. Eu nunca esquecerei o olhar no rosto de Cal quando ele descobriu que eu tinha uma afinidade por livros de *romance*. Ele praticamente fugiu do quarto e evitou meus olhos por uma semana.

Um sorriso brinca em seus lábios, mas é perverso e sinistro, não brincalhão. Meu clitóris pulsa em resposta. — Isso não acabou, porra. — Ele range antes de esfregar o nariz contra o meu suavemente como se estivesse pontuando sua declaração dura com gentileza.

— Ok. — A fadiga do que parecia ser pelo menos dez orgasmos está me alcançando. Juntamente com a interação muito exaustiva com Henry, estou lutando contra o sono.

— Cansada?

Eu balanço minha cabeça, sabendo que ele tinha planos de me manter acordada a noite toda, e que eu tinha feito uma grande promessa de dar a ele um boquete. — Não, estou acordada. — Meus olhos se abrem, mas ele já está se afastando de mim.

— Descanse um pouco, baby. — Ele beija meus lábios e o gosto do meu orgasmo ainda está no dele. Ele puxa as cobertas sobre meu corpo nu e eu o alcanço, querendo-o ao alcance, mas ele já está fora da cama.

— Espere... — Eu lamento, e ele ri.

— Apenas deixe-me desligar todas as luzes e verificar o alarme, estarei de volta em dois minutos.

Concordo com a cabeça, sabendo que estarei dormindo há muito tempo. *Putá merda, o sexo é exaustivo.*

— Você está agindo suuper estranha — Diz Aria enquanto ela se estica sobre a mesa e rouba uma batata frita do meu prato. Aria está sempre em alguma dieta, apesar de ter o corpo mais perfeito. Acho que esta semana é *Keto* ou algo assim. Seja o que for, está transformando-a em uma cadela furiosa, porque ela geralmente trata as batatas fritas como se fosse seu próprio grupo alimentar. Eu enxoto a mão dela e aponto para sua salada lamentável.

Já se passaram três dias desde que Henry me pegou com Cal, e ainda não tínhamos contado a ninguém. Esperamos esperar até depois do meu aniversário para nos dar um último feriado de normalidade antes que a família Grayson mude para sempre. Fiquei chocada ao saber que Henry não contou imediatamente a Aria porque isso era algo que ela não conseguiria esconder de

mim. O Natal é amanhã e assim como todos os anos, Aria e eu almoçamos na véspera de Natal, desde que Cal teve que trabalhar no primeiro Natal que vivi com ele.

— *Você não estará aqui para o Natal? — Meu lábio treme quando noto a mala arrumada no canto. Estou morando com Cal há cerca de dois meses e esta é a primeira vez que ele sai durante a noite. Desnecessário será dizer que estou apavorada.*

— *Não, querida. Mas fiz questão de que o Papai Noel soubesse levar todos os seus brinquedos para a casa de Aria e Henry.*

Enxugo os olhos para evitar que as lágrimas caiam. — Eu não quero os brinquedos. Só você. — Odeio parecer ingrata, mas estou acostumada a não ganhar brinquedos. Também tenho certeza de que Papai Noel não é real, mas Cal parece ter certeza de que é, então não quero dizer isso a ele.

— *Sério? Ouvi dizer que você ganhará algumas coisas muito legais...*

Eu franzo meus lábios enquanto penso na lista que Cal me fez fazer de todas as coisas que eu queria. Não foi muito longa porque eu não tinha certeza do que pedir, mas ele disse que sabia que eu tinha sido boa este ano, então eu provavelmente conseguiria tudo.

— *Quanto tempo você ficará fora?*

— *Eu devo estar de volta no seu aniversário.*

— *Você promete?*

Ele esfrega minha bochecha levemente e suspira. — Eu não posso te prometer isso. Mas prometo que vou me esforçar ao máximo.

Eu envolvo meus braços ao redor de seu pescoço e aperto. — Feliz Natal, Cal. Obrigada pelo melhor presente.

Ele envolve seus braços em volta do meu corpo minúsculo e esfrega minhas costas suavemente. — Feliz Natal para você também, Mads.

— Terra para Maddie? — Aria acena com a mão na frente do meu rosto e eu saio das minhas memórias. — O que há com você ultimamente?

— Nada. — Eu balanço minha cabeça. — Desculpe... o quê?

Ela suspira. — Não consigo fazer com que ninguém preste atenção em mim. — Ela esconde sua mágoa com seu sarcasmo enquanto cutuca sua salada.

— Eu estou ouvindo, eu juro. Só muita coisa na minha cabeça.

— Como o quê, Mads? Desde quando você não me conta coisas?

— O que você quis dizer com ninguém prestando atenção em você? — Eu pergunto, tentando mudar de assunto.

— Bem, eu acho que você é praticamente uma adulta... e estranhamente minha melhor amiga. — Ela acena um braço ao redor. — Henry está sendo estranho.

— Mais do que o normal? — Eu levanto uma sobrancelha para ela. De vez em quando, Henry meio que desliga de Aria. É como se ele precisasse de pausas intermitentes do casamento. É triste e nada justo com Aria. Eu sei que eles

se casaram porque ela estava grávida, mas eu sempre presumi que ele ainda a amava e não que... ele se sentisse preso ?

— Sim.

— O que te faz dizer isso?

— Ele não tem estado muito por perto. As coisas de sempre, ficar até tarde no escritório, sair de manhã cedo. Mas também sinto que não conversamos há dias. — *Provavelmente desde que ele descobriu sobre eu e Cal.* — E ele mencionou algo sobre não ir ao seu jantar de aniversário... — Ela estremece. — Isto é tão estranho.

— Talvez as coisas tenham mudado. — Meu palpite é que ele provavelmente não está entusiasmado por estar perto de Cal e eu.

— Por quê? O que diabos mudou?

— Não sei. — Eu dou de ombros. As palavras estão na ponta da minha língua, sabendo que provavelmente seria melhor vir de mim contra Cal de qualquer maneira, mas temos um plano. Um plano que não envolve eu contar a Aria em um lugar público na véspera de Natal. Aria teria perguntas. Aria gritaria. E choraria. E talvez jogue alguma coisa. Agora realmente não é o momento. — Talvez seja melhor que ele não esteja jantando... já que Grant estará lá?

— Eu acho... eu sinto que ele nem quer ir para a casa de Margie amanhã. É tão estranho. — Ela toma um gole de água e coloca uma mecha loira suja atrás da orelha. Estou prestes a perguntar se *ela* ainda estará na casa de Margie no Natal quando uma voz flutua ao nosso redor.

— Aria! — Uma ruiva vibrante com olhos castanhos escuros e seios que fazem com que um cara provavelmente nunca soubesse de que cor seus olhos realmente eram vem em direção à mesa.

— Ashley, ei! — Aria se levanta e a abraça antes de apontar para mim.
— Ash, essa é...

— Maddie! Oh meu Deus, você é ainda mais bonita pessoalmente. — Ela pressiona a mão em seu peito grande e me encara por um segundo, como se estivesse chocada por eu estar realmente na frente dela. — Quando Cal me mostrou sua foto, você não parecia tão crescida! — Ela balança a cabeça e olha para Aria. — Caras e suas filhas, eu acho.

— Ele não é meu pai — Eu falo, mais dura do que eu planejei. Mas não sei quem é essa garota e já estou nervosa com a conversa sobre Henry e agora isso.

— Bem, eu sei... não tecnicamente, mas ele sempre me manteve atualizada sobre como você estava. Ele está tão orgulhoso de você. — Ela sorri e isso me faz querer dar um tapa no olhar de seu rosto.

Eu inclino minha cabeça para o lado inocentemente. — Você é amiga de Cal?

— Bem, somos um pouco mais que amigos, se você entende o que quero dizer. — Ela ri e Aria balança a cabeça. A bile sobe na minha garganta, e eu respiro na tentativa de evitar que meu wrap de frango volte. Eu limpo minha garganta e tomo um gole de água que eu rezo para esfriar a raiva aquecida

crescendo dentro de mim. — Eu não falo com ele há um tempo, porém, eu deveria ligar para ele. Veja se ele tem planos para o Ano Novo.

— Duvido... — Aria começa quando eu interrompo.

— Eu acho que ele realmente tem. Ele mencionou algo de passagem. — Eu dou de ombros. Eu quero tanto dizer que ele tem planos comigo, mas eu não sei como expressar isso sem parecer uma namorada ciumenta.

— Você sabe se ele está saindo com alguém? — Ashley pergunta e eu oficialmente tive o suficiente dessa conversa.

— Aria, eu vou correr para o banheiro feminino. — Eu aponto para a ponta da sala e ela acena com a cabeça, provavelmente sentindo minha tensão sobre essa conversa. Estou a apenas dois segundos da mesa quando estou enviando uma mensagem.

Eu: Você pode falar?

Sua resposta é instantânea e enquanto eu quero dizer que é o namorado atencioso nele, Cal sempre foi rápido em me responder sempre que eu precisava dele.

Super-herói: Você está bem?

Por mais que eu queira dizer não, sei que isso o mandará correndo, pensando que estou magoada ou insegura de alguma forma.

Eu: Sim. Só preciso falar com você por um segundo.

Super-herói: Dê-me dois minutos.

Ando de um lado para o outro do banheiro, grata por estar vazio quando meu telefone começa a vibrar.

— Eu não estou exatamente sozinho — Ele me diz instantaneamente.

— Você pode ir a algum lugar para mudar isso?

— Eu tive que sair de um interrogatório. O que está acontecendo?

Eu suspiro, sabendo que agora não é hora de falar sobre meus ciúmes. Eu não digo nada porque se não podemos realmente ter essa conversa, então não há sentido em conversar.

Ouçoo uma porta abrindo e fechando. — Fale logo, baby.

— Baby? — Eu questiono, me perguntando se alguém pensa que ele está falando comigo.

— Eu me afastei.

Deixo escapar um suspiro e as lágrimas brotam dos meus olhos por algo tão simples. — Eu te amo.

Ele ri. — Isso é tudo?

— Parecia muito importante no momento. — Eu me inclino contra a pia e olho para o meu reflexo no espelho. Não só me sinto diferente depois de dar esse passo com Cal, como também pareço diferente. Meus lábios estão inchados de seus constantes beijos e mordidas, minhas bochechas estão um pouco mais vermelhas por causa de sua barba e meus olhos estão brilhando de excitação. Pareço uma mulher apaixonada. Eu pareço feliz.

Ele não diz nada a princípio, mas depois limpa a garganta. — Na primeira hora que estive aqui, não consegui tirar esta manhã da cabeça. Eu tenho tentado ativamente não pensar em você desde então.

Esta manhã eu acordei Cal com minha boca em seu pau, os sons da minha paixão puxando-o para fora dos últimos momentos de sono.

— Podemos ter uma repetição disso mais tarde — Eu sussurro. Minha voz é baixa e é minha melhor tentativa de ser sedutora.

— Porra. Você vai me desmanchar, mulher. — Eu posso ouvir o sorriso em sua voz. — Eu tenho que ir embora.

— Ok. Vejo você mais tarde.

— Eu também te amo. — Ele me diz pouco antes de o telefone ficar mudo. Eu pressiono meu telefone no meu coração, essas quatro palavras me fazendo esquecer tudo sobre a ruiva sedenta provavelmente sondando Aria para obter informações sobre Cal. Quando volto para a mesa, ela se foi e Aria está balançando a cabeça para mim.

— Você tem que parar com essa merda, Mads — Ela retruca.

— O quê?

— É como se você não pudesse lidar com qualquer mulher interessada em Cal. É egoísta como o inferno e, francamente, você está ficando velha demais para isso. — Meus olhos se arregalam, não preparados para ela basicamente me atacar assim que eu me sentei. — Penélope está com muito medo até mesmo de mencionar o nome de Cal porque ela acha que você vai se manifestar e matá-la. Você não é a namorada dele, Maddie. Pare. — Ela me encara com um olhar e eu limpo minha garganta nervosamente.

Não estou preparado para dizer a verdade a ela, o que significa que tenho que ir para o extremo oposto do espectro. Eu engulo meu orgulho e me preparo. — Você está sendo muito ridícula, Aria. Suas amigas sacanas são embaraçosas e, francamente, elas me deixam desconfortável. — Eu enrolo um dedo em uma mecha do meu cabelo enquanto me preparo para imitar Ashley. — Nós somos mais do que amigos, se você sabe o que quero dizer... — Eu faço uma careta e balanço a cabeça. — Eca.

Ela levanta a mão. — Concordo que foi um pouco de mau gosto, mas Penélope não fez nada de errado. Ela foi educada e doce e você pulou em cima dela e, portanto, Cal não pode estar *interessado*.

— Cal não *estava* interessado e você estava tentando forçá-lo trazendo-a para um jantar em *família*.

— Você não sabe *tudo*, Maddie.

— Nem você!

Ela esfrega as têmporas e fecha os olhos. — Jesus Cristo, eu pensei que você iria superar isso, mas está ficando pior, eu juro.

Minhas sobrancelhas se franzem e eu estreito meus olhos. — Superar o quê?

— Essa paixão que você tem por Cal.

Acabe com essa conversa, agora. — Desculpe?

— Você acha que eu não noto? Que nenhum de nós percebe?

Meu sangue gela. *Porra, Henry disse alguma coisa?* — Nenhum de nós?

— Eu, Margie, Henry, Grant? Nós também já tivemos dezessete anos, você sabe. E vimos algumas coisas... — Ela aponta para mim com o garfo e sinto minhas mãos começando a suar debaixo da mesa. Eu os esfrego no meu jeans enquanto um tremor passa por mim.

— Então, o que vocês estão sentados falando sobre mim?

— Não, Madeline. Todos nós pensamos que é inofensivo e que você vai superar isso. Quero dizer, obviamente...

— Isso é realmente ridículo, Aria. Eu não tenho uma queda por Cal. *Porque estou completamente apaixonada por ele.*

Ela pisca os olhos várias vezes para mim. — Bem, qualquer que seja essa alegação estranha que você acha que tem sobre ele precisa parar para que Cal possa se sentir livre para conhecer alguém e ser feliz. Você vai para a faculdade e...

— Quem disse que eu vou a algum lugar?

— O quê? Maddie, você está indo para a escola. Você precisa da experiência da faculdade, e as faculdades estão basicamente batendo na porta para chegar até você. Você obteve aceitação antecipada em quantas universidades? Não muitas dos quais estão em Oregon.

— Eu entrei em algumas escolas locais.

— Eu não acho que você deveria ir a nenhuma dessas. Maximize seu potencial, garota.

— Nada disso é mesmo o ponto. Você acha que eu sou o problema? Você tenta arranjar um encontro para Cal com todas as garotas do Oregon, e ele *não* está interessado!

— Ele nunca dá chance a ninguém porque leva sua opinião muito a sério! — Ela exclama.

— Deus não permita que ele se importe com a minha opinião. Eu sou importante para ele, Aria. Eu sei que não preciso te dizer isso.

Ela bufa. — Eu juro que se eu não soubesse melhor, eu... — Ela balança a cabeça, seu cabelo loiro sujo arrastando ao longo de seus ombros enquanto ela aperta a ponte de seu nariz. — Vai ser um pesadelo separar vocês dois.

— O quê?

— Você precisa de espaço, Maddie. Tudo o que você conhece é ele e acho que está mexendo com sua psique.

— Afinal, o que isso quer dizer?

— Eu ia trazer isso para Cal primeiro, mas talvez seja melhor se eu falar com você.

Meus olhos percorrem o restaurante. Preciso de uma rota de fuga e me pego procurando a saída mais próxima. — Sobre o quê?

— Eu estava pensando que talvez para esta primeira metade do ano você deveria morar comigo e Henry.

— O quê? Foda-se. — Eu estalo.

— Ok, você pode se safar disso com Cal, mas não esqueça com quem você está falando. — Ela me dá um olhar maternal e eu cerro os dentes.

— Desculpe. Foi isso.

— Mads, você fará dezoito anos e... — Ela para e embora ela não diga isso, eu posso ouvir a implicação. *Você está a segundos de seduzir Cal, eu posso ver.*

— E?

— E... eu só acho que você se sairia melhor com uma presença feminina constante.

— Não vejo como os dois se correlacionam.

— Mads, eu só...

— Que tal você dizer o que realmente está em sua mente? Em vez de dançar ao redor dele?

— Ok, eu acho que você morando com Cal agora vai... cruzar algumas das linhas entre vocês dois.

— Significado...? — Ela ergue uma sobrancelha para mim e antes que eu possa piscar, as palavras saem da minha boca. — Então, você acha que eu tentarei fazer sexo com ele? É isso que você está dizendo?

Ela aperta os olhos fechados. — Sim.

Cruzo os braços sobre o peito e solto um suspiro. — Eu não... eu não tenho nada a dizer sobre isso. — Minha mente está girando e eu não sei como vou conduzir o resto desta conversa com alguém que poderia praticamente ver dentro da minha mente.

— Bem, sua reação é certamente intrigante. Achei que você teria uma resposta mais dramática.

— Para quê? Eu não vou morar com você e Henry, então não faz sentido discutir mais sobre isso.

— Maddie. — Ela olha para mim, seu rosto preocupado, sua voz calma e eu sei que, neste momento, não vou me levantar desta mesa sem contar a verdade.

— O quê, Aria? — Evito seu olhar, espiando ao redor do restaurante. Memorizando meus arredores do momento em que minha vida muda para sempre. Grandes janelas do chão ao teto se alinham em um lado do restaurante. Cada mesa vazia está coberta com uma toalha de linho branco, completa com talheres e pratos e copos e flores no centro. Há um casal sentado ao nosso lado,

mas longe o suficiente para que eles não consigam ouvir a histeria de Aria. Eles estão de mãos dadas sobre a mesa e eu anseio pelo dia em que Cal e eu possamos fazer isso em público.

— Olhe para mim, Madeline. — Eu afasto meus olhos do casal e olho para Aria, a mulher que se tornou minha mãe todos aqueles anos atrás e vejo as lágrimas em seus olhos. — Não.

Eu zombo, minhas últimas tentativas de afastá-la. — Não o quê?

— Maddie... me diga... — Ela engole. — Cal... foi inapropriado com você?

— Não, claro que não — Digo a ela imediatamente. Meu coração dói com seu palavreado. *Como ela poderia pensar que ele alguma vez me machucaria?*

— Tudo bem, deixe-me reformular isso... — Ela toma um gole de sua bebida e morde o lábio inferior. — Você cruzou uma linha... com ele? — Eu não digo nada enquanto me pergunto como responder a isso quando ela bate a mão na mesa. — Droga, Maddie. Responda-me. — Meus olhos se enchem de lágrimas com a dureza de seu tom e seus olhos imediatamente suavizam. — Desculpe... eu não deveria... — Ela se levanta e se move ao redor da mesa para se sentar do meu lado da mesa agarrando minhas mãos e segurando-as nas dela. — Eu te amo tanto, Maddie. Eu sempre tive. Eu sempre pensei que você... você era a filha que eu deveria ter. — Uma lágrima cai por sua bochecha e meu coração bate contra minha caixa torácica pensando no bebê que ela perdeu. — Deixe-me protegê-la. Deixe-me ajudar.

— Não há nada para me proteger, Aria. Eu juro, estou bem.

— Você não respondeu minha pergunta. Querida, se Cal tocou em você ou... qualquer coisa... — Ela engole. — É estupro.

— Não é! — A reação brusca ao ouvir essa palavra é toda a confirmação que Aria precisa porque ela começa a chorar.

— Oh meu Deus, Maddie!

— Oh meu Deus. — Eu coloco meu rosto nas mãos. *Como diabos chegamos aqui? Oh meu Deus, Cal enlouquecerá.*

— Você não pode... você não pode viver com ele! Eu vou matá-lo. — Ela está pegando seu cartão de crédito e acenando para nosso garçom quando eu balanço minha cabeça.

— Aria, não! Ouça-me, não é o que você está pensando!

— Ah, então ele não tocou em você sexualmente?

Minta. E torne-a convincente Maddie. Pelo menos até você chegar em casa e você e Cal descobrirem alguma coisa. — Não! Eu só... eu quero. — Eu mordo meu lábio inferior, as lágrimas em meus olhos agora desceram pelo meu rosto. — Você está certa, é uma paixão. Mas é inofensivo e estou trabalhando nisso, eu juro. Ele nunca me tocaria, Aria.

Acho que minha explicação funciona, mas ela balança a cabeça enquanto entrega seu cartão ao garçom. — Você está se mudando.

— O quê? Aria...

— Lembro-me de ter dezoito anos e sentir que estava apaixonada. Você precisa de espaço para superar isso, Maddie. — Ela coloca a mão sobre o peito. — Deus, você me assustou pra caramba. Eu pensei... — Ela aperta a ponte do nariz e passa a mão pelo cabelo. — Eu amo Cal, mas você é minha prioridade número um. Eu o pregaria na parede por tocar em você. — Meu sangue gela ao ouvir suas palavras. Eu não tinha certeza de como eu esperava que ela levasse isso. Eu pensei que talvez ela estivesse aceitando, ou me apoiando, nos apoiando. Eu não tinha previsto essa reação. — Eu sei que você não está louca com a ideia, mas é para o melhor Mads, você vai me agradecer um dia, eu prometo.

CAPÍTULO 14

Madeline

— Oh meu Deus Cal, atenda a porra do telefone! — Eu bato minha mão no volante enquanto encerro a chamada pelo meu Bluetooth. As lágrimas brotam em meus olhos e eles correm para o espelho retrovisor enquanto procuro o carro de Aria. Meu aperto no volante é tão forte que sinto que eles estão queimando enquanto torço minhas mãos ao redor dele. Solto um suspiro profundo enquanto diminuo o aperto e inclino minha cabeça para trás contra o encosto de cabeça. Estou convencida de que Aria me seguirá até em casa para esperar por Cal, me impedindo de explicar a situação em qualquer coisa que não seja um tom calmo e racional.

Não estou nem calma nem racional no momento.

Eu estou no limite da histeria.

Passei praticamente todos os dias dos últimos dez anos com Cal, e todos os dias da semana passada com Cal na cama, e não estou interessada na ideia de mudar nenhuma das tendências. Eu mordo meu lábio inferior enquanto pressiono seu contato novamente e um som de exasperação sai dos meus lábios quando recebo sua mensagem de voz novamente.

E se isso fosse importante?

Ele sabe que você ligaria para a delegacia.

Eu dou um suspiro de irritação enquanto continuo voando pela estrada dos fundos. Tem uma pista com árvores em ambos os lados por quilômetros. Não estou longe de casa quando vejo meu painel acender sinalizando uma chamada.

— Oh meu Deus, onde você estava? — Eu sei que essa não é a maneira de começar um telefonema com Cal, pois isso o deixará nervoso imediatamente. Eu sempre tento estar calma nos primeiros minutos, para que Cal não incendeie o mundo na tentativa de me encontrar.

— O que está errado? Por que eu tenho cinco chamadas perdidas de você? Onde você está? — Sua voz está apenas entre nervosismo e raiva e cheia de ansiedade. Em algum lugar entre *‘algo está errado?’* e *‘é melhor que haja algo errado com a maneira como você me deixou preocupado’*.

Deixo escapar um suspiro, tentando acalmar a adrenalina correndo em minhas veias. *Não surte porque então ele vai surtar.* — Estou bem. Quando você estará em casa? Eu tenho que falar com você.

— Eu tenho muita coisa acontecendo hoje, Maddie. Eu não tenho tempo...

— Arranje tempo. — Eu cerro os dentes. — Isso é importante.

— Eu não posso ir em casa agora. Tenho que me encontrar com Aria em alguns minutos e...

— Não se encontre com Aria — Digo a ele e ele fica em silêncio do outro lado.

— Vocês brigaram ou algo assim? Não tenho energia para mediar vocês duas hoje e é véspera de Natal, desliguem. — Suspiro quando penso no fato de que ele ficou entre algumas de nossas discussões em nossos dias, geralmente quando eu achava que ela estava levando a coisa do policial *mau* muito a sério, e eu queria que o policial bom me livrasse.

— Não! Cal é maior do que isso. — Eu paro, imaginando como formular minhas próximas palavras. Eu apenas desabafo? Ou eu facilito para ele?

— Ela... ela sabe de alguma coisa?

— Ela tem um palpite. Acabei de passar a última hora e meia com ela e ela me perguntou se estamos fazendo sexo, então, NÃO Cal, não se encontre com ela agora.

Ouço o som de uma porta se fechando. — O quê!? O que a faria perguntar isso?

— Porque uma puta com quem você saiu apareceu e eu fiquei territorial, ok?

Ele geme e eu já posso ouvi-lo andando de um lado para o outro em seu escritório. Ele provavelmente está puxando seu cabelo, sua boca sexy puxada em uma carranca.

E agora estou pensando na boca dele e em tudo que ela pode fazer.

Eu continuo. — Cal, ela quer que eu vá morar com ela e Henry. Ela diz que morar com você é muito... tentador.

— QUÊ? — Ele grita e eu estremeço com o volume que ressoa no meu carro.

— Essa foi a minha reação. Eu voei para fora do controle e seus sentidos de policial começaram a formigar. Ela começou a chorar e... foi uma bagunça, Cal. Eu finalmente tive que dizer a ela que ela estava certa em que eu tinha uma queda por você, mas que você nunca me tocaria. Eu entrei em pânico.

— De jeito nenhum eu deixarei você ir morar com Aria e Henry. — Sua voz está com raiva, mas eu sei que não é dirigida a mim. Eu também posso ouvir as rodas girando em sua cabeça. *Como sairemos dessa? E agora que Aria tem um palpite, Henry diria a ela o que sabe? Mais importante, ele já disse a ela e isso é tudo um teste?*

Eu mordo meu lábio e aceno com a cabeça. — Por favor, não — Eu sussurro.

— Eu não vou. Ok? Eu cuidarei disso.

— Não... não seja muito óbvio. — A intuição de Aria geralmente está no ponto, quero dizer, *obviamente*. Mas Cal é rápido em seus pés e inteligente como o inferno. Ele vai cuidar disso. Ele vai consertar.

Ele tem que consertar.

O som da porta da frente quase me faz derrubar a colher que estou usando para mexer o chili que estou fazendo. É o favorito de Cal e algo me diz que ele vai querer algo assim depois de lidar com Aria. Estou prestes a me virar e ir em direção à porta quando sinto mãos em volta da minha cintura e seus lábios no meu pescoço. — Eu poderia me acostumar com isso — Ele murmura no meu ouvido e dá um beijo logo atrás dele. Estou instantaneamente inundada com sentimentos tão intensos que ele pode muito bem ter beijado minha boceta. Sua mão se move ao meu redor e desliza em minha calça de moletom e na minha calcinha tão facilmente que me pega desprevenida. Eu tremo quando sua mão fria esfrega a pele quente e lisa entre minhas pernas, seus dedos calejados esfregando meu clitóris tão suavemente que faz meus joelhos ficarem fracos.

— Acostumar-se com o quê? — Eu giro para enfrentá-lo efetivamente removendo sua mão da minha boceta.

Ele chupa os dois dedos que estavam anteriormente dentro de mim em sua boca e os solta com um pop lascivo. — Você na minha cozinha quando eu chegar em casa.

— Porque eu não fui a maior parte do ano passado? — Eu levanto minha sobrancelha para ele e ele revira os olhos em resposta.

— Você tinha que matá-lo. — Ele dá um passo para trás e pega uma cerveja da geladeira.

Quase não me importo que o momento tenha passado porque temos coisas importantes para discutir. Não quero me perder em Cal e ficar íntima. — Então, o que aconteceu com Aria?

— Ela não apareceu, e eu certamente não queria ligar para ela e iniciar nada. — Ele me puxa para longe do fogão e se senta, me puxando para seu colo. — Não quando eu queria chegar em casa para você. — Ele agarra minha cabeça e me traz mais perto de sua boca quando eu o paro.

— Cal, espere.

— Você está me dizendo para esperar? — Ele ri. — Você geralmente joga sua calcinha para mim no segundo em que eu entro pela porta. — Ele puxa o cós da minha calça de moletom e olha para baixo antes de soltá-la para estalar contra a minha pele.

Eu zombo de seu comentário. — Rude e falso. Às vezes eu faço você trabalhar para isso. — *Raramente*. Eu coloco um dedo para cima quando ele vai responder. — Eventualmente você vai ter que falar com Aria. Amanhã é Natal e estaremos todos na casa de Margie... pode acontecer.

— Ela não trará nada assim na frente da minha mãe.

— Então ela vai puxar você de lado, Cal. Você não viu Aria hoje. Ela era como um cachorro com um osso e você sabe como ela é quando se fixa em alguma coisa! Ela não deixará isso passar. Após o ano novo, ela me quer fora daqui.

— E essa não é a porra da ligação dela para fazer. Além disso, você terá dezoito anos.

— Ainda estou sob seus cuidados até me formar no ensino médio.

— Tecnicamente, mas é uma linha tênue. Ela realmente não pode *obrigar* você a fazer alguma coisa...

Solto um suspiro profundo. — Eu não vou poder aproveitar amanhã ou meu aniversário. Eu sinto que ela vai perceber tudo de forma diferente. Não poderei tocar em você ou estar perto de você sem que ela pense que é algo mais. — Um calafrio passa sobre mim, e eu me empurro em seus braços, descansando minha cabeça em seu ombro enquanto ele envolve seus braços ao meu redor. — Isso é uma merda.

— Ei, você sempre pode estar perto de mim. Ninguém nunca vai te dizer diferente. Eu sei que nossa conexão é diferente agora, mas nada poderia quebrar o vínculo que temos.

Eu me afasto de seu peito e levanto uma sobrancelha para ele. — E que vínculo é esse? Papai e sua filhinha?

Ele belisca meu lado e balança a cabeça, mas não me engana a maneira como seu pau pula debaixo de mim. Ele ama tanto quanto eu. Eu mordo meu lábio inferior e seus olhos escurecem quando ele respira. — Você vai me matar com isso. Mas não... — Ele para. — Eu não sei o que é, Mads. Só sei que você sempre foi especial para mim. Quando nos conhecemos há dez anos, obviamente eu não estava pensando que chegaríamos aqui. Esse pensamento nem passou pela minha cabeça. Mas depois do primeiro ano, eu sabia que estaria em sua vida pelo resto, e eventualmente, você seria uma adulta e eu pensei que seríamos amigos... eu *sabia* que seríamos amigos. Mesmo de passagem, Aria e Henry mencionaram estar lá pela primeira vez... — Ele limpa a garganta agressivamente

— Bebida legal.— Eu me viro e pego sua cerveja da mesa e coloco a garrafa em meus lábios com uma piscadela e corro minha língua ao longo da abertura. Eu sinto endurecer embaixo de mim, e percebo que não quero mais falar sobre isso. Eu arrasto minha língua até ao gargalo da garrafa antes de tomar um longo gole de sua cerveja e depois a coloco de volta para baixo. Quando me viro para encará-lo, suas narinas estão dilatadas e seu aperto em meus quadris está apertando a ponto de machucar. — Maddie. — Sua voz está rouca e eu me esfrego contra ele em resposta.

— Cal. — Seu nome sai dos meus lábios em um sussurro, meus lábios se movem como fantasmas ao longo dos dele enquanto ele agarra minha bunda e a segura com força. Ele me empurra com mais força contra ele e um jorro inunda minha calcinha. — Mmmm. — Eu gemo assim que seus lábios encontram os meus. — Foda-me. — As palavras saem da minha boca como um suspiro e eu fecho meus olhos enquanto tento controlar a eletricidade zumbindo através de mim e criando a euforia na qual me tornei viciada.

Agora eu entendo o significado da palavra dickmatize¹¹.

— Eu estive pensando em sua boquinha sexy desde que saí esta manhã... Eu quero que você chupe meu pau de novo...

Meus olhos se arregalam e um sorriso encontra meus lábios. — Sim, por favor.

¹¹ Apaixonar-se pelo pau, como que levar uma mulher a apaixonar-se pelo pau, mais do que pelo homem, devido á sua habilidade sexual.

— Enquanto você senta no meu rosto. — Eu sei que meus olhos estão arregalados e nervosos agora. Nós nunca fizemos isso antes, embora eu tenha visto em pornografia, então eu entendo a logística. Posso dizer que sei o que Cal quer que tentemos, mas isso me deixa ansiosa.

— Ei, você não tem que me chupar, baby. — Ele acaricia minha orelha.
— Você pode simplesmente montar no meu rosto e gozar nele.

Putá merda. Eu não tinha ideia de que ele tinha uma boca tão suja.

Eu empurro para trás em seu peito e tremo meus cílios tão sedutoramente quanto posso. — Não, não, eu quero chupar seu pau, mas... hummm... eu tenho que fazer a outra coisa?

— Sim. Isso não é negociável.

— Cal...

— Por que você está tão nervosa? Você estava menos nervosa para perder sua virgindade. Baby, isso não vai doer.

— Não, eu sei que eu só... e se eu não conseguir me manter e eu... você sabe, sufocar você? — Eu sussurro e ele revira os olhos.

— Então, que maneira de morrer. — Ele sorri. — Isso não está em debate, Madeline. Estamos fazendo isso. Porque eu sei que você vai gostar. — Ele esfrega o nariz contra o meu.

— Ok... você quer comer primeiro? — Ele levanta uma sobrancelha para mim e eu balanço minha cabeça. — Demônio da comida. — Aponto para o fogão.

— Quero dizer... não particularmente, mas suponho que não pretendo parar quando começarmos, então comer primeiro é inteligente. — Eu saio de seu colo e ele bate na minha bunda me fazendo rir.

— Quero dizer, se você não estiver com fome... — Minha mente já está lá em cima na cama com Cal, minha boca tentando engolir seu pau enquanto ele se banqueteia com minha boceta. Comecei a desejar orgasmos tanto quanto ansiava por comida e sede de água. É como se em uma semana, Cal mudasse minhas necessidades básicas, disparando ele e seu pau para o lugar número um. A ideia de estar naquele espaço com ele me dá uma sensação inebriante, melhor do que estar bêbada ou no auge de uma grande apresentação de balé. É uma sensação de corpo inteiro que não consigo colocar em palavras. Só sei que quero viver nesse espaço.

Cal já está subindo as escadas antes que eu possa piscar. Eu desligo o fogo e estou subindo as escadas atrás dele quando ouço chaves na porta.

Jesus Cristo, Cal precisa pegar as chaves de todos de volta. E se já estivéssemos fazendo isso?

Cruzo os braços sobre o peito e inclino a cabeça para o lado, preparando-me para Deus sabe quem quando Aria entra pela porta e resisto à vontade de revirar os olhos. — Mads, ei. — Ela sorri, como se não tivesse planos de virar meu mundo inteiro de cabeça para baixo. Como se ela não tivesse passado a maior parte do almoço acusando Cal de algo que ela considera abominável. Ela está severamente vestida em comparação com o almoço,

ostentando apenas um par de legging e um moletom sob o casaco e um boné de beisebol dos Mariners com seu longo rabo de cavalo pendurado nas costas.

— Aria. — Eu aceno e ela balança a cabeça.

— Ainda chateada, estou vendo.

— Se você acha que estou chateada, espere até falar com Cal. — Eu franzo meus lábios.

— Você disse a ele?

— O que você acha?

— Eu sabia que deveria ter falado com ele primeiro. Eu sabia que você o deixaria nervoso.

— Você pode culpá-la? — Cal desce os degraus, de calça de moletom e camiseta e, por um segundo, sinto um lampejo de ciúmes por Aria vê-lo assim. *Isto é apenas para os meus olhos, caramba.* Flashes de sexo em cima dele naquela calça de moletom cinza, me permite sentir tudo de volta e eu solto um suspiro.

Ela engole e eu posso dizer que ela está nervosa. — Cal... podemos falar sobre isso em particular?

— Maddie tem idade suficiente para fazer parte desta conversa. Ela fará dezoito em dois dias. — Ele acena para mim. Sua mandíbula está dura, os ângulos tão afiados que poderiam cortar quase qualquer coisa, me alertando que ele está cerrando os dentes com força. Eu quero estender a mão e esfregar sua mandíbula para soltar os músculos tensos antes que ele se machuque, mas eu mantenho minhas mãos para mim.

— Que é exatamente o ponto.

Seus olhos castanhos que na semana passada eu só vi cheios de calor escaldante, agora estão cheios de uma raiva ardente. — Ainda estou perdido.

— Você vai me fazer soletrar para você? — Ela pisca os olhos várias vezes.

— Sim.

Ela deixa a cabeça cair e vai para a cozinha. — Não vai importar se ela tem dezoito anos, Cal. Você é o guardião dela. Todo mundo sabe disso. Você a criou.

— Você está falando comigo como se isso fosse um problema. — Do ponto de vista de Aria, isso pode soar como uma negação, mas posso ouvir o verdadeiro significado. *Não é um problema porque foda-se todo mundo, Madeline é minha em todos os sentidos da palavra.*

— Eles vão pensar... — Ela solta um suspiro.

— O que você acha? — Ele pergunta e eu posso ouvir a acusação.

Você acha que eu machucaria Maddie?

— Acho que Maddie é impressionável e jovem, mas velha o suficiente para tomar decisões que podem impactar sua vida de maneira perigosa. Há uma impulsividade e um senso de imortalidade que vem com dezoito anos que é perigoso e imprudente e...

— Essa não sou eu! — Exclamo. — Eu não fui a adolescente rebelde, nunca experimentei drogas, não fujo depois do toque de recolher, tiro notas impecáveis...

— Você está experimentando álcool há quanto tempo? — *Há apenas uma coisinha. Mas todo mundo faz isso! O que mais há para fazer nesta cidade chata?*

— Isso é tão diferente!

— Você está certa, de certa forma é ainda mais perigoso do que experimentar sexo. — Ela me olha e suspira. — Que eu saiba, você ainda é virgem, mas quem sabe quanto tempo isso vai durar.

— Você faz soar como se mal seja meia-noite, eu vou me esgueirar para o quarto de Cal e seduzi-lo. — Eu aceno para ela.

— O simples fato de você poder dizer isso com uma cara séria, e Cal mal reagir a isso me faz acreditar que é uma possibilidade muito real. — Ela cruza os braços. — Para ser franca, acho que já está acontecendo alguma coisa e isso me assusta muito. — As lágrimas estão de volta em seus olhos enquanto ela muda seu olhar entre nós. — Bem, *alguém* nega.

— Maddie, vá para cima. — Ele não olha para mim, provavelmente sabendo que um olhar compartilhado entre nós não passaria despercebido por Aria. Ele mantém os olhos fixos nela, sua postura combativa e assertiva. *Isso ficará feio.*

Eu provavelmente deveria começar a fazer as malas.

CAPÍTULO QUINZE

CAL

Meus olhos, que sei que estão ardendo de fúria e raiva, encontram a fonte e estreitam-se ligeiramente. Eu sei que preciso controlar meu temperamento antes de explodir em cima de Aria, mas estou lívido, Maddie está emocionada, e eu estava a segundos de provar sua boceta quando Aria invadiu sem um convite. *Estou pronto para explodir.*

— Sente-se, Aria. — Eu aponto para a mesa, e quando ela não se move, é o suficiente para me empurrar para a borda. — Eu disse, sente-se, porra — Eu grito. Eu raramente uso essa voz e nunca a usei em ninguém da minha família, então não estou surpreso quando seus olhos verdes se arregalam e ela lentamente se abaixa até à mesa.

— Cal, antes que você perca o controle, deixe-me explicar... — Sua voz vacila e percebo que ela começa a estalar os dedos. Eu trabalhei com Aria por mais de uma década, então eu sei quando ela está abalada e todos os seus sinais indicadores estão começando a aparecer, mas espero que ela não esteja esperando misericórdia.

— Explicar o quê? Como você está criando problemas sem nenhuma porra de motivo? — Cruzo os braços e olho para ela, continuando a ficar de pé para afirmar ainda mais meu poder e agitá-la ainda mais.

Ela aponta para a cadeira do outro lado da mesa. — Você pode se sentar?

Jogo de poder típico. — Não.

— Cal...

— Ande com calma se você ainda quer um emprego.

Ela faz uma cara de confusão e levanta uma sobrancelha. — Você não pode me demitir, chefe — Ela retruca. — Isso é o que é melhor para Maddie.

— Ficar comigo é o melhor para ela.

Ela bate a mão na mesa. — Você diz isso agora! Mas vocês dois *precisam* de alguma distância um do outro.

— Que diabos isso significa?

— Isso significa que ela é muito dependente de você, e você se alimenta disso. Você se alimenta dela precisando de você. Quanto mais vulnerável ela é, mais você sente que é seu trabalho consertá-la. Você sempre foi assim.

— Ela não precisa ser *consertada*, Aria. Ela é perfeita. — Eu imediatamente me arrependo da minha escolha de palavras. Isso não soava particularmente como um cara orgulhoso da garota que ele criou. Parecia mais um homem orgulhoso da mulher que ele está fodendo atualmente.

Ela suspira e balança a cabeça. — Os sentimentos de Maddie por você estão... *mudando*, Cal. E a única maneira de ajudá-la a superar isso é a distância. Ela não pode viver aqui e estar no seu espaço. Ela está confusa e vai se machucar ou... — Ela engole e eu posso dizer para onde ela está indo — Você vai se

machucar. — Eu ouço as implicações tão alto como se ela tivesse falado a acusação em voz alta. *Se você tocar em Maddie e as pessoas descobrirem, você está fodido.*

— Eu sei que você a ama, Cal — Ela continua — E qualquer um com olhos pode ver que ela é louca por você. Mas esse é o ponto que estou tentando mostrar. Vocês dois têm história e isso não está certo. — Ela cruza os braços. — Você nem deveria estar pensando em Maddie assim.

— Quem disse que eu estou?

Ela encolhe os ombros. — Anos de treinamento policial.

— Aria, olhe. Nada está acontecendo, então...

— E precisa continuar assim. Maddie está se mudando. — Ela aponta para a minha porta e eu tenho que respirar antes de explodir.

— Você não tem nada a dizer. Ela faz dezoito anos em menos de dois dias e, pela última vez, que verifiquei que *eu sou* seu guardião legal.

Aria me encara por um instante antes de se levantar com um longo suspiro. — Você está certo, Cal. Você é. — Ela começa a caminhar em direção à porta antes de parar e deixar cair a cabeça. — Ela já perdeu as pessoas que deveriam amá-la incondicionalmente. Se você fizer alguma coisa... vai por uma estrada da qual não pode voltar... — Ela se vira assim que uma grande lágrima escorre por sua bochecha. — Seria um desgosto para ela perder você também.

Uma fungada quebra o silêncio depois que a porta se fecha e a ansiedade sobe pela minha espinha enquanto penso em Maddie sentada na escada, ouvindo tudo o que foi dito. Eu caminho para as escadas e fico na parte inferior, observando Maddie sentada em seu lugar habitual quando ela escuta. — O que eu te disse sobre isso? — Uma torrente de lágrimas está escorrendo pelo rosto de Maddie, seus olhos azuis quase tão claros quanto o oceano.

Ela me dá seu dedo médio e então ela está descendo os quatro degraus restantes e em meus braços. — Eu não quero ir embora. Por favor, não me faça ir.

Penso nos argumentos de Aria e os sinto pesando no meu peito. Eu podia ver o julgamento em seus olhos. O medo. A devastação. Eu não tinha admitido nada, mas as palavras não ditas pairavam no ar e nos envolviam em tensão.

Meu corpo se aperta ao redor do dela enquanto eu a carrego escada acima. Eu me movo para o meu quarto e a coloco na cama antes de cair de joelhos na frente dela. — Sinto muito — Digo a ela e ela franze a testa. — Eu deveria ter me preparado melhor. — Eu balanço minha cabeça, pensando em todas as maneiras que isso poderia ter acontecido. — Eu sabia que estava chegando, e é como se eu nem tivesse pensado em negar. Negar-nos. — Eu deixo cair minha cabeça em seu colo e envolvo meus braços em torno de sua cintura, agarrando-a como se ela fosse um bote salva-vidas flutuando em direção às águas traiçoeiras do futuro. — Eu agi como um homem louco apaixonado por uma mulher.

Ela engasga e agarra meu rosto, trazendo seu olhar para o meu. — Não se desculpe. Nunca peça desculpas por tentar nos proteger. Adoro ver esse seu lado.

— Eu só tenho um lado, Madeline, e isso vai destruir qualquer um que pense que pode tirar você de mim.

— Será assim por um tempo, eu acho. — Ela lambe os lábios e isso me faz querer provar sua língua. — Tenho dezoito anos, Cal. Ela não pode me obrigar. Eu não posso deixar você. Eu não posso... ficar longe de você.

O pensamento de ela estar longe de mim faz meu coração bater contra minhas costelas. Levanto do chão e sento ao lado dela na cama e seu corpo imediatamente reage, como se soubesse o que significa estar na cama comigo. Ela está no meu colo antes que eu possa alcançá-la e eu a seguro no lugar para evitar que ela se contorça contra o meu pau. — Eu não quero você longe de mim. *Nunca*. Eu preciso de você ao meu lado todas as manhãs, todas as noites e quando chego em casa do trabalho. — Eu seguro suas bochechas e esfrego meus lábios contra os dela. — Acabei de te pegar... não posso desistir de você. — Eu olho para ela e a dor em seus olhos é um reflexo direto da minha. Olhos azuis nos quais eu poderia passar um dia inteiro me perdendo estão cheios de tristeza e culpa.

— Prometa que posso ficar. — Ela sussurra enquanto esfrega a ponta dos dedos sobre meus lábios. Seus olhos estão fixos na minha boca como se ela estivesse hipnotizada por ela. Sou grato por não estar olhando nos olhos dela,

sabendo que não posso recusar nada quando ela os bate para mim. Isso me dá um segundo para organizar meus pensamentos.

É a pior coisa ter algum espaço? Talvez não permanentemente. Mas talvez por um mês ou dois apenas enquanto ganhamos o equilíbrio? Talvez apenas até ao final de seu ano letivo?

Como se ela pudesse ouvir meus pensamentos e o fato de que as palavras de Aria me afetaram mais do que eu quero admitir, seus olhos saltam para cima e se estreitam em fendas. — Você vai me fazer ficar com Aria e Henry? Seu irmão que sabe a verdade?

Deixo escapar um suspiro sabendo que esta será uma batalha para fazê-la concordar. Eu nunca a deixaria ir com Aria e Henry. Henry é um curinga, e eu sei que Maddie não se sentiria confortável morando lá sabendo que ele sabe a verdade. Ela já está nervosa por estar perto dele amanhã. — Você estaria aberta a ficar com Margie?

— Eu não posso acreditar que estamos discutindo isso! — Ela começa a sair do meu colo quando fecho meu aperto. Eu preciso dela perto de mim. Eu quero que ela sinta que ela não é a única que está odiando essa ideia. Que a ideia de viver sem ela sob este teto como ela tem feito nos últimos dez anos me estripa.

— Pare de se mexer — Eu ordeno a ela, mas ela não ouve e continua tentando se libertar do meu aperto.

— Não, deixe-me ir, Cal. — Ela sai do meu colo e fica na minha frente com as mãos nos quadris daquele jeito sexy pra caralho que me faz querer foder

sua boceta até que ela perca a porra da atitude. — Isso é besteira, e eu não concordo com isso.

— Podemos derrubá-lo com a atitude? Você está sendo uma pirralha.

Ela bate o pé e eu quase rio no início dessa birra. — Como estou sendo uma pirralha porque quero ficar aqui?

— Porque não é assim que funciona! — Eu falo. — Não é assim que nada disso funciona.

— E isso significa...?

Eu deixo cair minha cabeça em minhas mãos e suspiro. — As coisas estão diferentes entre nós e você morando comigo enquanto exploramos o que quer que seja... pode não ser a melhor ideia.

Seu lábio inferior treme e ela envolve os braços em volta de si mesma, esfregando os braços, e eu gostaria de poder tê-la de volta no meu colo. — Como você pode dizer isso?

— Porque eu não quero engravidar você por causa disso. E do jeito que temos feito na semana passada, se continuarmos assim, você vai engravidar até à formatura. Não estamos usando preservativos e nada é cem por cento eficaz. Só quero dizer... tanto acesso um ao outro pode ser... perigoso.

Ela cruza os braços, desafiadoramente. — E a segunda coisa?

— Não me arrependo de onde estamos ou como chegamos aqui. Mas precisamos de espaço para navegar . Viver juntos tão cedo em nosso relacionamento é muito precipitado. — Eu paro, e meus olhos vagam pelo meu

quarto. O quarto de Maddie fica no final do corredor e ainda assim é como se todas as coisas dela tivessem se mudado para o meu quarto. O carregador dela do outro lado da minha cama. O laptop dela na minha mesa de cabeceira. Os prendedores de cabelo e grampos de seus coques dançantes que cobrem cada superfície do meu quarto. Ela até deixou sua escova de dente no meu banheiro, apesar de ela ter a sua no corredor. — Eu nunca vivi com uma mulher. Por anos eu tive... Bem, você. Mas viver com você agora é diferente.

— Tipo... em dinheiro? — Ela estremece. — Você nunca me deixou ter um emprego, mas eu posso conseguir um.

Ela não pode estar falando sério. Reviro os olhos e saio da cama para puxá-la em meus braços. — Quando eu não cuidei de você?

— Bem, era diferente antes... — Eu estremeço. — Antes eu era uma dependente e agora, sou igual... — Ela para quando um rubor pinta suas bochechas, como se ela não tivesse certeza se isso é verdade. — Eu posso... pagar pelas coisas — Ela chia, e se eu não estivesse tão chateado com ela questionando minha vontade de cuidar dela, eu acharia seu comentário cativante.

Eu agarro sua mandíbula e suas bochechas ficam ainda mais rosadas. — Não é diferente nesse sentido. Eu sempre cuidarei de você. Você nunca precisou se preocupar com dinheiro antes e ainda não precisa, ok? Agora, eu não quero falar sobre isso de novo. — Eu digo a ela e ela acena com a cabeça sabendo que não deve me empurrar. — É diferente porque é. Eu não deveria ter que dizer isso, mas nosso relacionamento não é o que era. Conheço Maddie, a jovem que conheci anos atrás. E agora, há essa *mulher com quem eu quero estar*... — Faço

uma pausa e atiro-lhe um olhar duro. — Tenho que pensar em você como duas pessoas diferentes, Maddie, ou não serei capaz de viver comigo mesmo. Não posso tratá-la da mesma maneira que tratei no passado. Estamos fazendo a transição para novos papéis na vida um do outro e acho que será mais difícil sob o mesmo teto.

Ela solta um suspiro e seus lábios formam um beicinho, mas pelo menos ela não está chorando. — Acho que posso ficar com Margie.

Eu não sei quanto tempo estive dormindo quando uma sensação quente e molhada engole minha metade inferior. Estou vagamente ciente de que estou nu, depois de passar a maior parte da noite fodendo Maddie e isso foi antes de eu prendê-la e fazer amor com ela até que ela não pudesse respirar. As lágrimas vazaram de seus olhos e deslizaram por suas bochechas enquanto eu professava que nada mudaria entre nós se ela se movesse. Nós não quebramos o contato uma vez que a véspera de Natal se transformou em dia de Natal e agora, eu me pergunto se estamos nos preparando para outra rodada.

Está escuro como breu quando meus olhos se abrem e, com certeza, sinto o peso em cima de mim e as mãos no meu peito. — Porra. — Eu gemo quando encontro seus quadris. Eu não estou dentro dela, ela está se esfregando no meu pau, essencialmente me usando para gozar. Meu pau está duro e descansando contra meu estômago enquanto ela esfrega contra mim, deixando-

me deslizar entre seus lábios para esfregar seu clitóris. — Baby, deixe-me acender as luzes. — Eu acendo minha lâmpada na mesa de cabeceira iluminando o quarto e ela estremece com a inundação de luz. Eu lambo meus lábios, vendo seus seios nus, seus mamilos endurecendo e implorando para serem chupados. Eu arrasto meu olhar para baixo de seu estômago para onde meu pau está pressionado contra sua boceta e minha boca cai aberta com a visão erótica. Seus lábios estão esticados em ambos os lados do meu pau e eu posso ver que meu pau, que está vazando pré-sêmen de sua cabeça, já está brilhando com seus sucos.

Eu engulo, e tudo que eu quero fazer é empalá-la no meu pau. Estou prestes a sugerir que façamos exatamente isso quando ela abre a boca. — Eu estava pensando... — Ela sussurra. Ela morde o lábio inferior e, por um segundo, estou tão concentrado naquele fodido lábio suculento que quero morder que esqueço que ela ainda está falando. — Sobre o que você sugeriu antes?

— Desculpe baby, o que você disse?

— Sobre... humm... sessenta e nove? — À luz da luminária, suas bochechas estão quase vermelhas e sob quaisquer outras circunstâncias, eu poderia perguntar a ela o que a deixa tão nervosa. *E talvez mais tarde... muito mais tarde... quatro orgasmos depois, eu farei isso.* Mas agora, tudo o que me importa é colocar a boceta dela em cima do meu rosto.

— Suba aqui — Eu exijo. Eu tinha caído em cima dela não mais do que duas horas atrás. Seu sabor doce e picante ainda está na minha boca, e ainda assim eu anseio por outro sabor. Estou tão faminto por aquela sensação dela tremendo ao redor da minha língua quando chupo seu clitóris em minha boca,

estou praticamente salivando. Eu quero que ela monte meu rosto, tome o orgasmo e o que mais ela quiser de mim enquanto ela está engasgando no meu pau. Tomando mais do que ela pode aguentar enquanto eu fodo sua boca, empurrando meus quadris contra aqueles lábios rosados e molhados que nunca deixam de me fazer perder o controle quando ela os envolve ao meu redor.

Ela faz o que eu mandei e quando ela se acomoda, com uma perna de cada lado da minha cabeça, eu agarro sua bunda, trazendo-a para baixo. — Não fique nervosa — Murmuro contra sua boceta que já está molhada de sua esfregação anterior. Eu pressiono meus lábios em seu sexo, deslizando minha língua entre suas dobras e sacudindo seu clitóris uma vez com minha língua, fazendo-a gritar. Ela agarra meu pau e aperta com força enquanto a luxúria aumenta e flui através dela. — Lamba a ponta, mas não me coloque em sua boca, Maddie. Apenas esfregue contra sua língua — Digo a ela, querendo que ela me provoque, enquanto eu torço o máximo de orgasmos de seu doce corpo minúsculo antes de explodir em sua garganta. Ela faz o que eu mando, e eu vou para matar. Espalhando suas bochechas e cravando minhas unhas na carne macia enquanto lambo seu sexo entregando-se à sua doçura que tem gosto de casa. Sua excitação flui para fora dela, e eu perco um pouco disso enquanto escorre pelo meu queixo e no meu peito.

De todas as mulheres com quem estive, Maddie, sem dúvida, é a mais molhada. Ela é a mais responsiva. A mais ansiosa para agradar. Ela é tudo que eu sempre quis em uma amante. Ela anseia por seu próprio orgasmo, persegue-o, me diz o que quer, e agradece meus esforços com os orgasmos mais explosivos que já testemunhei.

Orgasmos que ela está morrendo de vontade de ter todas às vezes. Sem mencionar, ela tem essa necessidade incrível de *me* dar um também. Seja com sua boca ou sua boceta ou seu cu, todos os três que eu reivindiquei como meus. Uma necessidade tão grande que quase rivaliza com a minha necessidade de ter uma que não é nada que eu experimentei antes dela.

Depois da primeira vez, onde ela realmente se abriu para mim, eu me perguntei se era a idade dela e o fato de que eu era o único homem com quem ela já esteve. Ou o simples fato de que eu sou eu, e ela sempre quis me agradar, seja com boas notas ou bom comportamento. Ela ansiava por meus elogios em todas as esferas da vida, então não foi surpresa que ela desejasse no quarto agora que nosso relacionamento havia mudado. Mas quanto mais tempo eu passo com ela neste ambiente íntimo, mais eu percebo o quanto sexual a pessoa de Maddie é em geral. Embora às vezes ela esteja nervosa e tímida, ela lentamente se transforma em uma sereia que anseia por um orgasmo como sua próxima respiração assim que eu a toco.

Um aperto em ambas as coxas me alerta que ela está perto. *Já*. Eu insiro dois dedos em sua boceta enquanto minha língua flutua para cima para contornar seu buraco apertado. Eu circulo uma vez antes de sondar suavemente, e ela perde.

Seu aperto no meu pau aumenta e ela chupa forte uma vez antes de me deixar cair de seus lábios. — Oh meu Deus, Cal!

— Isso é bom, baby? — Murmuro contra sua bochecha enquanto a beijo e mordisco durante seu orgasmo, enquanto continuo a bombear dois dedos dentro e fora dela.

— Tão bom, por favor, não pare! — Ela choraminga. Suas pernas tremem e eu sinto sua boceta apertar e relaxar em torno dos meus dedos enquanto ela deixa cair o rosto na minha virilha. Um suspiro deixa seus lábios bem no final, antes que ela sussurre, ‘de novo’.

Eu sorrio contra ela, satisfeito que seu corpo esteja tão desesperado para continuar a alta quanto eu estou para lhe dar outro. Eu acaricio seu clitóris inchado com meu dedo. — Você está molhada pra caralho. — Meus lábios, queixo, pescoço e parte superior do meu peito estão cobertos com seus sucos e eu quero mais.

— Quero que gozemos juntos na próxima vez. — Ela se vira um pouco, mas não consigo encontrar seu olhar. — Diga-me quando estiver perto.

Eu lentamente começo a lamber seu sexo novamente, fazendo amor com ele, da forma como eu a beijo depois de um longo dia. Lambidas lentas e longas que a fazem gemer em volta do meu pau e chupar e puxar com tanta força que me pergunto se ela está tentando sugar minha alma através disso. Suas unhas provavelmente estão deixando marcas permanentes em minhas coxas e quando estou prestes a dizer a ela para cavar suas unhas com mais força, amando o puxão na minha carne, ela remove a mão e começa a esfregar minhas bolas, *com força*.

— Ah, porra, Maddie. — Por um segundo, eu me perco e caio contra os travesseiros. Eu aperto meus olhos fechados, pronto para a explosão de prazer que está a momentos de distância. Eu abro mais minhas pernas, querendo mais de seu toque e sua boca e apenas *ela*. Ela aprendeu que minhas bolas são minha fraqueza e ela exerce esse poder como uma soberana. Ela sabe que basta ela chupar uma em sua boca e estou pronto para perdê-lo, mas deste ângulo, ela se contenta em acariciá-las. Ela empurra-se mais para baixo no meu pau e no fundo de sua garganta e eu a ouço engasgar um pouco e porque eu sei que ela quer, e Deus sabe que eu também, eu empurro minha pélvis para cima, forçando-me ainda mais em sua garganta a fazendo gemer e gaguejar, o que só me deixa mais duro. Os únicos sons na sala são carnavais, os sons de nossas bocas chupando e lambendo a pele lisa e inchada um do outro. — Perto, baby. — Eu gemo, mas sei que tenho que aproximá-la.

Ela ainda está no auge de seu último orgasmo, com o clitóris sensível, então eu sei que não demorará muito para ela gozar novamente.

— Eu também. — Ela fala, embora abafado, pois sua boca está cheia do meu pau. Eu pressiono meus lábios nos dela novamente, minha língua tomando uma nova velocidade enquanto a fode rapidamente enquanto eu esfrego seu clitóris em movimentos no sentido horário. — Oh Deus, espere, espere, espere! — Ela para e eu sorrio sabendo que ela está perto.

— Estou quase, coloque sua boca no meu pau, Madeline. — Vejo que ela visivelmente estremece em cima de mim quando me ouve usar seu nome completo.

— Sim, papai. — *Oh, pelo amor da porra.*

Ela me coloca de volta em sua boca e eu empurro para cima, explodindo em sua garganta instantaneamente, aquela palavra me empurrando para o limite. Eu suspeito que ela se ligou que a excitou tanto quanto fez para mim, e minhas suspeitas são confirmadas quando ela empurra com força meu rosto enquanto seu orgasmo a atravessa. Ela está se contorcendo contra o meu rosto, como ela faz quando se senta no meu colo, tentando acertar minha língua nos ângulos certos. Em algum momento, eu termino de gozar, e ela se senta, então ela está ajoelhada sobre meu rosto. Eu imediatamente arrasto meus braços por seu corpo curto, encontrando seus seios e apertando, beliscando seus mamilos enquanto ela continua montando meu rosto. Ela descansa suas mãos sobre as minhas antes de puxar minha mão direita para seu rosto e beijá-la antes de chupar um dedo em sua boca, assim como ela fez com meu pau.

— Deus, eu te amo tanto — Ela choraminga assim que ela me deixa cair dos seus lábios. Ela coloca as mãos no meu estômago para alavancar antes de tentar se mover do meu rosto. Eu agarro sua bunda novamente, mantendo-a no lugar e ela ri quando eu coloco um beijo final em seu sexo. Ela sai do meu rosto e se senta entre minhas pernas abertas, suas bochechas coradas, seu cabelo desgrehado e seus lábios vermelhos e inchados.

— Você é tão linda — Digo a ela.

— Isso foi tão divertido. — Seus olhos estão brilhando com luxúria, amor e adoração e isso me faz querer ter minhas mãos nela. Ela deve sentir isso porque ela rasteja pelo meu corpo e se aconchega no meu peito antes de colocar

um beijo no meu coração. Eu envolvo meus braços ao redor dela e a movo para que ela fique deitada ao meu lado e eu a aconchegue por trás. Eu esfrego minha mão em seu braço e beijo a parte de trás de seu ombro. — Eu vou odiar não ter isso todas as noites.

Eu arrasto meu nariz por sua bochecha e pescoço, inalando seu cheiro e sabendo que eu provavelmente odiarei não tê-la aqui ainda mais do que ela odiaria ter ido embora.

E se Aria estiver certa, e o espaço entre nós a fizer repensar isso? E se ela perceber que eu sou um homem fodido por tocá-la do jeito que eu toquei?

O pensamento faz meu sangue gelar que depois de tudo isso ela pode acabar me odiando.

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAL

Deixo minha cabeça cair todo o caminho para trás, o latejar em minhas têmporas me dando uma enxaqueca entorpecente que sei que só será exacerbada no segundo em que eu entrar. Eu saí da cama assim que o sol começou a nascer no dia de Natal, esperando que eu estivesse de volta antes que Maddie acordasse, mas agora eu gostaria de tê-la acordado para deixá-la acalmar meus nervos. Enfio minha chave na porta e imediatamente sinto o cheiro de canela, como todo Natal. Todos os anos, minha mãe passa a manhã preparando todas as sobremesas sob o sol e enviando-as para vários abrigos para sem-teto, refeitórios e igrejas que oferecem o jantar de Natal para quem não tem um lugar para ir. Então, não estou surpreso de ver minha mãe na cozinha com a música de Natal tocando.

— Ei mãe, Feliz Natal — Digo a ela e ela gira ao redor de cortar suas maçãs para seu strudel de maçã com canela. Vestindo seu habitual suéter de Natal com uma foto de Rudolph e avental combinando, ela é a imagem da festa.

— Cal? — Ela olha para o relógio e depois para mim. — Eu não estava esperando você tão cedo! Feliz Natal, querido! — Ela me puxa e fica na ponta dos pés para me abraçar, permitindo-me abraçar seu pequeno corpo. — Maddie está com você? — Ela espia ao meu redor e franze a testa quando não vê a pessoa que nunca está mais do que alguns passos atrás de mim quando me aproximo.

— Não, não, ela ainda está em casa dormindo. Estaremos de volta mais tarde hoje, eu só queria vir sozinho primeiro... — Eu esfrego a parte de trás do

meu pescoço e sento-me à mesa da cozinha. Ela empurra os óculos para o topo da cabeça e estreita os olhos.

— O que está acontecendo com você, hein? Parece que você tem algo em mente. Fale comigo, Cal Michael. Eu não sabia que você viria tão cedo ou eu teria o café da manhã pronto. — Ela abre a geladeira e noto que está cheia de comida que já foi preparada e algumas que não foram. — Posso preparar alguns ovos e bacon para você bem rápido?

— Mãe, estou bem. — Eu esfrego minha cabeça. — Mas você tem algum café feito?

— Deve haver o suficiente para outra xícara. — Ela pega uma caneca e serve para mim antes de derramar uma gota de leite, exatamente como nós dois tomamos. — Aqui. Agora fale.

Eu solto um suspiro. — Você sabe que eu não perguntaria isso se não fosse... realmente importante.

— Você pode me perguntar qualquer coisa, filho. Coisas pequenas ou coisas grandes. Não precisa ser muito importante para mim ajudar. — Seus olhos são suaves e quentes para combinar com o coração bondoso que ela tem por dentro, apesar do fato de que ela passou a primeira metade de sua vida tendo-o quebrado.

— Você acha que Maddie pode ficar aqui com você... só até ela se formar? — Ela pisca algumas vezes e se recosta na cadeira, cruzando os braços. Ela não diz nada e eu me pergunto se ela está esperando que eu continue. — Qualquer coisa que ela precisar eu cuidarei... — Eu começo e ela acena para mim.

— Silêncio, Cal. Sou mais do que capaz de cuidar dela e adoro passar tempo com ela. Estou apenas curiosa para saber o que causou isso exatamente.

— Ela levanta uma sobrancelha para mim e eu conheço esse olhar. *Eu já sei a verdade, então não se preocupe em mentir para mim.* — Vocês dois brigaram?

— Não, mãe. — Maddie e eu raramente brigávamos, raramente gritávamos, e nas poucas vezes que o fazíamos eu me sentia uma merda e geralmente acabava pedindo desculpas uma hora depois, e isso se ela não viesse até mim primeiro.

Ela tamborila as pontas dos dedos contra a madeira. — Ok... você quer que eu adivinhe?

Então, ela sabe, mas como? — Você falou com Henry?

Suas sobrancelhas se erguem. — Seu irmão sabe?

— Sabe o quê? — *Ok, então talvez ela não sabe?*

— Me diga você.

— Oh, pelo amor de Deus, Maddie e eu estamos... — Limpo minha garganta, preparando-me para falar as palavras quando ela me bater.

— Sacaneando.

Quase cuspi meu café na pressa de engoli-lo rapidamente. — Mamãe!

Ela põe a mão no coração. — O quê? Oh, me desculpe, isso não é correto?

Eu cerro os dentes e aperto os olhos. — É correto. Como você sabia?

— Vamos ao que interessa primeiro, quando isso começou, e não minta para mim. — Sua voz é uniforme, não zangada, crítica ou chateada. Mas calma e racional, ao contrário de Henry e Aria.

— Não há muito se é isso que você está pensando. Alguns dias atrás.

Ela acena. — Bem, isso é um alívio. Essa garota está apaixonada por você há tanto tempo; Estou surpresa que tenha demorado tanto para acontecer. Ela acha que você pendurou a lua e as estrelas e tudo mais no céu. — Ela esfrega sob os olhos.

— Mãe... — Eu paro. — Por favor, não me odeie. — Espero ver o olhar zangado de Henry ou até mesmo o olhar devastado de Aria, mas seus olhos estão cheios de compaixão, amor e compreensão.

— Você a ama?

— Mais do que eu pensava ser possível... eu já a amava tanto, mas... é tão diferente agora. Eu nunca esperei chegar aqui, eu...

— Eu esperava. — Ela me diz honestamente com um fantasma de um sorriso brincando em seus lábios. — Eu vi isso a um quilômetro de distância.

— Quando?

Ela solta um suspiro. — Não sei. Pequenas coisas aqui e ali. A maneira como seus olhos procuram por ela no segundo em que você entra em uma sala. A maneira como você gravita em direção a ela. Ela sempre foi carinhosa com todos, mas com você, ela sempre foi mais. Você sempre foi acima e além para ela, mas à

medida que ela ficou mais velha... você ainda sempre foi além. Eu não tinha certeza de como ou quando isso se transformaria nisso, mas parecia inevitável.

Deixo escapar um suspiro enquanto ouço minha mãe pintar uma imagem vívida de mim e Maddie. — Aria acha que vai arruiná-la. Que eu vou quebrá-la.

— Aria precisa cuidar de seus negócios e se concentrar nos problemas em seu relacionamento. — Ela estreita o olhar. — Ela sempre tem uma opinião sobre tudo, mas isso é outra história. No que diz respeito à Maddie, você não poderia quebrar aquela garota, nem se tentasse.

— Eu acho que ela quer dizer que se as coisas não derem certo... nós não podemos voltar a ser como éramos antes. Maddie me odiaria se eu a machucasse e ficaria devastada por não me ter em sua vida.

— Eu te odiaria se você a machucasse. Está planejando machucar minha garota? Porque você não estaria aqui se vocês dois estivessem apenas experimentando o novo status legal dela.

— Eu não estou planejando isso... mas as coisas acontecem. E se ela decidir que não quer isso? E se ela terminar? Ainda assim, seria difícil para nós estarmos próximos novamente.

— Verdadeiro. E esse é um risco muito real. Mas você já cruzou essa linha, então não há como voltar neste momento, estou certa? Mas se ela te ama tanto quanto eu sei que ela sempre amou, eu não acho que ela vai querer ficar longe de você, querido.

— Eu não quero machucar Maddie. Eu não quero arruiná-la. E Aria acha que ficarmos juntos depois de tudo que passamos... dada a nossa história, vou arruiná-la.

— Maddie não é sua filha, Cal. Isso não é ilegal, com certeza alguns vão ter problemas com isso, mas para o inferno com eles. Você merece ser feliz, e eu nunca vi você se iluminar do jeito que você faz, exceto quando você está olhando para Maddie.

— Eu a amo... mais do que minha própria vida. Isso não mudou. Mas eu quero... eu quero tudo. Então, se ela precisar de espaço para ter certeza de que é isso que ela quer, eu darei a ela.

— Ela pediu espaço?

— Não. Ela não está feliz com isso, mas Aria a deixou abalada. Aria queria que ela fosse morar com ela e Henry, mas com o jeito que ambos estão agindo, eu não quero que ela tenha que lidar com isso.

— Então, Henry sabe, mas Aria... não?

— Até onde eu sei, e Henry deu um soco em mim, então é desnecessário dizer que ele está chateado.

— Ele sempre foi tão cabeça quente. — Ela revira os olhos. — Deve ser por isso que ele disse que não tinha certeza se viria hoje.

Henry sabe que o Natal significa muito para minha mãe. Para ele simplesmente não vir, significa que ele provavelmente não tem certeza de que

será capaz de manter seu temperamento sob controle. — Ele não vem? Você está bem com isso?

— Seu irmão faz questão de desrespeitar o homem que escolhi para passar minha vida a cada momento. Se ele quiser ficar em casa, ele pode. Eu não quero drama no Natal. — Ela aponta para mim como se dissesse, *se ele aparecer mantenha-se calmo*. — De qualquer forma, quando meu parceiro no crime está se mudando?

Eu gemo e esfrego minha testa, a dor de cabeça se formando novamente com o pensamento de todos os problemas em que Maddie e minha mãe poderiam se meter. — Ouça, Thelma, mantenha Louise longe de problemas. Não a deixe beber.

— Ei, você tem seu jeito de ser pai e eu tenho o meu. — Ela encolhe os ombros antes de me dar um olhar aguçado.

Quando chego em casa, Maddie ainda está dormindo, o que não é surpreendente. Se ela acordasse e percebesse que eu não estava em casa, ela teria me ligado imediatamente. Eu estou na porta do meu quarto e a observo dormir por não sei quanto tempo. Ela está de bruços, seu cabelo espalhado sobre meu travesseiro, seu corpo nu quente e coberto por cobertores. Tiro meus sapatos, casaco e a maioria das minhas roupas antes de subir na cama com ela. Eu

traço as características de seu rosto com a ponta do meu dedo e ela suspira em seu sono, o que envia uma faísca ao meu pau que já notou seu corpo nu. Eu a viro de costas e abaixo o cobertor para revelar seu corpo perfeito e relaxado. Eu arrasto meus lábios até sua pele, tomando tempo para beijar adequadamente sua boceta e seus mamilos antes de pressionar um beijo em sua boca.

Em algum lugar ao meu redor, deslizando minha língua por suas dobras, ela começou a se contorcer, então, quando chego à sua boca, ela está quase acordada.

— Mmmm, Cal — Ela murmura. — Toque-me. — Ela suspira e eu sei que ela está lutando contra os últimos momentos de sono, no precipício dos sonhos e da realidade quando seus olhos se abrem. — Ei.

— Bom dia linda. — Eu esfrego meu nariz contra o dela antes de dar um beijo nele. — Feliz Natal. — Eu seguro a pequena caixa na frente de seus olhos que eu peguei de um dos meus cofres. — Isto é para você. — Seus olhos se iluminam e ela se senta, envolvendo o lençol em volta do peito nu. Seus olhos correm para os meus e eu balanço minha cabeça ao ouvir sua pergunta não dita. — Não é o que você está pensando.

Ela passa o dedo sobre a caixa vermelha e traça o roteiro no topo. — É um anel? — Sua boca se abre e eu posso ver sua língua rosa espiando por entre os dentes.

— É um anel. — Eu aceno com um sorriso. Algumas coisas nunca mudam. Maddie sempre perguntava o que era alguma coisa antes de abri-la. Ela tem um palpite e se ela acertou, eu tinha que ser honesto.

Ela abre a caixa devagar e olha para o anel que eu tenho há algumas semanas. Seus olhos se enchem de lágrimas antes que ela pisque de volta. Sua respiração é difícil e irregular e eu vejo os arrepios surgindo por toda a sua pele. — É tão bonito.

É uma faixa de ouro branco que forma um símbolo do infinito no centro com diamantes. O interior tem nossas iniciais com as palavras ‘Eu te amo para sempre.’ Simples e direto ao ponto, pois essas quatro palavras abrangem tudo o que eu já senti por Madeline Shaw.

— Está gravado — Digo a ela enquanto tiro o anel da caixa. Ela lê as palavras em voz alta e então se lança em minha direção, envolvendo seu corpo nu em volta do meu seminu.

— Eu te amo tanto... *para sempre* — Ela sussurra em meu pescoço. Ela se afasta e eu agarro sua mão, deslizando o anel em seu dedo direito antes de beijá-lo.

— Eu disse que não é o que você está pensando porque te pedir em casamento ‘embora seja o que eu quero’ — Sua respiração falha e por um segundo eu acho que estrelas explodem em seus olhos — Não é hora. Você ainda precisa se formar e ir para a faculdade e...

— Você vai me fazer me formar na faculdade antes de me propor? — Ela franze a testa.

Suas palavras fazem meu coração disparar com o pensamento de torná-la minha. — Ainda não sei, mas acabamos de começar isso e seria fácil ser pego na sensualidade de tudo isso e casar para amarrar você a mim para sempre, mas

quero ter certeza de que estamos fazendo a coisa certa. Decisões no momento certo. Eu sempre coloquei você e seu bem-estar em primeiro lugar e isso nunca vai mudar.

— Então, isso é... um anel de promessa?

— Sim.

— Uma promessa de quê?

— Para te amar para sempre, Maddie. Não importa o que aconteça entre nós.

Ela franze a testa e eu inclino minha cabeça para o lado. — Não deixe Aria entrar na sua cabeça, Cal. Não pense que você tem que me afastar e me dar espaço porque você acha que é a única maneira de eu descobrir o que eu quero. Se você acha que é melhor para nós, então eu vou me mudar. Apenas... apenas prometa que posso voltar?

— Sobre isso, Maddie... — Eu paro. Ela fica tensa em meus braços e seu corpo aperta em mim. — Falei com Margie.

Ela acena. — Ok...

— Você ficará bem em ficar lá?

— Por quanto tempo?

— Fim do ano letivo?

— E então eu posso voltar?

Seus olhos são uma combinação de mágoa, preocupação e medo. Ela acha que eu não voltaria por ela. Ela acha que meus sentimentos vão mudar. — Sim claro.

— Você promete?

Eu aceno, lembrando que o restante de suas cartas de aceitação das faculdades devem estar chegando em breve. Ela já foi aceita em várias fora do estado e sei que é uma conversa que precisamos ter. Não quero que nosso relacionamento seja um fator para onde ela decida ir. Eu quero que ela abra suas asas e explore o mundo ao seu redor sem medo.

Mas eu estaria mentindo se a ideia de ir com ela não passasse pela minha cabeça. Na realidade, se continuarmos por esse caminho, não poderemos ficar aqui. Todo mundo conhece a história de como Maddie e eu nos conhecemos e eu não gostaria de colocá-la sob o escrutínio das pessoas pelo resto de sua vida.

Eu gostaria de começar em algum lugar novo com uma lousa limpa. Ela e eu, e espero que, se chegarmos lá, todos os bebês que ela me deixar colocar dentro dela. — Eu prometo.

— Você nunca quebrou uma promessa para mim antes.

Eu agarro sua mandíbula e seus lábios. — Então você não deveria se preocupar.

— Ainda vamos nos ver?

Dou beijos em seu pescoço esbelto, tentando acalmar os nervos que fluem por ela. — Claro, baby. Nada pode me afastar de você. É com isso que você

está preocupada? Que não vamos nos ver? Minha mãe está emocionada por ter você, mas agora ainda mais porque ela sabe que vai me ver mais. — Eu rio e ela se afasta da minha boca e me olha com os olhos arregalados.

— Você... contou a Margie?

— Ela adivinhou. — Eu dou de ombros.

Eles se alargam ainda mais e cobrem sua boca com a mão. — Ela ADIVINHOU?!

— Aparentemente, temos sido bastante óbvios por um tempo agora.

— Puta merda. — Ela deixa cair a cabeça no meu ombro e respira fundo.

— Se vale de alguma coisa, ela está a bordo.

— Eu sempre soube que Margie era a mais legal do grupo Grayson.

Eu belisco seu lado. — Eu me ressinto disso.

— Então, o que acontecerá hoje?

— Não tenho certeza. Acho que Henry está fugindo.

— E Aria?

— Eu não sei, mas Margie sabe que Aria ainda está no escuro sobre tudo.

— Quando eu tenho que ir?

— Quando você voltar para a escola, talvez?

Seus olhos se iluminam. — Então, eu posso estar com você no Ano Novo?

— Sim. O que você gostaria de fazer?

Ela morde o lábio. — Você.

Eu jogo minha cabeça para trás e solto uma risada. — Acho que podemos fazer isso acontecer.

— Estou falando sério, preciso ter você o máximo de vezes possível antes de me mandar embora.

— Eu não estou mandando você embora. Não seja tão dramática. Você precisa que eu vá te aconchegar todas as noites?

— Oh. — Ela levanta as sobrancelhas e se esfrega em mim. — Sim, por favor.

Nós paramos na casa da minha mãe e eu pego a mão de Maddie e esfrego meus lábios sobre ela. — Dê-me um beijo antes de entrarmos.

Ela lança um olhar tímido para a casa antes de se voltar para mim. Ela se inclina sobre o console e apresenta seus lábios para mim. Eu seguro seu rosto e a beijo sem sentido, antes de salpicar beijos por todo o seu rosto. Ela suspira e olha para mim como se eu tivesse as respostas para todas as perguntas da vida. — É melhor que não seja a última vez que você planta um em mim hoje.

— Maddie...

— Encontre um horário.

Reviro os olhos para essa mandona e saio do carro, ajudando-a e pegando os presentes que trouxemos para minha família.

No segundo em que entramos pela porta, minha mãe está apertando Maddie com tanta força que estou realmente me perguntando se ela pode respirar, acariciando suas costas e sussurrando algo para ela. Não consigo ouvir o que ela está dizendo, mas vejo Maddie acenar com a cabeça em resposta. Ela se afasta e segura seu rosto antes de beijar sua testa e enxotá-la para a cozinha. Ela aponta para mim e estreita os olhos. — Sem gracinhas, Cal. — Ela circula o dedo para mim. — Estou de olho em você.

— Tá brincando né?

— Eu certamente não estou brincando. — Eu pisco meus olhos algumas vezes para ela e ela coloca as mãos nos quadris. — Eu não quero vocês dois dormindo no meu sofá ou se esgueirando em algum lugar para brincar.

Eu estremeço e gemo. — Seriamente?

— Muitíssimo. Vou tratar Maddie como tratei você e seu irmão enquanto cresciam. — Ela volta para a cozinha me deixando sentindo como se tivesse dezessete anos novamente. Reviro os olhos e vou até à sala.

Mais tarde naquela tarde, estou sentado no sofá ao lado de Grant, que tenho certeza que ainda não tem noção, assistindo ao pré-show do jogo de Natal

quando ouço a porta da frente se abrir. A voz de Aria flutua no ar e estou imediatamente nervoso quando ouço meu irmão atrás dela.

Porra, foda, foda.

CAPÍTULO DEZESSETE

CAL

Eu estou de pé antes que possa parar e ir até à cozinha, onde encontro meu irmão, minha cunhada, minha mãe e Maddie e todas as suas emoções envoltas do pequeno espaço.

Os olhos de Henry encontram os meus primeiro e eles ainda estão cheios de raiva e raiva quando minha mãe fala primeiro. — Não haverá nada disso hoje, deixem isso na porta, rapazes, estou falando sério. — Os olhos de Aria se movem para os de Henry e depois para os meus e eu posso ver como ela não tem noção do motivo de estarmos fora.

— Sério, foi preciso todo o suborno para trazê-lo aqui. Eu não sei o que está acontecendo, mas é Natal, todo mundo pode relaxar? — Aria tira o casaco e o coloca nas costas de uma cadeira enquanto tira as botas.

Henry passa por mim, batendo seu ombro contra o meu, mas eu o deixo ir, não querendo adicionar combustível ao fogo e exacerbar sua raiva. Os olhos de Maddie encontram os meus e ela desvia o olhar rapidamente, lembrando que Aria está na sala, mas naquela fração de segundo, eu senti tudo o que ela estava tentando dizer.

Sinto muito. Eu gostaria que isso fosse mais fácil.

Eu quero pegá-la em meus braços e dizer a ela que ela não tem nada para se desculpar, mas Aria começa a arrastar Maddie para fora da cozinha para

minha relutância. A última vez que Aria esteve sozinha com Maddie não terminou bem, e eu quase quero segui-las para ter certeza de que as coisas não saiam do controle.

Eu as encaro muito depois que elas se foram quando sinto uma mão quente no meu braço. — Deixe-a ir, filho. Ela ficará bem.

Deixo escapar um suspiro e esfrego a mão pelo meu cabelo. — Isso será um desastre. Henry está em seu ponto de ebulição e Aria pode sentir que algo está errado.

— Seria a pior coisa para Aria descobrir neste momento?

— Ela não entenderia, mãe. Na verdade, estou muito chocado por você ter aceitado tão bem. Eu sei como isso parece para um estranho...

— Eu não sou um estranho, Cal. Estou aí com você. Aria também não é uma estranha. — Ela aponta para mim enquanto volta a temperar seu recheio.

Todo mundo precisa de um time da casa. Eu posso ouvir as palavras de Aria tão claras quanto o dia. Eu me arrasto para a sala de estar para ver Henry e Grant olhando para a televisão, nenhum deles falando. Maddie e Aria estão longe de serem encontradas, felizmente, mas eu me pergunto sobre o que elas estão falando.

Maddie pode lidar com Aria, relaxe.

Sento-me ao lado de Grant no sofá e ele me olha em dúvida, perguntando-se por que Henry não reconheceu minha presença.

— Bem, vocês dois estão certamente festivos. — Grant levanta uma sobancelha para nós e os olhos de Henry saltam para os dele.

— Agora não é realmente a hora — Ele late.

Olho para Grant e balanço a cabeça, tentando dizer a ele que *realmente* não é. — Ouçam, vocês dois, é Natal, é a hora. Você sabe que sua mãe vive para este feriado. Ela não quer ver vocês dois assim, então seja o que for, segure até amanhã. Na verdade, não amanhã, porque é o aniversário de Maddie.

Henry bufa e toma um gole do uísque que acabei de perceber que está sentado ao lado dele. — Sim, não pode ter *isso*.

— Cuidado com a porra de si mesmo, Henry — Eu rosno, um aviso para deixá-la fora disso.

Ele estreita os olhos para mim antes de se virar para Grant. — Ele não deve saber.

O medo me inunda e meu peito aperta quando minhas mãos começam a suar. Não sei por que minha mãe ainda não contou a Grant, mas sei que ela lidaria com isso e, para ser honesto, quanto menos pessoas eu tiver para contar, melhor. — Henry, não é da sua conta.

— Não é da minha conta? Essa merda afeta todos na nossa família, *maninho*.

— Você não pode fazer isso agora? No Natal? Aqui?

Ele bufa e olha para a televisão. — Estou aqui apenas pela mamãe, não dou a mínima para mais ninguém.

Provavelmente inclui sua esposa. Eu acho, mas decido que essa é provavelmente a maneira mais rápida de começar uma luta completa.

— Bem, essa não é uma boa atitude para se ter. — A concessão começa. — Apenas mantenha sua merda em ordem, Henry. É o único dia do ano em que você deve apreciar sua família e o ano passado que você teve com eles.

Ele me lança um olhar como se dissesse, *ainda estou chateado com você, mas Grant ainda é um idiota.* Aria e Maddie voltam para a sala, e ninguém está chorando, então eu considero isso um bom sinal, já que Maddie se senta no chão e Aria se senta no braço da cadeira de Henry.

— O que está acontecendo? Por que todo mundo está tão quieto? — Aria pergunta. Ninguém diz nada e ela faz beicinho antes de me olhar com curiosidade. — Isso é tudo sobre o que conversamos? Estamos bem, certo, Mads?

Ela acena com a cabeça, mas não encontra meu olhar. — Sim.

— Espere o quê? — Henry olha para sua esposa, depois para Maddie e depois para mim.

A coisa sobre irmãos são as conversas não ditas que você pode ter. A capacidade de saber para onde sua mente está indo antes de chegar lá. — Henry, posso falar com você por um segundo? — Eu pergunto, ouvindo sua mente começar a correr.

— Você sabia? — Ele olha para Aria antes de seus olhos piscarem para Maddie e depois para os meus.

— Henry, pare com isso — Grant vocifera, e naquele momento, eu sei que ele sabe. *Acho que ele é o único que pode guardar merda para si mesmo.*

— Sabia o quê? — Aria olha para meu irmão. — O que está acontecendo?

— Que Cal e Maddie são... — Suas palavras ficam presas em sua garganta, mas é o suficiente para Aria entender enquanto ela pula da cadeira e me encara.

— EU SABIA! — Tudo acontece tão rápido e, embora eu esteja preparado porque estou sempre em guarda, não espero que Aria me ataque.

Eu definitivamente não espero vê-la sendo puxada de volta, *com força*. — Eu não faria isso. — A voz da minha mãe é tão baixa como ela tem um aperto de morte em torno de seu braço.

— Margie, deixe-me ir. Seu filho é... é... É MADDIE. — Seus olhos, cheios de lágrimas, me destroem. A devastação por trás deles me mostra que ela não tem nada além do melhor interesse por Maddie... mas também que ela nunca vai entender.

Como você pode? Seus olhos exigem.

— E se você tem algo que gostaria de dizer, pode dizer como uma adulta, mas ninguém está atacando ninguém. Se você precisar de um segundo para se refrescar, então suba. — Minha mãe repreende enquanto aponta para sua escada.

Aria gira em um círculo e seus olhos pousam em Maddie. — Você mentiu para mim... para mim.

As lágrimas já estão nos olhos de Maddie, mas ainda não começaram a cair. Ela se levanta e balança a cabeça. — Olhe para você. Claro, que eu menti para você. Você não entende! Isso é óbvio.

— Oh meu Deus. — Ela coloca a mão na boca. — Ele já fez uma lavagem cerebral em você. — Ela se vira para mim. — Como você pôde fazer isso com ela, porra?

— Ele não está fazendo nada comigo! — Maddie interrompe e eu já posso dizer que ela está pronta para estalar. — Não é o que você está pensando.

Ela ignora Maddie e mantém os olhos fixos em mim. — Ela não tem nem dezoito anos! É uma porra de estupro, e você é um policial — Ela enfatiza. — Você sabe melhor que eu. — Ela segura o estômago. — Eu ficarei doente. Você... você se aproveitou de uma garota que confiava em você! Ela tinha SETE anos quando você a conheceu!

— Ele não se aproveitou de mim, Aria... eu o amo. — Maddie sussurra e seus olhos se movem para os meus apenas por um segundo. Mas nesse segundo, posso ler cada pensamento que passa pela cabeça dela. *Você não se aproveitou de mim. Eu sempre te amei.* — Eu o amei por um tempo. Muito antes de qualquer coisa acontecer.

— Você acha que o ama... mas Deus, Maddie, você é tão jovem. Você não sabe o que é o amor.

Eu sei. Minha mente praticamente grita.

— E você sabe? — Ela estreita os olhos para Aria, e eu já posso ver que isso não vai acabar bem.

— Mads... — Eu começo, não querendo ver as coisas aumentarem ainda mais.

Ela me ignora e continua. — Você sabe como o amor realmente se parece, Aria? Você é uma especialista, certo? — A implicação é clara e todos ficam em silêncio esperando que Henry ou Aria defendam seu amor tão ferozmente quanto Maddie e eu o fazemos.

Ninguém fala.

O peito de Aria sobe e desce, a segundos de quebrar quando ela se vira para Henry. — E você sabia...? Vocês todos sabiam e você está bem com isso?

— Acabei de descobrir... acredite em mim, não estou bem com isso — Henry retruca. — Ainda acho que ela não deveria estar morando com ele. — Apesar do fato de eu já ter um plano para ela morar com Margie, quero que ele saiba que não é uma decisão dele.

— Ela precisa ficar com a gente. — Aria interrompe.

— Essa não é a sua decisão para tomar. — Eu vocifero. A ideia de Maddie ficar com duas pessoas que, sem dúvida, a fariam se sentir mal por ter os sentimentos que ela tem, não acontecerá.

— Então, você acha que é certo ela ficar com você...? Enquanto você está... — Henry balança a cabeça e Aria interrompe.

— Ela não pode ficar com você. Isso é nojento e eu estou tão... doente com isso, honestamente. — Neste ponto, Aria está tremendo, seus punhos flexionando e relaxando e seu corpo inteiro está tenso e rígido. — Se você fosse qualquer outra pessoa, eu estaria trazendo você para interrogatório. — Ela coloca a mão sobre os olhos. — Eu ainda posso.

— Aria, pare! — Maddie fala. — Simplesmente pare! Não sou mais aquela garotinha quebrada. Eu sei que é assim que você ainda me vê, mas eu não sou. E em mais seis horas, serei uma adulta, capaz de tomar minhas próprias decisões. Decisões que você pode apoiar ou...

— Apoiar? — Ela exclama. — Eu não posso apoiar isso, Maddie. Está errado. E um dia, quando você estiver longe daqui e... dele, você vai entender meu ponto de vista. Um dia você vai olhar para trás com tanto arrependimento. Eu sei que você ama Cal, mas você não pode tê-lo assim, Maddie. Está errado.

— Não é errado, pare de dizer isso! O que está errado é ficar em um relacionamento com alguém que você não ama. Isso *está* errado. — Maddie estala e eu sei que ela está agitada. Eu posso sentir as ondas de tensão fluindo dela e é apenas uma questão de tempo antes que ela diga algo de que se arrependa.

— Ok, todos respirem fundo — Grant fala. — Antes que alguém diga algo que não possa retirar. — Ele lança um olhar para Maddie e o rosa colore suas bochechas por ter sido repreendida.

— E é Natal — Minha mãe acrescenta. — Eu já disse para vocês deixarem essa tolice na porta.

— Isso não é tolice, Margie, eu não posso acreditar que você está minimizando isso.

— E como você está bem com isso? — Henry pergunta enquanto se vira para nossa mãe.

— Estou sempre bem com o amor, filho.

— Isso não é amor, isso é... — Henry começa.

— Cuidado. — Grant lhe lança um olhar.

— Eu não acho que alguém pediu sua opinião — Ele vocifera enquanto joga a mão para ele. — Isso é um assunto de família.

Eu coloco uma mão sobre meus olhos, me preparando para isso explodir ainda mais.

— E ele é minha família — Minha mãe argumenta. — E eu sou sua. Então isso o torna seu também, e nós somos a única família que você tem, Henry. Agora pare com isso. Eu não te criei para ser assim.

Ele bufa. — Você mal me criou. Talvez você tenha criado Cal, mas não me criou. Quando você decidiu ser nossa mãe novamente, eu já era bastante autossuficiente. — Estreito meus olhos enquanto tento me lembrar daquele tempo entre meu pai sair e minha mãe conhecer Grant. O tempo está embaçado desde que eu tinha apenas seis anos e Henry dez, mas claramente Henry teve uma experiência muito diferente. — Mas ei, nós sabemos pelo menos uma coisa que eu tenho de você — Ele levanta seu copo de uísque para ela antes de tomar um longo gole.

O sangue ferve em minhas veias e eu flexiono minha mão para não enviar meu punho voando em seu rosto. — Henry, chega. O que há de errado com você? — Eu rosno para ele. — Você está chateado comigo, mas não desconte na mamãe.

— E você precisa tomar cuidado com sua boca, ou você pode sair fora. — Grant geralmente não é conflitante, mesmo quando Henry está sendo um idiota, mas agora minha mãe está torcendo as mãos no pano de prato, lágrimas escorrendo pelo rosto, e eu sei que Grant tem tolerância zero para isso.

Henry bufa. — Muito bem. Estou fora. Aria você vem?

Aria olha para mim e depois para Maddie e balança a cabeça. — Eu criei você também, Maddie, e não quero que pense que eu não tenho o seu melhor interesse no coração...

— Eu não disse que você não tem — Sussurra Maddie. — Eu sei que tem.

— Então por que você não consegue entender que eu sei do que estou falando? Que isso te machucará a longo prazo. Isso já mudou muito você.

— Por que... — Seu lábio inferior treme e eu sinto o aperto no meu peito, assim como sempre sinto quando vejo Maddie chorar. Eu quero puxá-la em meus braços e absorver toda a dor que ela está sentindo.

Porra. Eu preciso dela. Eu quero que ela esfregue seu corpo minúsculo contra mim até que ele zumbe com necessidade e desejo. E então, quando ela estiver no limite esperando para pular, eu vou fodê-la tão profundamente,

tirando cada gota de prazer dela até que ela esqueça essa discussão. Esqueça nossa família julgadora que provavelmente perderemos à luz de nosso relacionamento.

Mas ficaremos bem.

Eu quero mostrar a ela com minha boca e minhas mãos e meu pau que eu sou tudo que ela precisa. Que eu posso ser tudo para ela. *Sempre.*

Que meu amor por ela é incondicional.

— Porque — Ela continua — Você não sente o que eu sinto. Se você sentisse, entenderia. Em vez disso, você está olhando para mim com julgamento e desgosto. Você acha que é errado porque você não entende. Você está olhando para mim como se... você não me amasse mais, e esse nunca foi o negócio. Não conosco. Eu ainda sou eu, Aria.

— Maddie. — Aria engasga e dá um passo em direção a ela, assim como Maddie dá um passo para trás, balançando a cabeça como se ela não quisesse que ela a tocasse. A dor está escrita em todo o rosto de Aria, vendo-a escolher entre nós e ela.

— Você disse coisas dolorosas. Para mim e para... — Ela morde o lábio inferior e olha para mim — O homem que sempre me amou e me colocou em primeiro lugar. Cal nunca me machucaria. Você não pode estar com tanta raiva que não pode ver isso. Que você não pode ver que aprender a navegar nesse relacionamento é difícil o suficiente para nós dois sem você estar do nosso lado.

— Porque não é natural! — Henry pula e Aria levanta a mão para silenciá-lo.

— Maddie... — Aria começa quando Maddie levanta as duas mãos em sinal de rendição.

— Eu não vou mais ter essa conversa com você. Entendo que você não apoie isso, ou talvez você apoie um dia. Talvez tudo que você precise é de tempo. Isso também é bom. Mas, enquanto isso, quero espaço.

— O quê? — Os olhos de Aria encontram os meus antes de voltarem para Maddie.

— Se você não pode respeitar minhas escolhas como uma adulta, se você não pode respeitar meu relacionamento com o homem que eu amo, então...

— Ela dá de ombros e eu posso ver a pura tristeza por potencialmente perder Aria, mas eu sei que é mais fácil do que a troca.

Nos perdendo.

Uma parte de mim se quebra por ela. Pela garota que ama tanto Aria, a mulher que tem sido sua mãe, amiga e irmã, tudo em uma, e vai machucá-la além da medida de não tê-la em sua vida.

Mas Maddie está certa, não me ter a destruiria. Inferno, isso me destruiria também.

— Acho que todo mundo só precisa de um tempo para se acalmar. — Olho para Maddie, que parece estar a segundos de perder o controle, e finalmente faço o que deveria ter feito no segundo em que Aria perdeu o

controle. Eu atravesso a sala e puxo Maddie em meus braços, ignorando completamente todos os outros na sala. Eu precisava de um segundo de paz em meio ao caos.

— Você está bem? — E é como se essas duas palavras, juntamente com meus braços ao redor dela, a fizessem perder o controle, porque ela envolve os braços em volta do meu pescoço e empurra o rosto no meu peito.

— Eu quero ir. Por favor. — Sua voz é tão baixa, tenho certeza que sou o único que a ouviu.

Esfrego suas costas e pressiono meus lábios no topo de sua cabeça, ignorando os olhos curiosos de toda a minha família imediata. — Você não quer ficar? — Eu seguro seu rosto e ela balança a cabeça, enquanto listras pretas caem por suas bochechas.

— Eu só quero estar com você — Ela sussurra. — Eu não posso... fazer isso.

— Suba, preciso esclarecer algumas coisas aqui. — Ela acena com a cabeça e quando eu aperto sua mão, ela olha para mim. — Todo o caminho para cima. Sem espiar. — Eu não a beijo porque não estou pronto para compartilhar essa parte de nós com minha família, e sou grato por ela não pressionar por isso.

Eu volto meus olhos para eles, e particularmente para Aria e Henry quando ouço Maddie subindo as escadas. — Ou você está conosco ou não está, mas eu não farei essa merda com você toda vez que estivermos na mesma sala. Então, ou você verifica seus problemas na porta ou... não aparece.

— Tudo bem para mim, eu não quero ser testemunha de suas perversões. — Henry passa por mim e eu balanço minha cabeça.

— Essa besteira de você se achando superior está realmente ficando velha, Henry. Maddie não é minha filha e fará dezoito anos *amanhã*. Pare de transformar isso em algo que não é. Pare de fazer disso uma coisa feia. Você já deve saber que eu nunca colocaria Maddie em perigo intencionalmente. Mas eu a amo e não vou desistir dela só porque vocês dois não podem ser adultos. Você precisa crescer pra caralho. — Eu não espero que eles respondam antes de sair do quarto e subir as escadas para encontrar minha garota.

CAPÍTULO 18

Madeline

Faz uma semana desde o natal, e mais importante, uma semana desde que vi ou falei com Aria ou Henry. Eu estava meio que esperando que Aria já tivesse chegado para falar, mas tem se mantido em silêncio. A cada dia que passa, me sinto ainda mais culpada por não tentar consertar a brecha entre nós. *Ela não poderia me ignorar para sempre, certo?* A única comunicação foi um texto no meu aniversário dizendo que ela me ama.

Minha resposta ficou sem resposta.

No dia seguinte, meu presente de aniversário, dois ingressos para ver uma banda local que ambas amamos, chegou pelo correio. Mas a nota anexada dizia que ela entendia que eu provavelmente preferiria levar Sasha. Eu chorei por quatro horas seguidas depois disso. Senti como se tivesse perdido minha mãe, minha melhor amiga e minha irmã, tudo de uma vez.

Fiquei acordada metade da noite arrumando a maioria das minhas coisas nos preparativos para me mudar para a casa de Margie, antes de cair na cama de Cal envolta em seus braços, deixando-me cair em um sono exausto. Acordo com a sensação dele acariciando meu cabelo e temo abrir os olhos porque significa que é de manhã e, mais importante, tenho que ir.

— Eu sei que você está acordada. — Ele esfrega o dedo ao longo dos meus lábios e eu os separo levemente deixando seu dedo deslizar para dentro. — Deus, eu sentirei falta de acordar com você.

Meus olhos se abrem com isso e eu me movo em cima dele para escarranchá-lo. — Você sabe ... eu poderia dormir na casa de Sasha às vezes? — Eu levanto uma sobrancelha e ele sorri, levantando sua pélvis debaixo de mim.

— Vamos nos ver, querida. — Sua mão toca meu rosto e traça seus dedos da minha testa ao meu queixo. — Eu não serei capaz de ficar longe de você, mas por tanto tempo.

Eu me inclino e esfrego meu nariz contra o dele. — Eu estou te segurando para isso. — Eu planto um beijo em seus lábios. — Você tem tempo para me foder antes de ir trabalhar?

Um grunhido ressoa em seu peito e então estou de costas com minhas pernas em volta de sua cintura. Estou vestindo uma de suas camisetas e uma calcinha que ele arranca de mim instantaneamente. — Você me liga. — Ele gruda. — Dia ou noite. — Ele agarra meu rosto e olha para mim, seus olhos perfurando os meus. — Você precisa de mim, você me chama. Eu irei. — Ele estreita os olhos para enfatizar seu ponto. Seu olhar é duro e exigente, quase me desafiando a desobedecê-lo.

Estou falando sério, Madeline.

— Eu sei. — Eu tento manter as lágrimas fora da minha voz, mas não adianta e eu sei que ele pode sentir a tristeza à espreita sob a superfície. Seu rosto cai para o meu pescoço, colocando-o no espaço e inalando. Dentes mordem

minha pele enquanto eu envolvo meus braços ao redor dele e deslizo minhas mãos sob o cós de seu moletom e deslizo para baixo.

Ele se afasta para remover seu moletom, deixando-o nu e pairando sobre mim. Ele esfrega seu pau contra o meu sexo, lubrificando seu pau e fazendo cócegas no meu clitóris no processo. Eu vejo como uma gota de esperma escorre da ponta e se mistura com a minha excitação. — Isso ainda pertence a você. Você sabe disso, certo? Você sabe que não precisa se preocupar com mais ninguém... — Ele para.

Admito que passou pela minha cabeça a ideia de que eu não estar muito por perto poderia abrir a oportunidade para as mulheres terem a ideia errada. Não que eu achasse que ele iria entreter alguém, mas as mulheres se aglomeravam em Cal e isso me deixava louca. Eu olho em seus olhos quentes que brilham com amor e devoção apenas para mim, e eu aceno. — Eu preciso lembrá-lo do mesmo?

— Não custa ouvir. — Ele desliza dentro de mim e um suspiro deixa meus lábios quando ele se acomoda contra mim, a base de seu pau beijando meu monte enquanto ele desliza para dentro e para fora com facilidade.

— Eu pertencço a você, Cal.

— Fodidos idiotas, acham que eles podem mexer com você. — Ele range quando começa a bombear dentro e fora de mim com mais força. — Se eu não estiver por perto... — Ele para.

— Eu não quero mais ninguém... e só porque estou na casa de Margie, tenho a sensação de que você ainda estará por perto e desafiando alguém a

chegar a poucos metros de mim. — Sorrio, apesar da sensação de aperto no estômago. Eu nunca estive longe de Cal por mais do que algumas noites de cada vez. Agora estamos nos preparando para seis meses separados por todas as noites. Eu aperto meus olhos fechados para evitar que as lágrimas caiam quando eu sinto uma vazando pelo canto do meu olho e deslizando no meu cabelo. Viro a cabeça quando ele a pega. Meus olhos ainda estão fechados, mas sinto sua língua na minha têmpora, traçando o rastro da minha lágrima salgada.

— Por favor, não chore. — Sua voz está rouca, como se ele estivesse a segundos de perdê-la também. Abro os olhos quando o sinto deslizar para fora de mim, sua cabeça está abaixada, olhando para suas mãos. — Eu nunca não estive lá... — Ele para. — E agora você está surtando. Isto é um erro. — Ele olha para mim e eu imediatamente temo o pior, sentindo como se o vento tivesse sido tirado de mim.

Minhas sobrancelhas franzem e meus olhos se enchem de mais lágrimas. — Cal...

— Não, não... isso não. — Ele balança a cabeça. Eu me sento e ele pega minha mão, entrelaçando nossos dedos e levando-os aos lábios. — Não isso — Ele sussurra, como se pudesse ouvir meus pensamentos.

Não somos um erro.

— Eu ficarei bem — Eu consigo sussurrar. Todo esse tempo eu pensei que isso seria o mais difícil para mim. Que estar longe do homem que passei a amar em todos os sentidos deixaria um vazio em meu coração, minha mente e minha alma. Que me tornei tão dependente de Cal, que não sabia como funcionar

sem ele ao meu lado, me dizendo que posso. Que eu estava tão acostumada a acordar nesta casa todos os dias, e vê-lo todos os dias, que a ideia de passar um dia sem ver seu sorriso, ou ouvir sua risada, ou tocá-lo me deixava sem fôlego. Mas ver esse homem forte desmoronar em meus braços com o pensamento de ficar longe de mim, me faz acreditar que não sou a única que sentirá o vazio à nossa distância.

Talvez essa distância seja melhor porque isso não pode ser saudável... certo?

Ele ri e balança a cabeça. — Eu sei que você vai.

Eu me sento de joelhos e envolvo meus braços ao redor dele. — Mas sentirei sua falta.

Ele sai do meu alcance e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha antes de segurar meu rosto, seus polegares acariciando o espaço logo abaixo dos meus olhos, secando a umidade restante. — O lugar não será o mesmo sem você.

— Vou visitar. — Eu ri.

— Foda-se a visita. Isso faz parecer que você não mora aqui. Esta é a sua casa, Madeline. Você sabe disso, certo?

Eu mordo meu lábio inferior, meu corpo de repente hiperconsciente de que meu sexo está inchado, seu pau está duro, e nenhum de nós terminou. — Cal... — Eu arrasto meus dedos por seu torso, correndo sobre cada cume definido de seu peito esculpido — Você é minha casa.

Cal coloca minha mala em seu antigo quarto que Margie há muito tempo transformou em um quarto de hóspede mais feminino quando comecei a ficar com ela com mais frequência. Os pôsteres e os prêmios de MVP esportivo foram removidos e as paredes pintadas de azul agora são brancas. A cama de tamanho normal foi substituída por uma queen com um edredom branco fofo com detalhes em rosa e uma montanha de travesseiros na cabeça. — Acho que é tudo. — Ele olha ao redor do quarto para todas as minhas malas. — Alguém te disse, você tem um monte de merda?

— Você. Uma ou duas vezes. — Eu ri. Mas eu não queria ter que ficar correndo entre Margie e Cal, não importa o quanto eu quisesse vê-lo quando não conseguisse encontrar o que precisava.

Ele olha para a porta e depois para mim antes de começar a fechá-la quando a voz de Margie soa. — PORTA ABERTA!

Cal geme e revira os olhos. — Você só pode estar brincando.

— Você não teve o suficiente esta manhã? — Eu levanto uma sobrancelha para ele.

Ele esfrega a testa e eu levo um minuto para vagar meus olhos sobre ele. Jeans pretos e uma camisa preta adornam sua forma perfeita, colocada debaixo de uma jaqueta de couro preta com seu distintivo aparecendo. Eu mordo meu lábio inferior e seus olhos escurecem quando encontram os meus.

— Você teve? — Ele pergunta em resposta à minha cobiça. — Foi exatamente por isso que tentei fechar a porta. Eu só queria te beijar direito.

— Eu acho que o problema é que você quer me beijar *indevidamente*.

Ele balança a cabeça e me puxa em seus braços. — Eu te ligo mais tarde.

Eu aceno, as palavras ficam presas na minha garganta. Eu queria que ele me dissesse que me veria mais tarde. Eu queria um plano para quando eu o visse novamente. — Quando eu vou te ver?

Ele esfrega um dedo sobre meus lábios. — Você volta para a escola amanhã e depois tem treino... — Ele para. — E eu tenho que trabalhar até tarde amanhã.

— Você vem me ver depois?

— Vai ser tarde.

— Eu não me importo.

— Minha mãe sim — Ele ri.

Eu solto um bufo. — Acho que terei que aprender a sair de casa às escondidas.

— Não. — Ele vocifera e aperta minha bunda. — Comporte-se.

— Ou o quê? — Eu sei que meus olhos estão cheios de excitação e malícia.

— Madeline, não me tente com minha mãe lá embaixo. — Eu mordo meu lábio inferior e esfrego contra ele, antes de arrastar minhas mãos pelo seu corpo. Não tão acidentalmente batendo em seu pau com minhas mãos duas vezes, fazendo-o gemer. Ele pega minhas mãos e as leva aos lábios. — Ok, sua pequena atrevida, eu tenho que ir.

Eu aceno, tentando colocar uma cara de brava, mas ele pode ver através disso. — Eu te amo — Digo a ele enquanto coloco meus braços em torno de sua cintura e descanso minha cabeça em seu peito.

Ele aperta seu abraço ao meu redor e eu deixo seu cheiro me envolver. Ele levanta meu queixo para encontrar seu olhar. — Seis meses — Ele sussurra.

— E então...?

— E então eu nunca deixarei você ir novamente.

Passo a maior parte do dia no meu novo quarto, guardando tudo e tirando cochilos intermitentes, porque me mudar é exaustivo pra caramba. Estou tentando manter uma cara corajosa sobre essa mudança recente, mas as lágrimas estão fluindo sem parar. No meio de desempacotar, me deparo com um álbum de fotos. Parece pesado em minhas mãos, lembrando-me do que está dentro, e meu coração afunda no peito com as memórias dolorosas. Eu corro meus dedos ao longo das bordas da capa vermelha familiar e a abraço perto do

meu peito como se os sulcos duros fossem os braços macios e quentes de minha mãe.

— O que você quer jantar? — Cal pergunta enquanto entra no meu quarto para me ver sentada no canto com os braços em volta dos joelhos, abraçando-os no meu peito. — Maddie? — Ele se ajoelha na minha frente. — O que há de errado, querida? — Fiquei com o policial legal que me encontrou escondido no armário no mês passado e ele parece legal, mas quero ir para casa.

— Eu quero ir para casa. — Eu falo, pouco acima de um sussurro. Uma lágrima escorre pelo meu rosto. — Só quero minha mãe.

— O quê? — Ele pergunta e se inclina mais perto do meu rosto e eu estendo minha mão e o empurro com força, embora ele não se mova um centímetro.

— EU QUERO IR PARA CASA! NÃO, NÃO QUERO ESTAR AQUI! — Eu grito tão alto que minha garganta está doendo.

Seus olhos se arregalam e por um segundo, eu sinto que posso ter ferido seus sentimentos. — Maddie...

— Eu quero minha mãe! E nunca mais a verei! — As lágrimas estão voando pelo meu rosto neste momento, os soluços borbulhando no meu peito e derramando por todo esse doce homem que está cuidando de mim.

Ele corre para a minha cama e pega meu coelho rosa e se senta ao meu lado segurando-o para mim e eu o arranco de suas mãos. — MEU!

— Eu sei. — Ele é tão calmo, e isso me faz pensar por que ele não está gritando comigo. O papai grita, não é?

— Eu quero ir para casa. — Eu me viro para ele e ele parece tão triste quanto eu.

— Maddie, eu sei que você quer sua mãe e quer ir para casa, mas... você não pode. — Ele se vira para mim de frente e coloca as mãos nos meus ombros. — Eu sei que esta situação é uma merda e você recebeu a pior parte, e eu sinto muito. Sinto muito não poder melhorar isso para você. Eu tiraria toda a sua dor se pudesse.

Eu fungo e enxugo meus olhos. — Eu sinto falta dela.

— Eu sei.

— As crianças na escola disseram que meu pai a matou.

Seus olhos estão frios e duros e ele desvia o olhar de mim. Não tenho certeza do que aconteceu naquela noite. Lembro-me de gritar e gritar e de um estrondo alto. Acho que adormeci por causa disso. Mas então Cal estava lá e meus pais estavam mortos.

— O que mais eles disseram?

— É verdade? — Eu pergunto. Eu sei que minha mãe e meu pai morreram, mas ninguém me disse por quê ou como.

— Maddie...

Meu peito parece que está prestes a explodir, meu coração está batendo tão rápido, e eu sinto que não consigo ver nada através das lágrimas nos

meus olhos. — Eu me escondi. Eu me escondi porque estava com medo. Ele estava gritando e... — Meus lábios tremem e então estou em seus braços e ele está esfregando minhas costas enquanto eu choro em seu ombro. — Eu a deixei morrer. Eu deveria ter feito alguma coisa...

— Shhh, querida, não há nada que você pudesse ter feito. Você foi inteligente em se esconder. Sua mãe gostaria que você se escondesse.

Ele continua a falar, mas eu não ouço. Tudo o que posso ouvir é a voz da minha mãe flutuando ao meu redor. Cantando para mim. Lendo para mim a história de ‘Madeline’. Ensinando-me a jogar Amarelinha e pular corda e me dando os abraços mais calorosos. Ela cheirava a mel e sempre vinha quando eu ligava.

Exceto agora.

Cal está comigo ainda em seus braços e me leva para seu quarto e me coloca de pé. Eu aperto meu coelhinho rosa com mais força enquanto ele entra no armário e tira algo de uma bolsa grande.

— Isso é tecnicamente uma evidência, mas eu sabia que um dia você quereria. Eu não queria que isso fosse arquivado onde você nunca os veria.

Pego o livro de suas mãos com relutância e sento no chão. Abro o livro e limpo o nariz enquanto as lágrimas começam a se formar novamente quando percebo que é um álbum de fotos.

— Mamãe. — *Eu pressiono meus dedos em uma foto dela e a puxo do álbum e a seguro em minhas mãos enquanto ele se senta na minha frente. — Obrigada.*

Ele assente e esfrega o queixo. Tenho notado que ele tem mais barba ultimamente. — Eu quero que você seja feliz, Maddie, então se você quiser ir, eu chamarei sua assistente social. Ainda podemos ser amigos. — Ele sorri para mim e eu balanço minha cabeça para a frente e para trás.

— Não! — *Eu me aproximo de onde ele está sentado e me sento de joelhos, colocando minhas mãos em seus ombros. — Desculpe por ter dito isso. Eu não quis dizer isso. — balanço minha cabeça. — Eu quero ficar. Por favor, deixe-me ficar.*

— *Se você não é feliz aqui...*

— *Eu sou! Se eu não puder ficar com minha mamãe... — Eu paro. — Eu quero ficar com você.*

Pressiono o álbum no meu peito e solto um suspiro. Mordo o lábio inferior, para impedir que as lágrimas caiam, mas não adianta. Meus olhos se movem para cima, e eu os deixo se fechar enquanto tento imaginar minha mãe sorrindo para mim.

Não é até à hora do jantar que eu finalmente saio para encontrar Margie cozinhando na cozinha.

— Ei Mads, eu estava prestes a vir buscar você! Você já arrumou tudo?

Eu estremeço com suas palavras. *Já se passaram quatro horas e eu já sinto falta dele.* — Sim, estou dentro. Você precisa de ajuda?

— Não, estou quase terminando. — Ela lava as mãos antes de se virar para mim com a cabeça inclinada para o lado.

— O quê?

— Nós deveríamos ter uma pequena conversa.

— Margie... — Eu paro e ela aponta para a cadeira indicando que eu preciso sentar.

Eu faço o que ela diz e descanso minha cabeça no meu punho. — Sim...?

— Então, vão haver algumas regras, senhorita.

— Como um toque de recolher? Eu presumo.

— Não apenas um toque de recolher. Você não pode simplesmente sair andando com meu filho sempre que tiver vontade.

Minha boca cai aberta. — Você quer dizer... Cal?

Ela me olha como se dissesse '*não comece*'. — Seu *namorado*, Maddie.
— Ninguém se referiu a ele dessa forma antes e eu sinto meu sexo apertar por instinto. — Você tem dezoito anos, então eu não colocarei regras muito rígidas, mas nada de dormir na casa dele, Maddie.

— Eu não posso ficar lá?

— Não?

— Por quê? — Eu franzo minhas sobrancelhas em questão.

— Você está louca?

— Não! Essa é uma pergunta séria.

— Você acha que eu permitirei que você vá ter uma festa do pijama com seu namorado?

Eu suspiro. — Certo. Bem, ele pode ficar aqui, pelo menos? — Ela me olha por cima dos óculos.

— Boa tentativa — Ela diz sarcasticamente.

Eu suspiro. — O quê? Ele é seu filho, você vai dizer ao seu precioso menino que ele não pode ficar aqui? — Meus dedos cruzam sob a mesa esperando que funcione.

Ela estreita os olhos para mim. — Você acha que é tão esperta, não é? — Ela ri. — Tudo bem, Maddie, se meu filho está tão determinado a ficar aqui, então tudo bem, no porão e longe do seu quarto. — Ela se levanta e volta para o fogão.

— Ele não pode ficar no antigo quarto de Henry?

— Não — Ela diz sem outra palavra ou olhar em minha direção.

— Envie-me uma foto. — Eu ouço o pedido sussurrado no meu ouvido e reviro os olhos enquanto corro minha mão ao longo da minha perna molhada com a mão que submergi na água. Agarro meu telefone com mais força, tomando cuidado para não deixá-lo cair na banheira que enchi até à borda com bolhas perfumadas de jasmim.

— Mais tarde. — murmuro. — Como foi seu dia?

— Longo. Aria ainda está me evitando como uma praga e as pessoas estão percebendo.

Eu gemo. — Cal...

— Quero dizer, eles apenas pensam que ela e Henry estão tendo problemas e isso está tornando as coisas estranhas e tensas, ou que tivemos uma briga.

— Você acha que Aria vai dizer alguma coisa?

— Não... eu não, e eu disse para você não se preocupar. Eu lidarei com isso se chegar a isso.

— Baby... — Eu paro. — Se chegar a isso... — Limpo minha garganta, preparada para falar meus maiores medos. *Que as pessoas não estariam perdando, aceitando ou dispostas a ignorar. Elas ficariam indignadas e seria o fim de Cal Grayson, glorificado Oficial da Lei.*

— Eu disse que cuidaria disso. — Eu responderei quando ele me corta. — Ah merda! — E eu posso ouvir o sorriso em sua voz. — Estou passando pelo

correio. Parece que alguém tem uma coisinha de uma certa Universidade de Harvard.

— Oh meu Deus! — Sento-me tão rápido que a água espirra pelas laterais da banheira. Eu não queria ir para a universidade, mas Cal e Aria me forçaram a pelo menos tentar. Eu tinha as notas do SAT e extracurriculares para isso, para não mencionar um ensaio sobre o que aconteceu naquela noite trágica que provavelmente é digno de uma candidatura à presidência. E agora que Cal e eu provavelmente não poderíamos ficar juntos aqui em Oregon, o pensamento de começar em outro lugar novo me excita. *Se pudéssemos pagar e Cal viria comigo.*

— Grande ou pequeno?

— Grande ou pequeno? — Ele repete em questão.

— Envelope, Cal! É um envelope grande ou pequeno! As rejeições são pequenas, as aceitações são grandes!

— Não necessariamente, às vezes...

— CAL MICHAEL! — Eu rosno no telefone e ele ri.

— É grande.

— Abra!

Eu o ouço rasgando o papel e então silêncio onde presumo que ele esteja lendo. — Você está dentro.

— Puta merda! — Eu entrei em Harvard... Meus olhos se arregalam e lágrimas brotam em meus olhos.

— Você conseguiu, baby.

— Eu não poderia ter feito isso sem você. — Eu sorrio. — Obrigado por me empurrar e... *tudo*.

— Mads... — Ele para, provavelmente se sentindo desconfortável sob minha emoção e eu continuo antes que ele possa arruinar o momento.

— Não faça uma piada. Não estrague isso. Cal, eu acho... acho que posso querer ir embora... para a universidade.

— Eu acho que isso é inteligente. Você é brilhante, Maddie, e ir a um lugar como Harvard vai te abrir para muitas outras oportunidades. — É difícil avaliar sua reação pelo telefone, mas espero que ele não pense que quero ir a lugar algum sem ele.

— Eu nem necessariamente quero dizer Harvard... eu só... acho que preciso sair do Oregon. Mas... — Eu paro. — Eu quero que você venha comigo.

— Para Harvard?

— Em qualquer lugar. Não quero sair daqui sem você. — Ele está em silêncio, então eu aproveito a chance para continuar. — Pense nisso, como ficaremos juntos aqui?

— Quero dizer, não podemos exatamente, mas não sei se eu vou com você...

— Por quê? Ninguém fora daqui saberá do nosso passado a menos que o divulguemos. Mas podemos sair em encontros e tocar em público. Podemos... dar os passos que não poderemos fazer aqui. Principalmente seu anel no meu

dedo e seu bebê dentro de mim. — Eu pressiono minhas pernas juntas enquanto essa fantasia preenche minha mente.

— Podemos conversar sobre isso. — Meus olhos se arregalam e um sorriso encontra meu rosto, emocionada que ele não empurra de volta. — O que você fará sexta-feira? Você quer vir depois da escola? Eu posso te encontrar.

Eu me inclino para a frente, suas implicações claras e meu sexo respondendo a isso. — Oh?

— Sim. — Sua voz é baixa e rouca e eu posso imaginá-lo sentado em sua cadeira, pernas abertas, sua mão esfregando seu pau enquanto ele pensa em todas as coisas que ele quer fazer comigo.

— E o que devo dizer à sua mãe, que parece pensar que não posso estar a menos de quinze metros de sua casa sem arriscar uma gravidez.

— Faça o que eu fazia quando morava lá.

— E o que é isso?

— Faça alguma coisa.

CAPÍTULO 19

Madeline

O som de um armário batendo me tira do meu sonho erótico e selvagem com Cal. Meu coração está batendo tão rápido, batendo no meu peito e entre as minhas pernas enquanto leio as coisas obscenas que Cal está dizendo... e o que estou respondendo. Eu quase deixo cair meu telefone antes de virar para minha melhor amiga que está olhando para mim como se ela soubesse exatamente o que estou fazendo. Cal e eu baixamos um desses aplicativos de mensagens, para que pudéssemos ser mais coloridos em nossas mensagens e, até agora, temos aproveitado ao máximo.

— O que você está fazendo? — Ela levanta uma sobrancelha para mim antes de tomar um gole de seu café que eu sei que ela pulou o segundo período para pegar.

— Nada. — Eu deslizo meu telefone na minha bolsa e aperto o rabo de cavalo na parte de trás da minha cabeça nervosamente.

Ela cruza os braços na frente do peito e se inclina contra a fileira de armários. — Sério? Porque você parece culpada como o inferno.

— Você só me assustou, só isso.

— Mmmmmm. Então, você vai à festa de Melanie amanhã, certo? — Eu pressiono a mão na minha testa e gemo. *Porra, esqueci disso e quero ver Cal.* — Madeline Elizabeth, é o aniversário dela! Você está me dizendo que esqueceu?

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Eu não esqueci... eu só... escapou da minha mente, isso é tudo. — Não há muita coisa em que posso me concentrar entre a escola e o balé e um namorado muito sexy que reivindica a maior parte do meu tempo livre e todos os meus pensamentos.

Estou na casa de Margie há três dias e só o vi uma vez desde que me mudei. Ele veio com a desculpa de ‘ficar para o jantar,’ depois nós dois nos beijamos como adolescentes no sofá depois que Margie foi para a cama. Claro, não antes de instruções estritas para nos comportarmos, e que Grant estaria acordado assistindo televisão no porão. O fato de que ele poderia aparecer a qualquer momento nos fez manter as coisas *um pouco* PG¹². E por PG, quero dizer, sua mão estava na minha camisa em um ponto enquanto eu montava nele. Isso me lembrou de como as coisas começaram entre nós e a memória me deixou com os joelhos fracos.

Eu estava esperando que este fim de semana, eu pudesse convencer Margie a me deixar ficar na casa de *uma amiga* uma das noites. Eu não tinha planejado mentir para Margie, mas também queria passar um tempo sozinha com Cal e ela deixou bem claro que, *alunos do ensino médio não podem passar a noite na casa do namorado*. Aparentemente, Cal não é mais meu guardião, mas alguém de quem eu preciso ser protegida. Ele, seus hormônios e os meus também. — *Mads, Cal costumava entrar em pânico sobre o que aconteceria se você ficasse grávida no ensino médio quando os meninos comessem a aparecer e notar*

¹² PG ficou como no original, por não se encontrar a expressão equivalente, mas significa manter as coisas sem ‘aquecer’ demais, ligeiras.

você. — A confusão estampada em seu rosto. — Não tenho certeza de como isso funciona agora.

Entendi. Cal não é mais o mesmo Cal. Ele nem me chamava mais de Mads. E, ironicamente, eu o chamava de *papai* agora.

Fecho meu armário e coloco minha bolsa no ombro enquanto Sasha e eu começamos a caminhar em direção à nossa próxima aula. Ela enlaça seu braço no meu. — Então, você me dirá para quem está mandando mensagens de texto que te deixam radiante?

— Ninguém.

— Oh meu Deus, Mads, sério? O que há com todos os segredos? — Desde que me mudei para a casa de Margie, Sasha está no meu caso tentando descobrir o por que. Segundo ela, a hipótese de Cal e eu estarmos juntos imediatamente saiu pela janela. *Mal sabe ela*. Ela está convencida de que tivemos uma grande briga e eu queria sair. — Oh meu Deus, é um namorado secreto? E Cal descobriu? E é por isso que você se mudou porque ele surtou?

— Não, Sasha. Eu já te disse, não houve luta. Eu só precisava de uma mudança de cenário. Cal tem que estar muito mais fora de casa agora com este novo caso, e ele não gostou que eu ficasse sozinha.

— E eu *já te disse* que acho isso besteira.

— O que é besteira? — O namorado de Sasha, Mike, interrompe enquanto desliza a mão sobre o ombro dela. Sua mão puxa seu cabelo

encaracolado e a puxa para um beijo. — O que está acontecendo, Encrenqueira?
— Ele beija seu nariz e ela ri.

— Nada. — Ela revira os olhos e se vira para mim. — Vou buscá-la por volta das oito amanhã.

Não falo com Cal desde a nossa deliciosa troca de mensagens sexuais mais cedo, então estou ansiosa para voltar a isso enquanto saio do meu estúdio de dança naquela noite. Meu instrutor de balé até me repreendeu por não me concentrar no meio do método de barra. *Mas eu não conseguia me concentrar.* Tudo o que eu conseguia pensar era na boca de Cal.

Em toda parte.

Essa boca pecaminosa e sexy que ele tem uma obsessão em manter entre as minhas pernas.

Mesmo agora, estou quebrando uma das regras principais de Cal, que é estar sempre atenta ao meu redor, principalmente à noite sozinha. Em vez disso, minha cabeça está enterrada no meu telefone, relendo nossas mensagens pelo que parece ser a décima vez. Além disso, nunca me senti insegura no estacionamento do meu estúdio de dança.

Até agora.

Os pelos da minha nuca se arrepiam quando um calafrio me percorre e um arrepio percorre minha espinha. Olho por cima do meu telefone e em torno do estacionamento um tanto deserto procurando por qualquer coisa que pareça fora do lugar. Meus olhos percorrem todos os lugares que alguém pode se esconder, mas minha busca acaba vazia. Imediatamente pego o spray de pimenta que Cal me faz carregar e seguro meu colar enquanto a caminhada parece uma eternidade para o meu carro. Dou cada passo mais rápido que o anterior e, antes que perceba, estou correndo a toda velocidade em direção ao meu Volkswagen. No momento em que entro e tranco minhas portas, solto a respiração que não percebi que estava segurando todo o caminho até ao meu carro. Eu imediatamente olho para o banco de trás, lembrando de todos os filmes de terror que eu já assisti e coloco a mão no meu peito.

— Controle-se, Maddie. — Deixo minha cabeça inclinar para trás e mando uma mensagem para Cal avisando que estou saindo antes de começar minha viagem de vinte minutos até à casa de Margie, que inclui cerca de quinze minutos de uma estrada escura e um pouco deserta.

Estou cerca de cinco minutos em minha unidade quando noto faróis no espelho retrovisor. São quase dez e meia, então não estou totalmente chocada ao ver outro carro na estrada, mas também estive nessa estrada centenas de vezes sem ver um há esta hora.

Volto meu olhar para a estrada quando percebo que o carro está se aproximando e as luzes mais brilhantes, me fazendo perceber que eles estão com os faróis altos acesos. Eu estremeço com a dureza da luz e tento evitar olhar no

espelho retrovisor. Eu entendo dirigir com os faróis altos nesta estrada, mas sempre os desligo quando entro em contato com outro carro.

Que porra?

Pelo minuto seguinte, evito olhar para cima, quando percebo que eles estão *bem* no meu encalço. *Oh meu Deus*. Pressiono o acelerador, tentando acelerar para colocar algum espaço entre nós, mas eles me acompanham, não deixando mais do que alguns metros entre nós.

— Oh meu Deus, apenas dê o fora ao meu redor, idiota! — Eu coloco as duas mãos no volante, tentando me mover mais rápido, forçando-me a cerca de 100 quilômetros por hora nesta estrada em que eu realmente não deveria estar indo mais rápido do que 40 quando decido que preciso de reforço. Ou pelo menos alguém para saber o que está acontecendo caso esse lunático me tire da estrada.

Ele entrará em pânico.

Pressiono o botão e o som do toque inunda meu carro.

— Ei, acabei de ver seu texto. Você chegou à casa de Margie rápido.

— CAL. — Eu nem tento esconder o pânico. — Algum... alguém está me seguindo. Muito ruim.

Eu posso ouvi-lo arrastar os pés instantaneamente. — Onde? — Ele pergunta, mesmo sabendo que ele está puxando meu rastreador.

— Na rota cinquenta e oito. — Eu olho para cima e, com certeza, o carro ainda está no meu para-choque. — Cal, ele não vai parar. Ele está tão perto e tem seus faróis altos.

— Baby, eu preciso que você fique calma. Já conversamos sobre isso, você pode lidar com isso.

— Nós não falamos sobre isso nesta estrada deserta! — Eu grito. — Estou com medo, Cal. — Lágrimas brotam dos meus olhos e eu me vejo me mexendo no banco e estou começando a me arrepender de ter bebido aquela garrafa inteira de água depois da minha última aula.

— Eu vou até você. Dirija em direção à minha casa, não à de Margie.

— A de Margie está mais perto.

— Sim, e eu não quero nenhum idiota sabendo para onde você está indo ou onde você mora. Venha pra mim.

Eu engulo e aceno. — Ok...

— Estou trazendo a viatura e minhas luzes estarão acesas. Fique calma, ok? Vou ficar no telefone com você até chegar lá. Concentre-se na estrada, vejo que você está chegando na primeira curva. Não tire o pé do acelerador.

— Eu tenho que desacelerar, Cal, eu posso bater na encosta da montanha ou correr para o riacho!

— Querida, você pode fazer isso. Você é uma ótima piloto, apenas respire. — Sua voz é uniforme, e eu sei que é porque ele é bom em uma crise e sou grata por isso porque está me mantendo calma.

Olho para cima e meus olhos se arregalam quando percebo que não vejo mais suas luzes. Eu me sento mais alto no meu assento e as lágrimas começam a correr pelo meu rosto. *Porra.*

Eu não vejo suas luzes porque ele está bem em cima de mim. Suas luzes estão quase pressionadas na minha traseira e só então percebo que eles estão dirigindo algum tipo de SUV. Mas ainda não consigo distinguir o rosto de quem está dirigindo. — Cal... acho que esse cara está tentando me tirar da estrada. Eu... estou com medo!

— Estou perto, baby. Três quilômetros, ok?

Meus dentes começam a bater nervosamente e assim que estamos chegando à curva, vejo o lampejo das luzes vermelhas e azuis vindo em minha direção. Os faróis altos voltam para o meu retrovisor enquanto ele dá ré e antes que eu perceba o que está acontecendo, eu o vejo se virando e voltando pela estrada. Eu desacelero até uma parada completa, pressionando minha mão no peito, tentando acalmar o batimento cardíaco acelerado, pois sei que Cal está perto e estou segura, quando vejo sua viatura passar por mim. — NÃO! Por favor, não me deixe! — Eu grito. Lágrimas estão escorrendo pelo meu rosto e eu sei que estou a momentos de soluços completos. Eu sei que Cal pode ver as luzes traseiras do infrator e provavelmente poderia pegar aquele idiota, mas não posso ficar sozinha agora. Eu salto para fora do meu carro assim que ele se vira e estaciona atrás de mim e estou em seus braços antes que ele mal saia do carro.

— Você está bem? — Ele coloca uma mão em cada lado do meu rosto antes de me aconchegar em seu peito. — Estou aqui, está tudo bem. — Ele esfrega minhas costas enquanto meus soluços começam a diminuir. — O que aconteceu? — Ele beija minha testa e eu alcanço e deixo seus lábios roçarem os meus.

— Não me deixe. — Murmuro contra os lábios.

Ele solta um suspiro e se senta no capô de seu carro, me puxando entre suas pernas. — Eu não vou embora.

— Não sei quem foi. Eu realmente tentei ver. Cal desculpe-me! — Fecho os olhos e balanço a cabeça.

— Não se desculpe. Estou feliz que você estava se concentrando em dirigir e ficar segura. Isso é o mais importante, ok? Que você esteja segura. — Ele solta um suspiro e eu sinto isso no meu rosto enquanto me aproximo dele. — Porra, eu deveria ter enviado alguém para patrulhar esta estrada, talvez eles se deparassem com eles. Você acha que eles estavam bêbados ou algo assim?

— Não, eles não estavam tecendo, mas, novamente, eu não sei. Eles estavam tão perto. — Eu me movo para olhar para o meu para-choque, segurando minha mão a apenas alguns centímetros do meu carro. — Tão perto. Mais perto e eles teriam me batido.

— Eles não tocaram em você?

— Não... — Eu balanço minha cabeça.

Ele solta um suspiro. — Eu vou te seguir até à casa da mamãe.

— Espere, Margie? Eu não posso ir para casa com você?

— Vou estar na delegacia por um tempo, ver se houve algum outro relato sobre isso. Eu quero você em casa e segura. Estou colocando uma viatura do lado de fora da casa dela também.

— Cal... — eu lamento. Eu não queria tudo isso, nem precisava de tudo isso para me sentir segura. *Eu precisava que ele se sentisse seguro.* Eu poderia ter toda a proteção do mundo, mas se não o incluísse, não importava. Eu ainda teria um pesadelo esta noite. Eu ainda teria flashes do meu pai ao volante do carro atrás de mim, tentando me empurrar para uma vala.

— Não, Maddie, eu vou te ver amanhã, certo? Mas não te levarei para casa e depois deixar você sozinha depois do que acabou de acontecer.

— Você voltará para a casa de Margie hoje à noite?

Ele solta um suspiro e passa a mão pelo cabelo. — Estarei lá durante a noite, tenho certeza.

— Mas Cal...

Ele me pressiona contra o meu carro e pressiona sua testa na minha. — Sem desculpas. Na verdade acontecer com você... — Ele para enquanto sua mão se move para cima e traça meu rosto. — Você é tudo o que importa para mim.

Eu mordo meu lábio com suas palavras e o puxo para mais perto, seus lábios pairando sobre os meus. — Por favor — Eu choramingo e, em seguida, nossos lábios batem em um beijo vertiginoso. Sua língua esfrega contra a minha e suas mãos abrem minhas pernas para que ele possa ficar entre elas antes de me levantar e eu envolver minhas pernas ao redor de sua cintura. — Cal — Eu choramingo.

— Foda-se... — Ele abre meu casaco e fica entre eles, encontrando a costura da minha legging entre as minhas pernas, me deixando grata por ter

trocado meu collant antes de sair. Ele cava um dedo na costura, pressionando contra o meu sexo e eu gemo, apenas para soltar um grito quando ele os rasga no centro, fazendo um buraco na minha virilha.

— Cal!

— Espere, baby. — Ele vocifera enquanto abaixa sua calça de moletom. Ele abre mais o buraco e move minha calcinha para o lado e antes que eu possa protestar, ele está dentro de mim.

Fora.

Na estrada escura da rota cinquenta e oito.

Meu coração bate no meu peito porque não consigo ver nada além dos olhos de Cal que estão perfurando os meus. — Eu preciso do seu gozo no meu pau, Maddie. Eu preciso que você goze, para que mais tarde esta noite, quando eu estiver frustrado e irritado pelo fato de alguém ter decidido foder com você, eu possa lembrar que você está segura e saciada em casa esperando por mim.

Um soluço sai da minha boca, mas é mais de prazer do que de tristeza quando seus pelos pubianos ásperos esfregam contra meu clitóris. Minha boca cai aberta quando ele me prende no carro e começa a me foder como um animal selvagem.

Isso me faz imaginar quantos animais selvagens cederam a seus impulsos primitivos logo depois desta estrada, na floresta atrás de nós.

— Eu vou literalmente arrancar os membros de qualquer um que pense que pode tocar um fio de cabelo na sua cabeça, você sabe disso, certo? — Ele range no meu ouvido e eu aceno. — Diga que você entende.

— Eu... eu entendo.

Ele empurra e desliza para fora lentamente, deixando-me sentir cada centímetro de seu pau esfregando minhas paredes. Eu toco seu pau que está metade dentro de mim e o puxo de volta. Seu pau está molhado com a minha excitação e eu levanto minha mão, lambendo minhas mãos.

— Dê-me um gosto. — Ele geme.

Esfrego um dedo sobre meu clitóris, para coletar um pouco de umidade antes de empurrá-lo através de seus lábios. Sua língua esfrega contra meu dedo e sinto o suave roçar de seus dentes. Ele geme e começa a me foder mais forte, mais rápido e mais selvagem do que antes. Suas bombas são erráticas e descontroladas, seus dedos cavando em minhas coxas enquanto ele bate dentro e fora de mim. — Você veio — Eu sussurro. — Eu liguei e você veio. — Meus olhos se enchem de lágrimas enquanto a gravidade do que acabou de acontecer toma conta de mim. — Em minutos.

Ele se segura dentro de mim, embora eu saiba que ele está à beira de sua liberação e segura meu rosto em suas mãos. — Eu te disse. Você chama, eu venho.

CAPÍTULO VINTE

CAL

Maddie ainda está tremendo uma vez que estamos dentro da casa da minha mãe, então eu puxo seu corpo trêmulo em meus braços e esfrego suas costas. — Você está segura — Sussurro em seu ouvido. Eu a guio até à cozinha e sirvo um copo de água para ela e a observo enquanto ela toma um gole hesitante. — Tudo, baby. — Ela faz o que eu mando, terminando a bebida inteira antes de colocar o copo na pia.

— Por favor, fique comigo — Ela sussurra, e pela primeira vez, posso ver o medo em seus olhos. O medo que eu tinha visto quando a tirei daquele armário e um punhado de outras vezes em sua vida. — Não vá embora.

— Maddie... — Eu esfrego a mão na parte de trás do meu pescoço e ela dá um passo mais perto e em meus braços.

— Fique no antigo quarto de Henry. Eu só... eu preciso de você por perto.

Solto um suspiro, sabendo que ela poderia me derrubar facilmente. *Ela também sabe.* — Se esse maníaco está lá fora... — Ela morde o lábio inferior e recua lentamente. — Você está segura aqui, ok? Mamãe tem um sistema de alarme top de linha. — *Eu sei por que eu a fiz instalar.* — E Peters acabou de avisar que ele estará aqui em cinco. Você está segura.

— Nada me faz sentir tão segura quanto estar perto de você. — Ela torce a boca como se estivesse prestes a chorar e eu corro meus dedos pelo seu rosto doce.

— Eu voltarei, ok? No segundo em que eu sair da estação. Seus olhos se iluminam e ela está em meus braços instantaneamente. — Mas tente dormir um pouco enquanto eu estiver fora. Talvez tomar um banho quente?

— Prefiro esperar para que você tome um comigo. — Ela se esfrega contra mim e pisca os olhos para mim.

— Você vai nos colocar em apuros — Digo a ela. Por mais atraente que seja um banho com Maddie, e independentemente de a ideia enviar uma faísca para o meu pau, eu sei que tenho que ir para a estação. Estou lívido que alguém mexeu com ela, e ainda mais que essa pessoa ainda está por aí. Antagonizar uma jovem em uma estrada escura é uma merda que eu não suporto.

Não. Dentro. Da Minha. Cidade.

Eu pressiono meus lábios nos dela, deslizando a língua por sua boca, seguido de um beijo em seu nariz antes de conduzi-la escada acima.

— Você voltará? — Ela sussurra.

Eu aceno, antes de ir em direção à porta. Ela me manda um beijo e assim que saio meu celular vibra com uma mensagem

Maddie: Esteja seguro. Volte para mim. Eu te amo.

Estou em pé de guerra no segundo em que ponho os pés na estação, gritando ordens para qualquer um com quem entrar em contato que eles precisam sair e descobrir quem fodeu com a minha garota. Não é até que eu estive lá uma hora e liguei para verificar Maddie pelo menos três vezes quando decido que preciso de algo para acalmar meus nervos.

— Você está fumando de novo? — Uma nuvem de fumaça sai de entre meus lábios quando eu a afasto e jogo as cinzas na rua do lado de fora da estação. Os olhos preocupados de Aria aparecem através da fumaça, e ela tenta afastá-lo de mim, mas eu dou um passo para fora de seu alcance.

— Tem sido uma noite difícil. — Eu grito e ela franze a testa e olha para o chão antes de encontrar meus olhos. Este é o máximo que falamos em duas semanas e posso dizer que senti falta dela.

— O que aconteceu?

Eu apoio meu pé contra o prédio atrás de mim. — Algum idiota fodeu com Maddie, tentou tirá-la da porra da estrada.

Ela engasga e imediatamente pega seu telefone. — O quê? Onde?

— Na cinquenta e oito. Eles a estavam perseguindo, com força. Eu a alcancei logo após a primeira curva e isso os assustou. Eles aceleraram. Ela estava tremendo quando cheguei a ela.

— Adolescentes? Bêbados? Drogados?

— Eu não sei, mas você pode apostar sua bunda que eu tenho todo mundo lá dentro.

— Cal... provavelmente foram apenas alguns idiotas em um desafio ou apenas sendo estúpido.

— Então? Eles poderiam ter machucado alguém.

— Você quer dizer Maddie.

— Tudo bem, sim, quero dizer Maddie. Eles poderiam ter machucado Maddie. Isso deve significar algo para você também, Aria. — Eu atiro meu cigarro para a rua e olho para ela com raiva antes de voltar para dentro.

Ela me para quando eu alcanço a porta. — Foda-se, Cal. Como você ousa insinuar que eu não me importo? Só estou dizendo que você agindo como um lunático delirante por algo que é literalmente uma agulha no palheiro e não está usando nossos recursos adequadamente. Você ao menos sabe como era o carro? Ela poderia identificar o cara? Você pode? Como você os tem procurando? Você disse que os assustou, certo? Então eles provavelmente terminaram com o assédio da noite. Onde está Maddie agora? — Eu não respondo quando abro a porta e passo pela entrada. — Então, Margie. Então ela está segura. Ela está bem. E meu palpite é que você provavelmente tem o lugar guardado como Fort Knox.

Eu me viro, e assim que me preparo para repreendê-la por sua insubordinação, pela primeira vez em uma semana, eu a noto. Sob a iluminação da delegacia, vejo a vermelhidão em seus olhos, as bolsas que ficam embaixo deles e a ausência de maquiagem nos olhos que ela costuma usar. Ela parece ter perdido cerca de cinco quilos e seu cabelo está preso em um coque, seu sinal

revelador de que ela não o lavou. Cruzo os braços na frente do peito. — O que esta acontecendo com você?

Eu posso ver a guerra por trás de seus olhos se ela quer liberar o que está acontecendo antes que ela inevitavelmente deixe seus ombros caírem. — Seu irmão se mudou.

As pessoas estão se movendo ao nosso redor, mas tudo que noto é o olhar de coração partido no rosto da minha cunhada. — Vamos para o meu escritório.

Fecho a porta atrás dela e me inclino contra minha mesa. — O que aconteceu?

Ela dá de ombros e olha em volta como se as respostas estivessem escritas nas paredes do meu escritório. — Vida? — Ela morde o lábio inferior enquanto as lágrimas escorrem por suas bochechas, mas ela as enxuga instantaneamente. — Ele quer se mudar.

— E é por isso que você está lutando? — Eu pergunto. — Eu suponho que você quer dizer mudar de estado? Ele quer se mudar e você quer ficar?

— Não. Ele quer se mudar sem mim. Ele quer o divórcio.

Eu sei que Henry e eu não estamos nos falando, mas não consigo imaginar que ele deixaria o estado sem me dizer. Eu me pergunto brevemente se ele mencionou isso para nossa mãe, mas decido que não poderia porque Margie ficaria fora de si com a ideia de não ter os dois filhos no mesmo estado.

— Por quê?

— Ele não quer ser casado... mais. Ele disse que estamos tentando manter as coisas juntas há anos, mas nenhum de nós está feliz. Nós temos brigado muito... e então... essas coisas com Maddie...

— Não coloque isso em nós, vocês dois pareciam estar do mesmo lado sobre isso.

Ela olha para baixo e depois para mim. — Estou dando espaço a ela, mas quero estar na vida de Maddie... independente do seu lugar nela. — Ela se senta no pequeno sofá no canto como se estivesse desmoronando sob o peso do mundo no momento em que uma lágrima escorre pelo seu rosto. Ela torce a boca para tentar parar o fluxo, mas eles continuam.

— Ok?

— Henry não.

Como ele poderia simplesmente virar as costas para ela? Pra mim? — Ele se preocupa com Maddie, eu sei que sim.

— Tenho certeza que um dia ele voltará, mas... — Ela faz uma pausa e seu olhar cai para o chão. — Ele disse algumas coisas muito feias sobre isso. Eu sei que não aceitei bem a notícia, mas em minha defesa, eu estava magoada ‘estou magoada.’ Machucou que ela mentiu para mim. Machucou que ela sentiu que não podia confiar em mim. — Ela balança a cabeça, finalmente encontrando meu olhar. — Mas Henry... ele está com raiva, quase vingativo. — Eu franzo a testa com sua escolha de palavras. Eu sabia que ele estava com raiva, mas eu esperava que ele voltasse mais cedo ou mais tarde.

— Depois do Natal — Aria continua — Eu pensei muito em tudo isso, e no final das contas é a vida de Maddie e — Ela encolhe os ombros — Eu não posso controlá-la mais do que posso controlar Henry. As duas pessoas mais importantes da minha vida não querem nada comigo.

— Isso não é justo, Aria. Você desligou Maddie primeiro. Você acha que ela não quer você do lado dela? No canto dela? Ela te ama muito e está sofrendo com isso também.

— Como ela está? — Ela pergunta, as lágrimas tornando seus olhos verdes mais penetrantes do que o normal.

— Bom... ela entrou em Harvard. — Eu sorrio com orgulho e o de Aria é tão grande quanto.

— Santo inferno! — Ela ri em meio às lágrimas.

— Essa é a nossa garota. — Eu paro. — Fizemos um bom trabalho, eu acho.

— Ela é uma ótima garota. — Aria sorri e eu aceno. — Você vai... cuidar dela. — Ela pisca rapidamente e a insinuação é alta e clara.

— É claro. Sempre.

Ela assente e se levanta lentamente. — Diga a Maddie... que sinto falta dela e estou sempre do lado dela.

Eu nunca fui uma pessoa carinhosa com exceção de Maddie, então eu sei que Aria fica surpresa quando eu a puxo para um abraço, envolvendo meus braços ao redor dela. — Você é da família Aria, certo? Não importa o que

aconteça entre você e Henry, vocês são da família. Ainda estou no seu time da casa.

Ela se afasta e enxuga os olhos. — Obrigada, Cal.

A noite se transforma em manhã rapidamente, e antes que eu perceba, o sol está nascendo e eu ainda não vi Maddie. *E vejo que ela também notou.*

— Você não veio — Diz ela ao telefone. Sua voz está mal-humorada e eu posso apenas ver o beicinho se formando em seus lábios.

— Nunca saí da estação. Eu tinha muitas coisas para cuidar quando cheguei aqui.

— Evidentemente, eu não era um deles.

— Maddie...

— Eu disse que precisava de você. Aqui. Comigo.

— Eu sei, querida, eu...

— Apenas esqueça, eu tenho que me preparar para a escola.

— Você está bem para dirigir?

— Estou bem, Cal. Vejo você sempre que quiser, eu acho. — Eu não posso evitar meus olhos de revirarem em sua viagem de culpa. Eu sei que ela está chateada, mas ela também sabe que eu a verei antes do final do dia.

— Hoje, Madeline.

— Claro, Cal. — Eu sei que ela quer desligar na minha cara, mas ela não quer, ainda. Eu espero que as palavras inevitáveis deixem seus lábios. — Eu te amo.

Sorrio ao telefone. — Eu te amo.

— Quem você ama? — A porta se fecha atrás de mim e eu giro na cadeira para ver meu melhor amigo, Ryan, mordendo uma maçã com uma xícara de café na outra mão.

— Falo com você mais tarde. — Eu desligo o telefone e olho para o meu melhor amigo que está vestido como se tivesse acabado de sair da academia. — Você não pode bater?

— E perder com quem você está claramente fazendo sexo por telefone?
— *Jesus Cristo, isso não é o que eu preciso agora. Liguei para esse idiota a noite toda, e agora ele aparece.*

— Eu disse a alguém que a amava, e estou fazendo sexo por telefone agora?

— Isso não foi um *eu te amo*. *Esse foi um eu amo te foder com força por trás, me mande uma foto depois.* — Ele aponta para o meu telefone. — Agora, quem era?

— Uma mulher. Por que você está aqui?

— Bem, você tocou o alarme ontem à noite para Maddie, e este sou eu respondendo ao alarme. Que mulher? — Ele dá outra mordida desagradável em sua maçã.

— Cinco horas depois, obrigado.

— Eu estava saindo de uma semana de noventa horas, e você disse que Maddie estava bem e na casa de sua mãe. Poderia esperar. Você tinha metade da força na rua ontem à noite. Você não precisava de mim.

— Meu melhor amigo e detetive? Não, eu não precisava de você. — O sarcasmo escorre de cada palavra.

— Você está fugindo da pergunta? E... está me deixando mais intrigado. Conte-me sobre essa garota.

— Ryan, não é ninguém.

— E agora você está escondendo alguma coisa.

Pego meu telefone e as chaves da minha mesa. Eu já estava planejando sair durante o dia para ir para casa e dormir um pouco antes de Maddie sair da escola e agora que Ryan está de repente muito curioso sobre minha nova vida amorosa, é hora de ir antes que meu rosto entregue tudo.

Ele me segue para fora do escritório e da delegacia e não estou com disposição para esse interrogatório quando ele chama meu nome. — Grayson.

Eu me viro para encará-lo quando estou a poucos passos do meu jipe.
— O quê?

— Eu não me tornei um detetive aos vinte e seis anos porque deixei as coisas passarem por mim, você sabe.

A implicação está aí, tenho certeza disso. Mas o que eu não tenho certeza é como ele se sente sobre isso.

— E não me tornei chefe de polícia por não me arriscar. Aonde você quer chegar?

Ele balança a cabeça e desvia o olhar de mim, olhando para longe antes de voltar seu olhar para mim. — Você sabe o que está fazendo?

— Não.

Ele acena com a cabeça. — Isso é honesto. Você a ama?

Solto um suspiro, preparando-me para expor meus sentimentos por Maddie para outra pessoa. — Sim. — Eu confirmo.

— Droga. — Ele cruza os braços. — E Henry?

— Você sabe sobre Henry? — Eu pergunto, de repente confuso que ele se tornou o foco desta conversa.

Ele dá de ombros. — Bem, eu só posso supor que ele ficará chateado quando descobrir.

— Ele já sabe, e definitivamente está com raiva, e aparentemente descontando em Aria. — Esfrego minha testa enquanto penso em como ela parecia com o coração partido quando saiu ontem à noite. Mandeí-a para casa depois de cerca de uma hora e disse-lhe para tentar descansar um pouco porque parecia que ela não dormia há uma semana.

— Bem, com razão, quero dizer que ela tem metade da culpa.

Eu esfrego meu queixo, meus olhos se estreitando lentamente. — O quê? Como você imagina isso?

— Bem, vocês dois estão tendo um caso — Diz ele com naturalidade.

Meus olhos se arregalam e a palavra me escapa em um grito. — QUÊ?
— Dou um passo para trás, de repente confuso. — Eu não estou dormindo com Aria. Porque você pensaria isso?

Ele inclina a cabeça para o lado. — Quero dizer... com Maddie se mudando, e você e Aria claramente se evitando como uma praga no trabalho, e todo mundo sabe que ela está tendo problemas, eu só... espere um minuto, por que mais Henry ficaria chateado? — Eu olho para o meu melhor amigo por um momento, me perguntando como deixarei escapar a verdade e, mais importante, como ele vai levar isso, quando sua percepção me bate no soco. — Puta merda.

— Ryan...

— Grayson. — Ele aponta um dedo para mim. — Diga-me que você não está dormindo com Maddie.

— Eu não estou dormindo com ela, Ryan. Estou apaixonado por ela.

Ele coloca as mãos sobre o rosto e se inclina dramaticamente antes de se levantar e colocar um punho na boca com os olhos arregalados de terror. — Você está maluco, porra?

— Não sei. Provavelmente. — Eu balanço minha cabeça. — Mas estou cansado e tenso e preciso falar com ela, então agora não é hora de me ler o ato de revolta.

— Quanto tempo?! — Eu começo a andar em direção ao meu carro e ele segue logo atrás.

— Não enquanto você pensa.

— Ela era pelo menos legal?

— Sim, Ryan. Ok? Isso não vem acontecendo há muito tempo ok? Ela está apaixonada por mim há... um tempo, e eu estou apenas me atualizando. Agora deixa pra lá, caralho.

— Deixa para lá? Cal...

— Eu sei, ok? Eu sei, ninguém vai pensar que está tudo bem.

— Como você pode pensar que está tudo bem? Você a criou. Você entrou na mente e no coração dela... claro, ela pensa que está apaixonada por você.

— Olha — Eu grito para ele — Eu já perdi um irmão por causa dessa merda. Eu entendo que as pessoas não estão exatamente a bordo, mas eu não vou sentar aqui e discutir com você sobre isso. Eu a amo, quero estar com ela e faria qualquer coisa por ela. Eu nunca faria nada para machucar Maddie. Se isso não for suficiente para você, então é muito ruim. — Eu bato a porta do meu carro e saio do estacionamento em segundos.

Madeline

Minha boca cai aberta quando chego ao escritório e vejo por que fui convocada para fora do terceiro período. O sorriso rasteja em meu rosto no segundo em que o vejo pela janela do escritório principal. Eu tinha caído em um sono perturbado e inquieto na noite passada depois de rolar e virar por horas. Eu o queria lá, e então quando acordei esta manhã tendo adormecido com minha mão firmemente em volta do telefone, meu coração ficou apertado.

Ele não veio.

Mas agora está aqui.

E porra, ele parece delicioso.

Mas por que ele está aqui?

Jogo minha bolsa no ombro e me dirijo para o escritório para ver Cal encostado à parede com um sorriso caloroso no rosto. Ele está vestindo jeans e uma jaqueta de couro, seu distintivo pendurado no pescoço, parecendo algum tipo de policial sexy preparado para se disfarçar. — Oi... Cal. — Eu tento impedir que minha voz soe como uma mulher tão claramente desejando um homem, mas não adianta. Só posso esperar que a gerente do escritório não perceba. Eu olho para ela enquanto ela me olha por cima dos óculos e nos enxota. — Você foi dispensada por hoje Madeline, nos vemos amanhã.

Cal quase me arrasta para fora do escritório e em direção à porta da frente.

— Você está aqui.

Ele para em seu caminho e olha para mim enquanto um sorriso encontra seus lábios. — Claro, estou aqui, você precisava de mim, e eu preciso de você. Eu preciso ter certeza de que você está... bem, depois da noite passada.

— Então, você me tirou da escola? — Estou chocada. Cal sempre enfatizou a importância da escola e o valor de obter uma boa educação. Crescendo, eu raramente podia faltar à escola, a menos que estivesse realmente doente, e mesmo assim, estou falando de febre e incapaz de manter alimentos sólidos.

Quem é esse homem?

Seus olhos me percorrem dos meus pés aos meus olhos e eu vejo seus olhos escurecerem com a necessidade.

Oh.

— Me desculpe, eu não vim ontem à noite... — Ele para. — Posso fazer as pazes com você?

Olho de volta para a escola e depois para ele. Porra, eu quero ele. Ruim. Apesar de termos feito sexo ontem à noite, foi apressado e frenético e rápido e minha adrenalina estava no auge de todos os tempos. Foi também a única vez que fizemos sexo desde que me mudei para a casa de Margie. Eu precisava de mais. — Meu carro está aqui.

Ele olha ao redor do estacionamento e enfia as mãos nos bolsos me dando um sorriso de lobo antes de deslizar os óculos de sol sobre os olhos. — Quer me encontrar em casa?

— Então, deixe-me ver se entendi, você me tirou da escola ao meio-dia... para fazer sexo? Tem certeza de que não é um garoto de dezoito anos?

— Confie em mim, querida, as coisas que estou prestes a fazer com você não são coisas que um garoto de dezoito anos possa fazer.

Nós mal passamos pela porta da frente antes de suas calças estarem em torno de seus tornozelos e eu estar pressionada contra a parede, seu pau pressionando contra o meu sexo através da minha calcinha sob minha saia. — Eu preciso provar sua boceta bonita. — Ele sussurra no meu ouvido. — Está molhada, não é? Você se molhou dirigindo para casa pensando na bagunça que estamos prestes a fazer entre suas pernas, não é?

— Cal... — Fecho os olhos porque suas palavras me deixaram tonta e não consigo mantê-los abertos. Minha boceta parece que está pegando fogo, e eu sei que assim que ele respirar perto dela, eu vou gozar em seu rosto. Eu esfrego meu sexo contra seu pau, tentando chegar mais perto dele. — Desligar-desligar! — Eu grito quando ele me cutuca entre minhas pernas novamente. Ele me deixa

com as pernas trêmulas, e eu consigo tirar minhas botas e saia em tempo recorde.

— Tudo sai — Ele me diz enquanto puxa a camisa sobre a cabeça. Ele está diante de mim completamente nu e minha boca se abre como se eu nunca o tivesse visto nu antes. Eu puxo minha camisa sobre minha cabeça e abro meu sutiã e mando minha calcinha pelas minhas pernas, deixando nós dois nus e a atração fervendo entre nós.

Seus braços são tão definidos, veias se projetam com cada flexão de seu braço, me deixando mais molhada no ápice das minhas coxas. A maciez está se tornando mais intensa e eu a sinto começando a escorrer pela minha coxa. Seu peito, seu abdômen, o V perfeitamente cortado de sua pélvis que leva até seu pau me transforma em uma poça de desejo e necessidade. Seu pau está de pé, duro e forte e preparado para me rasgar em dois. Este homem é tão viril e masculino que me deixa com os joelhos fracos. Além do fato de que ele é tão protetor comigo me faz sentir segura e protegida, sabendo que ele rasgaria qualquer um que me tocasse.

— Você fez? — Ele pergunta, dando um passo à frente e eu olho para ele interrogativamente — Secando meu pau?

Eu balanço minha cabeça. — Não.

— Bem, o show acabou por agora porque eu preciso da minha boca na sua boceta. — Ele me levanta em seus braços e depois ainda mais alto, me empurrando contra a parede e deixando minhas pernas descansarem sobre seu ombro.

— Oh meu Deus, Cal! — Eu grito, assim que sua língua lambe a umidade que escorreu pelas minhas coxas. A ponta de sua língua traça a trilha, parando um pouco tímida no meu sexo antes de passar para a outra perna. Estou prestes a pedir para ele colocar a boca onde eu preciso, quando seus lábios encontram minhas dobras. Suas mãos estão sob minha bunda e sua língua está em toda parte. É enlouquecedor, frenético e quase insano o jeito que ele está me provando. Como um homem faminto que foi colocado na frente da comida pela primeira vez em anos.

Mas Jesus, ele sabe o que está fazendo.

Eu quase posso tocar o teto com quão alto estou, e quando olho para baixo, percebo quão longe estou do chão. — Você é tão... forte... você é um deus, Cal Grayson. Puta merda.

— Você me faz sentir como um deus — Ele murmura contra o meu sexo, diminuindo seus movimentos selvagens para lentos controlados. Sua língua serpenteia do fundo da minha boceta até ao meu clitóris, antes que ele a chupe em sua boca e eu deixo minha cabeça cair contra a parede. — E eu estou morrendo de vontade de provar você desde ontem à noite.

— Ah foda-se. — Os sons que Cal e minha boceta estão fazendo são tão eróticos e pecaminosos que me fazem corar, e quando olho para baixo e faço contato visual com ele, detono. Seus olhos nunca deixam os meus quando eu gozo, e de alguma forma, eu consigo manter meus olhos abertos o tempo todo. Observando-o, observando-me. Nossos olhos se encontraram pelo que parece uma eternidade durante esse momento íntimo.

Ele se afasta do meu sexo e me permite deslizar para baixo de seu corpo, até ao ponto em que estamos cara a cara. Eu envolvo minhas pernas e braços em volta dele e ele me pressiona contra a parede. Seus lábios estão molhados e cheiram a minha excitação, e eu assisto enquanto ele me lambe deles. — Eu te amo — Ele me diz e meu coração palpita como sempre faz nesses momentos.

Sua habilidade de passar desse homem das cavernas possessivo para esse doce amante é uma das coisas que eu amo nele. — Eu te amo e odeio ficar longe de você. Obrigada por vir me buscar — Eu sussurro.

Ele nos leva para a sala, deixando nossas roupas na porta e se senta no sofá comigo em seu colo. Seu pau ainda está duro como granito, então eu me alinho com a ponta e deslizo para baixo em seu eixo até que ele esteja completamente embainhado por dentro. — Porra. — Ele agarra meus quadris e começa a me balançar em seu pau, me deslizando para cima e para baixo, meus seios saltando com cada impulso. Ele solta meus quadris para agarrar ambos os seios, trazendo-me mais perto de sua boca e sacudindo sua língua contra as protuberâncias duras enquanto ele continua a me foder.

— Cal! — Eu jogo minha cabeça para trás enquanto ele me fode mais fundo, mais forte e mais rápido.

— Você é tão perfeita, Jesus Cristo, Madeline.

Meu nome completo incendeia meu corpo. Meus olhos se abrem e eu arqueio uma sobrancelha para ele. Ele deve sentir para onde estou indo porque deixa sua cabeça cair para trás e um gemido sai de seus lábios. — Diga, baby. —

Ele agarra a parte de trás da minha cabeça e pressiona nossas testas juntas. — Diga.

— *Papai* — Eu expiro.

— Porra.

— *Papai, por favor.*

— Por favor, o quê, baby. Diga-me o que você precisa e papai cuidará disso. O que quer que seja.

— Eu preciso que você goze, papai... — Eu pressiono meus lábios em seu pescoço antes de sacudir minha língua e correr ao longo de seu ponto de pulsação. Eu mordisco sua orelha. — Goze dentro de mim.

Seus impulsos ficam erráticos enquanto ele persegue seu orgasmo. Ele puxa meu rosto para longe de seu pescoço e captura meus lábios em um beijo contundente. Sua língua empurra em minha boca a uma velocidade que combina com nossos movimentos. Eu sei que ele está perto, e é por isso que fico chocada quando ele muda nossa posição para mim de costas e minha perna sobre seu ombro. Mas nesta posição, ele pode me foder muito mais fundo.

Meus olhos rolam para trás assim que seu pau atinge aquele ponto que apenas esta posição permite e eu começo a ter espasmos em seus braços.

— Essa é minha boa menina. — Ele geme. — Goze para mim, baby.

— Oh meu Deus, sim, sim... — Eu fecho meus olhos, mas eles se abrem quando sinto uma mão esfregando meu mamilo novamente.

— Doce menina — Ele murmura. — Doce pra caralho. — Ele se abaixa e agarra meu rosto e me puxa para um beijo, enquanto minha perna ainda está sobre seu ombro.

Graças a Deus que sou uma bailarina ou estaria fodida mais tarde.

Nossas línguas lutam pelo domínio, mas ele vence. Ele sempre vence. Sua língua acaricia a minha lentamente e sinto meu corpo começando a se construir novamente. Eu me afasto de seus lábios. — Cal, por favor — Eu gemo.

Eu estico os dedos dos pés, flexionando e apontando meus pés o mais forte que podem, enquanto meu corpo anseia pela liberação iminente que está a segundos de distância. — Estou aí com você, querida. — Ele pressiona sua testa na minha enquanto eu cravo minhas unhas em suas costas, meu corpo tremendo sob a força de seus impulsos.

— Oh meu Deus, eu vou gozar — Eu grito. Ele geme meu nome com a mordida dos meus dedos e eu sinto seu pau inchar e liberar, inundando minhas entranhas. Estou alguns segundos atrás dele, no momento em que seu dedo encontra meu clitóris. Depois de duas esfregadas sobre o pacote inchado, estou me despedaçando ao redor dele e gritando seu nome. Meu corpo está tão tenso na expectativa da liberação que o alívio é tão delicioso que me faz sentir como se estivesse voando. Meus olhos se fecham enquanto meu corpo, agora solto e lânguido, flutua de volta a Terra. — Puta merda, Cal.

Ele ainda está inclinado sobre mim, seu pau ainda dentro de mim enquanto ele lentamente puxa para fora. Ele bate seu pau contra meu clitóris e eu me contorço e grito em resposta ao seu toque na minha carne sensível.

Ele se move para cima do meu corpo e se aninha atrás de mim. Puxando o cobertor sobre nós e me abraçando. — Você quer continuar com isso lá em cima?

Várias horas depois, estou deslizando para fora da cama tentando não acordar o homem adormecido que acabou de foder a minha vida nem uma hora atrás, quando mãos quentes familiares envolvem minha cintura e me puxam de volta para a cama. — Onde você está indo? Estou longe de terminar com você. — Seus lábios encontram meu pescoço e sugam o espaço que nunca deixa de enviar um chiado através de mim. Fecho os olhos deleitando-me com a sensação daquela boca pecaminosa. Sua ereção pressiona minha bunda e o espaço entre minhas pernas pulsa com a necessidade.

São quase seis e meia, e eu sei sem dúvida que Sasha cumprirá sua promessa e aparecerá na casa de Margie pontualmente às oito horas para irmos à casa de Melanie. A última coisa que preciso é que ela apareça antes que eu chegue lá, como se ela não tivesse ideia de onde estou.

Ah, a teia emaranhada.

E agora eu tenho que descobrir o que dizer a Cal.

Ele me fodeu quase freneticamente quando chegamos lá em cima, quase como se eu fosse desaparecer a qualquer segundo. Eu sei que a noite

passada o abalou, possivelmente até mais do que eu, e ele está tentando se convencer de que estou bem. Que mesmo que ele não pudesse impedir que isso acontecesse, ele poderia me proteger.

— Está ficando tarde — Digo a ele enquanto relutantemente saio de seu alcance. Eu saio de sua cama, nua como no dia em que nasci, e pelo seu olhar, posso dizer que ele aprecia o que vê. Está quase escuro, mas a última parte do sol do dia está fluindo pelas persianas e criando um brilho laranja no meu corpo, iluminando os vários chupões por todo o meu torso e parte interna das coxas. Deslizo minha calcinha pelas minhas pernas, meu corpo doendo a cada passo enquanto me lembro de onde ele esteve.

Ele olha para o relógio atrás dele. — Atrasada? Baby, são seis e meia. — Ele se senta, me dando uma visão gloriosa de seu torso e eu brevemente me pergunto se ele está malhando mais desde que eu saí. — Eu meio que esperava poder convencê-la a ficar. — Ele pisca e se levanta permitindo que seu pau fique orgulhosamente entre nós. Minha língua sai para lambar meus lábios e sinto sua mão em volta do meu queixo.

— Isso foi um convite? — Ele pergunta, e suas palavras me enviam um calafrio. Eu olho para cima e ele me dá uma piscadela. *Deus, eu quero seu pau na minha boca.* Apesar do fato de que hoje cedo, eu estava de joelhos na frente dele no chuveiro, eu quero isso de novo. Eu nunca me cansaria de fazer isso com ele. A sensação de poder que senti, apesar do fato de estar abaixo dele, é diferente de tudo que já experimentei. Mesmo que eu estivesse de joelhos, eu sei que o possuía naqueles momentos.

Talvez eu pudesse voltar mais tarde. Eu reviro os olhos para dentro. Porra, eu me tornei uma dessas mulheres.

Esse é o último pensamento que tenho antes dos lábios de Cal estarem nos meus e eu ser levantada em seus braços. — Espere, espere, Cal. — Eu me afasto de seus lábios com gosto de que não sairei desta sala por mais uma hora.

— Esperar? — Ele franze a testa. — Eu estava me preparando para colocar minha boca na sua boceta, e você quer que eu espere?

Soltei um suspiro e amaldiçoei Sasha e Melanie e a mãe de Melanie que não podia esperar mais um dia para trazer um bebê ao mundo. — Sim, baby... eu tenho que ir.

Ele me coloca de pé e cruza os braços. — Vai?

— Eu vou uhh... — Eu soltei um suspiro — Sair com alguns amigos. — Pego meu sutiã do chão e o coloco. — É o aniversário de Melanie e ela está dando uma festa. Sasha vai me encontrar na casa de Margie, então eu provavelmente deveria estar lá quando ela chegar, ou então estou fodida. — Eu olho para o meu relógio, observando o tempo se aproximar das sete.

— Oh? — Ele se senta e imediatamente me arrependo de duas coisas por colocar aquele olhar em seu rosto. Primeiro, por concordar em ir, e segundo, por esperar tanto tempo para contar a ele. — Você não ia me contar?

— Claro que eu ia. Eu apenas não o tinha feito ainda.

— Você acabou de tentar fugir daqui, Maddie.

— Eu ia te acordar. Não estava escondendo nada. — Eu dou de ombros.

— Você vai passar a noite nesta festa? Não quero você dirigindo tarde da noite depois do que acabou de acontecer. Os caras vão estar lá?

Eu coloco minhas mãos em meus quadris e inclino minha cabeça para o lado. — Quem quer saber?

Ele franze a testa e se levanta vestindo sua calça de moletom. — O que você quer dizer com 'quem quer saber?' Eu quero saber.

— Não, o homem que me criou está perguntando? Ou aquele que estou namorando atualmente?

Ele dá um passo em minha direção, invadindo meu espaço pessoal. — Não me teste Madeline Elizabeth. — Suas narinas se dilatam e seus olhos escurecem quase ônix. Eu posso dizer que ele está cerrando os dentes porque sua mandíbula está afiada e tensa e eu resisto à vontade de tocá-lo.

— Ainda não está exatamente claro com qual *Papai* estou falando.

Antes que eu possa sair de seu alcance, estou contra a parede com a mão dentro da minha calcinha esfregando o feixe molhado de nervos que esse pequeno vai e vem causado. — Você sabe que eu me preocupo. Você não tem vinte e um anos, Maddie, e se estiver bebendo, prefiro que fique aí, especialmente depois do que acabou de acontecer. Mas como o homem que reivindicou seu coração e sua boceta, sim, eu gostaria de saber se os meninos também estarão lá... — Eu vejo o ciúme e, mais importante, a mágoa em seus olhos e uma explosão de dor pica meu coração.

De vez em quando, Sasha vai a festas sem Mike e isso o deixa louco. Sasha acha hilário e zomba dele sem parar. Ela nunca faria nada porque ela ama aquele cara mais do que tudo, mas gosta de deixá-lo com ciúmes.

Fazer isso com Cal não parece divertido.

— Tudo bem, você pode me levar e me pegar — Eu digo a ele, tentando apaziguá-lo, mas eu sei que não é só isso. — É engraçado você dizer isso, porque é uma coisa boa eu não gostar de garotos. — Eu levanto uma sobrancelha para ele. — Eu gosto de homens. Um homem. — Eu seguro seu rosto. — O amor da minha vida. — Eu pressiono meus lábios nos dele. — Sabe, eu nunca namorei ninguém sério. Sim, aqui e ali, mas ninguém que jamais tenha sido digno da minha atenção ou do meu coração. Eu beijei o quê, tipo três caras antes de você, e ninguém nunca me tocou onde você me tocou. Esta não é a primeira festa que eu vou onde tem caras e álcool... então com o que você está preocupado? Que eu esquecerei você?

— Não, eu só... me preocupo. — Ele fala. — Sobre você nesses ambientes em geral.

— Ah, então o pai e o namorado Cal estão se juntando a mim, eu vejo. — Eu me afasto dele e agarro minha camisa, puxando-a sobre minha cabeça.

— Baby... — Ele começa.

— Não, isso não é justo. Você não pode ser meu namorado e aquele Cal ao mesmo tempo. Você tem que escolher um. — Eu exijo.

— Muito bem. Você está de castigo.

Eu não consigo nem parar a risada que escapa dos meus lábios antes que eu esteja rindo. — Excelente.

— Estou falando sério, Maddie. Você não pode ir. — Ele aponta para mim.

Eu pisco meus olhos algumas vezes enquanto espero que ele diga que ele está brincando. *Desculpe?* — Não posso? Você está louco.

— Você me ouviu.

— Então, deixe-me ver se entendi: estou de castigo e isso significa o quê exatamente? Eu tenho que ficar em casa? Na casa de Margie? Ou aqui? *Meu castigo inclui foder você?*

— Não seja tão grosseira, Maddie. — Ele passa por mim e pega o telefone.

— O que você está fazendo?

— Ligando para minha mãe.

O quê!? — Você perdeu o juízo. — Eu alcanço seu telefone e o puxo de sua mão e ele me joga na cama em resposta, me prendendo e empurrando minhas mãos acima da minha cabeça e empurrando seu telefone para o chão.

— Cuidado com seu tom, Maddie.

— Ou o quê? — Eu levanto meu queixo desafiadoramente e levanto uma sobrancelha, desafiando-o. Nós olhamos um para o outro por um momento, nossos corações acelerados, e quase posso sentir sua batida no ritmo perfeito com o meu.

Ele empurra minha calcinha para o lado e desliza seus dedos dentro de mim. — Eu não quero que você vá — Ele sussurra.

— Por quê?

— Você precisa perguntar?

— Talvez eu queira ouvir.

— Porque a ideia de você estar perto de um bando de caras excitados me irrita, ok? — Ele tira os dedos de mim e dá um passo para trás para fora da cama. — Eu sei que não posso impedir você de ir...

Agora que ele está agindo de forma mais racional, vejo mais do que apenas a possessividade em seus olhos. — Você não confia em mim?

— Claro que sim, é só que... esses caras podem te dar algo que eu não posso.

— Não há nada que eles possam me dar que eu queira.

— Você pode estar ao ar livre com eles...

— Eu não me importo com isso. — Eu balanço minha cabeça. — Quero dizer, eu adoraria poder sair em encontros e outras coisas com você. Eu saio da cama e envolvo meus braços ao redor dele. — Eu não ficarei, mas tenho que ir. É o aniversário dela e eu tenho negligenciado meus amigos desde que você e eu ficamos juntos.

Seus ombros afundam e eu vejo o tom vermelho em suas orelhas. — Eu sei, e sinto muito por estar mantendo você longe deles.

— Você não tem me *impedido* de nada. Eu queria estar com você. Eu ainda quero estar com você. — Eu me levanto na ponta dos pés e envolvo minha mão em seu pescoço, trazendo-o para mais perto. — Cada segundo de cada dia. Mas... isso não é saudável, ou algo assim. — Eu pressiono um beijo em sua boca. — Ainda estou descobrindo quem sou e tenho que ser capaz de existir fora de um relacionamento com um homem. Com você.

Ele suspira e envolve seus braços ao meu redor. — Certo. Eu acho — Ele resmunga. — Quando você ficou tão inteligente?

— Não sei. Eu tive uma ótima figura paterna que me ensinou algumas coisas muito importantes.

— Oh sério.

— Como foder, por exemplo.

— Madeline — Ele vocifera enquanto sua mão agarra minha bunda e aperta.

Eu rio e pressiono meus lábios nos dele. — Ainda estou de castigo? — Eu pergunto quando me afasto.

Ele suspira. — Você iria me ouvir se eu dissesse sim?

— Não.

— Então vá. — Ele revira os olhos. — Mantenha seu telefone e seu colar.

— Eu nunca o tiro e meu telefone nunca está desligado.

— Boa menina. — O fogo entre as minhas pernas, que havia esfriado em uma brasa mal acesa, pisca para a vida em suas palavras, e um gemido escapa dos meus lábios.

Mordo meu lábio inferior e olho para ele. — Ok, talvez eu tenha uns dez minutos — Eu digo enquanto mando minha calcinha de volta pelas minhas pernas.

CAPÍTULO 21

Madeline

Meus olhos vão para a porta dos fundos de Melanie quando ela se abre, e um bando de caras entra com uma nuvem de fumaça. Estou de pé perto do bar embutido no porão dela bebendo a única cerveja que tomei a noite toda, só para manter Sasha fora do meu caso enquanto meus amigos continuam a tomar doses como se fossem imunes a ressaca. A casa de Melanie é enorme, mas geralmente ficamos confinados no porão depois que uma festa selvagem causou mais do que algumas coisas quebradas, ainda mais coisas roubadas, e Melanie ficou de castigo por seis meses inteiros. Seu pai é o CEO de uma grande empresa sediada em Portland, que mandava ele e sua mãe sempre para festas de gala, o que parecia ser em fins de semana alternado, deixando Melanie imprudente por conta própria.

Melanie tinha montado uma mesa de *beer pong*¹³ no centro da sala, onde dois caras do time de futebol estão invictos pela segunda hora enquanto o resto do time os cerca. Um grupo de seis ou sete está no canto jogando jogos de bebida que exigem que uma moeda caia em um copo, e o resto de nós está na área do bar. Algumas pessoas estão do lado de fora fumando ‘cigarros ou maconha’ me fazendo cheirar meu cabelo a cada poucos segundos. Cal vai me

¹³ Beer pong, também conhecido como Beirute, é um jogo de bebida em que os jogadores jogam uma bola de pingue-pongue sobre uma mesa com a intenção de acertar a bola em um copo de cerveja do outro lado.

matar se eu chegar em casa cheirando a cinzeiro. *E eu não quero dizer que de forma alguma sexual.*

— Por que você não está bebendo? — Sasha me pergunta enquanto Mike entra e vem até nós.

— Estou com dor de cabeça — Digo sem sequer encontrar seu olhar. Um sinal revelador de que estou mentindo e, mais importante, que não me importo de estar mentindo.

Ela revira os olhos para mim, ouvindo a mentira, mas decidindo ir com ela. — Sabe o que ajuda com dores de cabeça? Tequila. — Ela levanta uma dose para mim antes de tomá-la. Reviro os olhos para ela quando Mike se aproxima de nós com um rosto familiar a tiracolo.

— Essa é a garota mais bonita de todo Oregon. — Ele envolve seus braços ao redor dela, enfiando o rosto em seu pescoço e ela grita quando ele a gira ao redor.

— Por que demorou tanto? Já estou bêbada. — Ela faz beicinho quando ele desliza a mão no bolso de trás e a beija bem na boca. — Você cheira bem.

Reviro os olhos para minha melhor amiga e seu namorado que raramente mantêm o *PDA*¹⁴ no mínimo quando estão sóbrios. Eles são ofensivos quando estão bebendo. *Talvez seja aqui que eu deva fazer minha saída.*

¹⁴ **Public Display of Affection** - Demonstrações públicas de afeto são atos de intimidade física na visão dos outros. O que é uma demonstração aceitável de afeto varia em relação à cultura e ao contexto. Algumas organizações têm regras que limitam ou proíbem demonstrações públicas de afeto.

— Ei, Maddie. — Brad fica ao meu lado enquanto Sasha e Mike continuam fingindo que são os únicos na sala. Ele está vestindo a mesma jaqueta e um par de jeans que delineiam os músculos de suas pernas e, portanto, parecem um pouco apertados demais. Ele ainda está barbeado e isso me faz notar que mesmo se eu não estivesse com Cal, eu não me sentiria atraída por ele. — Você é uma garota difícil de ver. Eu estava esperando encontrar você desde que saímos no mês passado.

— Ela está desaparecida. — Sasha revira os olhos. — Eu mal a vi, exceto na escola!

Ignoro os dramas de Sasha. — Brad... Ei, como você está? — *Não tenho certeza de como lidar com essa situação. Ele ainda está interessado? Ou ele entendeu a dica quando eu não entrei em contato depois que Cal interrompeu nosso encontro? Ele está planejando me convidar para sair de novo?* Decido esperar que ele faça qualquer uma dessas coisas antes de assumir que ele quer uma chance real comigo.

Uma que ele não tem.

— Bom, estou feliz que você esteja aqui. — Ele começa e meus olhos se arregalam em preparação para decepcioná-lo facilmente. — Não assim. — Ele balança a cabeça. — Só... eu me senti mal por ter agido como um idiota naquele encontro.

Ufa. — Oh! Oh meu Deus, de jeito nenhum. Você não era um idiota. Eu apenas... saí. Sinto muito por isso, eu não estava me sentindo muito bem, e Sasha me arrastou para fora sem me dizer no que eu estava me metendo. — Lanço um

olhar para ela, mas ela parece despreocupada com a língua de Mike em sua garganta. — Ok, estou me afastando disso. Aponto para os dois que estariam contaminando um dos quartos de Melanie dentro de uma hora. Brad me segue até ao pátio e me certifico de deixar espaço suficiente entre eu e os fumantes, o que perigosamente significa que estou sozinha com Brad. Porra, não pensei nisso.

Maddie, relaxe, você está falando com um cara. Você deve ser capaz de fazer isso sem que Cal se transforme em um homem das cavernas. As palavras no meu cérebro são racionais, mas elas não me impedem de dar uma olhada ao redor do pátio apenas no caso de Cal ter se manifestado.

— Mike me contou sobre o que aconteceu... por que aquele cara agiu assim... aquele com quem você mora?

— Oh... — Eu limpo minha garganta. — Sim, ele é apenas protetor.

Eu fecho meus olhos, meu coração batendo no meu peito enquanto meu cérebro luta para ficar no presente e não voltar para a noite em que minha vida mudou para sempre. Respiro fundo e por um rápido segundo sinto o cheiro do perfume da minha mãe e a dor diminui um pouco. *Eu sinto sua falta, mamãe.*

— Isso deve ter sido muito difícil. — Ele balança a cabeça antes de colocar a mão no meu ombro suavemente, em seguida, deixando-a roçar minhas costas. Ele o esfrega em círculos e a névoa do meu passado se dissipa imediatamente quando volto ao presente. — Não consigo nem imaginar.

Eu me movo para ficar fora de seu alcance e tento colocar algum espaço entre nós. *Por que esse cara é tão apalpador?* — Talvez eu devesse voltar para dentro — Eu começo quando ele agarra meu braço.

— Maddie, eu sou realmente um cara legal. Não vejo por que você não pode me dar uma chance. — Não sei se ele bebeu ou fez alguma coisa momentos antes de chegar à casa de Melanie e só agora está alcançando ele porque noto que suas pupilas estão dilatadas e levemente vidradas.

Diga não. Diga. NÃO. — Brad, você parece ótimo, mas...

— Vamos lá, Mike disse que você não tem namorado. Um encontro e serei o cavalheiro perfeito.

— Há muitas razões pelas quais uma garota pode dizer não que não tem nada a ver com o fato de ela ter um namorado. Como Mike provavelmente deveria ter prefaciado, eu não namoro muito. — Cruzo os braços defensivamente. — Estou super ocupada e não tenho tempo para um namorado.

— Uma garota tem que comer, certo? Estou falando do jantar. Eu não estou falando sobre o resto de sua vida. Ou até mesmo o resto do mês. — Ele levanta uma sobrancelha para mim e eu balanço minha cabeça.

Eu deveria ter dito que tenho namorado. Um que não vai para a minha escola.

E Sasha refutou isso e se tornou ainda mais implacável com seu questionamento? Passe, meu subconsciente argumenta.

— Eu como bastante — Eu respondo, antes de deixá-lo no pátio. Pego uma garrafa de água da geladeira de Melanie e desço, preparando minha saída quando Sasha está imediatamente ao meu lado.

— Você não vai embora.

— Me observe.

— Você andou bebendo.

— Tomei uma cerveja light em quatro horas. Estou bem. — Eu digo a ela antes de terminar a garrafa em um gole. Depois de uma série de mais abraços e despedidas seguidos por um milhão de bêbados, eu te amo de Melanie e alguns de nossos amigos, eu chego ao meu carro.

— Você está partindo tão cedo? — Minha mão está pairando sobre minha maçaneta no momento em que Brad aparece o que parece estar fora de lugar, parecendo o suspeito em um episódio de *To Catch a Predator*¹⁵

— Eu deveria ir para casa.

— Ah, vamos, tome uma bebida. É o aniversário da sua amiga. — Ele se move para o meu lado do carro e se inclina contra a minha porta, me impedindo de abri-la.

— Brad, eu realmente quero ir embora, você pode, por favor, se mover? — Eu sorrio, tentando não provocá-lo ou empurrá-lo para fazer alguma loucura. Minha mão imediatamente vai para o meu colar por instinto, assim como sempre acontece quando algo não parece certo. Isso me faz sentir mais perto de Cal e geralmente me dá coragem para superar o que está na minha frente. Seus olhos se movem pelo meu corpo lascivamente e eu imediatamente recuo. Eu

¹⁵ *To Catch a Predator* é um reality show americano no *Dateline NBC* apresentando confrontos com o apresentador Chris Hansen, parcialmente filmado com uma câmera escondida, de homens adultos chegando a um abrigo para fazer sexo com um menor e normalmente sendo presos, como resultado. Os menores são adultos que se fazem passar por menores de idade (geralmente com idades entre 13 e 15 anos) em chats online.

respiro fundo, engolindo os nervos enquanto pego o spray de pimenta na minha bolsa.

— Eu não te machucarei, Maddie. — Ele sorri e se aproxima de mim. — Quero fazer o contrário. — Seus olhos se fecham, e ele balança em minha direção. — Eu quero fazer você se sentir bem. — Sua mão vem para traçar meu rosto e eu dou outro passo para trás.

— Por favor, não. — Estou preparada para correr, quando sinto algo bem nas minhas costas.

Ah, pelo amor de Deus. Eu me resigno a ser completamente fodida, do lado de fora sozinha com dois homens que são muito maiores do que eu quando uma voz familiar preenche o espaço ao nosso redor. — Acabe com isso, antes que eu chute sua bunda. — Henry aparece do meu lado e fica entre nós. Ele parece ter perdido algum peso apenas nas duas semanas que se passaram desde que eu o vi e sua barba está totalmente crescida. — Se eu ouvir que você a tocou novamente, arrancarei os membros do seu corpo e baterei em você com eles. Então você não será capaz de fazer qualquer esporte de merda que você acha que é tão bom. — Brad dá um passo para trás e levanta as mãos.

— Ouça, nós estávamos conversando... — Ele começa a gaguejar e eu posso vê-lo ficando vermelho em volta do pescoço.

— Antes ou depois que ela pediu para você ir embora? Porque ela pediu algumas vezes e até disse que não. Você sabe o que 'não' significa?

Ele olha para Henry e depois para mim antes de se virar e praticamente correr de volta para a casa. Solto um suspiro, meu coração batendo no meu peito.

— Obrigada. Meu Deus, Henry! É tão bom ver você. — Eu envolvo meus braços em torno dele em um abraço, mas ele endurece em meu aperto. Eu me afasto e agora que estou olhando para ele de frente, vejo que seus olhos estão injetados, me fazendo pensar se ele usou alguma coisa.

— Você também, Mads. Ouça, você pode me dar uma carona?

Eu franzo a testa, me perguntando onde está o carro dele e então uma enxurrada de perguntas entra em minha mente. — Claro, mas... o que você está fazendo aqui?

— Um amigo meu mora ao virar da esquina. — Ele passa a mão pelo cabelo e faz o seu caminho para o meu lado do passageiro. — Então, aquela carona? Deixei meu carro perto de um hotel na cidade.

— Oh sim. Sim claro! Um hotel?

— Sim — Diz ele enquanto nos acomodamos no carro. — Aria e eu estamos dando um tempo... separados.

— Oh não! — Não consigo impedir as lágrimas de brotarem em meus olhos quando me lembro de caminhar pelo corredor em seu casamento, jogando flores de uma cesta de vime. — Lamento, Henry.

— Está tudo bem. As coisas acontecem, sabe? Pessoas mudam. Separam. — Ele olha pela janela enquanto nos afastamos da casa de Melanie. — Mas acho que talvez isso seja o melhor. Eu tenho pensado que preciso de uma mudança de cenário de qualquer maneira.

— Você está se mudando? — Eu me pergunto se Cal sabe sobre isso.

— Estou pensando nisso. Talvez em algum lugar a leste.

— Não há nenhuma chance de você e Aria conseguirem resolver isso?

— Eu não sei, Maddie. Pegue a Rua Tuckerman. — Ele aponta e eu sigo sua direção, este é o caminho oposto da cidade, então estou me perguntando onde exatamente é esse hotel.

— Merda, eu me esqueci de mandar uma mensagem para Cal. Vou ligar para ele bem rápido.

— Não é necessário — Ele interrompe. — Ele sabe que você está comigo.

— Ele sabe?

— Sim — Diz ele e sua voz é decisiva. Isso me faz querer investigar, mas acho que ele vai sair do carro em breve e então eu posso falar com Cal.

Parece que estamos dirigindo há muito tempo quando paramos no estacionamento de uma taverna decadente do outro lado da cidade. Eu me viro para olhar para ele, esperando que ele saia, porque, para ser honesta, ele está meio que me dando arrepios. Ele está apenas olhando pela janela quando começa a falar.

— Você sabe, o que você e meu irmão estão fazendo é errado, Maddie.

Ótimo, vamos lá. — Ouça, Henry...

— Estou falando — Ele vocifera e eu mordo meu lábio inferior nervosamente. *Ele nunca falou comigo assim antes.*

— Eu não posso acreditar que você o deixou tirar vantagem de você. Você estava tão desesperada por atenção e carinho dele?

— Ok, Henry, eu não quero falar...

Eu mal tenho a chance de reagir antes que meu rosto esteja literalmente pegando fogo por um soco dele. — *Eu. Disse. Que. Estou. Falando.* — Sua voz é baixa e sinistra enquanto eu coloco minha mão na bochecha latejando, meu corpo em choque completo por Henry ter acabado de me bater. — Agora, vamos dar uma volta na minha caminhonete. — Ele solta meu cinto de segurança e aponta para a caminhonete preta na beira do estacionamento abandonado. — Saia do carro — Ele sussurra no meu ouvido enquanto se inclina sobre o meu colo e abre minha porta. — Eu não faria nada estúpido se fosse você. A menos, é claro... que você queira que eu atire em você com a arma do seu namorado. — Ele gira o pescoço em um círculo e eu me encolho ao ouvi-lo estalar tão agressivamente. O som é o único ruído no carro silencioso além da minha respiração que estou tentando manter sob controle. Ele acena a arma na frente do meu rosto e meu sangue gela ao vê-la tão perto. Cal sempre manteve as armas trancadas e longe de mim, então não tenho muita experiência com elas de perto e pessoalmente. — Deixá-la para morrer com a bala dele em você. Não seria uma ironia? — Ele ri e um sorriso encontra seu rosto. Meu coração bate no meu peito e eu posso ouvir o sangue correndo em meus ouvidos. Meus ouvidos estão zumbindo com a força com que ele me bateu, mas acho que estou definitivamente em choque porque ainda não derramei uma lágrima.

— Por quê? — Eu consigo sussurrar.

Seu dedo traça cautelosamente pelo meu rosto e eu me encolho ao seu toque e tento me afastar dele. — Sua pele é tão suave. Deus, não é de admirar que ele esteja tão encantado com você. — Ele segura meu queixo e me puxa para ele. — Certo, então você perguntou, por quê?

Eu concordo. As lágrimas começaram a deslizar pelo meu rosto agora, o choque passando e minha mente e corpo percebendo que estou com um grande problema. Peço a Deus que Henry se esqueça do meu colar e me deixe deixá-lo, permitindo que Cal me encontre mais cedo, mas meu palpite é que ele vai se lembrar de tira-lo de mim.

— Porque você e meu irmão precisam de espaço. Confie em mim, pensei em apenas expor tudo e arruinar a reputação de Cal. Mas então percebi que preferia arruinar a vida dele.

Meu lábio treme quando penso em como talvez nunca mais o veja e, em seguida, meus olhos se arregalam ao perceber suas palavras. — Onde... onde está Aria? Você a machucou? — Minha voz é calma e mansa.

— Fora — Ele grita e puxa a arma do bolso, apontando-a para mim. — Sem jogos de merda, Shaw.

Engulo em seco e saio do carro, agarrando minha bolsa para salvar a vida. Eu começo a andar com ele logo atrás de mim quando ele arranca a bolsa de mim. — Não tão rápido. — Ele abre minha bolsa e pega meu telefone antes de desligá-lo e bater com força no chão. Meu coração afunda, sabendo que o GPS agora está desligado e coloco as mãos sobre os olhos e quase caio de joelhos. Ele matou meu telefone e está me tirando do meu carro que está programado com

um rastreador. Se ele se lembrar do meu colar, acabou. Eu giro para longe dele e alcanço o mais furtivamente que posso para arrancar o colar do meu pescoço. A corrente crava na minha pele, mas eu acolho a mordida quando o fecho se quebra. Pelo menos, se ele não vê, ele pode esquecer que eu o tenho.

Deslizo o colar no bolso do meu casaco quando o sinto bem nos meus calcanhares. Assim que nos aproximamos do carro, ele amarra minhas mãos na minha frente, com força. A corda crava em meus pulsos e eu estremeço com a queimadura. — Não puxe, elas magoam, pequena. — Ele pisca para mim antes de me empurrar para o banco de trás. — Deite-se logo, porra.

— Mas...

— AGORA — Ele grita e eu faço o que ele diz, novas lágrimas brotando dos meus olhos e deslizando pelo rosto. Percebo que uma vez que estou dentro, não reconheço este carro e já estive no carro de Henry pelo menos mil vezes, o que torna isso mais assustador do que qualquer coisa.

Ele estava tramando isso o tempo todo?

— Espere, Henry... este não é o seu... carro...? — As conclusões estão se formando em meu cérebro antes mesmo de as palavras saírem. *Ele é o cara que quase me tirou da estrada no outro dia.*

— Você sempre foi uma garota inteligente. — Eu ouço quando ele liga a caminhonete.

Um arrepio me percorre e me viro de costas, olhando para o teto do carro. *Mantenha-o falando, Maddie.*

— Você... você poderia ter me matado ontem à noite... — Meus dentes estão batendo juntos no carro gelado, e eu vejo minha respiração.

— Eu mal toquei em você, não seja tão dramática. — Ele acena com a mão para mim.

— Mas... mas foi você. — Está tão escuro que não consigo distinguir nada enquanto continuamos a dirigir. Poderíamos estar indo para o norte, para Washington, ou mesmo para o Canadá. Consigo colocar minhas mãos amarradas no bolso, para que eu possa segurar meu colar e na esperança de que Cal me salve.

— Madeline, você se tornou tão dependente do meu irmão. Ele te protegeu tanto. Você não está nem um pouco preparada para o mundo real, e isso deve assustá-la. Eu atrás de você não é a coisa mais assustadora lá fora, você sabe. — Meus punhos flexionam instantaneamente, desejando que eu pudesse bater nele uma vez por falar sobre toda essa situação como se não fosse nada. Observo enquanto ele desenrosca uma garrafa que cheira a vodka e a leva aos lábios. — Quer um pouco? Eu sei que você é um pouco exuberante.

Eu o ignoro e volto ao seu comentário anterior, não querendo que ele pense que ele é a coisa mais assustadora que já encontrei. *Nunca deixe que eles vejam seu medo.* — Estou plenamente ciente de que você não é o mais assustador, já que eu estava na casa quando meu pai assassinou minha mãe.

— Sua mãe provavelmente era uma vadia também — Ele resmunga. — Tenho certeza que é de onde você puxou.

Eu vejo vermelho. Sempre ouvi essa expressão, mas não achava que as pessoas realmente vissem o vermelho nublando sua visão periférica. Eu não fazia ideia de que a raiva pudesse se manifestar em uma cor e dominar seus sentidos até que você ficasse tão cega que tudo o que pudesse ver fosse à cor mais associada à raiva. — Foda-se, Henry. — Eu cuspo. — Você vai queimar no inferno por isso.

— Ah, querida. Eu te vejo lá.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAL

— Por que diabos o telefone dela está desligado? — Eu bato meu punho contra o painel de Aria com força enquanto vamos para a localização do carro de Maddie. Mandeí policiais para a casa de Melanie e disse a eles para verificar cada centímetro daquela casa para garantir que Maddie não estivesse lá. *E todos esses filhos da puta estão indo para interrogatório.*

— Cal, acalme-se. — Observo enquanto Aria desvia para uma pista diferente, perdendo um carro por um mero milímetro. Mas eu não me importo, nada importa neste momento, a não ser chegar à minha garota. Espere, baby.

— Eu não vou me acalmar. Algo está errado com Maddie, e eu não estou lá. Maddie precisa de mim, Aria. — Sinto meu peito apertar enquanto os pensamentos de deixá-la cair me dominam. Por que mais seu telefone estaria desligado e seu carro informando que ela está do outro lado da cidade quando deveria estar na festa de sua amiga.

Ela nunca entraria no carro tão tarde da noite sem me avisar para onde está indo. Algo está errado.

Esfrego meu rosto, e minha perna começa a balançar nervosamente. — Você não pode ir mais rápido?

— Estou indo a oitenta, Cal. Não seremos bons para ela se batermos.

Meu telefone toca e eu atendo no primeiro toque.

— O que sabe? — Eu esbravejo.

— Cal — A voz de Ryan vem ao telefone e imediatamente eu temo o pior — Os jovens estão todos arruinados, mas eles estão dizendo que ela foi embora.

— Onde diabos está Sasha Parker? — Pergunto sobre a melhor amiga de Maddie.

— Ela estava... ocupada com o namorado quando chegamos lá. Quando eles estavam completamente vestidos, ela disse que Maddie saiu cerca de uma hora atrás. Mas está quase histérica agora. Ela está pirando porque você não sabe onde ela está.

Eu pressiono a mão na minha testa. — A deixe ir. Emita citações para todos os outros. — Eu falo. Mesmo que Sasha seja uma encenqueira, eu sei que ela se preocupa com Maddie e tem sido uma boa amiga para ela. Maddie era quieta e reservada em seu primeiro ano e não falava com ninguém. Sasha entrou em sua vida e decidiu que elas eram melhores amigas e, finalmente, ajudou a tirá-la de sua concha. Ela é uma menina doce, ela só se mete em muitos problemas.

— Ela quer falar com você.

— Coloque-a — Eu resmungo. Não tenho coragem de lidar com ela, mas talvez ela saiba mais do que disse a Ryan.

— Cal! — Eu ouço as lágrimas em sua voz. — Cal, você tem que encontrá-la.

— Eu sei, Sasha. Estou tentando. Mas seu telefone está desligado e seu carro está em uma parte ruim da cidade. Havia alguém nesta festa que você não conhecia?

— Não! Era apenas o pessoal habitual. Melanie disse nada de estranhos aleatórios depois da última vez. Cal, devíamos ter garantido que ela chegasse ao carro em segurança. Eu sinto muito!

— Está tudo bem, Sasha — Eu digo, embora não esteja tudo bem. *Todos aqueles malditos caras lá, e ninguém poderia tê-la visto em seu carro?* Eu sei que o namorado de Sasha geralmente era um cara de bem, o que me faz pensar que ele estava muito ocupado pensando com seu pau na hora em que Maddie foi embora.

— Ouça, eu ligo para você se eu ouvir alguma coisa. Por favor, mantenha seu telefone ligado caso ela ligue para você.

— Ela não me ligará antes de você Cal... Você sabe disso. — Ela funga.
— Ela te ama muito.

Eu engulo e limpo minha garganta, ouvindo suas palavras não ditas. *Maddie contou a ela? Ou ela está lendo nas entrelinhas?* — Certo, bem, apenas me mantenha informado.

— Ok.

Chegamos ao bar que parece uma cena de crime. O carro de Maddie está estacionado em uma vaga, e eu imediatamente localizo seu telefone ao lado de seu carro. Não.

Eu saio do carro instantaneamente, e o alcanço quando Aria grita para eu parar.

— Você não está pensando claramente. Espere Cal — Ela diz antes de colocar uma luva e pegá-lo antes de colocá-lo em um saco. — Precisamos levar isso de volta para a estação.

— Eu não deixarei o carro de Maddie aqui. — Percebo que as chaves ainda estão no banco, me fazendo pensar se não faz muito tempo desde que ela esteve aqui. Estou honestamente surpreso que ninguém tenha fodido com isso. — Eu preciso continuar seguindo o rastreador. O colar dela ainda está me enviando um sinal. — Quando percebi que seu colar estava se movendo, mas seu carro e telefone estavam no mesmo lugar, não tinha certeza de qual deles estava realmente com Maddie. Parece que eles estão se movendo para o oeste, mas não estão longe de nós. — Vou pegar o carro de Maddie.

— Tem certeza que quer ir sozinho? — Aria olha para mim com seu olhar característico e balança a cabeça.

— Vou mandar reforços.

Aria pega seu rádio e envia um SOS para uma pessoa desaparecida Madeline Shaw. Assim que ouço o nome dela, eu enlouqueço. Eu quase desmorono onde estou, e se não fosse por Aria ao alcance do meu braço, eu provavelmente teria caído no chão.

— Você não vai a lugar nenhum sozinho.

— Eu vou...

— Não, isso é muito pessoal para você, e você vai se perder sempre que encontrá-la, independentemente da situação.

— Se alguém tem a minha garota, eles vão se foder.

Luzes piscando nos cercam, e antes que eu possa piscar, uma fita policial amarela está se movendo na frente do bar, eles estão tirando o pó do Volkswagen vermelho cereja de Maddie em busca de impressões digitais e já têm o telefone de Maddie sob custódia.

Acho que quando a garota do chefe de polícia desaparece, todos se apresentam para o serviço.

— Vamos, Grayson — Aria diz enquanto entra no carro. Eu entro no banco do passageiro, a adrenalina começando a diminuir e meu coração parecendo pesado no meu peito.

Aria deve notar meu humor sombrio porque suas palavras cortam a tensão no carro. — Pare com essa merda, Cal. Agora não é hora de desistir. Maddie precisa de você para mantê-la segura.

— Eu olhei no carro dela, Aria. — Eu balanço minha cabeça enquanto me preparo para falar meus pensamentos. — Não havia muitos sinais de luta. Sem marcas de pneus. O carro de Maddie parecia o mesmo. — Eu deixo minha cabeça descansar contra a parte de trás do assento. — Ela pode estar onde quer que esteja... voluntariamente. — Talvez ela tenha corrido. Talvez isso fosse demais para ela, e ela *fugiu de mim*.

— Besteira, e você não acredita nisso.

— Eu preferiria isso a alguém a levando. Você acha que eu quero pensar sobre ela acabar com isso? Mas é a melhor das alternativas. Machucaria-me perdê-la agora, mas me mataria perdê-la para sempre.

— Cal, ela ficará bem. Nós vamos encontrá-la. Mas eu preciso que você volte do lado negro. Eu preciso que você fique positivo. Onde o colar dela diz que ela está? — Olho para baixo e vejo que está parado, em uma cidade não muito longe de nós.

— Porra, parou. — Meu coração dispara imaginando se ela largou o colar ou se talvez estejamos próximos.

Estamos dirigindo por mais vinte minutos quando a estrada de uma pista se torna mais estreita quando chegamos à beira de uma floresta.

— Não podemos levar o carro para lá, pode assustá-los — Diz Aria. — Estou pedindo reforços.

— Diga a eles para se afastarem — Digo a ela. — Vou entrar.

Madeline

Estou amarrada ao teto, a queimadura das cordas apertadas cortando minha carne. Meus braços estão erguidos acima da minha cabeça, com um trapo enfiado na boca e estou sem a metade das minhas roupas em uma sala gelada.

Meus pés estão congelados depois que Henry removeu minhas meias e me forçou a ficar no chão gelado. Meu corpo está quase entorpecido com o frio que estou sentindo e minha visão está começando a ficar embaçada. Eu pisco meus olhos várias vezes, tentando recuperar o foco. *Fique acordada, Maddie, não desmaie.* Ele tirou minha calça, o que foi assustador como o inferno, vendo seus olhos queimarem em minha carne exposta enquanto ele tirava meu jeans. Uma risada perversa deslizou sobre mim quando ele estalou minha calcinha contra a minha pele como uma promessa do que estava por vir.

Então, é assim que isso termina? Bile sobe na minha garganta com o pensamento. Sou grata por ainda estar vestindo uma camisa, o que me permite manter um mínimo de modéstia. Meus olhos flutuam para o meu casaco que foi jogado no canto com minhas outras roupas e eu só rezo para que meu colar ainda esteja enviando um sinal para o telefone de Cal. Minha bochecha ainda dói com seu soco e posso ver que já começou a inchar quando olho para baixo.

Minha mente luta para permanecer no presente, e eu posso me sentir lentamente dissociando do trauma e do estado desta situação. A promessa de morte e destruição está em todos os lugares que olho na pequena sala e encontro minha cabeça voltando para a última vez que a morte soprou em meu pescoço. Eu posso ouvir meu pai gritando, minha mãe chorando, o barulho de coisas quebrando e depois *nada*.

A porta se abre, forçando minhas pálpebras caídas de volta e Henry coloca uma garrafa em seus lábios. — Então — Ele insulta — Você me perguntou por quê. — Estamos aqui há cerca de uma hora neste momento, a maioria das

quais eu estive aqui sozinha. *Não que eu tenha me importado.* Passei a maior parte da hora me perguntando como sairei daqui, e se é possível sair dessas cordas. Apertado de quebrar meus pulsos, não. Meus braços estão exaustos, meus músculos queimando apesar das temperaturas geladas. — Pensei, devo-lhe uma baiiiiiiiita explicação. — Ele toma outro gole e se aproxima de mim.

Meu peito sobe e desce rapidamente. — Cal... seu precioso Cal estragou tudo. — Ele coloca um dedo para cima e os agarra. — Você precisa de fotos.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto quando percebo o que está prestes a acontecer. Ele não confessaria a menos que não planejasse me matar. A água que eu bebi pouco antes de sair da festa começa a me alcançar, juntamente com a sensação de terror que faz a urina escorrer pela minha perna e cair em uma poça no chão. Henry volta para a sala e balança a cabeça, um ronco de desgosto nos lábios. — Você é um cachorro? Não pode controlar-se?

Eu fungo e ele segura uma foto na frente do meu rosto. — Aula de história. Isso foi antes do seu tempo. Antes que a preciosa Maddie chegasse e se tornasse o centro do universo de todos. — Ele revira os olhos e o desdém e ressentimento óbvios são tão evidentes que me fazem pensar como nunca percebi isso antes. *Ele era tão bom em esconder seus sentimentos de todos?* Meus pensamentos são interrompidos quando ele enfia uma foto na minha cara.

— Olhe, vadia — Ele vociferaa. — Você queria tanto respostas. ESTE é meu pai. — Ele aponta para um homem alto ao lado de Margie e ele e Cal quando eram muito mais jovens. — Obviamente Margie. — Ele aponta. — Eu e Cal. O pequeno bastardo que arruinou tudo.

Eu estremeço com suas palavras duras. — Note que eu não disse nosso pai. Não, apenas meu. Acontece que minha querida mãe tinha um amante. Ela engravidou e teve Cal e então meu pai foi embora. Ele me abandonou porque ela deu à luz aquele merdinha!— Meus olhos se arregalam quando ele tira uma faca do bolso de trás. Ele passa o dedo pela lâmina e enfia a lâmina na foto e no rosto jovem de Cal. Eu aperto meus olhos fechados para esquecer a imagem da faca passando pela foto. Minha boca está dolorida por ter esse trapo enfiado dentro, mas sinto meu lábio inferior balançar levemente. — Agora, é claro, tudo isso é uma informação nova. — Ele joga a foto para o lado. — Eu não tinha ideia de nada disso até à semana passada. Meu pai morreu, Maddie. Ele morreu e eu nunca tive a chance de conhecê-lo. Eu nunca consegui dizer adeus. Por causa dele! Meu pai me deixou e é tudo culpa do Cal! — Ele coloca a faca na minha cara. — E então veio você.

Eu choramingo. *O que eu tinha a ver com isso? Eu ainda nem tinha nascido, muito menos entrado na vida do Grayson.*

— Você entrou em cena e, de repente, Aria não estava preocupada em ter filhos. Ela tinha você. Mesmo que VOCÊ NÃO FOSSE NOSSA FILHA. Eu esperei que ela estivesse pronta, por anos. Então percebi que você era o suficiente para ela. Você tinha preenchido o vazio da criança que perdemos. Aquela que criamos. Deus, eu te odeio há tanto tempo. — Ele xinga e eu fungo. — Eu me senti um idiota por odiar uma criança, mas você acabou de estragar tudo.

Ele desliza a faca pelos meus braços e pelas minhas pernas e a pressiona levemente. Eu grito no trapo quando sinto uma perfuração da lâmina... e então eu ouço *sua voz* como um estrondo. — Largue isso ou eu vou atirar em você.

Eu não tenho muita amplitude de movimento com base em como estou amarrada, mas ouço sua voz e então ele está na minha frente, uma arma apontada para Henry que está ajoelhado na minha frente. Cal não olha para mim, meu palpite, porque ele sabe que isso iria derrubá-lo e ele precisa manter o foco.

— Irmãozinho — Henry insulta. — Oh uau, estou chocado que você nos encontrou tão rapidamente. Eu não tinha dúvidas de que você iria, você sempre foi como um cão de caça quando se trata desta aqui. — Ele ri e se levanta. — Eu direi, porém que finalmente consegui o fascínio sobre ela. Ela cheira... decadente pra caralho. — Cal engatilha sua arma, segurando-a na testa.

— Madeline, feche os olhos.

Faço o que ele diz, mas ainda posso ouvir. — Por quê? — A voz de Cal vacila levemente, mas ainda assim cheia de convicção.

— Mais uma vez, com o por quê. Maddie e eu já tivemos essa conversinha legal sobre nossa mãe vagabunda.

Ouço um soco e o som de ossos se quebrando e abro um olho para ver Henry no chão. — Nunca fale da minha mãe desse jeito.

— Deus, você é um filhinho da mamãe. Que bom para o bem de todos estarem na mesma página. — Ele cospe um pouco de sangue. — Sua mãe teve um caso. — Ele ri. — Você não é realmente um Grayson, eu acho.

Abro o outro olho lentamente. — O quê? — Cal dá um passo para trás, os olhos arregalados de confusão, devastação, tristeza. *Tudo*. Não consigo imaginar o que Cal está passando neste momento. Henry perdeu oficialmente a cabeça, me sequestrou e estou amarrado no canto. Agora, além de tudo, ele está prestes a descobrir que ele e Henry têm pais diferentes. Eu só quero envolver meus braços ao redor dele e protegê-lo da dor que está se infiltrando em suas veias como um veneno do qual ele nunca estará completamente livre.

— Margie transou com um cara e engravidou de você. Não sei quem, nem meu pai.

— Como... como você sabe disso?

— Porque ele MORREU seu idiota! Ele morreu, e eu nunca cheguei a conhecê-lo! Sua atual esposa me procurou há uma semana. Eu voei para Boston para conhecê-la, e ela me contou tudo. *Mamãe Querida* partiu a porra do coração dele quando ela teve um caso e ele nunca superou isso. Deus, ele queria te odiar. Mas ele não podia. Mas ele também não podia olhar para você todos os dias e ver o que ela tinha feito. — Meu coração quebra no meu peito ao ouvir Henry colocar os pecados de todos na cabeça de Cal. A infidelidade de Margie, o pai de Henry saindo e nunca mais entrando em contato.

Nada disso é culpa sua, Cal.

Eu assisto enquanto Cal desvia o olhar por apenas um segundo, sua guarda baixa quando as palavras de Henry o atingem com força. Em circunstâncias normais, ele não teria. Ele não teria piscado duas vezes. Mas é o irmão dele, e eu estou aqui, e sei que isso está atrapalhando sua intuição policial.

Não há outra razão para ele baixar a guarda e dar a oportunidade a Henry. Henry, que agora está de pé, chuta-o no peito, fazendo com que ele e sua arma saiam voando de sua mão e ambos a alcançam. Henry chega primeiro e consegue ficar de pé, o que envia uma sensação de pavor e terror através de mim. Eu pensei que ele estava mais bêbado, mas eu me pergunto se eu estava confundindo com estar chapado, porque agora seus olhos parecem quase maníacos. Estou gritando sobre o trapo, e estou tentando tanto empurrá-lo para fora da minha boca para que eu possa gritar ou chorar ou dizer a Cal que o amo. Henry aponta a arma para Cal, mantendo-a a poucos centímetros de sua testa. *Mate-me primeiro, por favor. Não posso ver Cal morrer.* — Então, aqui está como será. Confie em mim, eu adoraria te matar primeiro, mas quero que você veja o que eu faço com sua preciosa Maddie primeiro.

— Foda-se. Você — Cal vocifera. Seus olhos estão com raiva, mas posso ver a dor neles e isso pesa muito no meu coração. Acho que nunca vi Cal chorar, mas seus olhos estão vidrados e minhas pernas quase cedem quando vejo a primeira lágrima escapar e escorrer por seu rosto. — Eu não posso acreditar que você fez isso. — Ele pisca os olhos, limpando as lágrimas de seus olhos. — Sempre admirei você.

— Eu não fiz nada, querido irmão. Você fez isso. Sua maldita existência podre. Você e sua puta cavaram suas próprias covas. — Ele engatilha a arma e o som é quase ensurdecedor.

Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo. Eu canto na minha cabeça, enquanto fecho meus olhos e me preparo para o fim.

Nesse segundo, algo passa zunindo pelo meu ouvido tão silenciosamente que pensei que fosse algum tipo de inseto voador. Meus olhos se abrem e eu tento me virar e olhar para ver o que era assim que a porta se abre, e Henry afunda no chão, vermelho empoçando seu peito enquanto sua boca se abre e seus olhos estão arregalados de horror.

Oh meu Deus!

Fecho os olhos com força e grito tão alto e com tanta força sobre o tapete que acho que vomitarei. Eu vagamente ouço Cal me chamar, mas os sons estão todos juntos. Minha visão está turva e manchas pretas invadem minha visão. O peso do dia cai ao meu redor e de repente sinto a incapacidade de ficar de pé mais um segundo. Policiais estão me cercando em um instante e antes que eu perceba, meus braços estão livres e o pano é retirado da minha boca. Meus membros parecem pesar pelo menos cinquenta quilos cada um, e eles devem perceber que estou a segundos de entrar em colapso porque antes de cair no chão, estou em braços familiares.

— Maddie, fique acordada por mim, baby. Olhos abertos. — Eu não posso nem levantar meus braços para envolver seu pescoço. Eu só quero deitar em uma superfície plana. Meu corpo está tão fraco e rezo para que seja apenas a adrenalina passando e nada mais sério.

— Tão cansada. — Ouço vozes ao meu redor. *‘Vítima não baleada’ ‘Sem ferimentos’ ‘Suspeito confirmado morto’.*

— Não. Fique acordada — Cal grita e meus olhos tremem. Sinto algo roçar meus lábios e acho que são os lábios dele, mas não posso dizer com certeza.

— Você veio — Eu sussurro, estou tentando forçar um sorriso, mas não tenho ideia se meus lábios estão virados para cima. *Eu te amo*, minha mente pensa, e tento falar as palavras, mas não consigo nem reunir forças para abrir a boca novamente.

— PRECISO DE UMA MACA. — Eu o ouço gritar e então estou flutuando. Flutuando para o nada.

Escuridão.

Preto.

CAPÍTULO 23

Madeline

No segundo em que abro os olhos, tudo dói, e os bipes da máquina ao meu lado parecem um pequeno martelo nas minhas têmporas enquanto latejam a cada batida. Sinto como se tivesse sido atropelada por um carro e meus músculos estão rígidos como uma tábua. Meus olhos flutuam ao redor do quarto o melhor que podem sem mover minha cabeça, e eles imediatamente caem em Cal, que está sentado ao lado da minha cama com a cabeça entre as mãos. Percebo que ele está balançando a perna nervosamente, e seu cabelo está espetado em um milhão de direções, fazendo-me imaginar quanto tempo ele passou puxando-o.

Bem na hora, ele passa a mão pelo cabelo. — Pare de puxar — Eu sussurro e seus olhos disparam para os meus.

— Maddie — Ele sussurra e então ele está fora da cadeira e sentado na beira da cama ao meu lado. Ele pega minha mão e a puxa para sua boca antes de pressioná-la sobre seu coração. — Como você está se sentindo? Alguma coisa dói? — Ele estende a mão para o meu rosto e acaricia suavemente o hematoma, fazendo-me estremecer, apesar do fato de eu gostar de seu toque.

— Parece ruim? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça e dá outro beijo na minha palma. — Não. Você ainda é muito linda.

Um sorriso triste encontra meu rosto enquanto olho ao redor do quarto do hospital. Pelo menos duas dúzias de balões enchem o canto mais distante. Há plantas e buquês de flores no parapeito da janela e toneladas de bichos de pelúcia em todos os tamanhos e cores, as palavras Fique Bem Logo, impressas em seus peitos. — Há quanto tempo estou dormindo?

— Algumas horas. Não muito... bem, objetivamente. Foram longas horas para mim. — Seus olhos parecem exaustos e noto que ele tem mais pelos faciais do que o normal, me fazendo pensar se é de manhã, ou se ainda é no meio da noite.

— Eu sinto muito — Eu digo a ele. Eu solto um suspiro. — É tudo culpa minha.

Suas sobrancelhas se juntam e ele balança a cabeça. — Nem um pouco, e eu não deixarei você pensar de outra forma. Você confiou em Henry, não havia como você saber...

Sua voz desaparece e tenta sair da cama, mas eu agarro sua mão. — Não vá.

Seus olhos encontram os meus e estão cheios de tristeza, remorso e *culpa*. — Eu te decepcionei. Deveria ter encontrado você mais cedo. Antes que ele tocasse em você... porra, Maddie. Eu sou o único que está arrependido. — Ele se aproxima e seus lábios roçam minha bochecha, e eu forço meu rosto em direção a ele e deixo seus lábios roçarem os meus.

— Você chegou até mim a tempo. — Eu forço um sorriso fraco e ele balança a cabeça. — Você sempre chega até mim a tempo.

— Eu odeio que você teve que ver isso.

Eu faço uma careta com a memória de ver Henry cair e aquele olhar horrível em seu rosto. O olhar da morte vai me assombrar junto com os sons dos gritos de minha mãe na noite em que ela morreu.

— Quem... quem o matou?

Cal suspira. — Aria deveria ter feito, porque ela tem a melhor pontaria da polícia, e estou feliz por não estar desse lado, porque eu não ficaria bem com eles dando esse tiro tão perto de você. Eu honestamente pensei que eles iriam acertar em você. Mas Aria estava histérica. Eles a sedaram por um tempo. — Ele engole.

— Eles não me pegaram. Juro. Senti a bala passar. — Digo a ele honestamente e, embora seja a verdade, ainda estou abalada com quão perto cheguei de perfurar minha carne junto com a de Henry.

Cal deve ler meu olhar porque sua voz corta meus pensamentos. — Vamos ver alguém quando sairmos daqui.

— Outro psiquiatra? — Eu estremeço.

— Sim, Madeline, outro psiquiatra. — Sua voz é firme e desperta algo dentro de mim que eu não sentia desde que acordei.

Dou-lhe um pequeno sorriso e uma respiração profunda. — Ok, papai.

Seus olhos escurecem e ele está prestes a falar quando uma multidão entra na sala. Alguns com uniforme da polícia e outros à paisana.

— Oh meu Deus, Maddie! — Eu ouço sua voz antes de vê-la e então seus braços estão ao meu redor, me apertando.

— Aria... seja gentil — Cal repreende e eu a vejo levantar o dedo médio.

— Afaste-se, Grayson. — Ela se afasta para olhar para mim e segura meu rosto. — Maddie. — Ela beija minha testa e me puxa para um abraço. — Eu sinto muito... desculpe. — Ela sussurra no meu ouvido. Seus olhos estão inchados e vermelhos, e sua pele está manchada, todas as evidências que me fazem acreditar que ela está soluçando há horas. Ela funga e esfrega o nariz com um lenço de papel e eu estendo meus braços para abraçá-la novamente. Eu não posso nem imaginar o que Aria está passando agora. Quando eu puxo para trás seu queixo treme levemente. — Falaremos mais tarde, ok?

Eu aceno, enquanto as lágrimas brotam dos meus olhos. — Você tem sido... — Eu soluço apesar do nó que sinto na minha garganta — A melhor amiga... e mãe que eu poderia ter pedido. — Eu sorrio para ela através das lágrimas. Eu sabia que não poderia ser culpada pelos pecados de Henry, mas Aria também não deveria ser. Além de Cal, Aria me ama muito, me ver naquela posição naquela cabana minúscula provavelmente a estripou tão profundamente quanto Cal.

— Ok, Maddie, algumas coisas... — Um dos subordinados de Cal, o oficial James, fala. Ele se move para o outro lado da minha cama, em frente a Cal e Aria, e ambos lançam um olhar para ele. — Ei, com efeito imediato, vocês dois estão fora deste caso. Você nem deveria ter prosseguido sem apoio, Grayson.

Ele bufa e lhe dá um olhar. — Desculpe, a quem você se reporta? E ele tinha *Maddie*. Você acha que eu não ia entrar? Você é maluco.

— Exatamente. Um grande conflito de interesses. — Ele bate a caneta contra o bloco de notas antes de apontá-la para nós três.

— Isso é realmente necessário? — Aria pergunta.

— É se um exame de kit de estupro estiver em ordem. — Instantaneamente, eu congelo apesar dos cobertores em cima de mim e quero me esconder embaixo deles e dormir pelo resto do inverno.

Aria e Cal olham para mim e eu vejo o sangue escorrer de seus rostos, mas meus olhos permanecem focados em Cal. Eu balanço minha cabeça lentamente, deixando-o saber o que ele não sabia. Que ninguém me tocou além dele. *Sou sua*.

— Não é necessário — Diz Cal.

— Cal... — O oficial James avisa.

— Eu não preciso de um. — Eu falo. — Ele não me tocou, assim...

— Escute, eu sei que você tem um relacionamento diferente com Cal e Aria, então se eles precisarem sair da sala para que possamos conversar com você em particular, podemos fazer isso.

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Eles ficam. Ele não me tocou, mas podemos fazer um se você não acredita em mim.

— Não é assim que funciona — Cal vocifera. — E eles são invasivos e muitas vezes um pouco traumáticos. Você já passou o suficiente. Se você diz que não precisa de um, você não está fazendo um.

Eu mordo meu lábio e olho para o policial James. — Eu não preciso de um, eu juro — Sussurro.

— Bem, nós temos algumas perguntas a fazer se você não se importar.

— Temos que fazer isso agora? O suspeito está... — Ele faz uma pausa e limpa a garganta enquanto se prepara para falar do suspeito que por acaso é seu irmão. — Morto. — Cal diz e eu observo enquanto Aria se encolhe. Ela olha para baixo e eu estendo a mão para pegar sua mão dando um pequeno aperto. Seus olhos encontram os meus e um flash de tristeza flutua em seu rosto.

Me desculpe, eu mexo a boca.

Ela balança a cabeça como se quisesse me dizer que eu sou a última pessoa que tem algo para se desculpar.

— E é precisamente por isso que vocês dois estão fora deste caso. Isso é pessoal para vocês dois. Seu irmão, seu marido. — Ele olha para eles e balança a cabeça. — E pelo que poucos de nós notamos, você está romanticamente envolvido com a vítima. — Ele aponta para Cal e então vira a cabeça para mim.

Como eles sabem? Lembro-me vagamente dele me chamando de baby mais cedo e talvez um beijo, mas pensei que tinha imaginado isso.

— Devemos remover vocês dois da sala enquanto falamos com ela — Ele continua e eu congelo.

— Não! — A palavra sai de mim como uma explosão. — Que parte de eu não quero ficar longe deles você não entende? Eles salvaram minha vida e são minha família. — Eu olho para eles. A postura de Cal é rígida e tensa e Aria parece estar à beira das lágrimas. Eu me volto para o policial James. — Eles são os melhores por salvar minha vida.

Ele solta um suspiro e vira seu bloco de notas para cima antes de beliscar a ponte de seu nariz. — Você precisará descer para a estação quando estiver forte o suficiente, certo?

— Ok. — Eu concordo.

A sala começa a esvaziar depois que alguns dos policiais se revezam me abraçando e me dando ainda mais flores e bichos de pelúcia. Percebo que meu coelhinho rosa está ao meu lado e me pergunto de onde veio, quando me lembro de quem não vi.

— Onde está Margie? — Aria e Cal trocam um olhar e então se voltam para mim e eu franzo a testa. — Onde ela está?

— Ela está... na sala de espera. Ela... não está aceitando isso bem, — Cal me diz.

— Eu posso vê-la? Quero dizer... ela quer me ver? — Ela está chateada comigo? Ela gostaria que Henry estivesse vivo por mim? Ele era seu filho... e eu... não sou. Sinto o familiar formigamento no meu couro cabeludo com a ideia de ser excluída pela mãe de Cal pelo resto da minha vida.

Cal franze a testa e balança a cabeça, presumivelmente com a minha pergunta. — Claro, ela quer ver você. Ela está preocupada que você a odeie. Inferno, ela acha que todos nós fazemos.

— Eu vou buscá-la e dar a vocês um segundo — Diz Aria enquanto ela sai do quarto.

— Como você está se sentindo sobre... tudo? — Eu pergunto, e Cal suspira antes de se sentar ao meu lado na minha cama.

— Eu realmente não pensei muito nisso ainda. Eu não consegui me concentrar em nada além de você — Ele sussurra. — Ver você amarrada assim me estripou. Quando eu entrei na sala e vi você assim... eu tive que forçar meu olhar para longe de você porque eu estava a segundos de perder o juízo. — Ele levanta as mangas do meu vestido e beija meus pulsos que estão envoltos em gaze. — Isso dói?

— Estou bem, Cal. Eu juro.

Ele fecha os olhos, mas eu noto que ele estremece. — Eu nunca deixarei você fora da minha vista, eu juro por Deus.

— Isso significa que você virá comigo para a faculdade?

Seus olhos se abrem e ele esfrega o queixo. — Se você quiser.

— Eu quero estar onde você estiver — Digo a ele. — Isso... foi assustador. — Eu soltei um suspiro. — Mas isso não muda meus sentimentos por você. Na verdade, isso apenas os torna mais fortes. Você realmente é meu super-herói.

— Eu sempre protegerei você, Maddie. Não sinta que você tem que estar comigo para eu mantê-la segura.

— O que! — Eu grito e minha garganta grita em resposta. *Porra, isso doeu.* — Não. Cal, quero estar com você porque não quero que passe um dia sem acordar em seus braços. Porque eu quero passar todos os dias do resto da minha vida com você. Porque eu estou tão apaixonada por você. O fato de você continuar salvando minha vida... — Eu dou a ele um pequeno sorriso. — Isso é apenas um bônus.

Margie entra no quarto no momento em que estou me familiarizando com a boca de Cal e ela limpa a garganta. Eu espio minha cabeça ao redor dele e sorrio para a mãe de Cal. *Minha futura sogra*, eu prevejo.

— Oh, minha doce Maddie. — Ela corre para o meu outro lado e tem medo de se sentar na cama comigo, mas eu abro espaço para ela. — Eu sinto muito por... tudo.

— Margie, não é sua culpa.

— É minha culpa... os pecados do meu passado. — Ela deixa a cabeça cair. — Eu decepcionei vocês dois.

— As pessoas cometem erros... isso não justifica o comportamento de Henry — Cal começa.

— Não foi um erro — Eu sussurro. — Cal não estaria aqui de outra forma. Não vejo como alguém pode ver isso como um erro. — Olho para ele e suas orelhas ficam levemente rosadas e sorrio com a capacidade de envergonhá-lo, mas meu coração dói por ele pensar em si mesmo como um erro à luz das informações recentes.

— Achei que era melhor esconder isso de você e não deveria.

— Eu definitivamente tenho... perguntas — Cal começa. — Principalmente... você, quero dizer, quem é meu pai?

— Oh meu Deus, é Grant? — Eu deixo escapar e mentalmente dou um tapa na minha cabeça enquanto os olhos de Cal disparam para mim e depois para sua mãe, seus olhos arregalados e sem piscar. — Desculpe, tenho assistido muitas novelas.

Ela balança a cabeça. — Não, não é Grant. Ele nem sabia que eu tive um caso. Ele tinha a certeza de que Patrick Grayson era seu pai também. — Ela limpa a garganta e as lágrimas brotam em seus olhos. — Cal, eu... isso pode ser uma história para outra hora, ok?

— Ele está vivo?

— Não.

Meus olhos disparam de Cal para sua mãe e me pergunto se esta é uma conversa que tenho idade suficiente para ouvir. Mas então me lembro que meu lugar é muito diferente em suas vidas, e Cal confiaria em mim de qualquer maneira.

— Eu quero saber — Diz Cal. — Por favor.

Ela solta um suspiro e pisca as lágrimas antes de se virar para a janela.
— Seu pai era... o amor da minha vida. — Ela limpa a garganta. — Ele era meu namorado do ensino médio.

Tanto os olhos de Cal quanto meus olhos se arregalam e eu alcanço sua mão, dando-lhe um aperto suave alertando-o de que estou aqui. — Eu o amei tanto.

— O que aconteceu?

— Eu estava tão louca por Nathan Solomon. Eu queria me casar assim que nos formássemos. Mas ele queria se alistar, e meus pais queriam que eu fosse para a faculdade. Inferno, eu queria ir para a faculdade. Conheci Sarah Lawrence em Nova York. Nós dois tínhamos coisas que queríamos realizar antes de nos estabelecermos. Ele só deveria estar fora por um ano. — Ela sussurra, e as lágrimas escorrem por suas bochechas. — Um ano se transformou em dois e depois em quatro e depois em seis e eu simplesmente não queria esperar mais. — Ela morde o lábio inferior, e vejo o arrependimento tomar conta de seu rosto.

Se eu fosse para a escola e ele não viesse comigo... encontraríamos o caminho de volta um para o outro? Ou seria tarde demais? Eu sinto uma sensação nauseante afundando na boca do meu estômago com o pensamento.

Eu não posso deixar isso acontecer.

Margie respira fundo e continua. — Quando ele finalmente voltou para casa, quase uma década depois, eu conheci Patrick... e estava grávida de Henry.

— Ela balança a cabeça. — Eu o amava, não confunda o que estou dizendo. Eu amava Patrick e isso me destruiu quando ele partiu. Mas você nunca esquece seu primeiro amor. Seu primeiro amor toma sobre você um poder que nunca te abandona. Ele toma conta de sua alma e nunca a deixa ir. Algumas pessoas aprendem a ignorá-lo, ou o poder diminui um pouco, mas nunca desaparece completamente. Especialmente quando as coisas são deixadas em aberto.

Minha mente gira pensando no que aconteceria se Cal e eu nos separássemos. Eu nunca o esqueceria e, neste momento, estou completamente convencida de que nunca amaria outro de forma tão completa, altruísta e irrevogável quanto amo Cal Michael Grayson. Se ela amava Nathan por uma fração do quanto eu amo Cal, então não sei como ela conseguiu continuar *duas vezes*.

— Onde... onde eu me encaixo nessa imagem? — Cal pergunta.

— Ficamos amigos. — Ela nos diz. — Foi um jogo perigoso. Passei tempo com ele, mais do que era apropriado. — Ela pisca algumas vezes, permitindo-nos preencher os espaços em branco. — Eu estava me apaixonando por ele novamente. Então, eu tinha um plano para deixar Patrick. Eu não estava sendo justa com ele, comigo mesma ou Nathan. — Ela limpa a garganta. — E então eu engravidei e sabia que era hora de esclarecer tudo. — Ela suspira. — Mas... — ela para. — Nunca esquecerei a ligação que recebi no meio da noite. — Sinto que estou congelada enquanto me preparo para ouvir suas palavras. Prendo a respiração esperando a bomba.

— Houve um acidente. — Ela funga. — Ele morreu instantaneamente.

— Mãe... — Cal engasga.

Ela limpa as lágrimas de suas bochechas. — Ele estava tão animado com você.

— Ele... ele sabia sobre mim?

— Sim. — Ela acena. Eu sinto que ela pode se expandir, mas ela não o faz e eu me pergunto se anos depois ainda é doloroso falar sobre isso. — Eu sei que escondi coisas de você e de... — Ela faz uma pausa antes de engasgar seu nome — ...Henry, mas eu disse a Patrick desde o início. A culpa estava me comendo viva e eu não queria que ele pensasse que eu o estava prendendo se e quando a verdade viesse à tona. Foi a coisa mais difícil que tive que fazer. Henry não se lembra exatamente disso porque ele tinha apenas quatro anos, mas Patrick se mudou por um tempo. Mas ele estava lá quando eu dei à luz a você e acho que ele se apaixonou por ser pai novamente. Ele era um bom pai, Cal. Seus problemas eram comigo, não com nenhum de vocês. Ele amava muito vocês dois.

— Até que ele não fez — Cal range. — Ele também nos deixou, mãe.

— Querido... você tem que deixar essa raiva ir.

— Eu sei. — Ele resmunga e olha para mim.

Margie se vira para mim. — Eu não tinha ideia de que Henry ou Cal iriam descobrir a verdade. O pai de Cal não estava vivo, então não achei necessário contar a eles, especialmente depois que Patrick foi embora. Eu cometi um erro no julgamento. Então você envelhece e aprende com seus erros, e então parece tarde demais para dizer a verdade. Eu nem contei a Grant. — Ela abaixa a

cabeça. — Claro, ele sabe agora. Espero que nenhum de vocês me odeie, e Cal, espero que encontre em seu coração um espaço para me perdoar.

— Margie, eu não penso menos de você. — Eu coloco minha mão na dela e aperto. — Eu ainda te amo tanto e não te culpo de forma alguma. Você fez o que tinha que fazer pela sua família. Você fez o que achou melhor na época.

Seus olhos flutuam para o filho, cujos olhos estão fixos no chão. — Eu não odeio você, mãe. Nunca pense isso. Fui pego de surpresa, é claro. — Eu posso ver a confusão em seus olhos. Ele não tem certeza do que sentir ou do que lhe é permitido sentir. — Tem sido um longo dia de merda.

— Eu sei. Não consigo imaginar o que vocês dois passaram. — Ela aperta minha mão. — Meus queridos bebês. Eu amo muito vocês dois.

— Nós amamos você também. — Eu olho para ela.

Ela balança a cabeça e se levanta, olhando para nós dois. — Vou deixar você descansar um pouco.

Acordo algumas horas depois com os braços ao meu redor e uma mão acariciando meu ombro. Minha cabeça está descansando no peito de Cal depois que eu basicamente implorei para ele subir na minha cama de hospital comigo. Eu serei liberada pela manhã, e enquanto o sol aparece ao longo do dia, eu me pergunto quanto tempo estive dormindo.

— Acho que um novo começo faria bem a nós dois. — Cal fala e eu passo minha mão sobre seu torso e levanto minha cabeça lentamente para olhar para ele.

— Um novo começo, juntos?

Ele descansa a mão na parte de trás da minha cabeça e beija minha testa, me mantendo perto de seu peito. — Sim, você e eu.

— Onde estamos indo?

— Onde você quiser.

— Posso escolher? — Eu olho para ele.

— Bem, você vai se matricular na faculdade jovem, então certifique-se de gostar de uma das faculdades do estado. — Ele sorri.

— Você vem comigo! — Eu grito, e é como se o pensamento fizesse meu corpo cansado e dolorido parecer novo em folha, como se eu estivesse flutuando.

— Eu te seguiria em qualquer lugar.

EPÍLOGO

Madeline

QUATRO ANOS DEPOIS

— Mas Cal... — Eu lamento no telefone, os efeitos das várias doses que tomei no último dia do semestre me alcançando. — Eu tenho planos que incluem minha boca... no seu pau. — Eu rio, mesmo que eu esteja um pouco irritada que meu homem não estará em casa quando eu chegar em casa do bar.

A transferência para o Departamento de Polícia de Boston foi muito mais fácil do que pensávamos. Não que eu estivesse muito surpresa. Cal era um oficial bem condecorado e sua reputação o precedia. Apesar do fato de que a maioria da força no Oregon sabia que nosso relacionamento havia mudado, eles não pareciam pintá-lo sob uma luz negativa. Eles acreditavam que ele me amava tanto quanto eu o amava e que nosso vínculo era inquebrável desde o momento em que nos conhecemos. Ele ainda não era o Chefe de Polícia, mas eu tinha certeza de que isso aconteceria nos próximos anos.

Eu tinha acabado de fazer meu exame final do meu último ano em Harvard e estava prestes a me formar na faculdade neste fim de semana. Cal e eu não perdemos tempo para nos acostumarmos à nossa nova vida em Boston, deixando para trás as cicatrizes e os esqueletos do nosso passado no Oeste. Margie e Grant haviam se casado e ainda moravam no Oregon, embora eu tivesse

uma forte suspeita de que eles estariam procurando uma residência permanente em Massachusetts, no segundo em que um certo anel fosse parar no meu dedo.

Aria, com quem falo todos os dias, está em algum lugar no meio. Ela se mudou para Michigan para se juntar à força policial, depois de precisar de uma mudança de cenário e querer estar mais perto de sua família. Ela vem visitar-nos o tempo todo, e nós voamos para visitá-la com a mesma frequência. Já se passaram quatro anos desde que Henry morreu, e só agora ela sente que pode estar pronta para seguir em frente. A dor de perder o marido de forma tão trágica, apesar de como aconteceu, permaneceu com ela por muito tempo. Ela foi casada com ele por quase uma década e, até ao fim, ela acreditava que as coisas estavam bem. *Ótimo mesmo*. Isso me faz pensar se ele sempre teve algo maligno à espreita ou se ele realmente só simplesmente explodiu ao saber a verdade.

Estou na fila do banheiro quando ouço uma voz familiar flutuando ao meu redor.

— Eca, você não pode falar sobre sua boca em qualquer lugar? — Eu me viro para ver Aria parada atrás de mim com uma mão no quadril e uma cerveja na outra.

— ARIA! — Eu grito quando me lanço em seus braços, quase a derrubando para trás. Ela parece incrível. Depois que ela se mudou para Michigan, ela tingiu o cabelo de quase preto, fazendo-a parecer uma versão foda da Branca de Neve quando veste seu uniforme.

— Maddie! — Ela me aperta com força e me dá um beijo forte na minha bochecha. — Eu não posso acreditar que você é uma graduada da faculdade!

— Bem, não oficialmente, e o que você está fazendo aqui?! Achei que você não chegaria até amanhã como Margie e Grant!

— E perder a festa hoje à noite? — Eu ouço a voz de Margie quando ela e Grant aparecem, e eu grito ainda mais alto.

— Oh meu Deus! Todas as minhas pessoas favoritas! — Eu aplaudo enquanto atiro minhas mãos no ar. — Precisamos fazer uma rodada de shots — Percebo que ainda estou no telefone com Cal e coloco meu telefone no ouvido. — Olá?

— Ei — Eu ouço no meu ouvido atrás de mim e eu pulo.

— Oh meu Deus! Como você conseguiu isso sem que eu soubesse? — Eu levanto uma sobrancelha e ele envolve seus braços ao meu redor.

— Você não conhece todos os meus truques.

Eu estreito meus olhos para ele e levanto uma sobrancelha para ele. As palavras estão na ponta da minha língua, e tento mantê-las afastadas, mas os vários shots de Fireball as fazem sair da minha boca. — Como o anel em seu cofre?

Eu ouço Aria bufar atrás de mim. — Eu pegarei uma rodada para nós. Tequila, Mads?

— Por favor! — Eu aplaudo e observo enquanto ela, Margie e Grant desaparecem.

— Você é tão intrometida. — Ele me empurra contra a parede e pressiona seus lábios nos meus. — Estou mudando a senha do cofre novamente.

Reviro os olhos e toco o colar que Cal me deu depois que quebrei o antigo. O que nunca saiu sem exceções. — Você estava planejando me perguntar depois da formatura? Isso é tão clichê.

Seus lábios formam uma linha reta. — Não, eu estava planejando perguntar a você enquanto eu estivesse profundamente dentro de você esta noite, espertinha.

— Oh. — Eu levanto uma sobrancelha e minha boca enche de água com o visual. — Mal posso esperar.

— Você simplesmente não poderia me deixar surpreendê-la, não é?

— Qual é a graça nisso? — Ele revira os olhos e pega minha bebida tomando um longo gole. — Tem certeza que quer passar o resto da sua vida comigo?

— Os últimos quatorze não foram tão ruins. — Ele pisca e pressiona seus lábios nos meus.

DOIS ANOS DEPOIS

Os sons de gritos enchem a sala. Ambos Maddie e uma versão menor dela com pulmões mais fortes e olhos castanhos quentes que combinam com os meus. — É uma menina! — O médico pronuncia e eu vejo como Maddie explode em lágrimas.

— Você conseguiu, baby. — Eu beijo sua testa suada e ela agarra meu rosto, trazendo meus lábios aos dela.

— Eu te amo — Ela sussurra e eu sorrio, lembrando a música muito diferente que ela estava cantarolando cerca de vinte minutos atrás.

— O suficiente para fazer outro? — Eu pergunto.

Ela morde o lábio inferior e me lança uma piscadela que envia uma faísca para o meu pau. — Ok, mamãe, papai, prontos para conhecer sua filha?

As lágrimas ainda estão escorrendo pelo seu rosto quando o médico a entrega para mim no exato momento em que ela abre os olhos. Prendo a respiração e parece que o tempo parou enquanto a vejo piscar os olhos várias vezes e abrir a boca em um bocejo. Ela tem uma cabeça cheia de cabelos castanhos, com dez dedos perfeitos. — Deixe-me ver! — Eu ouço Maddie enquanto ela está se esforçando para ver e eu saio do transe causado por nossa filha.

— Desculpe, eu estava um pouco... sem palavras. — Eu olho para ela e nosso bebê, para a frente e para trás várias vezes. — Fizemos um bebê.

Ela solta um suspiro e pega o pequeno pacote rosa em seus braços. Ela engasga quando põe os olhos em nossa filha pela primeira vez. — Oh meu Deus, Cal! Ela é tão bonita!

— Assim como você — Murmuro enquanto beijo sua têmpora. Seus olhos azuis estão brilhando de amor, apesar da fadiga que eu sei que a percorre depois de dezessete horas de trabalho de parto. Eu empurro seu cabelo para longe de seu rosto e a beijo novamente.

— Eu não sabia que era possível amar tanto alguém que você acabou de conhecer... — Ela para. — Mas acho que me senti assim por você — Ela sussurra e meu coração parece que pode realmente explodir com o amor que sinto por essas duas.

— Tudo bem, mamãe e papai, alguma ideia sobre um nome para o bebê Grayson? — A enfermeira pergunta enquanto ela bate em seu bloco de notas. Maddie e eu tínhamos ido e vindo antes de nos casarmos sobre se queríamos usar o nome do meu pai, já que tecnicamente eu não sou um Grayson. Margie e Grant haviam se casado, então ela também não tinha esse sobrenome. Mas no final, eu mantive Grayson, não porque eu tivesse fortes laços com o nome, mas porque Cal Grayson era o melhor homem que Madeline Shaw já conheceu, e era com ele que ela queria se casar.

Eu lanço um olhar para ela e ela sorri com alegria para o nome que escolhemos se tivéssemos uma menina. — Callie Amelia Grayson — Digo à enfermeira.

— Cali! Oh, como seus nomes combinados! Eu amo isso. — Ela sorri.

— E Amelia era... minha mãe — Maddie diz, e eu assisto enquanto os arrepios aparecem em sua pele. Esfrego seus braços e pressiono um beijo em seu ombro e olho para o pacote adormecido em seus braços. Eu não achava que poderia estar mais apaixonado por Maddie, mas vê-la com nossa filha me faz apaixonar ainda mais por ela. O quarto se esvazia deixando nós três, e eu me sento ao lado dela na cama. Ela descansa a cabeça no meu ombro e um suspiro sai de seus lábios.

— Eu não posso acreditar que chegamos aqui. Tudo o que eu sempre quis... se tornou realidade. — Eu olho para ela para encontrá-la sorrindo para mim, algo que ela tem feito desde o dia em que nos conhecemos, para ser honesto. — Obrigada, Cal. Você salvou minha vida... e depois me deu uma vida perfeita.

FIM